

NOEDI MONTEIRO

**ABORDAGEM DE LINGUAGEM E DE DIÁLOGOS
SOBRE RELAÇÕES ETNICORRACIAIS**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**UNISAL
Americana
2009**

NOEDI MONTEIRO

**ABORDAGEM DE LINGUAGEM E DE DIÁLOGOS
SOBRE RELAÇÕES ETNICORRACIAIS**

Dissertação apresentada ao Centro
Universitário Salesiano de São Paulo, como
requisito parcial para a obtenção do título
de Mestre em Educação, sob a Orientação
da Prof.^a Dr.^a Sueli Maria Pessagno Caro.

**UNISAL
Americana
2009**

Monteiro, Noedi
M778a Abordagem de linguagem e de diálogos sobre
relações etnicorraciais / Noedi Monteiro. – Americana:
Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2009.
183 f.

Dissertação (Mestrado em Educação). UNISAL – SP.
Orientadora: Prof^a Dr^a Sueli Maria Pessagno Caro.
Inclui bibliografia.

1. Linguagem. 2. Relações etnicorraciais. 3.
Preconceitos e estereótipos. 4. Educação. I. Título.

CDD – 370.1934

Catálogo elaborada por Terezinha Aparecida Galassi Antonio
Bibliotecária do Centro UNISAL – UE – Americana – CRB-8/2606

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sueli Maria Pessagno Caro

UNISAL

Prof.^a Dr.^a Cláudia Prado Fortuna

UEL

Prof. Dr. Manoel Nelito Matheus Nascimento

UNISAL

Dissertação Apresentada e Aprovada em 29 de Agosto de 2009.

DEDICATÓRIA

Ao Senhor, por Sua grandiosidade e fidelidade para sempre.

Aos meus pais Fernando Monteiro e Benedicta da Silva Monteiro, falecidos.

À Dirce Pereira de Araújo, tia, mãe e amiga eternamente.

Ao Eli, irmão querido, já falecido.

À Ada, esposa e filhos Eli Daniel e Denison Samuel pela paciência.

À Elene, Leny e Marise, irmãs queridas.

A Barack Hussein Obama, primeiro presidente negro estadunidense, eleito em 4 de novembro de 2008.

À Thereza Santos, negra guerreira.

Ao Ivair Augusto Alves dos Santos, negro batuta.

À Anelize Guastalli, de descendência italiana, mas negreira como ela só, ex-aluna e amiga sempre presente.

À Eva Iltez Aparecida Luiz Camargo, nossa Jinga.

À Marli Pimenta, pela luta que não cessa.

À Eni Augusta de Paula, pela justiça e cidadania.

Ao Prof. Eduardo de Oliveira, pelo exemplo de persistência.

À Taitiâny Kárita Bonzanini, pela amizade e presença.

Ao saudoso amigo e poeta gaúcho, Oliveira Ferreira Silveira (1941-2008), autor em 1971 da 1ª comemoração aos 20 de Novembro, realizada em Porto Alegre (RS); Dia de Zumbi dos Palmares; Dia da Consciência Negra.

Ao Centro de Documentação, Cultura e Política Negra de Piracicaba que vi nascer como fruto de luta.

Ao Monumento ao Negro de Piracicaba que homenageia o Dr. André Ferreira dos Santos (1873-1942), primeiro médico negro de Piracicaba (1913-1929).

À Sociedade Beneficente 13 de Maio de Piracicaba, meu Clube sociorracial, desde criança, que me instruiu nos primeiros passos da negritude, na percepção da consciência negra, na visibilidade de quem eu sou no bê-á-bá, das relações etnicorraciais.

Ao Parque Histórico Quilombo Corumbataí no Distrito piracicabano de Santa Terezinha que nasce como fruto de luta de 20 anos de estudo.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor por que até aqui me tem ajudado. Deus é fiel!

À orientadora Sueli Maria Pessagno Caro pela paciência e ensinamentos.

Aos membros da banca examinadora Prof^a Dr^a Cláudia Prado Fortuna e Prof. Dr. Manoel Nelito Matheus Nascimento, pelas contribuições.

À CENP pela bolsa de estudo.

À Diretoria de Ensino de Piracicaba, ao Luiz Carlos Feres, Supervisor de Ensino e ao Amigo de décadas João Gâmbaro, coordenador do setor de Bolsas da DE, pelos votos encorajadores.

À Martha Tatini, amiga de sempre.

RESUMO

O presente trabalho busca descrever a trajetória das relações étnicas e raciais ao longo do tempo, as linguagens específicas desenvolvidas para suas manifestações e os diálogos que envolveram essa conturbada convivência entre os semelhantes desde o princípio. Com o cristianismo e a polêmica entre o monogenismo e o poligenismo dá-se ocasião ou origem à discussão sobre a procedência humana. Não tardou a hierarquização e classificação das raças, a servidão humana nessas relações, a pregação sobre a influência do meio na distinção entre os homens e a demonstração de relação de poder e domínio. Até que se chegou ao racismo científico, não só de teorias e conceitos, mas com a prática de determinar o homem pelas características físicas, como a cor (pigmentação) da pele, e da íris, textura dos cabelos, forma da cabeça (índice cefálico), do nariz (índice nasal), ângulo facial, espessura dos lábios, distribuição dos pelos e estatura. O homem tornou-se refém de si mesmo. O Brasil, país latino americano e com antiga tradição em mestiçagem, foi o mais atingido pelas ideias, ideologias, filosofias e procedimentos de origem europeia e americana, por meio das letras, do pensamento e da ação. Tobias Barreto, Silvio Romero e a Escola do Recife estiveram entre os portadores dessas mensagens. A luta continua para a desconstrução do mal implantado em nossas relações étnicas e raciais. Esta dissertação, de certa forma, modesta à parte, espera-se cumpra, mais uma etapa da cruzada iniciada por Manoel Bonfim, Álvaro Bomílcar da Cunha, Alberto Torres, Oscar Freire, Manoel Querino, na busca da superação do racismo e de todas as formas de discriminação.

Palavras-chave: Linguagem – Antropologia Física – Psicologia Social – Educação – Relações Etnicorraciais – Estereótipos e Preconceitos – Racismo Científico – Romantismo Literário

ABSTRACT

This study aims to describe the trajectory of ethnic and race relations over time, the languages developed for their specific events and dialogue involving the troubled coexistence among human beings from the beginning. With Christianity and the controversy between the monogenism and the polygenism it gave rise to the occasion or the discussion of human origin. Soon the grading and classification of races, human bondage in these relations, preaching about the influence of environment on the distinction between men and a demonstration of a relationship of power and domination. Until it came to scientific racism, not only theories and concepts, but with practice to determine the man's physical characteristics such as color (pigmentation) of the skin, and iris, hair texture, head shape (cephalic index), nose (nasal index), facial angle, thickness of the lips, and the distribution of stature. The man became a hostage himself. Brazil, a Latin American country with an ancient tradition of miscegenation, was hit the hardest by the ideas, ideologies, philosophies and procedures from Europeans and Americans, through the letters, thought and action. Tobias Barreto, Silvio Romero and the School of Recife were among the carriers of these messages. The struggle continues for the deconstruction of evil implanted in our ethnic and race relations. This study, in a sense, modesty aside, is expected to comply another stage of this crusade initiated by Manoel Bonfim, Bomílcar Alvaro da Cunha, Alberto Torres, Oscar Freire, Manoel Querino in the pursuit of overcoming racism and all forms of discrimination.

Keywords: Language – Physical Anthropology – Social Psychology – Education – Ethnic and Race Relations – Stereotypes and Prejudices – Scientific Racism – Literary Romanticism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEAA	Centro de Estudos Afro-Asiáticos
CEAO	Centro de Estudos Afro-Orientais
CEAPRO	Centro de Estudos Afro-Orientais
CEPAIA	Centro de Estudos das Populações Africanas, Indígenas e Americanas
CEE	Conselho Estadual de Educação
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra a Seca
ELSP	Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo
ESALQ	Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz de Piracicaba
FFCL	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP
FOP	Faculdade de Odontologia de Piracicaba/Unicamp
IFARADA	Núcleo de Pesquisa Sobre Africanidades e Afrodescendência
NEAA	Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro
NEGRA	Núcleo de Estudos Sobre Educação, Gênero, Raça e Alteridade
NEPA	Núcleo de Estudos e Pesquisas Afros.
NEPRE	Núcleo de Estaduais e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação
NIREMA	Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afro-Descendente
PENESB	Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira
SEPPIR	Secretaria Especial de Política de Promoção de Igualdade Racial
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEMG	Universidade Estadual de Minas Gerais
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UFABC	Universidade Federal do Grande ABC/SP
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria/RS
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UVFVJM	Universidade Federal dos Vales de Jequitinhonha e Mucuri/MG
V.	Vide

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	31
1.1. O Outro, um Direito Adquirido de Todos Nós.....	31
1.2. Choques Culturais e a Busca da Origem como Referência e Respeito.	34
1.3. A Transformação e Aceitação de Um como Servo de Outro.....	39
1.4. Em Busca do Sangue como Fator de Relação, Pureza e Status.....	41
1.5. Em Busca da Igualdade com o Cristianismo.....	43
1.6. Teorias das Raças e a Introdução do Racismo Científico.....	49
1.7. Em Busca do Berço Etnocêntrico como Poder de Relação e Domínio...	59
1.8. Em Busca do Clima como Fator de Transformação e Domínio.....	61
CAPÍTULO II	68
2.1. Nós e a Linguagem da Hierarquização das Relações Étnicas no Brasil	68
2.2. Em Busca de Pastorais Ideológicas da Servidão.....	69
2.3. Em Busca da Ocupação do Meio e as Relações Étnicas e Culturais....	74
2.4. A Introdução do Romantismo Literário na Cultura Brasileira.....	76
2.5. Abordagens sobre o Racismo Científico no Brasil.....	96
CAPÍTULO III	107
3.1. Cala a Boca, Negro: Vocabulário de Preconceitos, Estereótipos e Expressões.....	107
CONCLUSÃO	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	149
ANEXOS	172
I – O Corpo como Objeto de Pesquisas e Punição.....	172
II – O Antirracismo e as Leis no Brasil.....	177

INTRODUÇÃO

Num mundo em transformação como o nosso em que conceitos, paradigmas, valores e instituições se modificam com frequência, acompanhando o momento, o lugar, o pensamento, os usos, os costumes, o entendimento e as práticas da nova realidade e de novos símbolos, novos sentidos e significados são dados às coisas. Novos objetos, rituais, atos, política, inovações tecnológicas e de comunicação surgem com a evolução dos fenômenos. Novas relações sociais e econômicas, étnicas e raciais; novas experiências culturais e humanas também aparecem.

A sociedade precisa urgentemente rever seus conceitos, paradigmas, tabus e práticas comuns consagradas secularmente.

Precisa discutir seus sérios problemas de relacionamentos, sua organização e estrutura na busca de um consenso comum. Que precisa descobrir o “Outro” tanto tempo adormecido ao seu lado. Uma sociedade que precisa apontar seus erros publicamente e revertê-los.

A sociedade precisa entender que é multifacetada, multiétnica e pluralista e que carece de trabalhar a diversidade em seu meio, como padrão de conduta; como exigência, para combater seus preconceitos, seus estereótipos, sua discriminação, as desigualdades, as indiferenças e o racismo sempre presente em seu comportamento.

A sociedade precisa resolver suas disputas de poder e de classe; de colocações; de pontuações; de posições; de segregação e de fronteiras, para que se transforme numa sociedade que busque com base na democracia resolver seus problemas com respeito à dignidade humana, à igualdade de direitos e de oportunidades, com a participação de todos na formação de um patrimônio nacional, conciliando as diferenças individuais e sociais.

As “relações étnicas e raciais” no Brasil antecipadas pela experiência e influência negra, indígena e europeia foram primeiramente compreendidas pela hierarquia dominante, forjada no poder da colonização; depois, pelo racismo científico do final do século XIX e início do XX e nos anos 30 e 40, sustentadas pela democracia racial de Gilberto Freyre (1900-1987) com “Casa-Grande &

Senzala (1933)”, corroborado pelos “Ensaio de Antropologia Brasileira” do mesmo ano de autoria de Roquete Pinto (1884-1954).

Por fim, as relações ganharam suporte técnico e científico com métodos, interpretações, análises, anotações modernas e explicativas no âmbito da florescente antropologia cultural brasileira.

Estudiosos detectam formas de preconceitos e definem a seu ver as relações brasileiras. E. Franklin Frazier (1894-1912) detecta o preconceito de cor; Donald Pierson, o preconceito de classe; Oracy Nogueira, o preconceito de marca etc. Donald Pierson (1900-1995) ainda estudante de doutorado e de origem norte-americana, distingue o racismo brasileiro com o dos EUA.

Pierson desenvolve pesquisas de campo para sua tese sendo as primeiras dessa natureza no Brasil tendo como pauta as relações do negro na Bahia em 1939; e estabelece uma “linha de cor” nas relações raciais e sociais. Publica *Negroes in Brazil* em 1942 traduzido para o português em 1945 como: *Branços e Pretos na Bahia: estudo de contato racial*.

Frazier publica (1942): *The Negro Family in Bahia, Brazil*; Melville J. Herskovits (1895-1963) *The Negro in Bahia, Brazil: A Problem in Method* [1943]; Ruth Landes (1908-1991) *The City of Women* [1947]. As pesquisas foram de cunho etnológico. A Bahia assume a posição do Estado com o maior número de negros e pardos do País secundado pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais, Maranhão e Espírito Santo.

Bilden Rüdiger (1893-1980), colega de Freyre na Universidade de Colúmbia, dizia que o Brasil era “laboratório de civilização” (SIQUEIRA, 2006, p. 65). Escrevia em 1929: *Brazil, Laboratory of Civilization*. No governo de Otávio Mangabeira (1947-1951) seu Secretário estadual de Educação e Saúde Anísio Teixeira assina convênio entre o Estado da Bahia e a Universidade de Colúmbia, EUA, para o desenvolvimento de pesquisas sociais em zonas rurais que deveriam ser modernizadas. (PEIXOTO, PONTES, SCHWARCZ, 2004, p. 150).

Paulo Duarte, jornalista do “Estado de São Paulo” desde 1927 publica dois artigos nos dias 16 e 17 de abril de 1947 com o nome de “Negros do Brasil” em tom apreensivo e alarmante. Reclama do “problema do negro” estar supostamente reagindo em São Paulo, com ataques físicos aos brancos. Detrata o negro ao longo do texto.

Roger Bastide publica numa revista mexicana: *El positivismo brasileño y la incorporación del proletariado de color a la civilización occidental* (1947). Antes dos estudos sobre relações raciais, o negro era visto pela contribuição e influência cultural ao Brasil como exemplificam: “A influência africana no português do Brasil” de Renato Mendonça; “O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa” de Jacques Raimundo; “Casa-Grande & Senzala” de Gilberto Freyre (1933). Arthur Ramos publicava “O Negro Brasileiro” (1934) e Jacques Raimundo: “O negro brasileiro” (1936). Manuel Querino publica “Costumes Africanos no Brasil” (1938); João Dornas Filho: “A Influência Social do Negro Brasileiro” (1943); Edison Carneiro: “Antologia do Negro Brasileiro” (1950).

Em 1950, o Departamento de Ciências Sociais da UNESCO contempla o Brasil com o Programa de Pesquisas sobre Relações Raciais, idealizado em 1949 por seu diretor Arthur Ramos e aprovado em junho (1950) na 5ª Conferência Geral do Órgão realizada em Florença, Itália. Presidia-o Count Stefano Jacini.

Para dirigir o projeto chega ao Brasil no ano em curso, o suíço Alfred Métraux (1902-1963), chefe da seção de investigação do Departamento de Assuntos Sociais da UNESCO, em Nova York, EUA. Substituíra Arthur Ramos recentemente falecido. Vinha de experiências no Programa **A Questão Racial** de 1950 patrocinado pela UNESCO, com vista de pontuar as relações raciais e combater as teorias racistas e eugênicas vigentes, nas primeiras décadas do século XX. A declaração da UNESCO sobre Raça foi emitida em 8 de julho de 1950.

Charles Wagley (1913-1991) juntamente com Thales de Azevedo (1904-1995) e Luís de Aguiar Costa Pinto (1920-2002) desenvolve trabalho de campo que resulta em “Uma Pesquisa sobre a Vida Social no Estado da Bahia” conforme pode ser lido em Publicações nº 11 do Museu do Estado, editado pela Secretaria de Educação e Saúde. Segundo Guimarães (2005, p. 76), a primeira geração do projeto da Unesco compunha-se de Gilberto Freyre, Charles Wagley, Donald Pierson e Roger Bastide (1898-1974). A segunda era formada por Florestan Fernandes (1920-1995), Luís de Aguiar Costa Pinto, Thales de Azevedo, Oracy Nogueira (1917-1996), René Ribeiro (1914-1990), Guerreiro Ramos (1915-1982), Pierre van de Berghe, Marvin Harris (1927-2001). A terceira, por Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni (1921-2001).

A equipe da Escola Livre de Sociologia (ELSP) e da Faculdade de Filosofia Ciência e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo, chamadas de Escolas de São Paulo no programa de UNESCO era formada por Roger Bastide, Oracy Nogueira, Mário Wagner Vieira da Cunha, Florestan Fernandes, Charles Wagley, Octavio da Costa Eduardo, Noemi Silveira.

O Programa reúne pela primeira vez no Brasil e na América Latina para discutir e estabelecer parâmetros sobre relações raciais e ciências sociais um conjunto de antropólogos, sociólogos e etnólogos. Constitui-se na maior pesquisa até então realizada na América Latina sobre a temática.

O Brasil possui o segundo contingente negro do mundo atrás apenas da Nigéria. Contingentes de negros e mulatos na América Central: Belize (48% da população); Haiti (96% da população negra), Cuba (51% de mulatos e 11% de negros), Jamaica (75% de negros e 13% de mulatos) segundo Scalzaretto (2008, p. 151).

Nos países latino-americanos, o controle hegemônico da população predominante é feito pela exclusão do quesito raça ou cor no censo. A predominância é branca e a formação é indígena na Argentina (onde o tango é de matriz africana); maioria é indígena e de mestiços de brancos e de indígenas, e brancos na Bolívia; maioria de mestiços de indígenas e de brancos, e indígenas na Venezuela; maioria branca e de afro-uruguaio no Uruguai (Montevideú).

Maioria de indígenas no Equador. O Peru está dividido entre indígenas, negros, brancos (minoria) e de mestiços de indígenas e de brancos; maioria branca e indígena no Chile; maioria de mestiços de indígenas e de brancos, indígenas e brancos no Paraguai; mestiços de brancos, negros, indígenas, orientais, indígenas e brancos, no Suriname.

Formação mestiça de indígena, negra e branca na Colômbia; negra, oriental e outras na Guiana.

Honduras, República Dominicana e Nicarágua na América Central também não incluem o quesito raça e cor no censo.

A UNESCO fez uma parceria com a revista Anhembi a fim de que publicasse os estudos produzidos pelos participantes de seu programa inaugurado em 1951 por Bastide com "Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo". Virginia Leone Bicudo, Aniela Meyer Ginsberg, Florestan

Fernandes, Oracy Nogueira se ocupam do tema em seguida em suas páginas. A Revista Correio da UNESCO, de 1952 traz de Bastide: “Relações raciais no Brasil”. A temática avança fortalecendo as discussões afins; a vida acadêmica se intera e produz páginas e páginas sobre o assunto. Em 2003 as temáticas relações étnicas e raciais são instituídas como currículo escolar obrigatório pelas leis federais 10.639/03 e 11.645 de 2008 como temos visto.

Em 1967, o historiador britânico Charles Raph Boxer (1904-2000) tem traduzido e publicado no Brasil, “Relações Raciais no Império Colonial Português (1415-1825)”.

Resolutamente a questão étnica e racial sai da discussão interna do movimento negro e de grupos afins, e vai ganhar força e ações na 3ª Conferência Mundial contra Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata da UNESCO, realizada em Durban, África do Sul, em 2001. A partir de Durban aumentam-se as reivindicações políticas públicas e as ações afirmativas no Brasil principalmente, para o segmento afrodescendente ou negro, como muitos preferem.

Cotas são granjeadas em Universidades federais como do PA, SE, MA, PR, BA, ES, RS, SC, DF, GO, AL, SP (Unifesp, UFABC, UFSCar); do TO, AM, RN, PE, PI; de Juiz de Fora, Ouro Preto, Uberlândia (MG); do Recôncavo Baiano (BA); da Grande Dourados (MS) e em universidades estaduais como a UERJ.

O art. VIII do antigo projeto de lei nº 1.332 de 7 de junho de 1983 do deputado Abdias do Nascimento previa o incentivo e o apoio à criação de departamentos, centros ou institutos de estudos e/ou de pesquisas africanos e afro-brasileiros, nas universidades federais e estaduais. (NASCIMENTO, 1983, p. 38).

Surgem os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs) na UFUBA, UERJ, UFU, UFSM, UNEAL, UEMG, UFSCar, UDESC, UFJF, UFVJM, UFRPE; os NEAAs, os CEAAAs, os CEOS, o CEPAlA, o NEPRE, o NIREMA, o PENESB, o IFARADÁ e outros.

As Universidades de um modo geral atualmente são portadoras em seus bancos de dados de centenas de trabalhos acadêmicos das mais variadas linhas de pesquisas sobre a questão negra. Além do mais, dissertações e teses têm sido transformadas em publicações pelas editoras acadêmicas ou não, que

veem este mercado em franca expansão, dado o espaço que o assunto vem conquistando por meio da conscientização, políticas públicas e força de leis; pela simpatia à causa.

Acompanho há anos com anotações o desenvolvimento do vasto repertório específico e inacabado sobre o assunto, como a linguagem própria e os diálogos usados na prática de preconceitos, de estereótipos, de intolerância, do racismo, ora transformados no objeto de estudo deste trabalho.

Entende-se por racismo a descabida e pseudocientífica idéia que postula a existência de uma hierarquia étnica e racial entre os grupos humanos, ou seja, a existência de raças superiores e de raças inferiores que justifique uma relação de poder e de dominação de um sobre o outro.

Por exemplo: a expansão eurocêntrica através dos descobrimentos (monopólio europeu sobre o domínio dos mares e do comércio marítimo), a revolução industrial e o colonialismo (era imperialista) subjuga os povos das Américas, África e Ásia sob a justificativa de uma dominação econômica, sócio-política e militar sobre os conquistados.

Racismo também pode ser o impedimento ao acesso de um indivíduo a algum lugar, atividade profissional ou social, meio de transportes etc., restrição ao exercício pleno de direito, como de sofrimento por ações físicas, morais, psicológicas ou de qualquer forma de discriminação em razão da cor, da raça, da etnia, da origem, da nacionalidade, da cultura.

O Rev. Martin Luther King Jr. (1929-1968), dizia que “o racismo é o cão dos infernos que segue as pegadas da civilização” (MONTEIRO, 2001, p. 65). Para Nathan Rustein, conferencista norte-americano da Comunidade Bahá'í, “o racismo é uma doença [...]. O racismo é uma obsessão inserida nos últimos 3500 anos; é irracional, uma idéia fixa de controlar. A liberdade foi negada à maioria dos negros, é preciso eliminar a raiva existente” (JORNAL DE PIRACICABA, 6/11/1995, A-2).

Frantz Fanon (1925-1961), psiquiatra, ensaísta e escritor anticolonialista martinicano; revolucionário da Frente de Libertação Nacional da Argélia (FLN) leva para o divã a interpretação do problema do negro, e diz que:

[...] nesta etapa o racismo não se atreve mais a aparecer sem disfarce. Ele está inseguro de si mesmo. Em número sempre crescente de circunstâncias, o racista se esconde [...]. O propósito do

racista tem se tornado um propósito assombrado pela má consciência (NASCIMENTO, 1978, p. 44).

Os efeitos foram os mais danosos possíveis nas relações entre os povos regionalmente. Sobraram preconceitos, discriminação, racismo, limpeza étnica, xenofobia, eugenia, intolerância política, social, econômica, cultural, civil e religiosa. E a escravidão negra espalhada pelo mundo.

Métraux, especialista em direitos humanos esboça seu conceito sobre racismo no “Correio da UNESCO” de 1950, vol. III, nº 6-7 segundo Leiris (1960, pp. 190-191):

O racismo é uma das manifestações mais perturbadoras da vasta revolução que se produz no mundo. No momento em que nossa civilização industrial penetra em todos os pontos da terra, arrancando os homens de todas as cores suas mais antigas tradições, uma doutrina, de caráter falsamente científico, é invocada para negar a esses mesmos homens, privados de sua herança cultural, uma participação completa nas vantagens da civilização, que lhes imposta.

Dá-se o nome de *estereótipo* à impressão que um grupo social emite sobre outro grupo ou uma pessoa, segundo um equivocado e categórico julgamento de valor interno ou imposto pelo meio, comunicado por meio da escrita, por via oral e visual, com plena distorção da realidade.

Conceitos, imagens, visões, opiniões, comportamentos e conjecturas são transformados em caricaturas que marcam a diferenciação e podem generalizar um grupo ou uma pessoa, com um sinal de diferente ou representá-lo; firmá-lo, com características negativas, marginais e excludentes, que estigmatizará socialmente.

Estereotipia, portanto, consiste na composição de placas com tipos móveis ou caracteres tipográficos como matrizes (letras e frases) e gravuras como método de impressão inventado em 1040, pelo chinês Pi Ching. A palavra vem do grego *stéreo*s e significa molde, representação, sinal.

Os europeus copiaram o método denominando-o de clichê, que vem de *clicher* e significa “coar matéria derretida”, ou seja, o chumbo ou cobre derretido nas clichérias geralmente de tipografias, para a composição de placas, para a impressão de páginas.

Nas antigas linotipias, o processo é bem evidente. A estereotipia foi transformada na representação social de uma figura em que se imprime uma imagem crítica e distorcida da verdade a respeito de alguém ou de algo.

Charge e cartum são formas de reprodução do cotidiano como uma crítica social ou política, uma sátira a personagens, fatos e situações atuais. Difere, portanto, do propósito do estereótipo, que é uma deformação de imagem, como forma de desfigurar traços e personalidade, para causar má impressão, inferiorizar, e até ridicularizar o personagem.

Exemplos de estereótipos e de preconceitos disseminados em nosso cotidiano, contra origem, procedência e nacionalidade: nordestinos são atrasados; portugueses são burros; paulistas são metidos; cariocas são malandros ou folgados; índios são selvagens; negros são inferiores; ciganos roubam roupa do varal e comem criancinhas; americanos são arrogantes; políticos são corruptos; mulher é frágil; loiras são burras; criança negra não gosta de ir à escola; a ocasião faz o ladrão; baianos são preguiçosos; asiáticos são sempre os primeiros lugares nos vestibulares; asiáticos são traiçoeiros.

Notadamente em **Cala a boca, negro: vocabulário de preconceitos, estereótipos e expressões do cotidiano**, no 3º Capítulo deste trabalho, a temática será abordada com especificidade.

Entende-se como *preconceito* as impressões e conceitos formulados sem assentamento em provas colhidas em experiências de relações interpessoais, mas única e exclusivamente, por motivo crítico, vingativo ou até difamatório, como forma ou razão de atingir um alvo. Isso contra uma pessoa, um grupo, uma religião, uma raça, uma etnia, uma descendência, uma origem, uma nacionalidade, uma categoria social ou profissional, uma atividade qualquer.

As razões nesses casos são estabelecidas em julgamento prévio assentado em critérios injustificados; precários, de conhecimentos inconclusos e distorcidos, que desautorizam as atitudes, as posições e as afirmativas.

Preconceitos, estereótipos, discriminação, bullying e racismo num todo deformam a realidade, e provocam injustiças; estigmatizam e expõem a uma inferiorização que causa danos a imagem e à reputação; afeta a auto-estima, o autoconceito contribuindo para a formação do sentimento de auto-rejeição.

O combate efetivo para desmascarar essas manifestações discriminatórias é atacar a questão, por via jurídica, política, ideológica e educacional segundo caso a caso.

Albert Einstein (1875-1955), físico nuclear, ao questionar nosso mundo diz que é “mais fácil quebrarmos um átomo do que um preconceito” (MONTEIRO, 2005, p. 2). Escreve o geógrafo Milton Santos (1926-2001) que “o preconceito é uma reação imediata, em função da aparência. O preconceituoso não concede ao outro de se tornar alguém” (BOJUNGA, 1978, p. 182). Negra Li desabafa: “Feia eu não sou. Mas quem tem preconceito não enxerga a beleza do negro” (ISTOÉ, edição nº 1824).

Discriminação diz respeito à distinção assentada em divisão, separação, preferência, perseguição, exclusão, restrição, com que se violam os direitos de uma pessoa, de um grupo ou de uma atividade qualquer de ser desenvolvida ou aplicada.

Isso notadamente em razão de raça, de orientação sexual, de idioma, de etnia, de opinião pública, de descendência ou origem nacional, de condição social, de posição econômica, de situação familiar, de deficiência física ou mental, de trabalho rural ou urbano; de ter cumprido pena ou reclusão, de estado de gravidez, de estado civil, de nascimento, de convicção filosófica, religiosa ou ideológica; de filiação ou preferência político-partidária, de diferenças culturais ou de qualquer outra condição.

Exemplo: A PM do Rio de Janeiro proíbe bailes funk ilegais em favelas cariocas por conta da lei estadual 5.625, de 18 de junho de 2008, tendo origem em projeto de lei do deputado cassado e ex-chefe de polícia civil, Álvaro Lins. Uma série de exigências dificultava a realização dos bailes; pois que, jamais seriam cumpridas pelos realizadores por categórica falta de condições.

A antropóloga e historiadora da Universidade Federal Fluminense Adriana Facina em análise à proibição, diz que “o funk é apreciado pela mesma população negra, pobre e favelada cujos antepassados fugiam da polícia nas rodas de samba e de capoeira”. Conclui que “as boates da zona sul tocam funk e têm episódios esporádicos de violência, mas não serão fechadas.” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 14 de julho de 2009, Cidades/Metrópoles, C6.)

A lei proibitiva foi revogada pela Assembleia Legislativa que aprova em 1º de setembro de 2009, o projeto de lei que torna o funk o “movimento cultural e musical de caráter popular” no seu lugar de origem: o Rio de Janeiro. A iniciativa comemora os 20 anos de “Funk Brasil”, primeiro disco do gênero lançado em 3 de agosto de 1989 pelo DJ Malboro, precursor do estilo “batidão”

em português. Manifesta o deputado Marcelo Freixo (PSOL) autor do projeto de lei: “Tiramos o funk da Secretaria de Segurança Pública e entregamos à [Secretaria de] Cultura.” (FOLHA DE S. PAULO, 4/9/2009, Ilustrada E5.)

O desdobramento da presença da discriminação, de sua linguagem e diálogos e dos efeitos nocivos entre os povos, estará exposto no transcurso do trabalho.

A mídia tem focado e até escancarado os casos mais agravantes de racismo, de preconceitos e de desrespeito aos direitos constitucionais dos indivíduos, bem como, os casos de violência à dignidade humana, presentes em nosso dia-a-dia.

A opinião pública, antes arredia com situações como estas, hoje, se indigna e protesta e deve, por certo, estar refletindo e lamentando, o tempo em que não se incomodava com os absurdos casos dessa natureza, que sempre ocorreram em nosso meio.

Isso evidencia o estágio de maturação em que se encontra o povo com relação ao assunto devido a uma crescente conscientização e reflexão humana, de não mais tolerar esses tipos de casos no seio da sociedade.

Por outro lado, os currículos pedagógicos de todos os níveis e os livros didáticos morosamente começam a contemplar a diversidade étnica e racial em seus conteúdos. Quer os da rede pública (federal, estadual e municipal) quer, os da rede particular, como Anglo, COC, Positivo, Objetivo e outros, começam a adequar-se a temática normatizada pelas Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino da História, Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena.

Isto com base nas leis federais 10.639 de 9 de janeiro de 2003 e 11.645 de 10 de março de 2008 que alteram o artigo 26-A, da lei nº 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação).

A primeira lei é resultado do PLC 259/99, da deputada federal Esther Grossi (PT-RS) e aprovada, em 26 de junho de 2002 pelo Senado Federal. A segunda é de iniciativa da Deputada Mariângela Duarte (PLC nº 109, de 2005), que além de modificar a LDB altera a 10.639/03.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (UFSCar), conselheira da Câmara de Educação Superior da CEN/CP – Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno/DF foi relatora do Parecer 3/2004 aprovado em 10

de março de 2004 como da Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004 que instituem as Diretrizes afins.

Porto Alegre (RS) em 1991; Florianópolis (SC), Belém (PA) e Aracaju (SE), 1994; São Paulo (SP) e o Distrito Federal em 1996 instituíram a História da África ou estudo da Raça Negra, nas disciplinas de Estudos Sociais, História e Geografia em suas escolas de 1º e 2º graus. Toda essa legislação caracteriza-se na antiga aspiração, postulação e mobilização do segmento negro brasileiro, de pôr fim ao conteúdo programático educacional de controle etnocêntrico e oficial, e em ter sua história toda em pé de igualdade de modo e espaço na sala de aula, em importância para o saber humano; e reconhecimento do processo civilizatório, como das culturas clássicas gregas e romanas.

A Lei 10.639/2003 ganha um reforço e tanto para a sua aplicação com o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana preparado pelo Grupo de Trabalho Interministerial formado por integrantes da área de educação, justiça e instituições do movimento negro; instituído pela Portaria Interministerial MEC/MJ/SEPPIR nº 605 de 20 de maio de 2008. O Ministro da Educação Profº Fernando Haddad recebeu o Plano em 20 de novembro de 2008 cujo lançamento foi realizado pelo Ministro da SEPPIR Dep. Edson Santos, em 13 de maio de 2009. Um conjunto de políticas e ações parte para a ofensiva e estabelecimento de metas, que garantam o cumprimento da lei. Isto é, que ela saia do papel e seja uma prática na educação nacional. (Apud Diário Oficial da União, Seção I, nº 96, p. 12 – 21/05/2008). A iniciativa partiu da UNESCO e da Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade (MEC/Secad) por meio de uma oficina realizada em Brasília, entre os dias 6 e 7 de novembro de 2007.

O Plano de educação afro-brasileira integra o Sistema Nacional de Educação em construção pelo Governo Federal/Ministério da Educação; e ajusta o “Documento Referência da CONAE 2010” (Conferência Nacional de Educação) marcada para os dias 23, 24, 25, 26, 27 de abril de 2010 em Brasília, para a implementação do Plano Nacional de Educação 2011-2020.

A Comissão Técnica Nacional de Diversidade para Assuntos Relacionados à Educação dos Afro-Brasileiros (CADARA), instituída pela

Portaria MEC nº 4.542, de 28 de dezembro de 2005, como órgão de natureza técnica, consultiva, propositiva e responsável pela análise, avaliação, acompanhamento e elaboração de políticas públicas concernentes, para a aplicação da temática em questão. Os fóruns municipais e estaduais de Educação e Diversidade Étnico-Racial forneceram estudos, dados e informações à Comissão. Para isso, foi realizado em Brasília entre os dias 29 e 30 de junho de 2009, o “Simpósio de Lideranças do Movimento Negro para Apontamentos à Pauta da CONAE”.

Em São Paulo nos anos 1975/76 alunos de um curso preparatório sob orientação do movimento negro para exames supletivos, que funcionava nas dependências da Escola de Samba Camisa Verde e Branco sob a presidência de Inocêncio Tobias eram agraciados com as disciplinas: **História do Negro no Brasil**, ministrada por Osvaldo Rafael Pinto Filho, também lente de português e **História da África Pré-Colonial**, por Frederico Firmo de Souza Cruz (atual físico nuclear e professor da UFSC). Firmo que dominava o inglês e o francês, idiomas da bibliografia afim existente na época e Rafael Pinto, podem ser contados como a gênese, da história da África na sala de aula no Brasil. Outros professores do cursinho: Neuza Maria Poli, Ivair Augusto Alves dos Santos na época, graduado em Química (atual mestre em Ciências Políticas e doutorando em Sociologia na UnB – Universidade de Brasília; Secretário executivo do Conselho Nacional de Combate à Discriminação, da Presidência da República), Neuza Maria Pereira, Milton Barbosa, o “Milton do MNU”, Henrique Antunes Cunha Jr. que lecionava história.

A Proposição de nº 1.332 do deputado federal Abdias do Nascimento, (arquivada) no seu art. 2º enfocava e instituía nos currículos, “o ensino das contribuições positivas das civilizações africanas, particularmente seus avanços tecnológicos e culturais antes da invasão europeia do continente africano”. (NASCIMENTO, 1985, V, p. 38).

O Núcleo Cultural Afro-Brasileiro de Salvador (BA) organiza em 1979 nesta capital, o I Seminário Experimental de Educação Interétnica. O Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da Bahia encaminha em 1983, solicitação ao Conselho de Educação do Estado (CEE) sobre a inclusão de uma disciplina denominada **Introdução aos Estudos Africanos** (dança, literatura, capoeira, música, história) no currículo escolar. A CEE dá parecer favorável em 1985. A

Câmara Municipal de Salvador aprova o projeto de lei nº 1.230/85 neste sentido em 1986, e autoriza a inclusão das disciplinas sobre a história e cultura negra no currículo escolar a ser adotado pelo Conselho e Secretaria Municipal de Educação. (CRUZ, 1989, pp. 82-86).

A Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia em setembro de 1985 promove em suas dependências, o I Seminário de Pedagogia Interétnica.

O prefeito Marcelo Alencar (PDT) no primeiro ano de sua primeira gestão (1983-1986) à frente da Prefeitura do Rio de Janeiro cria em 20 de novembro no Departamento Geral de Cultura da Secretaria Municipal de Educação, o Projeto Zumbi dos Palmares, com vista de levar escolas e a sociedade carioca, facultativamente, a discutir a questão negra e sua cultura. A partir de 1987 o projeto muda o nome para Comissão de Cultura Afro-Brasileira coordenado pela professora Helena Teodoro. (FERREIRA, 1987, pp. 72, 73).

Os currículos escolares e os livros didáticos brasileiros passaram por várias orientações, controle político-ideológico, comissões e órgãos do governo a partir da criação do Instituto Nacional do Livro (INL) em 1937. Althusser diz que “por trás dos jogos de seu Aparelho Ideológico de Estado político” [...] “a burguesia estabeleceu como seu aparelho de Estado nº 1”, e, “portanto, dominante, o aparelho escolar” [...]. (Althusser, [s/d], p. 78). A burguesia capitalista comercial toma posse do aparelho escolar com a transferência do poder do Estado na Revolução Francesa e se opõe ao proletariado. No Brasil, o aparelho escolar, substitui como dominação a Igreja e o Serviço Social.

A Constituição de 1934 em seu art. 138-b assegura na alínea “f” *estimular a educação eugênica* e na “g” *cuidar da higiene mental* [...] do país. (POLETTI, 1999, p. 166). Os textos falam de seleção: uma por meio da entrada de emigrantes estrangeiros e outra pelo cruzamento destes com afro-lusitano pela superação do último.

Surge na Era Vargas (1930-1954) a definição do que seriam os livros didáticos. O decreto-lei nº 1.006, de 30 de dezembro de 1938 em seu art. 2º, § 1º, explicita que são livros em que se dispõem a matéria das disciplinas constante nos programas escolares. Os livros de leitura de classe seriam para leitura dos alunos e/ou para livro-texto, de texto, manual, compêndio escolar etc. (apud FREITAG, 1989, p. 13). O art. 20 da lei ressalva que não seriam

autorizados entre outras colocações negativas, os que inspirassem o sentimento de superioridade ou inferioridade entre os homens de regiões diferentes do país; os que incitassem o ódio contra as raças e as nações estrangeiras; os que incitassem a oposição e a disputa entre classes sociais.

Getúlio estabelece 30 de maio como dia da *Raça*, a vigorar a partir de 1939, “para exaltar a tolerância de nossa sociedade”. (FAUSTO, 2006, p. 126). No entanto, trabalhos acadêmicos sobre os livros didáticos revelam sérios problemas de discriminação; de estereótipos e de preconceitos.

O filósofo formado pela USP Dante Moreira Leite (1927-1976) o pioneiro da psicologia social no Brasil define o preconceito racial como um “juízo, certo ou errado, não justificado logicamente, que se faz uma raça, seja a nossa ou não” (LEITE, 1950, p. 207). É precursor dos trabalhos analíticos sobre preconceitos e ideologias nos livros didáticos e paradidáticos brasileiros, consonante à representação negra: “Preconceito Racial e Patriotismo em Seis Livros Didáticos Primários Brasileiros” (1950), em que conclui que são “frequentemente, senão sempre, uma deformação da realidade, uma forma estrábica de ver o mundo que nos cerca” (LEITE, 1950, p. 231).

Guiomar Ferreira de Mattos advogada da Associação das Empregadas Domésticas e militante do Teatro Experimental do Negro (TEN), em 1954 publica na revista *Forma o trabalho*: “O preconceito nos livros infantis”. A autora interpreta como os preconceitos são inculcados nas crianças e são reproduzidos por elas. (MATTOS, 1966, p. 136). *Forma* era publicada no Rio de Janeiro com Redação estabelecida na Avenida Franklin Roosevelt, 39, Sala 904, dirigida pela tradutora Luíza Elza Massena e secretariada pela pintora Ninita Moutinho (1915-1989).

Guy de Hollanda em 1957 traz um contundente estudo temático sobre o livro didático e o currículo escolar, com relação ao assunto como projeto do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) em parceria com a UNESCO. O trabalho foi denominado de “A pesquisa de estereótipos e valores nos compêndios de História destinados ao curso secundário brasileiro”.

Outro que descortina ainda nesse ano as ideais preconcebidas nos didáticos foi Waldomiro Bazzanela em “Valores e estereótipos em livros de leitura”. Maria Filomena Rego sustenta com argumentos e razões perante sua banca de mestrado na Getúlio Vargas (1977), “Leituras de Comunicação e

Expressão: análise de conteúdo. Interpretação aos preconceitos no material didático”.

As professoras Lúcia C. Guimarães Corona e Lúzia Helena Nagel levantam a questão dos preconceitos e dos estereótipos na escola com um dos mais apropriados trabalhos sobre o tema: “Preconceitos e Estereótipos em Professores e Alunos” de 1978. As autoras tratam o preconceito e o autoconceito como determinantes da escolha profissional de alunos de 2º grau.

Maria de Lourdes Chagas Deiró defende a dissertação: “As belas mentiras: as ideologias subjacentes aos textos didáticos de leitura das quatro primeiras séries do primeiro grau” na PUC/SP em 1978. Fúlvia Rosemberg publica “Análise dos modelos culturais na literatura infantil brasileira” em 1980 e Regina Pahim Pinto defende em 1981 na Getúlio Vargas, “O livro didático e a democratização da escola”. Rego publica ainda “O aprendizado da ordem: a ideologia nos Textos escolares” (1981). Manuel W. Barbosa de Almeida desenvolve o trabalho “Racismo nos livros didáticos brasileiros” (1985). Rosemberg (1985): “Literatura infantil e ideologia” e Esmeralda Vallati Negrão: “A discriminação racial em livros didáticos e infanto-juvenil” de 1987.

A Secretaria de Estado de Educação de São Paulo cria graças à iniciativa da professora Rachel de Oliveira em 15 de outubro de 1986, o Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros (GTAAB), para assessorar o órgão no desenvolvimento de políticas educacionais afins. Para isso, uma das primeiras providências, foi instituir pela Resolução SE nº 95, de 30 de abril de 1986, a data da abolição da escravatura 13 de maio, como **Dia de Debate e Denúncia contra o Racismo** e lançar em maio de 1988 a revista *Salve 13 de Maio?: escola, espaço de luta contra a discriminação*. O GTAAB sob a coordenação de Ítalo Ramos em 1995 publica **A luta contra o racismo escolar**.

Ana Célia Silva especificamente analisa os “Estereótipos e preconceitos em relação ao negro no livro de Comunicação e Expressão de 1º grau, nível 1”, em sua dissertação de mestrado na Faculdade de Educação da UFBA (1988). Ivone Martins de Oliveira em “Preconceito e autoconceito: identidade e interação na sala de aula” de 1994; busca entender até que ponto a avaliação que o aluno faz de si mesmo, interfere em seu desempenho escolar. Trabalha

o autoconceito, a valorização, a experiência, a identidade, a psicologia, a produção social e histórica e avalia como isso tudo, pode ajudar o aluno.

Célia retorna em 1995 e apresenta: “A discriminação do negro no livro didático” em que denuncia imagens estereotipadas do negro como ilustrações. No doutorado defende “A transformação da representação social do negro no livro didático e seus determinantes” (2001) e embala com “Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático”.

Há várias linhas de trabalhos e de pesquisas nesse sentido. Em cada busca procura-se mostrar a realidade da questão na educação, na escola ou especificamente na sala de aula.

A conscientização geral tem concitado o espírito crítico de legisladores que tem munido cada vez mais, o ordenamento jurídico brasileiro, de leis federais, municipais (orgânicas, ordinárias e complementares), estaduais e constitucionais, de dispositivos, que blindem o cidadão, dos conteúdos preconceituosos ou discriminatórios de qualquer natureza ao negro, ao índio e à mulher, como dos estereótipos sexíferos, racistas e sociais.

Otto Klineberg autor de “As Diferenças Raciais” (1935); um dos pioneiros da psicologia social norte-americana aponta que os estereótipos, “são aprendidos: as crianças não participam dos estereótipos dos adultos, só vindo a adquiri-los na adolescência depois do contato com a escola e o meio extrafamiliar, muito embora comecem a aprendê-los no lar”. Conclui que

Os estereótipos transmitem-se através dos meios de comunicação com as massas, como os jornais, o rádio, os textos escolares etc. e são frequentemente aceitos sem crítica pelo público, variando o grau de sua aceitação com as medidas tomadas para eliminá-los daqueles meios de comunicação e propaganda (AZEVEDO, 1966, p. 45).

A materialização dos preconceitos, dos estereótipos, do racismo, da intolerância começa de forma diferente em cada um. Mas, certo é que depois de casa (meio familiar), a escola e outros sistemas sociais, como os meios de comunicação e a própria comunidade em que se vive ajudam nessa formação.

Na escola, os diferentes se encontram e se relacionam. Surgem os primeiros questionamentos raciais, de formação do corpo, e sociais. As primeiras dúvidas e incertezas. Vem a fase da aceitação própria de como se é, ou a rejeição total. Começam os traumas de infância.

Desde Dante Leite como já vimos, há trabalhos denunciando as discriminações nos livros didáticos. Cada um explorando os conteúdos como objeto de estudo, para discutir cientificamente a projeção do livro na sala de aula, mas, sobretudo, suas influências na auto-imagem, no autoconceito e na auto-estima das crianças. Como as crianças negras reagem com as depreciações à sua história e à cor de seus traços raciais, apresentadas em textos e em gravuras de livros didáticos e na linguagem da sala de aula? E as crianças brancas, como reagem se sentindo superiores às negras?

O ex-presidente sul-africano Nelson Mandela, o primeiro negro a ocupar o posto máximo do país (1990-1994), admoesta que:

[...] ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, por sua origem ou por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta.

As crianças aprendem o racismo define o antropólogo inglês Ashley Montagu (1905-1999) dizendo que “na América, onde brancos e negros vivem frequentemente lado a lado, é inegável que as crianças brancas não aprendem a considerar-se superiores às negras até que se lhes diga que são.” (LEIRIS, 1960, p. 227). Para John Locke, uma criança inglesa não distingue como homem um negro pelo fato de não ser branco. Segundo ele:

Uma criança que se tenha formado a idéia de um homem [...] tal complicação de idéia unidas em seu entendimento compõe esta particular idéia complexa a que ele chama homem; e como o branco ou cor da carne faz parte desta idéia, a criança pode demonstrar-vos que um negro não é um homem, porque a cor branca é uma das idéias simples que entram constantemente na idéia complexa a que ele chama homem. Pode, digo, demonstrar, em virtude deste princípio, que é impossível que uma coisa seja e não seja, que um negro não é um homem. (*Essai sur l'entendement humain*, IV, VII, 16, POLIAKOV, 1971, p. 121).

Para Guiomar Mattos em **O preconceito nos livros infantis** (1966, p. 137)

Os preconceitos fazem parte de uma tradição cultural que se transmite, por assim dizer, espontaneamente; as crianças os adquirem em contato com seus pais, professores, colegas. Certos pais não querem que os filhos os possuam; outros, ao contrário, os inculcam, porque estão convictos de que é acertado possuí-los. Na maioria dos casos, entretanto, os adultos não têm consciência de estarem inculcando preconceitos nas crianças [...] As crianças mais velhas também ensinam as mais terem preconceitos [...]

A criança vive em meio à determinação de papéis e de modelos relacionais desenvolvidos pelo grupo. De acordo com o estímulo que recebe, interioriza mediante a linguagem, os padrões, as idéias e as práticas introjetadas como representação de imagem e de valores, que deverá seguir como reprodutora de modelos sociais.

A linguagem está presente em nossas significações e é a via para a expressão, para a interpretação, para a relação e para o meio. Para a exteriorização; para a interiorização, para os sentidos e significados, para o sujeito e o objeto.

O historiador francês Marc Ferro, um dos maiores intérpretes da história moderna nos adverte que “não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos e de nós mesmos está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças.”

Vygotsky (1896-1934), psicólogo e educador bielo-russo, autor da teoria do desenvolvimento cognitivo, enfatiza os processos sociais como fatores determinantes para a consecução do pensamento verbal, como para a relação com os processos psicológicos. Ao aprendizado segundo ele, é interessante a relação interpessoal do homem com o histórico-cultural e com o ambiente social. Rejeita as teorias da constituição intelectual do homem ser-lhe natural. Atribui o conhecimento à experiência. E é bom que se diga de passagem que

Vygotski salienta que a linguagem não é somente um instrumento de comunicação, mas também um instrumento que tem dado configuração à evolução cultural dos povos. Dessa forma, as crianças aprendem e internalizam o que se veicula no contexto em que vivem e, no caso específico da discriminação, obviamente elas aprendem a internalizar as representações racistas. Exposto a esta aprendizagem, o racismo internalizado é propagado intra e intergerações. Este fenômeno não é algo do passado; infelizmente, ele é um dos problemas centrais e perenes a serem desestruturados, assim como os de âmbito classista promulgados por ideologias capitalistas. (ROSSATO; GESSER, 2001, p. 17).

Rossato e Gesser (2001, p. 19) estudam segundo Vygostki e Purcel-Gates, como ocorre a transmissão da discriminação no processo cognitivo.

[...] esse fenômeno sociocultural vivido nessa experiência de sala de aula propiciava a internalização de fatores de aprendizagem discriminatórios que viriam contribuir e reforçar os esquemas culturais e cognitivos já veiculados no ambiente familiar e comunitário. (ROSSATO; GESSER, 2001, p. 19).

A linguagem é um mecanismo de expressão e de comunicação. E segundo o geógrafo Demétrio Magnoli

[...] é um produto social e, nessa condição, carrega consigo mais carga política e ideológica muito marcada. As palavras e as expressões fazem mais que designar objetos e ideias. Elas trazem à tona um universo de significados e experiências humanas que são julgamentos de valor, avaliações positivas ou negativas do mundo que nos cerca (MAGNOLI, 1996, pp. 16-17).

No propósito de reunir informações de vários períodos, para entendermos os caminhos que as relações étnicas e raciais têm percorrido até os nossos dias, procuramos resgatar a linguagem e recuperar os diálogos de cada fase do processo histórico cultural; que sem dúvida, nos deixam à vontade, para comprovarmos, que as relações humanas foram sempre conturbadas, e que os homens nunca se entenderam. Que sempre imperou a sobrevivência dos mais aptos nas experiências, quais sejam, a lei dos mais fortes na prática, antes mesmo de Darwin e Herbert Spencer cunharem e definirem a expressão cientificamente.

Este trabalho está dividido em três capítulos ancorados por 11 subtítulos que desenrolam como as relações étnicas e raciais foram aos poucos sendo hierarquizadas com sua linguagem peculiar, conforme nos mostram os diálogos de época. O Outro em cada capítulo, veremos, está cada vez mais distante de nós. Cada vez mais oprimido pelas diferenças.

Mostramos os choques culturais ocorridos nas relações motivados por diferenças de origem, de história e de geografia em que se busca garantir o espaço e a pertença através da purificação genealógica do sangue. Rendição e servidão de um ao outro nas relações de domínio que nasciam e na classificação tipológica das raças estarão sob crítica.

Conhecemos os argumentos e os interesses dos mais diversos defendidos pelos grupos humanos espalhados pelos continentes. Ao longo do caminho, abordamos além da pastoral da servidão, dos discursos sobre a influência do meio nas relações raciais e culturais e da classificação de raças, a parte da trajetória do romantismo literário brasileiro que nos fixamos como objeto de pesquisa, pela proposta do trabalho. Esta parte é a correspondente à fase que coincide com a formação da Escola do Recife e da formação de seu grupo de intelectuais.

Com muita transparência se evidenciam as afinidades políticas, filosóficas e culturais do grupo (Escola do Recife), o conjunto de ideias do momento e o perfil dos correligionários que paralelamente com as práticas do movimento literário corroboraram para que o **racismo científico** fosse uma realidade no Brasil.

Por outro lado, tomamos contato com os intelectuais que no início do século 20 iniciaram efetivamente o combate contra o racismo científico, desconstruindo argumento por argumento, os preconceitos e estereótipos plantados no Brasil, pelas ideias europeias e americanas que circularam com a Escola do Recife.

Conheceremos um estudo sobre os estereótipos, preconceitos e expressões cunhadas desde os dias de colônia e presentes nas verbalizações do cotidiano, categoricamente dirigidas às pessoas que tenham os traços raciais de cor negra, em razão da ascendência e do longo processo de escravidão e de inferiorização. Com o apoio de literatura da área e de pesquisa de campo procuramos trazer o sentido e significado de cada termo, que com certeza, ajudará na conscientização e desconstrução desses estereótipos e preconceitos e na construção de novas relações étnicas e raciais.

Cada capítulo, portanto, tem a sua importância particular de explorar os fenômenos históricos que nos deixaram como herança, o racismo moderno, do qual precisamos nos libertar e superar, para o bem de todos.

A escola pode dar essa importante contribuição para o processo de superação do preconceito, dos estereótipos, da discriminação e do racismo na estrutura global da sociedade. Ela aproxima as pessoas para uma formação em comum, possibilita diálogo, discussão pedagógica, questionamento e problematização das questões e apresenta o conhecimento com que as diferentes culturas dos grupos poderão ser estudadas e compreendidas.

A escola como transformadora do indivíduo por meio do conhecimento científico e sistemático, e das relações sociais, pode impulsionar a ação cultural e política da transformação da sociedade, e favorecer a vivência e a promoção de situações, em que as culturas, raças, etnias e religiões se encontrem e haja a eliminação de todas as formas de discriminação.

A eliminação de dúvidas e o esclarecimento preciso sobre a nossa realidade humana e relacional, por certo, devem nos ensinar a aprender a

conviver com as nossas limitações e diferenças. E isso precisa começar desde criança, com as nossas primeiras noções de ser humano e de mundo.

A Convenção sobre os Direitos da Criança nos recomenda “imbuir” nela “o respeito aos seus pais, à sua própria identidade cultural, ao seu idioma e seus valores, aos valores nacionais do país em que reside, aos do eventual país de origem, e aos das civilizações diferentes da sua.” (Art. 29 do Decreto Federal nº 99.710 de 21/11/1990).

Isso vai depender muito da interação e diversidade curricular da escola; da preparação e disposição do educador sobre o assunto; e do material de apoio que vai ser trabalhado na sala de aula. O papel do educador é deveras fundamental na construção dos valores, que o educando vai carregar por toda a vida.

Sabemos que a educação é uma poderosa ferramenta na formação do ser humano. Educação formal, não-formal ou informal, seja qual for por seu meio, pode-se construir e desconstruir, localizar erros e atuar sobre eles; promover a construção do conhecimento e de entendimento, prevenir ou combater, dar vida ou morte. Tudo depende, do que se quer ensinar e aprender e o que se quer principalmente que seja aprendido. Tudo que temos e somos, é fruto de aprendizagem. Ninguém nasce sabendo, já disse Mandela.

CAPÍTULO I

1.1. O “Outro”, um direito adquirido de todos nós

As pessoas começam a se dar conta de que estão cercadas pelo outro e que não dá mais para ignorá-lo. E que é chegada à hora da divisão do espaço e das coisas com outrem.

O estranhamento ao diferente, ao novo, ao estrangeiro, ao desconhecido, sempre esteve presente nas relações humanas. O homem estranha o próprio homem, seu semelhante, pela diferença de raça, religião, sexo, origem, nacionalidade, compleição física, ideias, condições socioeconômicas e culturais; jeitos e modos.

O outro não é espelho para refletir nossa imagem. Nem parte de nosso ser para dividir conosco o eu, pensamos. O outro é o nosso lado oculto. O lado que nos revela. Que nos aplaca. Que mexe com nosso interior e mostra o que somos e do que somos feitos. Por isso, nos enciumamos dele, com medo de que tome nosso lugar; tome nosso jeito e a nossa forma. Tome o nosso corpo e o nosso ser. Tome a nós e nos esconda. Esvazie-nos de nós mesmos. Assuma a nossa vez e apareça. Dê-nos uma nova formatação. Temos medo; não de que passe do nosso lado, mas seja o outro nosso lado.

Por isso, aceitar alguém de fora da comunidade, de fora do círculo, dos costumes e dos usos, e da forma de ver do grupo, da socialização conhecida, sempre se constituiu num sério problema de entrosamento social em todos os tempos e lugares. O *estranho* é repelido do meio muitas vezes severamente ou sofre restrições, em determinados círculos. É exposto ao olhar impiedoso de outrem, que o condena à primeira vista, num pré-julgamento sem chance de defesa, sob a silenciosa alegação de não ser sua extensão, sua semelhança, sua pertença. Considerado, portanto, um intruso, um invasor, um inimigo declarado, um maldito, que ultrapassa os próprios limites e atinge o do alheio. O outro é uma provocação; uma confrontação. Um desafio. Uma irreverência. Um incômodo. Uma inconveniência sem-par.

O outro sem dizer uma única palavra, apenas pela existência, é um concorrente solitário no nosso imaginário. Nosso bicho papão. Nosso fantasma. O outro é feio, desajustado, distorcido, incapaz, imperfeito, inferior, esquisito e antiquado. É vazio, inadequado, não serve para nós e para nada. Não é do nosso nível. Deve ser excluído e esquecido. Sartre¹ dizia que “O inferno são os outros”. (CLOS, 1977, p. 98).

O outro nos rouba a cena; chama a atenção por ser mais interessante; mas não do nosso interesse.

Na verdade, temos medo de ser afetado pelo novo; pelo nosso semelhante. Medo de novas experiências interpessoais que aproximem um do outro pelo relacionamento. Medo do convívio pela interação e pela alteridade. Medo da mudança, que vem de fora. Medo do novo.

Precisamos abrir e rasgar nosso ser para reparti-lo com o outro. Precisamos nos ver um no outro sem o risco de convertê-lo, conquistá-lo, colonizá-lo; catequizá-lo para nós; mas, para dividir-nos entre si e somar-nos. Sermos assim um todo. Um bloco uniforme. Sem o outro somos uma parte. Estamos incompletos e imperfeitos. Um é a parte do outro.

Para o outro, nós é que somos diferentes e esquisitos, por não querer reconhecê-lo como semelhante. Ele estará sempre pronto para fazer isso. Basta queremos. Não depende mais dele.

O desejo e a ânsia de ser o melhor em tudo, de chamar mais a atenção do que o outro, de se estar por cima em tudo sempre provocou disputas, duelos, discórdia, entraves, guerras, mortes, destruição, indiferenças pela reserva, garantia ou proteção do que é seu.

Dividir não é conosco. Muito menos somar. Subtrair do outro sim, para amealharmos cada vez mais. Multiplicar mais ainda quando vamos ficar com tudo. Sem nenhum escrúpulo, exploramos mão-de-obra, fazemos escravos; provocamos miséria, tudo pelo lucro fácil. Dane-se o outro. O que temos a ver com ele. Antes o outro, do que nós. Assim desejamos.

¹ SARTRE, Jean-Paul (1905-1980): filósofo, crítico literário, escritor francês e representante do existencialismo.

Todorov² analisa as dificuldades que Montaigne³ tinha para se relacionar com os outros; ele que problematizava as possibilidades humanas cercado pelo ceticismo da desestabilização de seus dias. Segundo Todorov:

De resto, se Montaigne jamais percebeu os outros, de que vale sua tolerância? Serei eu tolerante se sequer reconhecer a existência do outro e contento-me em oferecer-lhe uma imagem de meu próprio ideal, com que o outro tem a ver? Pode ser o tentávamos por tolerância não seja mais que indiferença. Será mesmo preciso viajar? (TODOROV, 1993, p. 60).

Montaigne reconhecia a dificuldade dos homens se relacionarem. Dizia ele que “há mais distância entre um homem e outro do que entre um homem e um animal” (TODOROV, 1993, p.60).

O professor Severino Antônio, doutor em educação pela Unicamp e que atua nas áreas de educação, linguagem e utopia do Centro Salesiano de São Paulo (UNISAL) escreve em parceria com Emília Amaral o livro **Criação a Partir das Palavras do Outro**, que indica um caminho, em como podemos descobrir o outro. Afirmar-se que

Escrever é também descobrir o outro. Descobrir a realidade do outro. Transformar-se imaginariamente no outro. Uma das formas mais fortes da descoberta dos outros é o desvendamento de sua linguagem, através das palavras do outro, conhecemos sua vivência. Para você realizar essa experiência de modo mais inteiro, mais fundo, tente se colocar mesmo no lugar do outro, identificar-se com ele, sentir como ele sente, vivenciar a realidade dele (SEVERINO ANTÔNIO; AMARAL, 2005, p. 22).

Aceitar o diferente exige um esforço de nossa parte. É preciso renúncia para ver as coisas de outra forma. De outro ângulo. É a desconstrução do velho e o desafio de uma nova construção. É a busca e a entrega para novas relações.

Guerras e conquistas pela superação e dominações marcaram territórios e deram origem ao surgimento de barreiras políticas, étnicas, raciais, religiosas, geográficas e econômicas.

² TODOROV, Tzvetan: natural de Sofia (1939), na Bulgária, é naturalizado francês e vive em Paris onde é professor do Centro de Pesquisa das Artes, da Linguagem e do Centro de Linguagem da Escola de Altos Estudos Sociais. Expressivo representante do método estruturalista.

³ MONTAIGNE, Michel de (1533-1592): escritor francês, ensaísta, crítico social e teórico da educação vivencia os conflitos entre católicos e protestantes na Europa.

Geograficamente surgiram novos dimensionamentos territoriais, mudanças culturais, étnicas, raciais, religiosas, sociais, jurisdicionais, internacionais e educacionais principalmente, com os novos caldeamentos entre os povos.

Surgiram os conceitos sociológicos para a definição de grupos étnicos, raciais, culturais, religiosos e de classes sociais, como medidas políticas, normas, leis, regras e práticas, para assegurar a organização, a administração e o controle social dos grupos, para que houvesse ordem e o cumprimento de que cada um estivesse circunscrito à sua pertença e território.

Grupos étnicos são conjuntos de pessoas com similaridade de pertencimento de fato; que por direito, por presunção ou em razão de aparências culturais ou biológicas, com real identificação entre si, ocupam um espaço geográfico em comum. Antes de Huxley⁴ e Haddon⁵ usarem os termos *grupos étnicos* em substituição a expressão “raça” em 1935; Weber⁶ havia sido um dos precursores de estudos sobre “grupos étnicos” que define como os que “alimentam uma crença subjetiva em uma comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparência externa ou dos costumes, ou dos dois, ou nas lembranças da colonização ou da migração”. (WEBER, 1971, p. 416).

1.2 Choques culturais e a busca da origem como referência e respeito

E os povos começam a disputar uma hierarquia entre si. Seus representantes começam a defender suas posições regionais com discursos, para o estabelecimento de uma escala de valor, de grandeza ou de importância. A tentativa era de convencer os outros, de que eram os melhores. Estamos diante dos primórdios do etnocentrismo. O ódio começa a brotar nos corações. Os preconceitos, os estereótipos e o racismo começam a despontar nas relações sociais e internacionais; na linguagem; nas atitudes; nos tratamentos e nos diálogos entre as pessoas. Até os costumes passam a ser questionados. Confúcio⁷ intervém para equacionar a discrepância,

⁴ HUXLEY, Julian Sorell (1887-1975): biólogo e escritor britânico; neto de Thomas Huxley.

⁵ HADDON, Alfred Cort (1855-1940): antropólogo britânico.

⁶ WEBER, Maximilian Carl Emil (1864-1920): jurista e economista alemão.

⁷ TSE, Kung-Fu-: nome do pensador e teórico chinês Confúcio (551 a.C.- 479 a.C.).

asseverando que “a natureza dos homens é idêntica; os costumes que os separam”.

Por todos os cantos, a história de se repete. Os discursos e a linguagem têm correlações.

Heródoto⁸ entre 430 a 424 a.C. descreve entre as narrativas, o estranhamento de práticas culturais entre gregos e indianos: “Os indianos repugnaram-se ao saber que os gregos queimavam o corpo de seus pais mortos; os gregos horrorizaram-se ao saber que os indianos comiam os seus.” (LEVINE; PATAKI, 2005, p. 16). Heródoto aduz que os persas se consideravam superiores ao resto do mundo e que os gregos consideravam todos os homens não-gregos, bárbaros. Em suas palavras descreve que

[...] os povos que os gregos qualificavam de bárbaros não eram encarados como inferiores racionalmente mas como não tendo ainda atingido o mesmo nível de civilização que eles; o próprio Alexandre desposou duas princesas persas e dez mil dos seus soldados se casaram com mulheres hindus. Quanto ao Império Romano, seu principal interesse em relação aos povos subjugados era levantar tributos e, como não pretendia os mesmos fins de exploração sistemática da terra e dos homens que os imperialismos atuais, não tinha razão para praticar a discriminação racial contra eles. (LEIRIS, 1960, p. 266).

Isócrates⁹ destaca a pujança da capital da Grécia e esbarra no espírito do etnocentrismo: “Tão para trás Atenas deixou o resto do mundo que seus discípulos são agora os mestres da humanidade.” (TELES, 1974, p. 23). Atenas era o centro das atenções na arte e na cultura na época. Estrabão¹⁰ reserva o volume III de seu livro para descrever a Península Ibérica e destacar Portugal com um tom etnocêntrico: “Os lusitanos eram as mais poderosas das nações ibéricas.” (PERES, 1928, pp. 128-183). Francisco I (1122-1152), o Frederico Barbarroxa, Imperador do Sacro Império Romano-Germânico no século 12 se intitulava “Imperador dos francos e dos teutões”. (POLIAKOV, 1971, p. 11).

⁸ Heródoto (485-430 a.C.): considerado o pai da história. Registra o movimento histórico da Grécia e colhe informações no Egito, no Mar Negro, em Chipre, na Itália e na Fenícia.

⁹ Isócrates (436-338 a.C.): retórico, mestre de eloquência, pedagogo ateniense e fundador da escola Sofista; escreve discursos forenses.

¹⁰ Estrabão (63 a.C. – 24 d.C.): geógrafo, filósofo, historiador e escritor grego; estuda Roma e retrata os territórios dominados e suas riquezas; os aspectos socioeconômicos e a geografia física da Antiguidade até seus dias. Autor de *Geographia* obra em 17 volumes.

Dois mitos chamaram a atenção da Europa na Idade Média:¹¹ o gótico na Espanha e o franco na França, adotado pelo Oriente. Godo e Franco adquiriram *status* de poder, domínio e supremacia social. Acreditava-se na procedência gótica da Espanha.

Carlos V¹² afirmava que “descendia dos godos da Escandinávia, quase a totalidade europeia”. (LOPES, 2007, p. 112). Belleforest¹³ gabava-se ao pronunciar “nossos antepassados gauleses”. (POLIAKOV, 1971, p. 13). Saint-Vicent¹⁴ não faz por menos; dizia que “ser godo, ser de nobreza antiga”. Em 1827 compara os godos aos francos:

Os godos tinham adquirido tal renome que um castelhano só se considera nobre quando descende de uma família goda. Tal capricho é análogo àquele dos fidalgotes de entre o Reno e os Pirineus que não querem ser gauleses e se dizem francos. (POLIAKOV, 1971, pp. 4-6).

Buat¹⁵ considerado o pioneiro da experimentação que desenvolve o sistema de hidráulica, afirma que “os antigos povos da Europa, que chamamos bárbaros, são nossos pais”. (POLIAKOV, 1966, p. 18). Westphal um gramático alemão vibrava ao descrever no que acreditava ser sua origem. Relata:

Nossos antepassados indo-germanos, seguiram com a mesma inconsciência como quando, para sustenta seus corpos, tomaram seu primeiro alimento, ou quando o indo-germano apertou pela primeira vez sem seus braços a indo-germana, que, sem que ele o soubesse, devia pôr no mundo um homem semelhante a ele. (POLIAKOV, 1966, p. 177).

O ministro prussiano Hertzberg¹⁶ em sua analogia expressa (1780) os ancestrais dos povos ibéricos, como temos:

As nações espanhola e portuguesa descendem sobretudo dos visigodos, dos vândalos e dos suevos, com uma certa adição dos autóctones da antiga Espanha, os romanos e os sarracenos (...), pode-se, pois, com razão qualificá-los de alemães. (POLIAKOV, 1971, p. 4).

¹¹ Idade Média (476-1453).

¹² Carlos V (1500-1558): o Sábio; imperador do sacro império romano-germânico que reconquista parte do território francês ocupado pelos ingleses; domina a Espanha e suas colônias, parte da Itália, de Flandres (LOPES, 2007, p. 68).

¹³ BELLEFOREST, François de (1530-1583): poeta da renascença e tradutor francês.

¹⁴ SAINT-VICENT, Bory de (1778-1846): naturalista e geógrafo francês; edita dicionário clássico de História Natural.

¹⁵ BUAT, Pierre Louis Georges du (1734-1809): engenheiro sanitarista e hidráulico francês.

¹⁶ HERTZBERG, Ewald Friedrich von (1725-1795): político prussiano.

Klaproth¹⁷ formula em 1823 o termo *Indo-germanos*. Indo-europeu foi formulado em 1816 por Young.¹⁸ (POLIAKOV, 1971, p. 172). Hegel¹⁹ defende “os vínculos históricos dos povos germânicos com os povos indianos, com toda a segurança que se pode exigir em semelhante matéria.” (POLIAKOV, 1971, pp. 174-175). Jacob Grimm²⁰ que com o irmão Wilhelm revolucionaria a literatura infanto-juvenil com seus clássicos folclóricos – contos de fadas – “A Bela Adormecida” e “Branca de Neve” atribui que a Europa teve origem na Ásia e escreve a respeito:

Todos os povos da Europa, e em primeiro lugar aqueles que, originalmente aparentados, se elevarão à supremacia, enfrentando múltiplas mudanças e perigos, emigraram em tempos remotos da Ásia; foram posto em movimento de leste para oeste por um irresistível instinto, cuja verdadeira causa permanece desconhecida [...]. A vocação e o valor dos povos originariamente aparentados, e destinados a tomarem um grande impulso, manifesta-se no fato de a história européia lhes pertencer quase exclusivamente. (POLIAKOV, 1971, p. 177).

Müller²¹ introdutor do termo indo-europeu (indo-ariano) como já sabido questiona em 1860, por que o termo na vinga na Alemanha, mas, sim, em outros lugares. Assim o descreve Poliakov:

Como principal responsável pelo emprego do termo ariano no sentido de indo-europeu, e já que este termo não encontrou na Alemanha uma aceitação tão geral como na Inglaterra e na França, vou desenvolver abaixo algumas considerações para justificar seu uso [...]. (POLIAKOV, 1971, p. 178).

Müller, como um dos pioneiros no uso do termo “raça ariana” (1861) retrata-se do sentido biológico que fazia de seu emprego, e migra para o linguístico. Passa a condenar enfaticamente, o usuário do termo biológico. Escreve ele: “Para mim, um etnólogo que fala de raça ariana, sangue ariano, olhos e cabelos arianos, é um pecador tão grande como um lingüista que fala de um dicionário dolicocefalo ou de uma gramática braquicefala.” (COMAS, 1960, p. 49).

¹⁷ KLAPROTH, Julis Heinrich von (1783-1835): filólogo, etnógrafo e orientalista alemão.

¹⁸ YOUNG, Thomas (1773-1890): físico e médico britânico.

¹⁹ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich (1770-1831): filósofo e o mais notável representante do idealismo alemão; escreve *Fenomenologia do Espírito*.

²⁰ GRIMM, Jacob (1785-1863): filólogo, dicionarista e jurisconsulto alemão. Com Wilhelm (1786-1859) são conhecidos no mundo literário como os Irmãos Grimm.

²¹ MÜLLER, Friedrich Max (1823-1900): filólogo alemão.

Com Müller surge uma pequena discussão linguística sobre as origens, que leva Havet²² a afirmar que haveria uma distinção no uso do termo raça. Escreve que a

[...] língua e raça são dois conceitos inteiramente diferentes. Em uma discussão lingüística nem um único termo antropológico poderia jamais ser usado e, igualmente, em estudos antropológicos o vocabulário da linguística deve ser afastado. (COMAS, 1960, p. 49).

Le Bon²³ num desatino antissemita tenta desqualificar o povo judeu e desacreditar a Bíblia Sagrada dizendo que

[...] os judeus não possuíam nem artes, nem ciências, nem indústria, nem nada do que constitui uma civilização. Nunca deram a menor contribuição para a edificação dos conhecimentos humanos [...]. Aliás, nenhum povo deixou livro contendo relatos tão obscenos quanto os que a Bíblia encerra em cada página. Pode-se percorrer todos os livros religiosos do mundo, tais como os Vedas, o Avesta, os escritos budistas, o Corão, etc. sem nada encontrar aí de semelhante [...]. Entre seus sentimentos duas idéias e os dos povos arianos, existem verdadeiros abismos. (POLIAKOV, 1971, p. 264).

Chamberlain²⁴ era tão aficionado pelo povo germânico ou teutônico que em havendo nascido na Inglaterra, muda-se para a Alemanha. Dias antes de morrer encontra-se com Hitler.²⁵ Orgulhava-se ao pronunciar entusiasticamente que “o teuto é triunfante em toda parte. A Renascença se deve aos teutos da Itália; todos os grandes espíritos criadores da Europa ocidental foram teutos; Paulo e Jesus eram arianos, não judeus”. (KLINEBERG, 1966, p. 6).

Cassirer²⁶ afirma que Gobineau²⁷ pertencia à nobreza decadente da França, mas que procurava demonstrar com o livro *Esse l'inégalité des Races Humaines* (Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas) de 1853 a superioridade de sua linhagem teuta, a que seus nobres antepassados tinham afeição. (LEITE, 1976, pp. 26-27).

²² HAVET, Louis (1849-1925): filólogo francês.

²³ LE BON, Gustave (1841-1931): psicólogo e sociólogo francês e defensor da supremacia racial; escreve trabalhos sobre psicologia social.

²⁴ CHAMBERLAIN, Houston Stewart (1855-1927): anglo-alemão, dramaturgo, crítico cultural, teórico do racismo e do arianismo, do antissemitismo, do pangermanismo, da eugenia. Genro e correligionário do racista, compositor e escritor Richard Wagner (1813-1883). Escreve (1899-1901) *As Bases do Século 19* (The Foundation of the 19th Century) que inspira na Itália a Mussolini, Hitler na Alemanha e os movimentos racistas contemporâneos.

²⁵ HITLER, Adolf (1889-1945): líder do Partido Nazista, antissemita e responsável pelo Holocausto.

²⁶ CASSIRER, Ernest (1874-1945): filósofo alemão, de origem judaica.

²⁷ GOBINEAU, Arthur de [conde] (1816-1882): filósofo e escritor; diplomata com passagem pelo Brasil (1869-1870). Um dos fundadores do racismo científico (biológico) no século XIX, com muitos partidários espalhados mundialmente em todos os ramos do saber e da ciência.

O historiador sueco J. Nordstroem escreve a esse respeito em 1944 e convictamente afirma que “a expansão da Espanha cristã era uma expansão da raça gótica”. (POLIAKOV, 1971, p. 4). Por seu turno, Menéndez y Pelayo²⁸ afirma que “os visigodos não eram espanhóis”. (POLIAKOV, 1971, p. 4).

Pott,²⁹ um dos primeiros cultores do indo-europeu ou indo- germânico, dá como certo, que os europeus tiveram origem asiática. Para apoiar sua teoria, usa da composição poética e escreve:

Ex oriente lux: em suas grandes linhas, a marcha da cultura seguiu sempre o curso do sol. Os povos da Europa outrora foram obrigados pelo sei da Ásia; brincaram como crianças ao redor de sua mãe; a este respeito não mais precisamos invocar obscuras reminiscências; podemos descansar sob a prova de fato que nos fornecem as línguas europeias e asiáticas. É aí, e não em outra parte que se encontravam o terreno do jogo e a escola das primeiras forças maternais e espirituais do gênero humano. (POLIAKOV, 1971, p. 176).

Bognetti³⁰ insiste nas contribuições germânicas para a civilização italiana que não eram, portanto, para ele, de origem puramente latina. Assim conclui depois da queda do fascismo e do hitlerismo. (POLIAKOV, 1971, p. 63).

O racismo já era uma realidade. Kohn,³¹ autor de vários trabalhos sobre nacionalismo e pan-eslavismo atribui a Aristóteles, o pioneirismo do uso do termo racismo. Escreve que “é em Aristóteles³² que devemos ver a primeira expressão de racismo para justificar diferenças entre classes: para Aristóteles, algumas raças estavam destinadas à escravidão, outras ao governo.” (LEITE, 1976, p. 26).

1.3 A transformação e aceitação de um como servo de outro

Estabelecia-se o ciclo da servidão que transformaria escravos e senhores em bárbaros entre si. A escravidão foi adotada e aceita em várias correntes filosóficas, políticas e religiosas como veremos. Platão³³ um dos mais influentes pensadores da civilização ocidental, tecia diálogos através de jogos

²⁸ PELAYO, Marcelino Menéndez y (1856-1912): historiador e crítico literário.

²⁹ POTT, August Friedrich (1802-1887): filólogo alemão formado na Universidade de Göttingen.

³⁰ BOGNETTI, Gian Piero (1902-1963): historiador italiano.

³¹ KOHN, Hans (1891-1971): filósofo e historiador judeu.

³² Aristóteles (382-322 a.C.): filósofo grego e discípulo de Platão; contribui grandemente para a organização da lógica.

³³ Platão (427-347 a. C.): “os ombros largos” nasceu em Atenas. Seu verdadeiro nome era Aristocles. Filósofo e escritor grego; ex-discípulo de Sócrates (469-399 a.C.).

de perguntas e respostas, caminhando entre o ensinamento do mestre e o método didático do discípulo. Não admitia a escravidão de cidadãos gregos; entretanto, aceitava a de bárbaros.

Exposição de Aristóteles em “A Política” diz que os gregos nasceram para mandar, e que os restantes eram bárbaros e nasceram para obedecer. Que os senhores nasceram para mandar e os escravos para obedecer. Diz ainda que, “os gregos têm o direito de mandar nos bárbaros.” (ARISTÓTELES, 1969, II, § b, p. 22.) Procura justificar a dominação de um sobre outro segundo suas próprias concepções, como estas:

Há na espécie humana indivíduos tão inferiores a outros como o corpo o é em relação à alma, ou a fera ao homem; são os homens nos quais o emprego da força física é o melhor que deles se obtêm. Partindo dos nossos princípios, tais indivíduos são destinados, por natureza, à escravidão; porque, para eles, nada é mais fácil que obedecer. Tal é o escravo por instinto: pode pertencer a outrem (também lhe pertence ele de fato), e não possui razão além do necessário para dela experimentar um sentimento vago; não possui a plenitude da razão. Os outros animais dela desprovidos seguem as impressões exteriores. (ARISTÓTELES, 1969, II, § 13, p. 24).

Catão,³⁴ o Velho era convicto de que “os escravos são nosso inimigos.” (VENDRAME, 1981, p. 55). Varão³⁵ dizia que “o escravo não passa de instrumento.” (VENDRAME, 1981, p. 55). Cícero³⁶ defende a escravidão como essencial para movimentar a sociedade, apesar de admitir a igualdade dos homens. Para ele, “os homens diferem em conhecimento, mas são todos iguais na capacidade de aprender; não há nenhuma raça que, guiada pela razão, não possa chegar a excelência”.

Não demora muito e Cícero se contradiz. Desaconselha ao amigo Ático, no aporte, de Júlio César, no litoral da Grã-Bretanha em 52 a.C., a não tomar como escravos os bretões (celtas da Bretanha). Justifica que eles eram “néscios e incapazes de aprender.” (COMAS, 1960, pp. 13, 218).

³⁴ CATÃO, Márcio Pórcio (234-149 a.C): político, cônsul e censor romano.

³⁵ VARÃO, Marcos Terêncio (116 a.C. – 27 d.C): filósofo, poeta, prosador, gramático e organizador da primeira biblioteca de Roma.

³⁶ Cícero (106-43 a.C): filósofo, político, orador e advogado romano.

1.4 Em busca do sangue como fator de relação, pureza e *status*

O sangue ao longo do tempo é usado pelo fenômeno da linguagem com vários sentidos e significados na sua relação, com o cotidiano e com as culturas. Vira figura de linguagem e é usado pejorativamente.

Em Toledo, na Espanha, em 1449, passa-se a validar a relação de pessoas com o poder, com a administração pública e com a igreja, por meio do estatuto de pureza, que excluía aqueles, em que a linha de gerações passadas, tivera contato (miscigenação ou cruzamento) com o sangue mouro ou judeu. Nesta época, os judeus foram perseguidos e expulsos da Espanha. Configura-se numa tremenda onda antissemitica na região ibérica. Começa a intolerância. Portugal segue o exemplo espanhol e decreta a pureza de sangue em 1496. Dom Manuel, o Venturoso, lança o Édito de Expulsão dos judeus não convertidos ao catolicismo. Somente mouros e judeus eram considerados inicialmente sangue infecto. A medida, no entanto, se estende em 1514 a 1521 aos cristãos-novos, ciganos, indígenas e mestiços.

O negro e o mulato não escapam à sentença: são lembrados a partir de 1603 nas Ordenações Filipinas. Os infectados e seus descendentes eram impedidos de ocupar cargos públicos, de seguir carreira eclesiástica e de receber honrarias. Muitos negros e mulatos religiosos são encontrados neste período, pois que, venceram a restrição e se projetaram na vida devocional. Os ciganos foram expulsos de Portugal e de todos os seus territórios, por Carta Régia de 23 de agosto de 1724. Estavam lançados os primórdios da xenofobia.

Nos Estados Unidos, o sangue é sinônimo de relação e de descendência. O *one drop rule* americano é a regra básica de uma gota de sangue para se ser descendente de preto, que é como eles se tratam por lá. Negro é um termo pejorativo nos EUA. A expressão “avo de sangue” diz respeito a antepassados; ancestrais. Por exemplo, a fração 1/12 (um doze avos) ou 3/12 (três doze avos) de sangue negro ou índio corresponde, que um entre doze ancestrais ou três entre doze ancestrais do indivíduo, foi negro ou índio que se leva a ser seu descendente.

A nobreza se escudava atrás do sangue “azul” ou “real” – marca de uma diferenciação e a certeza de não haver sido infectada. O conde Boulainvilliers³⁷ enfatizava haver uma aristocracia de “sangue germânico”. (COMAS, 1960, p. 39). Foi um dos primeiros a discursar temáticas raciais e de guerra das raças, sem trilhar o campo das relações biológicas, mas o histórico-cultural tão-somente. Cunha o sangue germânico de puro e como sinônimo de nacionalidade. O “sangue italiano” como descendência assegura a conquista de uma cidadania italiana. O sangue como identidade: “sangue judeu”, “sangue europeu”, “sangue africano”. Há uma linhagem de sangue e de tradição na descendência japonesa: nissei (filho), sansei (neto), yonsei (bisneto), gossei (trisaneto), nikkei (descendente), rokussei (tetraneto), shichissei (pentaneto).

A Rainha Vitória exigia exame de pureza de sangue para os indicados a cargos de confiança na Índia. Na Espanha era conhecida a divisão teológica das castas: Velhos Cristãos (espanhóis puro de sangue) e Cristãos Novos (judeus convertidos ao Cristianismo a partir de 1381), por força dos Estatutos de Pureza de Sangue. (POLIAKOV, 1971, p. 4). A Espanha distinguia os que nasciam no país (denominados Peninsulares) e os crioulos (descendentes de espanhóis nascidos na América e os brancos nascidos nas colônias espanholas) dos demais grupos, como forma de atestar e manter a pureza de sangue. Os descendentes de judeus eram chamados pela Inquisição de Gente de Nação.

Lope de Veja³⁸ gabava-se de sua origem: “Sou um homem que, ainda de casta plebeia, sou limpo de sangue, jamais manchada pelo hebreu ou pelo mouro”. (VEJA, 1995, p. 119). Diz-se haver o credo sobre ele: “Creio em Lope de Veja, o Onipotente, poeta do céu e da terra.” (TAVARES, 1969, p. 142).

Variantes do termo sangue usados como figura de linguagem: “Tenho sangue brasileiro correndo nas veias”, “O sangue de meu time corre em minhas veias.” Uso irônico: sangue de barata (pessoa sossegada, que não se incomoda com nada). Gírias: sangue bom, sangue ruim.

³⁷ BOULAINVILLIERS, Conde Henri (1658-1722): historiador e escritor francês.

³⁸ CAPRIO, Félix Lope de Veja y (1562-1635): fundador da comédia espanhola, escritor, dramaturgo, autor de peças teatrais nascido em Madrid. Autor de Perbáñez y El Comendador de Ocaña (1609-1612) que o consagra. Produz cerca de 1800 comédias e mais de 400 autos e muitos entremeses (TAVARES, 1969, p. 142).

1.5 Em busca da igualdade com o cristianismo

Somos iguais apesar das diferenças. Se, portanto, somos todos iguais, quem teria sido formado primeiro: Nós, ou o outro? Os questionamentos sobre a origem humana começam com o cristianismo passando de escolas teológicas para as correntes filosófico-científicas.

Argumentação da origem humana dos homens vai da criação bíblica à evolucionista.

Aristóteles compara os animais com os homens e exalta a grandeza destes sobre os animais, assim descrevendo:

No homem, o alto e o baixo estão em estreita relação com o alto e o baixo no universo [...] os outros animais não tem estas distinções, ou, se as têm, elas se apresentam neles muito mais confusas [...] todos os animais têm a cabeça no alto em relação a seu corpo; mas o homem é o único, em sua perfeição, que apresenta esta parte em relação com o eixo do mundo [...] (ARISTÓTELES, História dos animais, 1, I, XV, 494 apud POLIAKOV, 1971, p. 143).

Camper³⁹ defende o negro como criação de Deus em 1757 na Prússia diante de Meckel.⁴⁰ Meckel tenta provar depois de dissecar cadáveres de *negros, que* “o cérebro deles era mais escuro que dos europeus, e que o sangue deles era negro, tão negro, que em vez de avermelhar a roupa branca, como faz o sangue ordinariamente a enegrecia”. Conclui dizendo, que os negros formam “quase outra espécie de homens, por referência à estrutura interior”. (POLIAKOV, 1971, p. 138). Ao que Camper responde:

A falta de hábito de ver negros, provavelmente lhe inspirou uma espécie de repugnância por sua cor [...]. Resolvi então tratar desta matéria interessante para lançar, se possível, alguma luz sobre esta verdade da religião cristã, segundo a qual, no começo do mundo, Deus criou um único homem, que foi Adão, a quem devemos nossa origem, sejam quais forem os traços da face e a cor da pele que nos distingam [...]. (POLIAKOV, 1971, p. 138).

Camper ainda exorta os europeus a “estender a mão fraterna aos negros, e a reconhecê-los como descendentes do primeiro homem, que nós todos consideramos nosso pai comum”. (POLIAKOV, 1971, p. 138).

³⁹ CAMPER, Pierre (1722-1789): anatomista holandês.

⁴⁰ MECKEL, Johann Friedrich (1781-1833): anatomista alemão.

O marquês de Condorcet⁴¹ reconhece o negro como sendo de mesma origem do branco. Diz ele: “Embora não seja da mesma cor que vós, sempre vos considerarei como irmãos. A natureza vos formou para ter o mesmo espírito, a mesma razão, as mesmas virtudes que os brancos.” (POLIAKOV, 1971, p. 146).

Monogenismo (visão bíblica). Do grego, *monos*, “único” e *genos* “geração”. No latim: *mono*, um e *genus*, raça. De um só casal descende todo o gênero humano (Gênesis 2. 5; 3. 20; Hebreus 2. 11). Adão, o primeiro homem (1ª Coríntios 15.21-45; Romanos 5.12, 14, 17). De Paulo de Tarso em Atos dos Apóstolos: “E de um só fez todas as raças dos homens, para habitarem sobre toda a face da terra, determinando-lhes os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação.” (BÍBLIA ANOTADA, 1991, p. 1388). Em Romanos 10.12 temos que “de sorte que não há distinção entre judeus e gregos, pois ele é Senhor de todos, rico para todos os que o invocam”. (BÍBLIA ANOTADA, 1991, p. 1424).

Santo Agostinho formula a doutrina monogenista que defende em “A Cidade de Deus”. O Concílio de Trento proclama que “o primeiro homem, Adão, transgrediu o mandamento de Deus”. (Sessão 5, Cânon, 1).

Unidade filogenética. Todos os homens procedem de um casal humano.

Unidade ontogenética. Todos os homens são da mesma espécie.

Monofiletismo. Todos os homens são de origem do mesmo tronco; de um só casal.

Há os que defendem um só criador como Malebranche⁴² que dizia que “todas as árvores apresentam-se em pequena dimensão no germe de sua semente”, e os como Buffon que defendem uma unidade do gênero humano. Buffon dizia:⁴³ “Tudo concorre, portanto, para provar que o gênero humano não é composto de espécies essencialmente diferentes entre si; que, ao contrário, houve apenas uma espécie de homens.” (TODOROV, 1993, I, p. 113). Antônio Vallisneri⁴⁴ não difere da afirmação anterior. Com outras palavras, mas com o

⁴¹CARITAT, Marie Jean Antoine Nicolas [marquês de Condorcet] (1743-1794): matemático e filósofo francês.

⁴²MALEBRANCHE, Nicolas (1638-1715): filósofo francês.

⁴³LECLERC, Georges-Louis [conde de Buffon] (1707-1788): matemático, escritor e naturalista francês.

⁴⁴VALLISNERI, Antônio (1661-1730): médico e naturalista italiano.

mesmo sentido dita que "em Adão, pois, foi criado todo o gênero humano que existiu; que atualmente existe e que existirá até o fim do mundo".

Da descendência de Noé é que vem a origem dos povos (Gênesis 8.22) segundo a Bíblia. Seus filhos foram os remanescentes da Terra pós-diluviana. Disse Moisés: "Este três foram os filhos de Noé. E destes se povoou toda a terra" (Gênesis 9. 18,19). **Sem, Cão e Jafé**. Os filhos de SEM habitaram o Oriente e foram elamitas, caldeus, assírios, lídios, sírios e judeus (Gênesis 10.21-22). Os filhos de CÃO deram origem às raças turanianas e negras que habitaram as terras da África na costa oriental do Mar Mediterrâneo: Etiópia, Egito, Arábia do Sul, Palestina e o grande vale dos rios Tigres e Eufrates. São povos da África e parte da Ásia, no Oriente próximo e Médio (Gênesis 10.6-20). Os filhos de JAFÉ habitaram a península caucásica (cadeia de montanha entre o Mar Cáspio e o Mar Negro) da Europa e a Ásia ocidental, de leste a oeste (Gênesis 10.25). **Gômer** dá origem aos alemães, suíços, celtas, escandinavos (sueco-dinamarqueses ou nórdicos orientais; noruegueses ou nórdicos-ocidentais, finlandeses e islandeses: povos nórdicos do Norte da Europa ou Europa Nórdica), aos belgas, anglo-saxões, teutões, eslavos (poloneses e tcheco-eslovenos, ocidentais; aos ucranianos e russo, orientais, eslovenos, búlgaros e servo-croatas, meridionais) e aos goters.

Magogue dá origem aos citas e russos; **Madai** aos hindus e persas; **Javã** aos latinos, franceses e gregos; **Tubal** à Turquia; **Meseque** aos bárbaros; **Tiras** à Bulgária e à Grécia. Outros povos do mesmo tronco: cimérios, bárbaros, jônios, medo e armênios (MONTEIRO, 1997, p. 90). Isidoro de Sevilha⁴⁵ atribui a Tubal a origem dos iberos e a Magogue, os visagodos (POLIAKOV, 1971, p. 3). Isidoro vivencia os visagodos, pois nascera nessa época em Sevilha.

Hornius⁴⁶ divide num livro de 1666, a posteridade de Noé da seguinte maneira:

Os jaféticos tornaram-se os brancos, os semitas tornaram-se os amarelos, os camitas tornaram-se os negros: portanto, à história e à mitologia foi acrescentada uma espécie de princípio de classificação, um princípio ao qual progressivamente cederiam o lugar: a cor da epiderme. (POLIAKOV, 1971, p. 118).

⁴⁵ SEVILHA, Isidoro de (560-636 d.C.): matemático, teólogo, doutor da igreja e bispo de Servilha, Espanha.

⁴⁶ HORNIUS, Georgius (1620-1670): historiador e geógrafo alemão.

Monogenistas: Quatrefages,⁴⁷ Buffon, Cuvier,⁴⁸ Prichard,⁴⁹ Blumenbach,⁵⁰ Buchanan,⁵¹ Rousseau,⁵² Herder.⁵³ Entre os monogenistas havia os “adamitas” que admitiam a versão bíblica na íntegra e os que faziam a leitura bíblica somado ao enfoque científico.

Trombetti⁵⁴ defende a *monogenesis*, isto é, o monogenismo linguístico. A Enciclica *Humani Generis* do Papa Pio XII defende o monogenismo (Parte III, Capítulo I, 1950, notas 70 e 78).

Para não ser igual ao outro se julgando superior aos semelhantes, alguns homens questionam sua forja e formulam classificações para distinguir as origens. O poligenismo, portanto, é a teoria segundo a qual o ser humano não tem origem comum. Poligenistas: Agassiz,⁵⁵ Le Bon, Gobineau, Morton,⁵⁶ Taine,⁵⁷ Buckle,⁵⁸ Hipócrates,⁵⁹ Nott,⁶⁰ Gliddon,⁶¹ Hume,⁶² White,⁶³ Long,⁶⁴ Kames⁶⁵ etc.

Voltaire⁶⁶ com todo preconceito religioso enfatiza haver variedades de espécies humanas. Diz que:

Tenho boas razões para crer que ocorre com os homens o que ocorre com as árvores: as pereiras, os abetos, os carvalhos e os pés de abricó não vêm de uma só árvore, e os brancos barbudos, os negros de lã na cabeça, os amarelos de crinas e os homens sem barba não vêm do mesmo homem. (TODOROV, 1993, I, p. 117).

⁴⁷ ARMAND, Jean Louis Armand [Quatrefages de Breau] (1810-1892): antropólogo francês.

⁴⁸ CUVIER, Jean Leopold Nicolas Frédéric [Barão George Cuvier] (1769-1832): anatomista francês.

⁴⁹ PRICHARD, James Cowles (1786-1848): médico e etnólogo inglês, com trabalhos publicados na área de antropologia.

⁵⁰ BLUMENBACH, Johannes Friedrich (1752-1840): médico e fisiologista alemão; um dos fundadores da antropologia.

⁵¹ BUCHANAN, James (1791-1868): advogado e político estadunidense.

⁵² RUSSEAU, Jean-Jacques (1712-1778): filósofo, iluminista, escritor suíço, autor de teorias políticas e de educação.

⁵³ HERDER, John (1744-1803): antropólogo alemão.

⁵⁴ TROMBETTI, Alfredo (1866-1929): linguista italiano.

⁵⁵ AGASSIZ, Louis (1807-1873): geólogo e explorador francês que integra a Expedição Thayer no Brasil.

⁵⁶ MORTON, Samuel George (1799-1851): médico e frenologista norte-americano.

⁵⁷ TAINE, Hippolyte Adolphe (1828-1893): historiador e crítico francês.

⁵⁸ BUCKE, Henry Thomas (1821-1862): historiador inglês.

⁵⁹ Hipócrates (460-377 a.C.): grego creditado como o pai da medicina.

⁶⁰ NOTT, Josiah Clark (1804-1873): médico e teórico de raça que torna comum a teoria do poligenismo.

⁶¹ GLIDDON, George Robins (1809-1857): egíptólogo e um dos idealizadores da antropologia física; frenologista.

⁶² HUME, David (1711-1776): filósofo, historiador e iluminista escocês.

⁶³ WHITE, Charles (1728-1813): médico e cirurgião inglês

⁶⁴ LONG, Edward (1734-1813): historiador e escritor inglês.

⁶⁵ Henry Kames [lord] (1696-1782): filósofo escocês iluminista.

⁶⁶ VOLTAIRE, François Marie Aruet (1694-1778): filósofo francês iluminista.

No Tratado de Metafísica (*Traité de Métaphysique*) de 1734 refuta-se a idéia de uma origem única para o homem e diz que “um homem vestido de uma longa sotaina negra, os brancos barbados, os negros de lã, os amarelos de crina, e os homens sem barba, não vêm do mesmo homem”. (POLIAKOV, 1971, p. 152). Conclui dizendo que “só a um cego é permitido duvidar de que os brancos, os negros, os albinos [...] são de raças inteiramente diferentes”. (POLIAKOV, 1971, p. 153).

Taine, pensador racista, para quem o homem podia ser compreendido pelo momento histórico, raça e meio ambiente, nega que “gregos, bárbaros, hindus, homem da renascença e o homem do século XVIII fossem todos forjados no mesmo moldes.” (COMAS, 1960, p. 15).

Scotus⁶⁷ opta pela existência de homens pré-adâmicos quando afirma que: “houve homens antes de Adão”. Segundo ele: “Adão foi feito por estes homens, de onde se segue que o mundo existiu desde sempre, e que foi habitado por homens desde sempre”. (POLIAKOV, 1971, p. 106).

Silvio Romero defende o poligenismo e cita outros nomes comprometidos com esta maneira de pensar, como esclarece: “Eu acredito na origem poligenista do homem, defendida por Morton, Nott, Agassiz, Littré⁶⁸ e Broca⁶⁹.” (ROMERO, 1943, I, p. 91).

Atkins⁷⁰ atribui pais diferentes para raças diferentes e defende que “embora isto seja um pouco heterodoxo, estou convicto de que a raças branca e negra descendem *ob origine*, de primeiro pais de cor diferente.” (POLIAKOV, 1971, p. 152). Hume aponta que pontos geográficos da Terra são determinantes para diferenciar as espécies ao escrever que “todas as nações que vivem além do círculo polar ou entre os trópicos são inferiores ao resto da espécie”. (POLIAKOV, 1971, p. 154).

No verbete *Nègres* Diderot⁷¹ e D’Alembert⁷² enciclopedistas poligenistas discorrem que os negros são uma outra espécie. Escrevem que:

⁶⁷ SCOTUS, Thomas: monge espanhol.

⁶⁸ LITTRÉ, Émile M. Paul (1801-1881): lexicógrafo e filósofo Frances.

⁶⁹ BROCA, Paul Pierre (1824-1880): um dos ícones da antropologia física francesa.

⁷⁰ ATKINS, John (1685-1757): médico inglês.

⁷¹ DIDEROT, Denis (1713-1784): filósofo e escritor francês.

⁷² D’ALEMBERT, Jean Le Rond (1717-1783): filósofo, matemático e físico francês.

[...] não somente sua cor os distingue, mas diferem dos outros homens por todos os traços de seu rosto, dos narizes largos e chatos, dos grossos lábios e da lã no lugar de cabelos, que parecem constituir uma nova espécie de homens. Se nos distanciarmos do Equador para o pólo antártico, o negro clareia, mas a feiúra permanece: encontramos igualmente este povo feio que habita a ponta meridional da África [...]. (POLIAKOV, 1971, p. 145).

Outros descrevem os traços raciais do negro como “feio” e lhe imputa uma série de outras atribuições discriminatórias dado à imagem, a origem e os valores étnicos. Meiners⁷³ detrata o negro quando afirma que

[...] somente os povos brancos, sobretudo os povos celtas, possuem a verdadeira coragem, o amor da liberdade, e outras paixões e virtudes das grandes almas [...]. Os povos negros e feios diferem deles por uma deplorável ausência de virtude e por muitos vícios terríveis. A maior parte das nações negras e feias unem à irritabilidade devida à sua fraqueza, uma insensibilidade revoltante com relação às alegrias e aos sofrimentos; uma dureza implacável e uma falta quase total de impulsos e de sentimentos simpáticos. (POLIAKOV, 1971, p. 156).

Prichard introduz a hipótese de que Adão fosse negro. (HARRIS, 1985, p. 82).

Duas sociedades científicas se destacam durante as disputas monogenistas e poligenistas que ocupam entre 1800 a 1859 a literatura antropológica: a Etnológica de cunho darwinista e monogenista fundada em 1842, da qual faziam parte Taylor,⁷⁴ Lubbock, Galton, Wallace, Huxley entre outros; e a Antropológica de Londres, fundada em 1863, dissidente da primeira e de cunho antidarwinista e poligenista, liderada por Hunt⁷⁵ e Burton.⁷⁶ (TORT, 2004, p. 141).

Com a publicação de “As Origens das Espécies” de Darwin⁷⁷ em 1859, os poligenistas não tiveram mais razão de existir e Huxley aproveita para propor reconciliação aos grupos. Hunt estava disposto a aceitar as teses de Darwin, mas mesmo assim, resolve separar uma parcela do grupo, em razão de divergência de opiniões e fundar a Sociedade Antropológica de Londres. Os

⁷³ MEINERS, Christoph (1747-1810): filósofo e naturalista alemão.

⁷⁴ TAYLOR, Edward Burnett (1832-1917): antropólogo inglês; LUBBOCK, John (1834-1913) banqueiro, mas voltado para os temas antropológicos e sociais; GALTON, Francis (1822-1911) antropólogo, matemático e eugenista; WALLACE, Alfred (1823-1895) naturalista, geógrafo e antropólogo inglês; HUXLEY, Thomas Henry (1825-1895) biólogo inglês; BURTON, Richard Francis (1821-1890) geógrafo, antropólogo e filólogo inglês.

⁷⁵ HUNT, James (1833-1869): médico e antropólogo inglês.

⁷⁶ BURTON, Richard Francis (1821-1890): poliglota, etnólogo e escritor inglês.

⁷⁷ DARWIN, Charles Robert (1809-1882): naturalista inglês.

poligenistas seguem como críticos da Bíblia e partidários do cientificismo. Os monogenistas seguem com o seu conservadorismo.

1.6 Teorias das raças e a introdução do racismo científico

As teorias e os conceitos sobre raça e espécie foram formulados no decorrer dos séculos XVII, XVIII e XIX por representantes da antropologia física (ou biológica), da antropologia cultural (ou social), por filósofos, sociólogos, naturalistas, escritores, matemáticos, moralistas, teólogos, historiadores, poetas e homens públicos.

O expediente foi desenvolvido no campo científico envolvendo elementos com critérios biológicos, genéticos e anatômicos e um conjunto de fatores sustentados por julgamentos e escalas de valores, para exprimir o processo social, ideológico, político e religioso que consolida a divisão humana.

A taxonomia, área desenvolvida na História Natural do século XVII e que consiste na ciência de classificação dos seres vivos, teve grande implicação nos trabalhos, com a divisão e nomenclatura de subespécies humanas dada pelos estudiosos.

Hipócrates⁷⁸ opina que “as diferentes raças humanas constituiriam espécies diversas, equivalente a tipos”. (SCHWARCZ, 1993, p. 49).

De origem comum; e biologicamente iguais em variedades de mesma espécie, as diferenças humanas são por suas particularidades morfológicas, psíquicas, fisiológicas e somáticas: cor da pele e conformação dos olhos; cor e tipo de cabelos, forma do crânio e do rosto.

D’Anghera⁷⁹ em cartas e roteiros de viagens de 1516 faz menção a índios, negros, etíopes e brancos (POLIAKOV, 1971, p. 110). Bernier⁸⁰ em 1684 torna-se, o pioneiro na classificação das raças. Apresenta as características dos europeus, dos africanos, dos chineses, japoneses e dos lepões. (POLIAKOV, 1971, pp. 110-118 apud AZEVEDO, 2004, p. 17).

⁷⁸ Hipócrates (640-377 a.C.): considerado pai da medicina nasceu em Cós, no Dedecaneso. O Juramento usado na cerimônia de colação de grau nas formaturas em medicina leva seu nome.

⁷⁹ D’ANGHERA, Pedro (1457-1526): capelão e historiador do tribunal espanhol a serviço do rei Ferdinand II de Aragão e da rainha Isabel I, de Castela.

⁸⁰ BERNIER, François (1625-1688): antropólogo e médico francês.

Carlos Linneo,⁸¹ o primeiro a dividir as espécies denominadas europeia, asiática e africana em 1758; cria a classificação no sistema da natureza através de três reinos, de acordo com as classes, ordens, gêneros e espécies com caracteres, sinônimos, lugares. Nessa classificação surge o *Homo Sapiens* em que reconhece as seguintes variedades do homem: *Europaeus albus*: [...] engenhoso, inventivo [...] branco, sanguíneo [...]. É governado por leis. *Americanus rubescens*: contente com sua sorte, amante da liberdade [...], moreno, irascível [...]. É governado pelos costumes. *Asiaticus luridus*: orgulhoso, avaro [...] amarelo, melancólico [...]. É governado pela opinião. *Afer Níger*: [...] astuto, preguiçoso, negligente [...] negro, fleumático [...]. É governado pela vontade arbitrária de seus senhores. (POLIAKOV, 1971, p. 137).

Blumenbach (1775) classifica as raças humanas como *caucasiana* (branca), *mongólica* (amarela abrangendo oriente asiático e central; excluindo os povos do sudeste e das ilhas do Pacífico), *negróide* (negra) e *norte-americana* (peles vermelhas, os indígenas). Meiners (1785) classifica os homens em dois grandes grupos com argumentação estética: “bonitos” ou “belos” os de cor clara (raça branca) e os “feios” aos demais. Em especial os da pele escura (raça negra). Meiners, o fundador da “teoria da raça”, considera os eslavos de traços inferiores e diz sobre eles o seguinte:

Os senhores alemães eram obrigados a tratar seus servos wendes com muito mais dureza do que outros servos, pois a experiência ensinava que somente por meio da vigilância mais severa e dos castigos indispensáveis é que podiam ser levados para o bem e desviados do mal [...]. (POLIAKOV, 1971, p. 157).

Cuvier (1790) subdivide as espécies humanas em *caucasiana*, *mongol* e *Etíope* e estabelece a escola do racismo científico. Classificação de Ambrósio Fleming: *africana* (negra e turianiana), *mongólica* (amarela), *caucasiana* (branca originada no Cáucaso).

Ottolenghi⁸² entende haver 5 tipos fundamentais de raças humanas, como descreve: “Caucásico, mongólico, negro, indiano e australóide”. (VALLIM, [s/d], p. 25).

⁸¹ LINNEO, Carlos (1706-1778): naturalista sueco.

⁸² OTTOLENGHI, Salvatore (1861-1934): médico legista italiano.

Classificação por Cheboksarov:⁸³ negróide-australóide, o afro-oceânica, o equatorial; europóide, o eroasiática; mongolóide, o asiáticoamericana. (NESTURJ, 1976, p. 20).

Nesturkh⁸⁴ classifica as raças como: africanas (negras e turianianas), mongólica (amarela), caucasiana (branca). Cheboksárov⁸⁵ como negróide, afro-oceânica e equatorial, europóide-euroasiático, mongolóide, asiático americana. Ripley⁸⁶ como negróide (negra), mongolóide (amarelo-escuro), caucasóide (branca). Stoddard⁸⁷ defende a eugenia e declara a raça branca como “senhora do mundo”. (PALLMARES-BURKE, 2005, p. 284).

Boyd⁸⁸ que propõe a divisão das raças por grupos sanguíneos, depois de haver estudado a distribuição dos genes de grupos distintos, segundo o sistema de classificação de sangue de Rhesus, estabelece 5 raças: caucasóide (branca), negróide (negra), mongolóide (amarela), americano-índia e australóide. (NESTURJ, 1976, p. 21).

À raça branca, Gobineau com a publicação de *Essai sur l'inégalité des races humaines* (Ensaio sobre as desigualdades das raças humanas) dá toda perfeição e purezas inigualáveis; o melhor do gênero humano como exalta:

Superioridade de beleza, de justeza na proporção dos membros, de regularidade nos traços. A beleza da aparência física é percebida como o sinal da eleição: os melhores dos humanos, os que são considerados ser os mais aptos para a civilização, são necessariamente os mais belos. A força, a inteligência e a beleza são por assim dizer monopolizada pela raça branca. (NESTURJ, 1976, p. 21).

Montabert⁸⁹ seguindo a classificação europeia da estética branca ditada por Hugo,⁹⁰ Goethe,⁹¹ Fourier⁹² e outros em 1837 e introduzida no Brasil pela literatura em circulação, idealiza um manual de orientação ao artista, estritamente racista e nestes teores:

⁸³ CHEBOKSAROV, Nikolai Nikolaevich (1879-1953): antropólogo russo.

⁸⁴ NESTURKH, Mikhail Fedorovic (1895-1979): antropólogo russo.

⁸⁵ CHEBOKSÁROV, M. N. (1878-1932): cientista russo.

⁸⁶ RIPLEY, William Zebina (1867-1941): economista e teórico racial.

⁸⁷ STODDART, Lothrop (1883-1950): historiador, eugenista e advogado norte-americano.

⁸⁸ BOYD, William Clouser (1903-1983): geneticista e sorologista norte-americano.

⁸⁹ MONTABERT, Jacques Nicolas Paillot de (1771-1849): pintor e teórico francês.

⁹⁰ MARIE-HUGO, Victor (1802-1885): escritor e poeta francês.

⁹¹ GOETHE, John Wolfgang von (1749-1832): escritor alemão.

⁹² FOURIER, Charles (1772-1837): socialista francês.

O branco é o símbolo da divindade ou de Deus. O negro é o símbolo do espírito do mal e do demônio.
 O branco é o símbolo da luz...
 O negro é o símbolo das trevas, e as trevas exprimem simbolicamente o mal.
 O branco é o emblema da harmonia.
 O negro o emblema do caos.
 O negro significa a beleza suprema.
 O negro, a feiúra.
 O branco significa a perfeição.
 O negro significa o vício.
 O branco é o símbolo da inocência.
 O negro, da culpabilidade, do pecado ou da degradação moral.
 O branco, cor sublime, indica a felicidade.
 O negro, cor nefasta, indica tristeza.
 O combate do bem contra o mal é indicado simbolicamente pela oposição do negro colocado perto do branco. (SANTOS, 2002, p. 58).

Ferry⁹³ discursa no Parlamento francês em 28 de julho de 1885 e justifica que a raça branca é superior e deve explorar e dominar as inferiores:

As raças superiores têm um direito perante as raças inferiores. Há para elas um direito porque há um dever para elas. As raças superiores têm o dever de civilizar as inferiores [...]. Vós podeis negar, qualquer um pode negar que há mais justiça, mas ordem material e moral, mais equidade, mais virtudes sociais na África do Norte desde que a França a conquistou? (MESGRAVIS, 1994, p. 14).

Por tudo, Cáucaso, cadeia de montanhas formada desde as margens do Mar Negro até a costa do Mar Cáspio ao sul da Rússia, é eleito o norte ideológico da raça branca superior. A significação do termo caucasiano (a) foi dada por Blumenbach a partir do exame do crânio de uma mulher branca originária da região e que inaugurava a craniometria.

A Europa, a Ásia e a África são, respectivamente, os núcleos principais de concentração de ancestralidades das raças caucasiana, africana e mongolóide, que se espalharam pelo mundo.

Caucasiana (ou europóides, europeus, caucasianos) está associada à raça branca. Características principais: pigmentação da pele entre branco e o castanho, cabelos ondulados ou lisos entre o louro e o preto, barba e bigodes abundantes, olhos castanhos e acentuada pálpebra superior. (NESTURJ, 1976, p. 27).

⁹³ FERRY, Jules François Camiel (1832-1893): político, advogado, jornalista, maçom e positivista francês. Ministro da educação por ocasião do pronunciamento.

Defensores da supremacia racial branca: Spencer, Kidd,⁹⁴ Summer,⁹⁵ Bagehot,⁹⁶ Ratzenhofer,⁹⁷ Giddings,⁹⁸ Ammon⁹⁹ entre outros.

Africana (ou negróide) está associada à raça negra tendo o continente africano como núcleo principal de ancestralidade. O negro tem a pigmentação da pele mais abundante. Espalha-se para todo o mundo com a escravidão negra no século XVI. Características principais: cutis, cabelos e olhos escuros. Cabelos enrolados ou espirais, nariz achatado, boca grande, lábios grosso, bigode ralo e poucos pelos pelo corpo. (NESTURJ, 1976, p. 21).

Mongolóide está associada à raça amarela (japonesa, chinesa, coreana etc.) tendo a Ásia Oriental (leste-asiático) como núcleo principal da ancestralidade. Propaga-se para a Oceania e através da Rússia chega à Europa. Um dos ramos mongolóide dá origem aos índios que povoaram as Américas adentrando o continente americano pelo estreito de Bering, segundo se acredita. Características principais: pele bronzeada ou clara, com matiz amarelo-escuro; cabelos lisos, escuros e duros, olhos castanhos, lábios finos, barba e bigode ralos e espessas pálpebras superiores. (NESTURJ, 1976, p. 30).

Na escala de desenvolvimento entre as três raças, a mongólica é colocada acima da negra e a caucásica, acima da mongólica. (KLINEBERG, 1966, p. 31).

A crença na superioridade da raça branca firma-se com o domínio e colonização europeia. Gobineau torna a raça branca sinônimo da germânica. Müller, Spencer¹⁰⁰ e Chamberlain, sinônimo da ariana. Lapouge¹⁰¹ sinônimo da nórdica.

O europeísmo dominante mostra toda a sua força e apresenta sua representação racial estabelecida por seus antropólogos naturais ou por simpatizantes do sistema. Mendel¹⁰² admite a seguinte divisão: Caucasóides, ou brancos (leucodermos), mongolóides, ou amarelos (xantodermos), e

⁹⁴ KIDD, Benjamin (1858-1916): filósofo inglês.

⁹⁵ SUMMER, William Graham (1840-1910): economista e sociólogo; é considerado o introdutor do termo "etnocentrismo".

⁹⁶ BAGENOT, Walter (1826-1877): ensaísta e jornalista britânico.

⁹⁷ RATZENHOFER, Gustav (1842-1904): filósofo e sociólogo austríaco.

⁹⁸ GIDDINGS, Franklin Henry (1835-1931): sociólogo e economista norte-americano.

⁹⁹ AMMOM, Otto (1842-1916): antropólogo e sociólogo alemão.

¹⁰⁰ SPENCER, Herbert (1820-1903): filósofo inglês.

¹⁰¹ LAPOUGE, George Vacher (1854-1936): antropólogo francês.

¹⁰² MENDEL, Gregor Johann (1822-1884), monge agostiniano e botânico, austríaco.

negróides, ou negros (melanodermos). (BIBLIOTECA SALVAT, 1981, pp. 29-30).

Segundo a analogia de Deniker,¹⁰³ esta é a divisão racial europeia:

A) Raças morenas na Europa: **ibero-insular** (dolicocefala), **cevenole** ou **ocidental** (braquicefala), **litoral** ou **Atlanto-Mediterrânea** (subdolicocefala) que admite uma raça secundária denominada **Norte - Ocidental** (subdolicocefala), de cabelos castanhos; **adriática** ou **Dinárca** (braquicefala) admite uma raça secundária (subadriática), menos braquicefala cabelos castanhos. Características físicas: cabelos ondulados, escuros ou negros; olhos escuros. (RAMOS, 1962, p. 13).

B) Raças loiras na Europa: **Nórdica**, **Kimrica** (de Broca), **Germânica**, **Homo Europeus** (de Lapouge). Características físicas: cabelos ondulados, loiros; olhos claros. (RAMOS, 1962, p. 13).

Günther¹⁰⁴ divide a população europeia em nórdica, adriática, Oriente Báltico Ocidental e Oriental, mediterrânea, alpina.

Montandon¹⁰⁵ estabelece uma classificação para as raças europeias aproveitando a divisão de Ripley e de Deniker:

Raça loura (teutônica, de Ripley), nórdica, subnórdica, norte-ocidental, oriental e vistuliana de Deniker; raça Alp-Armerniana (Alpina, de Ripley), Ocidental, Adriática e Subadriática, de Deniker; raça morena ou mediterrânea (ibero-insular e atlanto-mediterrânea de Deniker. (RAMOS, 1962, p. 14).

Os tipos europeus são assim reconhecidos por Ripley¹⁰⁶ em 1899:

- a) Tipo teutônico (nórdico de Deniker);
- b) Tipo alpino (Homo Alpinus de Lapouge, Celto-Eslavo dos franceses, Ocidental de Deniker);
- c) Tipo meneo de Deniker. (RAMOS, 1962, pp. 13, 14).

Raça Alpina (braquicefala) ou tipo europeu do central; de estatura mais baixa e de pele mais escura, que o tipo europeu do norte. Predominância: Suíça, Áustria, sul da Alemanha, centro da França, território valão da Bélgica, norte da Itália, Rússia, sul da Polônia, Balcãs, parte da Ásia ocidental e central

¹⁰³ DENIKER, Joseph (1852-1918): antropólogo norte-americano.

¹⁰⁴ GÜNTHER, Hans Friedrich Karl (1891-1968): eugenista alemão.

¹⁰⁵ MONTANDON, Alexis George (1879-1944): antropólogo suíço.

¹⁰⁶ RIPLEY, William Zebina (1867-1941): economista norte-americano.

(KLINEBERG, 1966, p. 23); Alpes, Boêmia, Alemanha meridional, parte da Ucrânia (BIBLIOTECA SALVAT, 1981, p. 64).

Raça Mediterrânea (dolicocefala) ou tipo europeu do sul é de estatura mais baixa e de pele mais escura. Predominância: Espanha, Portugal, sul da França, sul da Itália, Grécia, norte da África, partes da África oriental, Arábia, Pérsia e Índia (KLINEBERG, 1966, p. 23); ilhas do Mediterrâneo (BIBLIOTECA SALVAT, 1981, p. 64).

Raça Nórdica (dolicocefala) ou tipo europeu do norte; de estatura elevada, cabelos louros, olhos azuis, pele clara. Predominância: Países escandinavos, Inglaterra, Escócia, norte da Alemanha, norte da França, Holanda, parte flamenga da Bélgica (KLINEBERG, 1966, p. 23); Finlândia, Dinamarca, Polônia e litoral báltico. (BIBLIOTECA SALVAT, 1981, p. 63). O “homem branco por excelência” dizia Freyre. (PALLARES-BURKE, p. 287).

Raça anglo-saxônica dá formação aos Estados Unidos da América e é eleita, proclamada e defendida pelos filhos da terra, como aquela, a que se atribui ser a cabeça dominante das nações, para influenciar, liderar e comandar o mundo, com palavras de ordem: obedecei; sujeitai-vos. O rev. Mendonça (2008, p. 93) cita em “O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil” a declaração de um ministro metodista americano, que assim se expressa:

Deus esta usando os anglo-saxões para conquistar o mundo para Cristo, o fim de despojar as raças fracas e assimilar e moldar outras. O destino religioso do mundo está nas mãos dos povos de fala inglesa. À raça anglo-saxã, Deus parece ter entregue a empresa de salvação do mundo.

Taft,¹⁰⁷ 20º presidente dos EUA (1909-1913), ao assumir o governo declara em bom tom para o mundo, que “todo o hemisfério ocidental nos pertencerá, de fato, devido à superioridade de nossa raça, pois moralmente já nos pertence”. (S.R., JORNAL HORA DO POVO, Ano XX, Edição 2.739, de 4 e 5 de fevereiro de 2009).

Meville,¹⁰⁸ autor do romance *Moby Dick* num profundo sentimento nacionalista declara que “nós americanos somos um povo peculiar, escolhido, o Israel de nosso tempo; carregamos a arca das liberdades do mundo. O resto

¹⁰⁷ TAFT, William Howard (1857-1930): jurista e político.

¹⁰⁸ MEVILLE, Herman (1819-1891): escritor e romancista norte-americano.

das nações precisa, brevemente, estar na nossa retaguarda”. (S. R., JORNAL HORA DO POVO, 2009).

Os Estados Unidos se manifestam sobre o seu expansionismo que o consolidaria como a nação mais poderosa do mundo nos termos que se seguem, segundo *O New Orleans Creole Courier*, de 27/1/1855: “A pura raça anglo-americana está destinada a estender-se por todo o mundo com a força de um tufão. A raça hispano-mourisca será abatida.” (S. R. JORNAL HORA DO POVO, 2009).

Diante das conquistas e domínio dos Estados Unidos declara o 15º presidente (1857-1861) Buchanan que “a expansão dos EUA sobre o continente americano, desde o Ártico até a América do Sul, é o destino de nossa raça. E nada pode detê-lo”. (S. R., JORNAL HORA DO POVO, 2009).

Whiteman¹⁰⁹ poeta, define o rumo dos Estados Unidos como potência mundial ao dizer que

[...] o que tem a ver esse México miserável e ineficiente com suas superstições, com sua paródia de liberdade, sua tirania real de poucos sobre muitos – que tem ele a ver com a grande missão de povoar o no mundo com a raça nobre? Que seja nosso lograr essa missão. (S. R., JORNAL HORA DO POVO, 2009).

Kipling¹¹⁰ escreve em 1899 o livro “O Fardo do Homem Branco” para despertar nas pessoas brancas como se fosse uma missão, repassar aos demais grupos étnicos dos Estados Unidos, noções de higiene.

Chamberlain considerava a raça saxônica a mais pura de todas. Já Romero defende no período imigratório do Brasil, a vinda de imigrantes dessa origem e justifica sua preferência da seguinte forma:

Se deve aos povos fracos aconselhar que busquem exemplo nas grandes nações criadoras; eu avisara os brasileiros das vantagens que lhes podem advir da lição das gentes anglo-germânicas, corrigindo as debilidades latinas, pois a eles estaria reservado o papel histórico, já vinte vezes cumprido, de tonificar de sangue e idéias os povos latinos, célticos e ibéricos do meio-dia. (MURARI, 2007, p. 136).

Garn¹¹¹ divide as raças em três categorias principais ou básicas, com suas subdivisões, a saber: raças geográficas ou continentais; raças locais; microrraças.

¹⁰⁹ WHITEMAN, Walt (1819-1892).

¹¹⁰ KIPLING, Joseph Rudyard (1865-1936): poeta britânico.

¹¹¹ GARN, Stanley Marion (1922-2007): antropólogo norte-americano.

Raças geográficas são aquelas separadas por obstáculos geográficos, desertos, cadeias de montanhas, oceanos, que as confinam em suas delimitações, de modo que fica dificultado e prejudicado por seu isolamento, o intercâmbio, ou seu contato com outros continentes, ilhas e populações. Restringe-se, portanto, cruzar e desenvolver as características genéticas somente entre si, pelo rito endógamo. São elas:

- 01 – Ameríndia
- 02 – Polinésia
- 03 – Micronésia
- 04 – Papua-Melanésia
- 05 – Australiana
- 06 – Asiática
- 07 – Indiana
- 08 – Europeia
- 09 – Africana (ENCICLOPÉDIA MIRADOR, 1989, p. 9542).

As raças geográficas e continentais se mantiveram afastadas de outras populações. Isso restringiu sua atuação e comunicação com outros povos como veremos:

Assim o grupo humano que se tinha habituado ao trópico dificilmente podia passar para um meio frio, nem muito menos era fácil o trânsito duma região costeira marítima para outra zona de altitude elevada. Além disso, os grandes glaciares e os obstáculos naturais, assim como a adaptação ao meio e a escassa população em cada um deles, tornava desnecessária a aventura de emigrar para grandes distâncias; somente nos casos de aumento demográfico se produzia a segmentação dos grupos e a emigração sempre para zonas relativamente próximas por parte dos indivíduos adultos jovens, que nos seus locais de origem já não encontravam solução para as procuras de subsistência.

[...] Estas adaptações locais não teriam influído decisivamente se os grupos humanos que as recebiam tivessem permanecido durante algumas gerações nos ditos habitats. Porém, as populações primitivas da primeira humanidade dependeram durante muito tempo de condições de subsistência, até ao extremo de muitas permanecerem milhares de anos nos seus nichos ecológicos. O resultado foi que só raramente estas populações se cruzaram geneticamente com outras diferentes, o que significou o desenvolvimento especializado de raças locais.

[...] Estes e outros fenômenos estão ainda insuficientemente estudados, e mostram que cada raça humana parece ter estado submetida durante muitas gerações a influências homogêneas e a condições mesológicas específicas.

Assim, produziram-se desenvolvimentos raciais em áreas geográficas contínuas e, paralelamente, desenvolveram-se certo número de atributos comuns a determinados grupos étnicos, que se podem considerar como próprios de várias populações pertencentes a uma mesma tradição genética. O fato supremo é que durante centenas de

milhares de anos, certas subdivisões da nossa espécie permaneceram isoladas em grandes territórios e puderam, por isso, realizar as adaptações seletivas que permitiriam diferenciá-los de outras subdivisões da espécie. (BIBLIOTECA SALVAT, 1981, pp. 37, 38).

Raças locais, por sua vez, são aquelas populações primitivas que se propagaram por terrenos contíguos e intercambiaram geneticamente com outros grupos aparentados, numa relação endógama. São 32 raças:

- 01 – Europeu Noroeste
- 02 – Europeu do Nordeste
- 03 – Alpina
- 04 – Mediterrânea
- 05 – Iraniana
- 06 – Africanas do leste (sudanesas)
- 07 – Sudanesas (maior parte do Sudão)
- 08 – Bantas e negros das florestas
- 09 – Túrquicas
- 10 – Tibetanas
- 11 – Chinesas do Norte
- 12 – Mongolóides clássicos
- 13 – Asiáticas do sudeste
- 14 – Hindus
- 15 – Dravidianas
- 16 – Índios Norte-americanos
- 17 – Índios da América Central
- 18 – Caribianas
- 19 – Índios da América do Sul
- 20 – Furguinas
- 21 – Lapões
- 22 – Negrilhos
- 23 – Pigmeus africanos (negritos)
- 24 – Esquimós
- 25 – Ainos
- 26 – Murraynas
- 27 – Carpentarianas
- 28 – Bosquímanos e hotentotes
- 29 – Negras norte-americanas
- 30 – Negras sul-africanas
- 31 – Ladinhas
- 32 – Neo-hawaiianas (ENCICLOPÉDIA MIRADOR, 1989, pp. 9542-43).

Microrraças são aquelas populações menos abrangentes devido às diferenças genéticas e de difícil identificação taxonômica das populações locais, pela variação humana e por fatores demográficos.

Ashey Montagu¹¹² questiona a validade da raça na concepção humana e a partir de 1950 produz uma série de trabalhos a respeito.

¹¹²MONTAGU, Ashey (1905-1999): antropólogo inglês.

E para concluirmos esta parte, “os primeiros colonizadores brancos não tinham um conceito de si mesmos como homens brancos [...]. A palavra branco, com todo o seu ônus de culpa e arrogância, só passou a ser de uso comum no final deste século”, segundo Lerone Bennett (CASHMORE, 2000, p. 97). Diz ele ainda que

[...] antes da invenção do homem negro ou branco, ou das palavras e conceitos para descrevê-los a população colonial consistia de uma grande massa de servos brancos e negros que ocupavam rudemente a mesma categoria econômica e eram tratados com a mesma ignomínia pelos senhores das plantações e políticos. (CASHMORE, 2000, p. 99).

Jan Pieterse atribui ao Islã a adoção dos negros como símbolos de demônios. A negatização da negrura ocorre com o colonialismo europeu que lhe desvaloriza e inferioriza. (CASHMORE, 2000, p. 97).

Cashmore (2000, p. 98) descreve o porquê que o raciocínio científico torna-se um movimento de resistência das elites receosas, que a escravidão se desfizesse e assim pondera:

A aplicação do raciocínio científico para a compreensão da raça e do surgimento das tipologias raciais ocorreu depois de 1790, quando o movimento abolicionista ganhou força. O racismo tornou-se uma defesa racional contra a dissolução da escravidão e serviu para fortalecer a imagem dos povos negros como naturalmente adequados para a servidão e para o trabalho.

[...] concorrendo com esse processo estava a distância entre a negrura e a escravidão. À medida que o movimento abolicionista desenvolvia uma imagem humanística dos negros, os defensores da escravidão justificavam o tratamento dos escravizados como uma propriedade, projetando um argumento racista. Sustentava-se que por serem inferiores em essência, a condição era natural. Quando a necessidade de uma barreira mais precisa e claramente definida para a distinção tornou-se uma pressão mais significativa, o critério de cor passou a ser mais útil.

1.7 Em busca do berço etnocêntrico como poder de relação e domínio

Os homens buscam relacionar a sua pátria amada com o berço da humanidade. Era dada a partida para uma grande corrida ideológica vindo à tona a linguagem de exaltação ao Estado nacional, organizado politicamente de forma ideal, para servir de norte para mundo, como visualizavam, os

respectivos defensores nacionalistas. Na verdade, o que se queria, era a transferência do berço da humanidade do Oriente, para a Europa/Alemanha, com a essência indiana como veremos a seguir.

Lutero¹¹³ demonstra uma profunda afeição germânica como relação de poder e domínio que se declara: “Nasci para os alemães, e quero servi-los.” (POLIAKOV, 1971, p. 78).

Bodin¹¹⁴ convertido ao judaísmo na França reconhece a soberania como poder absoluto, ilimitado e perpétuo do povo, abaixo apenas da lei divina e da lei moral. Adota o etnocentrismo, ao falar da França e o do Esoterismo, para proclamá-la: “É a Astrologia que fornece o necessário apoio: na França, os planetas exercem sua influência benigna na combinação mais favorável e, assim, a França é por natureza destinada a ser a senhora do mundo.” (KLINEBERG, 1966, p. 4).

Schlegel¹¹⁵ dizia em tom antissemita que “se o Oriente é a região de onde partem as regenerações do gênero humano, a Alemanha deve ser considerada como o oriente da Europa”. (POLIAKOV, 1971, p. 171).

Michelet¹¹⁶ acreditando na Índia como o berço da humanidade descreve-a imputando-lhe um norte geográfico como pontua:

Segui do Oriente para o Ocidente, na rota do sol e das correntes magnéticas do globo, as migrações do gênero humano, observai-as nesta longa viagem da Ásia à Europa, da Índia à França [...] No ponto de partida, na Índia, o berço das raças e das religiões. (POLIAKOV, 1971, p. 179).

Eichhoff¹¹⁷ convictamente escreve em 1836 “que todos os europeus vieram do Oriente; esta verdade, confirmada pelos testemunhos reunidos da Fisiologia e da Linguística, não tem mais necessidade de demonstração particular”. (POLIAKOV, 1971, p. 179).

A população de Tróia pode contar apesar do tempo histórico que a separa de Ozanam¹¹⁸ com sua admiração e defesa. Fazia-se ouvir que

¹¹³ LUTERO, Martinho (1483-1546): monge agostiniano alemão que ao fixar as 95 Teses na porta da Catedral de Wittenberg promove a Reforma Protestante de 31 de outubro de 1517.

¹¹⁴ BODIN, Jean (1530-1596): jurista e professor de direito francês.

¹¹⁵ SCHLEGEL, August Wilhem von (1767-1895): poeta, crítico e tradutor, representante do Romantismo alemão.

¹¹⁶ MICHELET, Jules (1798-1874): filósofo e historiador francês.

¹¹⁷ EICHHOFF, Frédéric Gustave (1799-1875): filósofo francês.

¹¹⁸ OZANAN, Antônio Frederico (1813-1853): professor italiano; doutor em direito e em letras. Católico empenhado em obras filantrópicas, funda a Sociedade de São Vicente de Paulo, espalhada por todo o mundo.

...nada é mais célebre do que a origem troiana de que se vangloriam os francos [...]. Todos os testemunhos da Antiguidade, todas as recordações dos germanos, concordam em fazê-los proceder das regiões onde a tradição universal coloca o berço da família humana. (POLIAKOV, 1971, p. 13).

Klineberg¹¹⁹ (1966, p. 4) em defesa da cultura clássica assevera que “os gregos, geograficamente intermediários, eram, portanto, qualificado por natureza para gerenciar o mundo”.

1.8 Em busca do clima como fator de transformação e domínio

Quando as diferenças raciais e étnicas começaram a causar estranhamento, afetar e influenciar as relações de grupos humanos, os conflitos de interesse de difícil mediação e jogos de poder começaram a ser disputados na ofensiva de se conseguir o meio de controle ou de domínio de territórios. Há, equivocadamente, como já vimos, grupos classificados, variando na escala de valor como superiores, inferiores, belos, feios, dominadores, dominados, senhores, servos, escravos, sangue bom, sangue ruim (infecto), puros e impuros, degenerados e escórias.

Até fatores da natureza como a aclimação (ambiente) foram usados, como determinismo para controle, domínio e discriminação de pessoas e grupos. Características físicas e geográficas, cultura, cor, raça, etnia, nacionalidade, religião, opção filosófica e de sexo foram levados em consideração, quando do estabelecimento de política e de parâmetros, que direta ou indiretamente intermediaram e influenciaram nossas relações ao longo dos tempos.

Aristóteles traça o perfil de povos com relação à aclimação regional com a seguinte argumentação:

Conquanto os povos que viviam no clima frio da Europa setentrional se distinguem pelo seu temperamento e bravura, sua falta de inteligência os inabilitava para a organização e o domínio políticos. Os asiáticos eram inteligentes e inventivos, mas desprovidos de temperamentos (KLINEBERG, 1966, p. 3)

¹¹⁹ KLINEBERG, Otto (1899-1992): psicólogo social; um dos pioneiros nos EUA na área e precursor do campo relacional da psicologia racial; autor de *As diferenças Raciais*, de 1935.

[...] conquanto os povos que viviam no clima frio da Europa setentrional se distinguissem pelo seu temperamento e bravura, sua falta de inteligência os inabilitava para a organização e o domínio políticos. Os asiáticos eram inteligentes e inventivos, mas desprovidos de temperamento. (KLINEBERG, 1966, p. 4).

Pólio¹²⁰ descreve os povos do sul como dotados de viva inteligência em virtude da rarefação do ar e do calor. Diferente relação com o povo do Norte: “Nações do norte, envoltas numa atmosfera densa, refrigerada pela umidade do ar obstrutivo possuem apenas uma inteligência lerda”, segundo apontamentos do capítulo I, do livro VI de *De Architectura*. (KLINEBERG, 1966, p. 4). Hooks¹²¹ admite a ideia de mudanças na espécie segundo o ambiente que assim descreve:

[...] diversas variedades saindo de uma mesma espécie, por mudanças do solo, pois nós sabemos – dizia – que a variação do clima, do solo e da alimentação produz, frequentemente, mudanças nos corpos. Os cães, as cabras, etc. mudam de aspectos com o clima e a alimentação; se esses ou outros animais fossem transportados a outras regiões, é provável que ocorressem variações. (BRANCO, 1995, p. 16).

Voltaire acreditava na superioridade do branco sobre o negro semelhantemente como a do negro sobre o macaco; todavia, não acreditava na teoria, de que o clima pudesse influenciar as diferenças raciais. Explanava que “os negros não são brancos escurecidos pelo porque, transportados a um país frio, continuam a produzir animais da mesma espécie.” (MUNANGA, 1988, p. 17).

Buffon acreditava na ocorrência de mutações no interior da espécie tendo as raças humanas como resultado. Diz ser essencial o determinismo do clima sobre o ser humano. Conclama que

[...] a formação da espécie animal não é inalterável: ela pode mudar e até mesmo transformar-se completamente, acompanhando a mudança do meio onde vive. As espécies menos protegidas, já desapareceram ou desaparecerão com o tempo. (BRANCO, 1995, p. 16)

Racista como ele só, Buffon afirma que o negro tornaria branco em poucas gerações bastava voltasse ao clima temperado. (KLINEBERG, 1966, p. 4). Indaga se demoraria “um grande número de séculos”, para o negro se reintegrar a natureza do homem? Em hipótese escreve:

¹²⁰ PÓLIO, Marcus Vitruvius (70 – 25 a.C.): engenheiro, arquiteto e escritor romano.

¹²¹ HOOKS, Robert (1635-1703): influente cientista inglês.

[...] para fazer a experiência da mudança da cor na espécie humana, seria necessário transportar alguns indivíduos desta raça negra do Senegal para a Dinamarca, onde o homem, comumente de pele branca, cabelos loiros e olhos azuis, manifesta a maior diferença de sangue e de oposição de cor. Seria necessário enclausurar estes negros com suas famílias conservar cuidadosamente sua raça, sem permitir que cruzassem: este meio é o único que pode empregar para saber quanto tempo seria necessário para reintegrar sob este aspecto a natureza do homem, e ela mesma razão, quanto tempo foi preciso para mudá-lo do branco para o negro. (POLIAKOV, 1971, p. 144).

Hume compactua-se com os preconceitos tropicais e com o determinismo climático e racial. Afirmava, que “todas as nações que vivem além do círculo polar ou entre os trópicos são inferiores ao resto da espécie”. (POLIAKOV, 1971, p. 154). Herder¹²² enfatiza a importância do meio sobre a natureza humana e sua importância principalmente no continente africano. Dizia “[...] que é que distingue por tantos matizes as raças negras na própria África? É o clima, na acepção mais ampla do termo, quando compreendemos com isto a maneira de viver e de se alimentar.” (POLIAKOV, 1971, p. 151).

Montesquieu¹²³ que formula uma introdução à ciência da política com pontos doutrinários básicos e formas de governo, expressa sua teoria sobre climas (quentes e frios) e suas influências sobre o homem. Tipifica que o despotismo e a escravidão estão relacionados aos asiáticos enquanto que a liberdade está relacionada aos homens do clima temperado. Compara a nubildade entre as mulheres de climas quentes e as de climas temperados. (MONTESQUIEU, 1996, 271). Defende um determinismo rigoroso, como solução do problema das influências do meio físico. (LA BLACHE, 1954, p. 29). Excerto de sua teoria sobre o efeito dos climas sobre o ser humano:

Tem-se, assim, mais vigor nos climas frios [...]. Esta força maior deve produzir muitos efeitos. Por exemplo: Mais confiança em si mesmo, isto é, mais coragem, mais conhecimento de sua superioridade, isto é, menos desejo de vingança; mais certeza de sua segurança, isto é, mais franqueza, menos suspeitas, menos política, menos malícia [...]. Os povos das regiões quentes são tímidos, como os anciãos; os das regiões frias são corajosos como os jovens. [...]. Ter-se-á, nas regiões frias, pouca sensibilidade para os prazeres; ele será maior nas regiões temperadas; nas regiões quentes será exagerada [...]. (MONTESQUIEU, 1997, pp. 277-279).

¹²² HERDER, Johann-Gottfried von (1744-1803): filósofo alemão e amigo de Goethe (1749-1832).

¹²³ Montesquieu (1769-1755): filósofo, escritor e político francês; autor de O Espírito das Leis em 1748.

Montesquieu é comparado a “um sociólogo que investiga a influência que o clima, a natureza do solo, a quantidade de pessoas e a religião podem exercer sobre os diferentes aspectos da vida coletiva”, segundo Aron (apud 2003, p. 18).

Inspirados em Montesquieu Buffon, e os abades Pauw¹²⁴ e Raynal¹²⁵ detratam implacavelmente, o continente americano como terra de degenerados, que atribuem à influência do clima, atingindo até mesmo os europeus radicados no Novo Mundo. (VENTURA, 1991, p. 26).

Ritter¹²⁶ defensor do determinismo geográfico, afirma que a Terra e o Homem se relacionam e que as sociedades humanas atuam no tempo e no espaço, do meio em que vivem. Entende ainda, que os fatos humanos se inter-relacionam com o meio físico e seus fenômenos. Quanto a Ratzel,¹²⁷ considerado o sistematizador da geografia e pai da geografia humana, difunde o conceito, de que o ambiente natural influencia a vida do homem. Explica: “O homem é produto do meio geográfico em que vive, e o meio natural exerce uma ação dominadora sobre o homem, que é submetido a ele.” (MORAES, 1981, p. 58)

Huntington¹²⁸ que desenvolve estudos enfatizando o determinismo climático e racial na Universidade de Yale, EUA, também dissemina os chamados “preconceitos tropicais”, acentuados pelos colonizadores europeus, sobre o clima e povos das regiões dominadas. Associa clima/doença e raça/doença. Estereotipa a influência climática tropical, como causadora da preguiça, de bloqueio do raciocínio e provocadora de doenças. Não esconde, portanto, suas convicções deterministas ao escrever que

[...] todos os resultados do meio climático, além de serem postos em relação com os resultados de outros fatores do ambiente físico, o devem ser também com a outra face do problema, isto é, com os fatores puramente humanos, como são instituições, costumes, idéias e todas as paixões, ideais e aspirações do homem.

[...] o clima ótimo varia conforme a etapa de civilização da nação. (ELLSWORTH, 1942, p. 39 apud LA BLACHE, 1954, p. 15).

¹²⁴ PAUW, Cornélio Francisco de (1739-1799): abade e filósofo holandês.

¹²⁵ RAYNAL, Guilherme Thomas François (1713-1796): abade, filósofo e escritor francês.

¹²⁶ RITTER, Karl (1779-1859): geógrafo alemão.

¹²⁷ RATZEL, Friedrich (1844-1904): geógrafo e etnólogo alemão.

¹²⁸ HUNTINGTON, Ellsworth (1876-1947): geógrafo norte-americano e escritor.

Skidmore (1989, p. 44) descreve como o pensamento europeu exerce ação sobre o determinismo que nos influencia, da seguinte maneira:

Ideias que emergiram depois que o prestígio da ciência natural (em grande parte, uma criação européia na sua forma moderna) tinha reforçado a autoridade intelectual da Europa. Estava armado o raciocínio segundo o qual os europeus do Norte tinham atingido o poder econômico e político superior ao dos outros devido à hereditariedade e ao meio físico favoráveis. Em resumo, os europeus do Norte eram raças 'superiores' e gozavam do clima 'ideal'. O que, por certo, implicava em admitir, implicitamente, que raças mais escuras ou climas tropicais nunca seriam capazes de produzir civilizações comparativamente evoluídas.

Munanga (1988, pp. 16-17) aponta os estereótipos do pensamento determinista sobre o negro. Diz ele que:

No mais temperado, vivem os homens bonitos e bem-feitos; é nele que se toma o modelo ao qual se devem referir todas as nuances de cor e beleza. As variedades humanas distanciam-se ou se aproximam desse modelo, o ambiente humano por excelência. A harmonia dos corpos e das mentes são signos visíveis de uma perfeita adequação entre o meio e a espécie. Todo povo civilizado, por ser superior, é responsável pelo futuro do mundo. O caráter distintivo da raça negra na sua totalidade é a cor, mas há outros detalhes como os traços do rosto, os cabelos, o odor, os costumes etc., que complementam essa distinção. Assim, qualquer negro vive a mesma existência miserável: suas casas não têm móveis nem conforto, sua alimentação é grosseira, os homens são preguiçosos e as mulheres debochadas. Na escala das sociedades humanas, os negros ocupam a mesma posição que o lapão e o samoiedo. São, como eles, rudes, supersticiosos e estúpidos.

La Blache¹²⁹ refuta o determinismo geográfico lançado por Ratzel e argumenta que a geografia é “ciência dos lugares e não dos homens”. Lança as bases do **possibilismo**, em que teoriza novas possibilidades para o homem, que por não estar determinado pelas condições naturais, pode transformar o meio em que vive de uma paisagem natural, para uma paisagem humana ou construída, por sua ação e inter-relacionamento. Avalia a construção do determinismo, a que contrasta escrevendo que:

Não obstante, havia muito tempo já que o pensamento científico se preocupava com as influências do meio físico e respectiva ação sobre as sociedades humanas. Na verdade, menosprezaríamos toda uma linhagem de pensadores – que vai desde os primeiros filósofos gregos a Tucídides, Aristóteles, Hipócrates e Erastótenes – se não tivéssemos em conta os pontos de vista engenhosos, e algumas

¹²⁹ LA BLACHE, Paul Vidal de (1845-1918): geógrafo francês e fundador da escola de geografia francesa; vivencia essa sociedade no final do século XIX e sua relação com a cultura.

vezes profundos, que estão disseminados pelas suas obras. (LA BLACHE, 1954, p. 28).

Primeiro, tentaram encontrar no meio físico a explicação do que mais os impressionava no temperamento dos habitantes. Depois, à medida que as observações sobre a marcha dos acontecimentos e das sociedades se acumularam no tempo e no espaço, compreendeu-se melhor qual a parte que devia atribuir-se às causas geográficas. As considerações de Tucídides sobre a Grécia arcaica, as de Estrabão acerca da posição da Itália, são consequência das mesmas exigências de espírito que ditaram certos capítulos do *Espírito das Leis* ou da *História da Civilização na Inglaterra*, de Thomas Buckle. (LA BLACHE, 1954, p. 29).

Febvre¹³⁰ cultor da “história da mentalidade”, ou seja, da história registrada a partir das experiências do homem e das transformações do meio, com a ajuda de outros campos do conhecimento humano, e não tradicionalmente, a partir dos eventos, defende o determinismo ambiental e demonstra conhecimento dos clássicos da Antiguidade ao escrever:

Hipócrates no tratado dos ares, águas e Lugares abordou o problema das conexões entre o clima e as características e psíquicas dos indígenas. E também Aristóteles, na *Política*, livros IV e VII – como já o fizera Platão no livro V das *Leis* – alude às reações entre a Terra e Homem, melhor ainda, as influências do meio físico sobre a vida política dos homens. (LA BLACHE, 1954, p. 28).

Haushofer¹³¹ um dos teóricos da geopolítica, e conselheiro de Hitler para a área de relações internacionais, ressalta o princípio de que “a raça superior tinha o direito a conquistar o seu espaço vital”, dominar países vizinhos ou não, habitados por seres inferiores; e que “nos trópicos, não havia condições para a formação e surgimento de civilizações”. Justifica assim, “a atuação do imperialismo e do colonialismo”.

Buckle¹³² um dos principais teóricos do determinismo climático, argumenta haver relação entre o progresso intelectual e o mundo físico ou natural; e que, portanto, o solo, os alimentos, o clima e os aspectos da natureza se inter-relacionam. Segundo ele, “o progresso da civilização europeia marcava-se pela influência cada vez menor do mundo natural, e na Europa em geral e na Inglaterra em particular, as forças mentais acabariam por sobrepujar as condições físicas”.

¹³⁰ FEBVRE, Lucien Paul Victor (1878-1956): historiador e editor positivista francês.

¹³¹ HAUSHOFER, Karl Ernest (1869-1946): general e geógrafo e editor alemão.

¹³² BUCKLE, Thomas Henry (1821-1862): historiador, sociólogo e jornalista inglês; autor de *História da Civilização na Inglaterra*, de 1857-1862, 3 v.

Buckle entende ainda, que o mundo estava dividido em Europa e o resto do mundo. Com esta argumentação deduz-se que

Pretende Buckle que as ações humanas podem ser explicadas através dos métodos empregados nas ciências naturais desde que são determinadas somente por seus antecedentes e produzem os mesmos resultados sob as mesmas circunstâncias, podendo ser perturbados pela ação do meio. Segundo ele, as leis que dirigem a história são físicas (clima, alimentação e aspecto geral da natureza) e mentais (intelectuais e morais, das quais as primeiras seriam mais importantes). Divide a civilização em dois grandes ramos: a da Europa [predomínio do esforço do homem sobre a natureza] e a do resto do mundo [predomínio da natureza ou das leis naturais]. (PAIM, 1999, p. 20).

Fouillée¹³³ repudia os fatores determinantes por raça, meio e o momento histórico de Taine e assevera que o maior ou menor desenvolvimento, se deva à reunião dos homens na sociedade. Expressa que a interação entre o próprio povo resultará em fenômenos e mudanças como segue:

Por isso, são as forças psicossociais mais profundas – simpatias ou comunidades efetivas, acordo, de inteligências e vontades – que permitem a constituição, não de raças mais de tipos nacionais. Assim, cada povo resulta de influência mútua entre seus membros. (LEITE, 1976, p. 36).

Os europeus consideravam-se os máximos em racionalidade e nos conhecimentos técnicos e haviam descoberto o Novo Mundo; impingindo suas regras aos povos conquistados, os quais não se comparavam a eles. Clima e ambiente são postos como determinantes, para a dominação e na tentativa de explicar as diferenças culturais, físicas e morais entre eles e outros povos.

Nenhum povo, no entanto, nasce superior a outro. Há diferenças entre um e outro, mas econômicas, geográficas, demográficas, culturais (usos e costumes), religiosas, tecnológicas, políticas, étnicas, raciais e militares, sem que isso se consigne numa hierarquia étnica, racial e humana entre os povos.

Assim, vimos neste capítulo, os mais variados argumentos usados pelos dominadores, para o desenvolvimento de uma relação de poder e domínio sobre os outros.

¹³³ FOUILLÉE, Alfred Jules Émile (1838-1912): filósofo francês.

CAPÍTULO II

2.1 Nós e a linguagem da hierarquização das relações eticorraciais no Brasil

Panis, ET disciplina, et opus servos
Pão, disciplina e trabalho para o servo
(Benci, 1650-1708)

Para o escravo: *pau, pão e pano.*
(Benci, 1650-1708)

Para o servo pão, correção e trabalho.
(Eclesiástico, 33. 25)

Para o escravo: o trabalho,
o castigo e o alimento.
(Aristóteles)

Ao escravo malévol,
tortura e ferros.
(Eclesiástico, 33.28)

Quem quiser tirar proveito dos seus negros,
há de mantê-los, fazê-los trabalhar bem e surrá-los melhor;
sem isso não se consegue serviço nem vantagem alguma.
(Regra nos engenhos de Pernambuco, segundo Jacob Gorender).

[...] Lei da servidão humana.
Padre Manoel Ribeiro Rocha (1687-1745)

Veremos neste capítulo, como os fatores históricos, econômicos, ambientais, jurídicos, religiosos, sociológicos, culturais e educacionais, se associaram na conjuntura, que estrutura as relações étnicas e raciais brasileiras, a partir de uma relação hierárquica e hegemônica de caráter eurocêntrico, reproduzida como mecanismo de opressão, discriminação e exclusão.

Nos itens “pastorais ideológicas da servidão”, “a ocupação do meio e as relações étnicas e culturais”, “a construção de discursos e ações do racismo científico na cultura brasileira” e “discursos de desconstrução do racismo científico no Brasil” trilharemos, os campos relacionais, que ditaram os valores humanos na experiência brasileira.

2.2 Em busca de pastorais ideológicas da servidão

O discurso político-teológico de relação de dominação na escravidão, sob o ponto de vista da economia cristã, e transformada numa pastoral-ideológica, encontra sustentação nas reflexões pessoais de Jesus, filho de Sirach, autor do Livro de Eclesiástico. As pastorais conformistas, que não suavizaram a situação dos escravos, mas os alienaram cada vez mais, têm como objeto de reflexão, o capítulo 33 e os versos 25-32 do livro. Escrito em hebraico em cerca de 190 a.C. e possuindo versão em grego e em latim, o texto, é do período interbíblico, ou seja, do intervalo histórico-bíblico, entre o Antigo e o Novo Testamento. Para os judeus, o livro de Eclesiástico tem valor apenas histórico, e não integra o Tanach (Lei, Profeta e Escritos): compêndio da Bíblia Hebraica (Antigo Testamento).

Texto-chave das pastorais conformistas: Eclesiástico, 33. 25-32.

Para o jumento o feno, a vara e a carga. Para o servo pão, correção e trabalho. (v. 25).

O escravo só trabalha quando corrigido, e só aspira ao repouso; afrouxa-lhe a mão, e ele buscará a liberdade. (v. 26).

O jugo e correia fazem dobrar o mais rígido pescoço, o trabalho contínuo torna o escravo dócil. (v. 27).

Para o escravo malévolo a tortura e as peias. Manda-o para o trabalho para que ele não fique ocioso. (v. 28).

Pois a ociosidade ensina muita malícia. (v. 29).

Ocupa-o no trabalho, pois é o que convém. Sem ele não obedecer, submete-o com grilhões, mas não cometas excessos, seja com quem for, e não faças coisas alguma importante sem ter refletido. (v. 30).

Se tiveres um escravo fiel, que ele te seja tão estimado como tu mesmo. Trata-o como irmão, porque foi pelo preço de teu sangue que o obtiveste. (v. 31).

Se o maltratares injustamente, ele fugirá. Se ele for embora, não saberás a quem perguntar, nem onde deverás procurá-lo. (v. 32). (BÍBLIA ANOTADA, 1976, p. 911)

Os primeiros padres foram consecutivamente os primeiros cultores da educação e contavam com uma pedagogia religiosa específica para os escravos no Brasil-Colônia: Vieira,¹³⁴ Andreoni,¹³⁵ Benci,¹³⁶ Rocha,¹³⁷ Bernardes,¹³⁸ Fonseca.¹³⁹

Aquino¹⁴⁰ formula um conjunto de doutrina cristã que se torna a base dogmática do catolicismo: “A Suma Teológica”, escrita entre 1265 a 1273. Reflexiona acerca do domínio de um homem sobre outro nos seguintes termos:

1. Pois, diz Agostinho: Deus não quis que o homem racional, feito à sua imagem, exercesse o domínio a não ser sobre os irracionais; não sobre outro homem, mas sobre o animal.

2. Demais. As conseqüências penais do pecado não existiam no estado de inocência. Ora, foi conseqüência penal do pecado, que um homem exercesse domínio sobre outro; pois, na Escritura, se diz à mulher, após o pecado: Estarás sob o poder de teu marido. Logo, no estado de inocência, não estava um homem sujeito a outro.

3. Demais. A sujeição se opõe à liberdade. Ora, esta é um dos principais bens, que não faltaria no estado da inocência, em que não havia ausência de nada que a boa vontade pudesse desejar, como diz Agostinho. Logo, no estado de inocência um homem não dominaria sobre outro.

Solução. Em duplo sentido se pode entender o domínio. De um modo, enquanto se opõe à servidão; e assim chama-se senhor àquele a quem outrem está sujeito, como servo. De outro modo, o domínio é comumente referido a qualquer sujeito; e assim quem tem o ofício de governar e dirigir homens livres, pode se chamar senhor. Ora, na primeira acepção, um homem não dominava sobre outro, no estado de inocência; mas, na segunda, podia dominar.

E a razão é que o servo difere do homem livre por ser o livre causa de si, como diz Aristóteles; ao passo que aquele se ordena para

¹³⁴ VIEIRA, Antônio (1608-1697): jesuíta de origem portuguesa; filho de branco e uma negra.

¹³⁵ ANDREONI, João Antônio (1649-1716): padre André João Antonil como é mais conhecido na História. Jesuíta italiano e advogado; professor de letras e filosofia.

¹³⁶ BENCI, Jorge (1650-1708): jesuíta; professor de teologia e de humanidades.

¹³⁷ ROCHA, Manuel Ribeiro (1687-1745): padre diocesano; examinador sinodal do arcebispado da Bahia; professor de letras humanas em colégios brasileiros.

¹³⁸ BERNARDES, Manuel (1644-1710): frade oratoriano.

¹³⁹ FONSECA, Manuel da (1703-1772): padre jesuíta.

¹⁴⁰ AQUINO, São Tomás de (1226-1274): filósofo, teólogo dominicano e doutor da igreja; principal representante da Escolástica (séculos XI a XVI), período de busca da harmonização entre a fé cristã e a razão e de intensa produção filosófico-teológica.

outrem. Assim pois quando alguém domina a outrem como servo, fá-lo servir à sua utilidade.

E como todos desejam o bem próprio e, por conseqüência, se contristam o bem próprio, daí vem que tal domínio não pode deixar de ser acompanhado da pena dos que são sujeitos; e por isso, no estado de inocência, não existia tal domínio de um homem sobre outro.

Ora, quem domina um homem livre dirige-o para o bem próprio deste, ou para o bem comum. E tal domínio de um homem sobre outro existiria, no estado de inocência, por duas razões.

Primeira, porque sendo o homem animal naturalmente social, os homens, no estado de inocência, viveriam socialmente. Ora, não podia haver vida social de muitos, sem que presidisse alguém, que os dirigisse para o bem comum. Pois muitos tendem para a multiplicidade e, um, para a unidade. Por onde, como diz o Filósofo, quando muitos se ordenam para um fim, sempre existe um principal e dirigente.

Segunda, porque se um home tivesse sobre os outros sobre-eminência de ciência e de justiça, a utilidade dos outros, conforme a Escritura: Cada um, segundo a graça que recebeu, comunique-a aos outros. E Agostinho: os justos imperam, não por cobiça de dominar, mas por dever de dirigir; e: isso a ordem natural o prescreve; assim criou Deus o homem. (AQUINO, Questões 96, Art. IV, 1-3, 1980, pp. 863-864).

Vieira, luso-afro, a serviço do catolicismo dominante, denuncia a violência contra os escravos. No entanto, via neles, enquanto revoltados, uns pecadores, em que não aceitando sua condição recusavam a salvação de sua alma. Prega num engenho da Bahia em 1633, uma relação de dominação e de conformismo, a saber:

Escravos, estais sujeitos e obedientes em tudo a vossos senhores, não só aos bons e modestos, senão também aos maus e injusto [...] porque nesse estado em Deus vos pôs, é a vossa vocação semelhante à de seu Filho, o qual padeceu por nós, deixando-vos o exemplo que haveis de imitar. (SILVA, 1985, p. 84).

[...] o cativo que padeceis, por mais duro e áspero que seja, ou vos pareça, não é cativo total, ou de tudo o que sois, senão meio cativo. Sois cativos naquela metade exterior e mais vil de vós mesmos, que é o corpo; porém na outra, a metade interior e nobilíssima, que é a alma, principalmente no que ela pertence, e não sois cativos, mas livres. (VIEIRA, 1940, Vol. III p. 55 apud MENEZES, 2006, p. 226).

Em todas as intenções e instrumentos de trabalho parece que não achou o Senhor outro que mais parecido fosse com o seu, que o vosso. [...] vede vós quanto estimará agora os que outrem foram gentios, conformando-se com a vontade de Deus na sua sorte, lhe façam por imitação tão boa companhia. (VIEIRA, 1940, Vol. III pp. 30-31 apud MENEZES, 2006, pp. 225-226).

Preocupado em fazer retornar as atividades dos entrepostos portugueses de escravos na África sob controle holandês, Vieira, lança o

estereótipo: “Sem negros não há Pernambuco e sem Angola não há negros.” (AZEVEDO, 1925, I, p. 243 apud SUESS, 1992, p. XXXIII)

Benci admoesta, exorta e repreende os senhores-de-escravos, sobre as obrigações que tinham com os seus servos, com a alimentação (corporal/doutrinária/catequese), vestimenta e cuidados com a saúde; correção, ensaio e trabalho. Sermão de 1699, organizado como livro sob o título de “Economia Cristã dos Senhores no governo dos Escravos” adverte que “assim como servo está obrigado ao senhor, assim o senhor está obrigado ao servo”. (BENCI, 1977, p. 50). Benci toma por fundamento as exortações de Eclesiástico conforme seguem:

Mas que obrigações podem dever o senhor ao servo?

O mesmo Espírito Santo no-las dirá; o qual distinguindo no Eclesiástico o trato que se há de dar ao jumento e ao servo, diz que ao jumento se lhe deve dar o comer, a vara, e a carga (Eccli. 33, 26). Deve-se o pão ao servo, para que não desfaleça, o ensino, para que não erre; e o trabalho, para que se não faça insolente. (BENCI, 1977, p. 51).

Cita “A Suma Teológica” (1ª Parte, Questão 96, art. IV nº 3); e para explicar a escravidão como sendo uma consequência do pecado original no seu entendimento, usa esta conclusão: “Se Adão perseverasse no estado da inocência, em que Deus o criou, não haveria no mundo cativo, nem senhorio.” (BENCI, 1977, p. 47).

As Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia foram elaboradas no Primeiro Sínodo Episcopal (Diocesano) do Brasil, realizado em Salvador (BA); aprovadas e aceitas em 12 de junho de 1707 ao tempo que Dom Sebastião Monteiro da Vide¹⁴¹ respondia pelo arcebispado. As Constituições, também conformistas e coniventes com o processo escravagista trazem passagens que observam as relações e obrigações dos senhores e dos escravos: abuso do trabalho (Livro II, Título XIII, § 379); administração dos sacramentos aos escravos (Livro I, Título XIV, § 56); aplicação da doutrina cristã (Livro III, Título XXXII, § 577); instrução dos escravos (Livro III, Título XXXIII, § 578); Breve Instrução dos Mysterios da Fé, accomodada ao Modo de Fallar dos Escravos do Brasil, Para Serem Cathequisados Por Ella (Livro III,

¹⁴¹ VIDE, Dom Sebastião Monteiro da (1643-1722): jesuíta da Companhia de Jesus e Arcebispo da Bahia (1702-1722).

Título XXXII, § 579). Vigoraram até o Concílio Plenário Latino-Americano (CPLA) realizado em 1899.

Bispo Coutinho¹⁴² defende a ordem econômica e a escravocrata à moda do Vieira, Bernardes, Benci, Antonil e das ditas Constituições. Insiste, para que os senhores dispensem bom tratamento aos escravos, instruindo-os na doutrina cristã, respeitando o descanso, o sustento, providenciando o vestuário e a aplicação do castigo, para a manutenção da sujeição, submissão e da produção (relação de poder).

Antonil, trazido ao Brasil pelo então visitador da missão do Maranhão e Grão-Pará (1658) Antônio Vieira escreve em 1710 a obra “Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas”, em que revela a economia brasileira da época. Inspirado, em Eclesiástico 33.25 e na Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos, de autoria de Benci, torna famosos os três PPP¹⁴³: pau (correção/castigo), pão (alimento corporal e espiritual/doutrinário/catequese) e pano (vestimenta), o suficiente segundo ele, para a relação com os escravos no Brasil.

Rocha escreve em 1858 o livro “Etiópe resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído, e libertado”, obra de teologia moral, que a exemplo da obra de Benci, exorta aos confessores e párocos, a importância do “pão”, do “castigo” e do “trabalho” (Eclo 33.25). Cita passagens das “Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia”. O livro repercutiu de tal forma, que a Câmara dos Deputados e o Senado discutem a questão da escravidão nos Discursos da Reforma do Estado Servil, ocorridos de 9 a 25 de setembro de 1871. É instituída com vista nesse conjunto de eventos, a Lei do Ventre Livre nº 2.040, de 28 de setembro de 1871.

Bernardes exorta os senhores portugueses escravocratas sobre a obrigação de tratar bem seus escravos, como ainda, cuidar da doutrina: do comer, do castigo, do vestir, e da repreensão sobre eles. Lembra que alguns senhores tratavam melhor os animais que os escravos.

¹⁴² COUTINHO, José Joaquim da Cunha Azeredo (1742-1821): formado em Direito Canônico na Universidade de Coimbra, Portugal (1775), dedica-se de 1794 a 1804 a escrever sobre economia açucareira, mineração, colônias, política e escravos. Justifica a escravidão. Bispo de Olinda, inquisidor-geral do Reino e político, pelo Rio de Janeiro.

¹⁴³ Os três PPP se transformaram no jargão jurídico de que só vai preso no Brasil: preto, pobre e prostituta.

Fonseca observa os deveres da pastoral para com os escravos não perdendo de vista os discursos conformistas.

Assim a Igreja inicialmente se relaciona com a questão do escravo no Brasil. Suas homilias não trouxeram conforto nenhum para o escravo, mas apenas confirmaram sua triste realidade perante a conformação dos senhores.

2.3 Em busca da ocupação do meio e das relações étnicas e culturais

A hierarquização das relações étnicas no Brasil implica passar também pelo meio como relação de dominação, subjugação e forma de controle.

Buckle adepto da teoria de relação determinista argumentava que havia uma relação entre o progresso intelectual com o meio físico. Famoso pelo livro “História da Civilização na Inglaterra” de 1857 descreve a ação das condições naturais e seus efeitos nas realizações humanas. Falando sobre o Brasil diz que o

[...] país que estaria acima de qualquer outro no que se refere à abundância de vida natural e onde a grandiosidade da natureza não deixaria espaço para o homem que, por isso mesmo estaria a viver eternamente em condições primitivas. (RIBEIRO, 1999, p. 81).

O Senador Pompeu,¹⁴⁴ também argumenta sobre a influência do meio físico, mas especifica sobre o espaço cearense. Concorda com Buckle e escreve que

[...] o Nordeste é diferente do resto do país. Nessa região o clima seco e a sobriedade da alimentação daí advinda criariam no homem condições para alcançar o progresso, gerando uma raça apta ao trabalho. A sobrevivência em um ambiente tão adverso traria a necessidade do homem cearense desenvolver suas forças mentais e físicas, o que acabaria gerando uma raça apta para qualquer trabalho. Seria, então, gerada através do meio físico uma sociedade fadada ao progresso mais do que em qualquer outra região do país. (RIBEIRO, 1999, p. 81).

Romero acreditava na ação do clima sobre o homem, mas discordava de muitas das ideias de Buckle. Diz que “a natureza tropical é muito mais hostil do que pensa Buckle. O clima é variado, as terras não são férteis e o interior não é inteiramente coberto por floresta como o autor inglês imagina.” (MACHADO,

¹⁴⁴ BRASIL, Tomáz Pompeu de Souza (1818-1877): jornalista, jurista, professor e político cearense.

1995, pp. 309-353 apud RIBEIRO, 1999, p. 81). Recomenda aos intelectuais brasileiros que lessem Buckle apesar de admitir e advertir, que havia excesso na sua teoria racial (ROMERO, 1943, I, p. 56). Diz ainda que “desde Buckle e Gervinus,¹⁴⁵ começou-se a estudar a ação dos diferentes meios sobre os diversos povos; desde Taine e Renan, admitiu-se, além disso, o influxo divergente das raças nas criações religiosas e artísticas”. (ROMERO, 1943, I, p. 83).

Numa carta enviada ao médico legista Nina Rodrigues¹⁴⁶ datada de 11 de abril de 1899 infere Monteiro,¹⁴⁷ que “a raça negra tende a desaparecer em Santa Catarina por efeito do clima: as crianças anemiam-se, escrofulizam-se, e tuberculizam-se, enquanto as que não são de tal origem criam-se bem”. (RODRIGUES, 1976, p. 8).

Sigaud¹⁴⁸ atribui o agravamento das doenças ao clima e a alimentação; nunca a mistura racial (Apud FERREIRA, 218, p. 218).

O determinismo geográfico e racial marca época no Brasil e deixa rastros em sua trajetória nas relações etnicorraciais e um vasto conteúdo depreciativo sobre o negro e o índio que se reproduz ao longo do tempo de diversas formas. Segundo Machado (1995, pp. 309-353 apud RIBEIRO (1999, p. 66)

[...] no Brasil, uma das principais vias de entrada do determinismo geográfico foi através do debate em torno do conceito de raça. O debate sobre as vantagens e desvantagens da ação do clima tropical e da estrutura do relevo sobre o povo é algo inerente ao pensamento geográfico brasileiro no final do século XIX e início do século XX.

Munanga com relação à ciência tentar entender o negro como um branco degenerado, sob a ação do clima e resume seu pensamento a respeito, com a seguinte argumentação:

¹⁴⁵ GERVENIUS, Georg Gottfried (1805-1871): literato, político nacionalista e historiador alemão.

¹⁴⁶ RODRIGUES, Raimundo Nina (1862-1906): antropólogo, psiquiatra e professor da Faculdade de Medicina; precursor da antropologia criminal no Brasil, influenciado por Cesare Lombroso (1835-1909), criminalista, médico legista e psiquiatra italiano. Autor de “Mestiçagem, Degenerescência e Crime” (1899), “As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil” (1894), “O animismo fetichista dos negros da Bahia” (1900), “Os africanos no Brasil” (1932).

¹⁴⁷ MONTEIRO, Dr. Joaquim Remédios (1827-1901): médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; alinha-se à ideologia determinista do meio físico brasileiro, sob a conceituação de sua influência sobre o homem.

¹⁴⁸ SIGAUD, José Francisco Xavier (1796-1856): médico higienista francês radicado desde 1825, formado na Faculdade de Medicina de Estrasburgo. Autor de vários trabalhos versando sobre geografia médica, patologia intertropical e outros assuntos do ramo.

A pigmentação escura de sua pele só podia ser entendida pelo clima tropical, excessivamente quente. Logo isso foi considerado insuficiente, ao constatar-se que alguns povos vivendo no Equador, como os habitantes da América do Sul, nunca se tornaram negros. Uma outra justificativa da cor do negro foi buscada na natureza do solo e na alimentação, no ar e na água africanos. Não satisfeitos com a teoria da degeneração fundamentada no clima, outros aceitaram a explicação de ordem religiosa, nascido do mito camítico entre os hebraicos. (MUNANGA, 1988, p. 14).

2.4 A introdução do romantismo literário na cultura brasileira

Barreto¹⁴⁹ está cercado de uma monumental bibliografia ao seu respeito, artigos, edições póstumas, livros, revistas, obras de referência, publicações especiais, discursos. Notabiliza-se nos campos da filosofia, do evolucionismo e do germanismo, que se fundem ao naturalismo científico, maravilhando e enveredando muita gente, como tendência de época. Defende o haeckelismo, que se consagra no Brasil juntamente com o “determinismo geográfico” e o “evolucionismo”. Tobias desiste do seminário e dos cursos preparatórios para o sacerdócio ao tempo ainda de seminarista na Bahia. Aficionado pelo germanismo e expressivo expoente do monismo, opunha-se à influência do pensamento francês que dominava o Brasil. De fato, havia o enveredamento pela cultura francesa em nosso meio. O barão francês Ildéfonse,¹⁵⁰ declara que “o Brasil está moralmente vinculado à França, em cujos livros aprende cuja arte o fascina, cuja história conhece e ama: Nenhum povo nas melhores condições do que o francês para... constituir, no Brasil uma campo formidável de ação”. (SKIDMORE, 1976, p. 10).

Tobias aprende a língua alemã como autodidata na cidade de Escala, localizada nas proximidades do Recife, para onde se muda (1871-1881) e se casa. Instala, nesta cidade, uma pequena tipografia, para publicar suas obras, entre elas, vários periódicos de vida efêmera e 3 jornais redigidos em alemão. Lê no original, os filósofos alemães Hartmann,¹⁵¹ Schopenhauer,¹⁵² Kant,¹⁵³

¹⁴⁹ MENESES, Tobias Barreto de (1839-1889): crítico literário, filósofo, latinista, músico, poeta, jurista, tradutor de alemão. Afrodescendente

¹⁵⁰ IDELFONSE, Albert François (1861-1915): antropólogo e etnólogo francês.

¹⁵¹ HARTMANN, Eduard von (1842-1906): filósofo alemão.

¹⁵² SCHOPENHAUER, Arthur (1788-1860): filósofo alemão.

¹⁵³ KANT, Emmanuel (1724-1804): filósofo alemão.

Lhering,¹⁵⁴ Hegel;¹⁵⁵ Haeckel,¹⁵⁶ Gneist,¹⁵⁷ Mohl,¹⁵⁸ Fichte;¹⁵⁹ e o historiador de arte e de literatura alemã Hettner;¹⁶⁰ e outros, que lhes asseguram um bom domínio da cultura europeia. Adere teorias racistas influenciado pelas obras dos autores alemães. Com Tobias, se inicia o movimento, que será conhecido como “Escola do Recife”. Era mestiço e parece não se ter incomodado ou não se dado conta, de que as novas concepções culturais e ideológicas depreciariam os mestiços brasileiros, e que poderiam inclusive atingi-lo. O racismo científico, com todas as suas implicações, era recebido e instalado por Tobias e seus seguidores. Em “Casa Grande & Senzala” Freyre (1975, p. 448) alude os preconceitos decorrentes aos mestiços brasileiros, descrevendo que:

Deve-se, entretanto, restringir nas afirmações de Charles Comte as vantagens que ele destaca nos filhos mestiços de senhores com escravas. Porque não faltam desvantagens: os preconceitos inevitáveis contra esses mestiços. Preconceitos contra a cor, da parte de uns; contra a origem escrava, da parte de outros.

Sob a pressão desses preconceitos desenvolvem-se em muito mestiço evidente complexo de inferioridade que mesmo no Brasil, país tão favorável ao mulato, se observa em manifestações diversas. Uma delas, o enfático arrivismo dos mulatos, quando em situação superior de cultura, de poder ou de riqueza. Desse inquieto arrivismo podem-se salientar duas expressões características: Tobias Barreto – o tipo do novo-culto, que recorda em tantos aspectos a curiosa figura de Luciano estudada por Chamberlain; e na política, Nilo Peçanha. Por outro lado, ninguém mais reticente que Machado de Assis; nem mais sutil que o Barão de Cotegipe.

Tobias segue em frente e estende sua influência e conhecimento sobre o movimento crítico, que se espalha pelo Nordeste, com reflexões nas mais variadas correntes de pensadores. Concentra o QG do movimento na Escola do Recife ou Escola Condoreira (Escola Popular) assim denominada por Romero que o sucede na condução da academia após sua morte. O racismo científico está atrelado ao romantismo literário brasileiro. O movimento romântico corporifica-se no movimento do Recife que absorve as doutrinas materialistas da época: Buckle (determinismo), Spencer (evolucionismo social e racismo), Comte¹⁶¹ (positivismo), Darwin (evolucionismo e biologismo), Renan

¹⁵⁴ LHERING, Rudolf von (1818-1892): jurista alemão.

¹⁵⁵ HEGEL, George Wilhelm Friedrich (1770-1831): filósofo alemão.

¹⁵⁶ HAECKEL, Ernest (1834-1919): médico, biólogo e zoólogo alemão.

¹⁵⁷ GNEIST, Rudolf von (1816-1895): jurista e político alemão.

¹⁵⁸ FICHTE, Johann Gottlieb (1767-1814): filósofo alemão.

¹⁵⁹ HETTNER, Hermann Theodor (1821-1882): historiador da arte e de literatura, escritor alemão.

¹⁶⁰ MOHL, Robert von (1799-1895): jurista alemão.

¹⁶¹ COMTE, Augusto (1798-1857): filósofo francês e fundador do positivismo.

(eugenismo), Taine¹⁶² (naturalismo e eugenismo), Haeckel (monismo, naturalismo e pensamento científico), Ratzel (determinismo), Le Bon (psicologia social de massa e supremacia racial); Littré¹⁶³ (biologismo), Lapouge (arianismo, eugenismo e racismo); Gobineau (arianismo, supremacia racial, eugenismo e racismo); Huxley¹⁶⁴ (evolucionismo social), Levy-Bruhl¹⁶⁵ (teses sobre sociedades inferiores). O termo “romantismo” é de cunho germânico, mas ganha expressão literária na França com o “romantisme de Madame Stäel”.¹⁶⁶ Segundo suas próprias afirmações, “o nome “romântico” foi introduzido recentemente na Alemanha para denominar a poesia que tem origem nas composições dos trovadores, e nasceu da cavalaria e do cristianismo.” (TAVARES, 1969, 72).

Romero dá as coordenadas de como entender melhor os últimos acontecimentos culturais do Nordeste como temos:

Morta a metafísica ou não, relativizados os ânimos dos agentes em sua época, o certo é que essa nova geração, que assumia a liderança das principais cadeiras da faculdade, tinha por meta expurgar antigos padrões, sempre em nome da civilização. Esses novos modelos correspondiam, por sua vez, à entrada de todo um jargão evolucionista em que Recife teve larga aceitação, principalmente depois das leituras que Tobias Barreto fez dos filósofos alemães – Haeckel e Buckle – da difusão de autores como Spencer, Darwin, Littré, Le Play, Le Bon e Gobineau, entre outros. A partir dessa década como dizia o professor Phaelante Câmara, “o darwinismo sentiu-se a vontade na congregação e nos bancos acadêmicos” e na faculdade toma tal identidade que o grupo de seguidores do germanismo de Tobias Barreto passa a se autodenominar “os renovadores da Escola de Recife.” (SCHWARCZ, 2008, pp. 148-149).

Brookshaw (1983, p. 156) mostra a implantação da ideologia arianista no Brasil e aponta Barreto como líder do movimento ao dizer que:

Um complexo semelhante é perceptível na personalidade e textos do pensador nordestino Tobias Barreto, um mulato, mentor de Sílvio Romero e uma das forças motivadoras do movimento intelectual de simpatias darwinistas sociais e republicanas na Faculdade de Direito de Recife na década de 1870. Como Machado, Barreto não participou da questão abolicionista nem militou abertamente em nome do Republicano. Um exemplo significativo do complexo de Barreto era sua admiração pela cultura e pensamento filosófico alemão. Na verdade ele foi o principal representante do Monismo Alemão no Brasil. Possivelmente, encontrou certa afinidade psicológica, sendo um homem de descendência mista em um país multiétnico, nos

¹⁶² TAINE, Hipólito Adolfo (1828-1893): historiador e filósofo francês.

¹⁶³ LITTRÉ, Paul Émile (1801-1881): filósofo, filólogo e lexicógrafo francês.

¹⁶⁴ HUXLEY, Thomas Henry (1825-1895): biólogo inglês.

¹⁶⁵ LEVY-BRUHL (1857-1939): filósofo e sociólogo francês.

¹⁶⁶ NECKER, Anne Louise Germaine [madame Stäel] (1766-1817): escritora francesa.

preceitos unificadores do Monismo, muitos dos quais seriam apreciados por Graça aranha alguns anos mais tarde. De qualquer maneira, a admiração de Barreto pela cultura alemã impeliu-o a fundar um jornal impresso em alemão, no interior de seu estado natal, Sergipe. A explicação de Bastide para a obsessão de Barreto pela cultura alemã é que ela se originara de um desejo de mentalmente mudar de cor, de intelectualidade estar acima da linha de comportamento, o mesmo desejo que talvez a princípio tenha levado Machado de Assis a ler, admirar e ser influenciado pelos clássicos ingleses.

Entretanto, ao contrário de Machado, Barreto foi muito mais influenciado pela ideologia racial arianista de sua época e por vezes mais aberto quanto à sua condição de mulato, o que o levou a descrever-se como um indivíduo de uma raça ou sub-raça, que ainda se acha em via de formação. Seu desejo de fusão com um mundo branco levou-o a escrever poemas patrióticos nos quais os símbolos desta fusão é o exército, a instituição que tradicionalmente uniu as três raças na causa comum do patriotismo. O amor é outro tema unificador em sua poesia. No poema Por brincadeira, ele nos dá a imagem de uma mulher que simboliza a dupla beleza européia e da africana que, embora sendo uma medida do condicionamento de Barreto ao racismo branco, apesar de ser mulata, é classificada como ariana:

Bastos, crespos cabelos de mulata
Sendo ela aliás de pura raça ariana.

Notamos no trecho acima, que Tobias assimila a linguagem ariana, fruto do racismo científico adquirido de autores estrangeiros. A literatura brasileira está recheada de personagens mulatas retratadas por brancas, como é o caso de Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães¹⁶⁷. O negro subliminarmente é aclarado para ficar mais próximo do branco. Há negros que se permitem chamar de “Branca de Neve” ou de “Alemão”. Termos pejorativos usados com sentidos eugênicos ou como sinônimos de raça pura equivalente à “raça” ariana, o grande sonho de Hitler.

Não escapa ao assédio da Escola do Recife nem mesmo o poeta Cruz e Souza,¹⁶⁸ pioneiro do movimento simbolista no Brasil e autor de “Missal” (1893) e “Broquéis” (1893). Diz-se da influência de Baudelaire sobre Souza:

Um outro que sofreu grande influência do Simbolismo alemão bem como da filosofia pessimista de Schopenhauer, foi o primeiro grande poeta negro do Brasil, Cruz e Souza, o representante mais famoso de seu¹⁶⁹ país do simbolismo do século XIX. Cruz e Souza, como Machado de Assis e Tobias Barreto, tentou ocultar suas origens humildes escrevendo uma poesia de extrema habilidade técnica e sensibilidade. (BROOKSHAW, 1983, p. 156).

¹⁶⁷ GUIMARÃES, Bernardo (1825-1884): romancista e poeta mineiro.

¹⁶⁸ CRUZ e SOUZA, João da (1816-1898): poeta e jornalista, catarinense.

¹⁶⁹ BAUDELAIRE, Charles (1821-1867): poeta, escritor e crítico francês.

Um alemão de nome Müller¹⁷⁰ partidário da teoria da evolução de Darwin e radicado em Blumenau (SC) desmistifica a afirmativa preconceituosa de que o negro é inferior. Usa como exemplo Cruz e Souza ao afirmar numa carta ao irmão Hermann que

...convivendo com os negros e os mulatos, no Brasil, desde 1852 [...]. Entre os meus discípulos deste ano, o melhor é um preto de puro sangue africano – o poeta Cruz e Souza; compreende tudo facilmente e tem tal ânsia de aprende como nunca encontrei, raro mesmo no vosso clima frio. Esse negro representa, para mim, mais um reforço da minha velha opinião contrária ao ponto de vista dominante, que vê, no negro, um ramo por toda parte inferior e incapaz de desenvolvimento racional por suas próprias forças; quando em apoio disto se alega que no seu habitáculo não atingiu nenhum grau elevado de civilização, e por isso se deve ter como incapaz, esquece-se que há dois mil anos poderiam gregos e romanos ter dito o mesmo dos nossos antepassado. (LEÃO, 1961, 114).

Grieco¹⁷¹ explica com todas as letras, o real temperamento de Tobias Barreto sem com isso, diminuir a sua erudição, prestígio e projeção nacional. Senão vejamos:

Tão odioso, tão simpático esses Tobias! Gostava das discussões em mangas de camisas, ufanava-se de bem saber decompor o adversário e poderia perfeitamente colaborar num dicionário de injúrias. Crendo-se um naturalista brutal, excedeu-se na sua ostentação provinciana de sabedoria, falseando mil coisas à maneira dos seus queridos alemães, desse Mommsen quis prussianizar Roma e dos estetas de Berlim ou Munich que tanto desfiguraram a Grécia. Os erros e demasias de tal mestre são inumeráveis. Achou Settembrini ‘o maior historiador literário da Itália contemporânea’, esquecido de De Sanctis. Igualou Swedenborg a Cagliostro. Atacou Pedro Américo e Carlos Gomes, talvez por serem protegidos de Pedro II. Esbordoando José Higino, porque este se pretendia um especialista em estudos batavos como ele, Tobias, em estudos tedescos, ameaça-o com cinqüenta clisteres de pimenta, sem prever que ambos acabariam englobados na mesma homenagem de patronos de duas ruas aqui do Rio. Gostava de bate-boca e, para melhor demonstrar a sua erudição, propunha-se expor nas livrarias de Recife obras raríssimas que ele era o único a possuir em Recife. Ufanava-se de que um jornal alemão se houvesse ocupado dele Tobias. Falou com pouco caso de ‘um Sr. Nietzsche, de Baviera’. Chamou a Veillot ‘palhaço do catolicismo’. Faltou-lhe civilização religiosa para admirar certos aspectos da Igreja, era todo pela teologia da Ciência e jurava pelo santo nome de Haeckel. (GRIECO, 1968, pp. 116-117).

Barreto chega à lente da Faculdade de Direito do Recife, mas, conhece o jovem Romero então com 17 anos de idade, ao tempo em que os dois ainda eram estudantes de direito. Romero explica, que nunca fora aluno de Tobias e

¹⁷⁰ MÜLLER, Fritz (1821-1897): zoólogo, professor de matemática alemão.

¹⁷¹ GRIECO, Agrippino (1888-1973): crítico literário, poeta e escritor paraibano.

detalha os bastidores do movimento da Escola do Recife, que arrebatou a juventude estudantil nordestina daqueles dias. Assim nos leva a conhecer com detalhes àqueles dias:

Daí, como, mais tarde, tivesse sido aquele inolvidável amigo nomeado lente da Faculdade de Direito do Recife, onde eu me formara, concluírem que tinha sido aluno das aulas de Tobias Barreto. Não advertem que, quando foi da entrada do meu amigo para o corpo docente daquela Faculdade, já eu, havia nove anos, dali tinha sido. Eu me tinha diplomado em 1873 e Tobias foi lente em 1882, Discípulo de aula de Tobias, aluno dele, não tive, ai de mim, a fortuna de ser! Mas, para o apreciar e distinguir, preciso eu de falsear e a historia, dando-me como estudante no Recife quando já era lente no Colégio de Pedro II desde anos antes (MENDONÇA, 1938, pp.68-69).

Barreto é meu patrício, foi professor de meus irmãos; sua família teve amizade à minha, e, sobretudo, tanto convivi e aprendi com ele que o considero meu mestre nas letras.

Filhos ambos de Sergipe, não nos conhecemos ali. Só em Pernambuco, em fevereiro de 1868, é que vi aquele patrício pela primeira vez. Cursava ele o quarto ano da Faculdade de Direito; eu ia do Rio de Janeiro, com os preparatórios feitos, para matricular-me naquele curso. Tobias foi, portanto, meu contemporâneo nos estudos acadêmicos. Nunca foi meu professor.

Quando o conheci, suas ocupações espirituais diletas eram a poesia e a filosofia. Naquela tinha sido o inaugurador do lirismo condoreiro a datar de 1862, e ainda era um eterno recitador de versos nos teatros, nas festas patrióticas e nos aloés. Este prurido acabou quase completamente em fins de 1870. Na filosofia, que sempre o preocupou de modo especial e característico, já ele havia feito em 1867 o célebre concurso em que aniquilou o afamado tomista pernambucano Dr. José Soriano de Souza. De 1868 datam as suas primeiras publicações nessa matéria. Cournot, Taine e Cacherot já lhe eram familiares. Em fins daquele ano travou conhecimento com o positivismo diretamente pelo 'Cours de Philosophie Positive de Comte. Stuart Mill e Littré vieram mais tarde e não foram muito apreciados. Em tal assunto o meu amigo preferia diretamente o chefe da escola. O velho espiritualismo francês já estava posto de lado. Ainda também não havia o conhecimento de Darwin, de Haeckel, de Hartmann, de Noiré, do monismo e do transformismo em suam. Tudo isto veio depois, a datar de 1871.

Nessas condições é que encontrei o poeta.

Tobias era quase de nossa idade. Foi nosso contemporâneo na academia. Era nosso patrício, nosso camarada, nosso amigo. Nunca foi nosso mestre, no sentido especial do termo. Tínhamos muitas idéias em comum porém nos separávamos em vários pontos gravíssimos em literatura, em ciência, em direito, em filosofia. Em nossas conversações sempre os discutíamos e cada um ficava com as suas opiniões capitais.

Em todo o Brasil, nunca teve, nem tem ainda hoje, o escritor sergipano, maior defensor e maior apreciador do que nós. Mas não é preciso mentir para o elevar. Ele, mesmo, era o primeiro a reconhecer aquilo em que, de qualquer forma, tinha sido antecedido, o que lhe não tira em grão algum o mérito, antes o realça. É o caso da crítica sistemática e científica, do folk-lore, da etnografia, história literária e de outros assuntos de que ele ou não se ocupou, ou só o fez per

accidens. Houve, porem, assunto de que só ele se encarregou, e nós não, e é o caso da critica religiosa, do direito penal, da literatura comparada, da critica musical, etc., e os houve em que ele principiou e nos chegamos mais tarde, como a filosofia.

Em suma, nós e Tobias, que demos ao Brasil o exemplo da mais completa fraternidade espiritual, fomos dois camaradas, dois obreiros amigos, mas independentes, que procurávamos trabalhar sem rivalidades e sem submissão um ao outro; de acordo, porem autônomos; ele, a final, quase todo haeckelista e nos mais - spencerianos.

Nossa posição foi, é e será a do amigo e camarada, reconhecedor e propugnador de sua elevada capacidade, de seus grandes méritos, sem comtudo, julgarmos preciso jurar indistintamente em todas as suas idéas.

Nunca hesitei em reconhecer e proclamar que Tobias em muitas coisas me antecedeu: na vida, pois nasceu antes de mim, na poesia, na própria critica, em sentido geral, na filosofia, na política, no direito; e no mérito, todo o merito que, porventura, eu possa ter, em todos esses ramos da atividade espiritual, tem, consistido exatamente em, tendo aparecido depois dele e estimando-o sempre, conseguir pensar em tudo aquilo diferentemente dele na maior parte dos casos. (MENDONÇA, 1938, pp. 61-62, 64-65).

Romero credita a Barreto sua iniciação ao conhecimento científico e se transforma no eixo, de nossa tradição histórica e intelectual, pela sagacidade e dissimulação, de embalar subliminarmente com o romantismo literário, a ideologia do racismo científico. Esclarece que

...o mais velho e fecundo – Tobias Barreto de Menezes – introduziu, pela primeira vez, entre nós, o estilo de Vitor Hugo.” O nobre poeta fora, porem, sempre moderado. O outro – Antonio Castro Alves – seguira-lhe as pisadas com um talento mais que muito apreciavel. Este, contudo, era um homem de imaginação mais que de sentimento. (MENDONÇA, 1938, p. 53.)

Deixei para o fim a influencia em mim exercida por Tobias Barreto, para ter o prazer de destacad-a com mais força. Não recebi dele propriamente idéas; aprendíamos, por assim dizer, em comum. Dele aproveitou-me intensamente, e nunca fiz disso mistério, o entusiasmo de combater, o calor da refrega, o ardor da luta, o espírito de reação, a paixão das letras, o amor pela vida do pensamento, pelo espetáculo das idéas. (MENDONÇA, 1938, pp. 65-66).

Romero supera o mestre Tobias como crítico literário e é considerado com Araripe Júnior¹⁷² e Veríssimo,¹⁷³ a “trindade da crítica literária positivista e naturalismo” (GUIMARÃES, 2004, pp. 269-298) como se reconhece:

A proposta contida no ensaio do intelectual cearense mostra engajamento do crítico no movimento de ideias que invade o País após os anos 70 do século passado, já que concomitantemente Silvio

¹⁷² ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar (1848-1911): advogado, magistrado, jornalista, contista, romancista e crítico literário cearense. Formado na Faculdade de Direito do Recife, milita no movimento da Escola do Recife.

¹⁷³ VERÍSSIMO, José (1857-1916): jornalista, escritor, educador paraense.

Romero e Arararipe Júnior, dois outros ensaístas do período, trabalham na mesma linha. (BAUMGARTEN, 1997, p. 47.)

É possível que Sílvio Romero, de todos os críticos do Brasil, tivesse sido o de mais extensa erudição – o que tivesse assimilado a mais vasta experiência de leitura. À crítica literária não repugna uma preparação como a que ele chegou a possuir – certamente maior que a de Arararipe Júnior e a de José Veríssimo. Entretanto, toda essa soma de conhecimentos teria de ser mal utilizada à falta de qualidades propriamente artísticas. Sempre que se apresentava a oportunidade para a discussão de doutrina, de sistemas e escolas, ele se afirmaria com desembaraço e quase sempre com lucidez. A estrutura do seu espírito foi coerentemente a mesma em todos os momentos – um espírito geométrico que, por ausência de imaginação, se deixou comprimir dentro do já experimentado, do já discutido – da experiência feita em idéias e soluções que não se cansava de manipular com sensual volúpia. O que dependesse, porém, de uma apreensão pela sensibilidade ou pela intuição escaparia sempre à sua capacidade crítica. Por isso, Sílvio Romero cometeu em literatura os mais graves erros de julgamento. (CÂNDIDO, 1985, p. 29).

Romero ao tomar contato com as novas correntes ideológicas acata a teoria da ação do meio sobre o homem, com ressalvas em muitos pontos da lei determinista. Buckle se torna o seu livro de cabeceira, mas não dispensa outros autores, como ele mesmo apresenta:

Transportado para o progressivo e agitadíssimo centro espiritual do Recife, em 1868, aos 17 anos de idade, isto é, na força da vivacidade e do entusiasmo, entendi de tomar parte nas lutas ali então travadas, escolhendo o campo mais de harmonia com o meu temperamento – a crítica.

Os meus verdadeiros mestres foram, então, Taine, Renan, Max Muller, Scherer, Gubernatis, Breal, Lenormant e Gobineau. Taine, principalmente, com seu belo livro *Philosophie de l'Art en Grèce*, o primeiro dele que li. Renan, por seus admiráveis ensaios sobre *As Religiões da Antiguidade*, *A Poesia das Raças Célticas* e os livros sobre *Averrós e o Averroísmo*, *A Vida de Jesus*, *São Paulo*, *Os apóstolos e o Anti-Cristo*. Max Muller, por seus livros sobre *linguagem, religião e mitologia*. Scherer, por seus belos artigos *Notre Race et ses Ancêtres*, *Mahomet e o Mahometismo*, *Mitologia Comparada*, *A Vida de Jesus (a propósito de Renan)* e outros e outros. Gubernatis, por sua *Mitologia Zoológica*, e principalmente Breal por seu belo estudo *Hercule et Cacus Ess. des Essarts* no magnífico ensaio *L'Hercule Grec*. Lenormant, por sua admirável obra *Les Civilizations de L'Antiquité*. Devo juntar, também, o excelente Emile Burnouf com o magnífico livro *A Ciência das Religiões* e o conde de Gobineau com seu excelente *Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas*. (LEITE, 1976, p. 182).

As influências recebidas (desses autores) não fizeram senão desenvolver o que em mim já existia desde os tempos do engenho, da vila, da aula primária e dos preparatórios.

As três primeiras leituras que fiz no Recife, por um feliz acaso, me serviram para abrir definitivamente o caminho por onde já tinha enveredado, fortalecendo velhas tendências. Foram um estudo de Emílio de Laveley acerca dos 'niebelungen' e da antiga poesia popular germânica, um ensaio de Pedro Lerroux sobre Goethe e um

ensaio de Eugênio Poitou sobre os Filósofos Franceses Contemporâneos. O primeiro meteu-se nessas encantadas regiões do folclore, da crítica religiosa, da mitologia, da etnografia e das tradições populares. O segundo, nas acidentadas paragens da crítica literária moderna. O terceiro, no mundo áspero e movediço da filosofia. (LEITE, 1976, p. 183).

Buckle não influencia tão-somente o jovem Romero, mas toda uma geração (1870) de jovens, que virá despertar, o espírito crítico-histórico-cultural do Brasil. Araripe Júnior, por exemplo, reconhece a contribuição advinda da leitura do escritor inglês e escreve: “A reconstituição de minhas idéias data de 1873. Foi nesse ano que li pela primeira vez as obras de Spencer, a História da Civilização da Inglaterra, de Buckle, e os trabalhos críticos de Taine.” (ARARIPE JR., 1958, v. 1, p. 133). Rende-se a Buckle: “Declaro até que, se não existissem os trabalhos do autor de História da Literatura Inglesa, é bem possível que eu ainda hoje estivesse jungido ao sistema das causas fortuitas.” (ARARIPE JR., 1978, pp. 299-300).

Buckle e Ratzel influenciam por conta de seus trabalhos famílias que se dividem na preferência entre eles, como é o caso do neto do Senador Pompeu, Tomás Pompeu sobrinho,¹⁷⁴ homem público devotado ao Ceará e a geografia, que se interessa pelo pensamento do fundador da geografia moderna Ratzel. Declara a grande influência de Ratzel em sua vida profissional. Brasil Sobrinho preside o DNOCS [Departamento Nacional de Obras Contra a Seca]. (ANDRADE, 1968, p. 28 apud RIBEIRO, 1999, p. 78). Já seu avô Senador Pompeu [Tomás Pompeu de Souza Brasil],¹⁷⁵ professor de geografia e história tinha preferência por Buckle.

A escola candoreira do Recife (1862-1863) lembra condor, águia e falcão, aves de visão acurada a distância, e que alçam altos voos tipificando a expectativa literária da plêiade romântico-hugoana (Victor Hugo), preocupada em escrever sobre os problemas sociais da época, por meio da poesia.

A “poesia social” que chama a atenção pública sobre a escravidão e a futura república, ou poesia filosófico-científica como era conhecida, é iniciada por Romero, com a publicação no jornal “A Crença” de Recife em abril de 1870,

¹⁷⁴ BRASIL SOBRINHO, Tomás Pompeu (1880-1967): homem público, geógrafo cearense.

¹⁷⁵ BRASIL, Tomás Pompeu de Souza (1818-1877): senador, padre, professor de teologia, jurista, jornalista, geógrafo cearense.

do artigo “A Poesia dos Harpejos Poéticos”, uma crítica ao livro de Magno.¹⁷⁶ Conforme suas próprias palavras, “apresentava pela primeira vez, no Brasil, a idéia da poesia fundada no criticismo contemporâneo, e combatia consequência lógica, o romantismo choro e o indianismo brasileiro”. (TAVARES, 1969, p. 82). Segue-se a apresentar pelos órgãos de imprensa do Recife uma série de críticas sobre livros, não poupando nisso nem Castro Alves¹⁷⁷. Não tarda para se organizar no Recife, uma plêiade da poesia social.

Romero pincela como foi organizada a única escola desta natureza no Brasil nos idos de 1870 e que transforma o sofrido Nordeste, numa academia de pensadores, dispostos a mudar a realidade nacional. Assim a descreve:

Um bando de ideias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte. Hoje, depois de mais de trinta anos; hoje que são elas correntes e andam por todas as cabeças, não têm mais o sabor de novidade, nem lembram mais as feridas que, para as espalhar, sofremos os combatentes do grande decênio: positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, folclore, novos processos de crítica e de história literária, transformação da intuição do Direito e da política, tudo então se agitou e o brado de alarma partiu da Escola do Recife. (ROMERO, 1926, pp. XV e XXXVIII; 1979 pp. 153-186).

Por sua vez, Klein discute acerca da formação da Escola do Recife surgida do cruzamento de ideias, no espaço e tempo oportunos, como descreve pormenorizadamente:

A Escola do Recife não era um grupo homogêneo cujos membros são todos perfeitamente identificáveis. Ela não surgiu em data exata, de forma organizada, fruto de reuniões periódicas registradas em ata voltadas para a elaboração de um pensamento unívoco. Era, antes, resultado da somatória das mentes brilhantes que, fortuitamente, estavam reunidas no mesmo espaço e tempo e voltaram seus interesses para temas convergentes. Assim, não foi a faculdade que organizou sua famosa escola de pensamento. Esta surgiu espontaneamente no seio daquela. (KLEIN, 2005, p. XL).

Castro Alves, considerado o maior romântico brasileiro influencia-se pela literatura hugoana e de Byron,¹⁷⁸ e se torna, o mais combativo representante da escola contra a escravidão. Escreve “O Navio Negreiro” (A Tragédia no Mar) declamada pela primeira vez em São Paulo em 7 de setembro de 1869, nos tempos finais do romantismo. Outros escritos: “Vozes d’África” (1880); “Os

¹⁷⁶ MAGNO, Carlos Hipólito de Santa Helena (1848-1882): poeta paraense e formado em direito pela Faculdade do Recife. Publica “Harpejos Poéticos” em 1869.

¹⁷⁷ ALVES, Antônio Frederico de Castro (1847-1871): poeta baiano.

¹⁷⁸ BYRON, George Gordon [Lord Byron] (1788-1824): poeta britânico; influencia Castro Alves.

“Escravos” (1883). Bosi (2006, p. 217) explicita a extensão da relação Alves-Victor Hugo:

No decênio de 70 espraia-se com menos arte e mais gosto de abstrações a corrente social hugoana que atingira seu ponto alto na poesia de Castro Alves. Os promotores da Escola de Recife, Tobias Barreto e Silvio Romero, e alguns poetas forrados de ingênuo materialismo e fortes convicções antimonárquicas, pretendiam demolir, à força de versos libertários, os pilares do conservantismo romântico que se ajustara tão bem ao sistema de valores do Segundo Império.

Com “Mauro, o Escravo”, de 1864, herói negro que vinga a desonra da irmã (BOSI, 2003, p. 119), Varela¹⁷⁹ antecede Alves na temática da escravidão,¹⁸⁰ no período candoreiro. Relatos sobre Varela nos dão conta de sua formação e sobre os mestres de suas leituras:

Fagundes Varela formou-se no ambiente da escravidão. As suas percepções do escravo foram possivelmente alimentadas por uma mistura de suas memórias infantis na fazenda escravista de seu pai e de suas leituras juvenis como estudante nas faculdades de Direito de São Paulo e Recife, onde ele absorveu o ideal de liberdade vindo de vozes distantes como as de Shelley, Byron, Victor Hugo, e Lamennais. Desta mistura surgiu, em um de seus poemas, o escravo patético cuja razão havia sido aniquilada pela violência da escravidão. (AZEVEDO, 2003, p. 253).

Outro candoreiro que descreve sua experimentação e grau de relação com Barreto na Escola do Recife, é Silva¹⁸¹ que assim destaca:

É bem verdade o dizer-se ser a historia que mais desconhece a que fica mais próxima do tempo em que se vive, porque nem é a velha historia que já anda escrita, nem é a atual a que se está a assistir... É ezatamente o que se dá com o que eu e Tobias Barreto praticámos em Pernambuco, de 1868 a 1876, vae por perto de quarenta anos.

Cá no Rio de Janeiro, os inimigos dele não lhe falam no nome e os meus ou não referem o meu, ou, si o referem, é para dizer as maiores barbariedades.

Fazem-me mais moço do que aquele amigo vinte ou trinta anos. Metem-me no numero dos seus alunos na Faculdade do Recife. Baralham os fatos. Confundem as idéas, com o maior desconhecimento da natureza e da índole das doutrinas diversas que andavamos sempre a sustentar.

Ora, a verdade é a seguinte, como já tenho afirmado muitas vezes: Tobias me precedeu em Pernambuco pura e simplesmente nos cinco anos de sua ação poética, primeira faze da escola do Recife, ou período condoreiro (1863-1868). A datar de 1868 em diante, sendo

¹⁷⁹ VARELA, Luís Nicolau Fagundes (1841-1875: poeta rio-clarense, RJ.

¹⁸⁰ Temáticas sobre a escravidão anterior a Varela e Castro Alves: “Saudades do Escravo” (1850), de José Bonifácio (1827-1886); “A Crioula” (1853) e “Três Liras” (1862) de Trajano Galvão de Carvalho (1830-1864); “Primeiras Trovas Burlescas de Getulino” (1861), do soteropolitano, Luís Gonzaga Pinto da Gama (1830-1882).

¹⁸¹ SILVA, Artur Orlando da (1858-1916): crítico literário, jurista, jornalista e ensaísta recifense.

ele ainda aluno da Faculdade e eu também, é que se iniciou a segunda fase, ou período crítico-filosofico.

Ai, nós fomos companheiros: nos fuimus simul in Garlandia. No primeiro período teve por auxiliares ou rivaes a Castro Alves, Vitoriano Palhares, Guimarães Junior e outros de menor vulto. No segundo, teve-me a mim, Celso de Magalhães, Souza Pinto, Pereira Lagos, Generino dos Santos, Inglez de Souza e outros menos conhecidos. Em 1871 retirou-se para Escala, sem descontinuar, é certo, as lutas. Eu fiquei; e só em 1876 é que deixei o Recife, após oito anos de polemica constantes. Em 1882, quando já era eu no Rio de Janeiro lente do Ginásio Nacional, é que foi iniciada a terceira fase da escola do Recife ou período jurídico-filosofico, Já então estava dali ausente, mas fui um precursor do movimento.

Lembro estes fatos porque, em qe pese a quem quer que seja, não estou disposto a deixar ser bifado o meu lugar na historia intelectual brasileira.

Tobias influiu sobre todos os que trabalharam a seu lado, nas três fazes de sua vida, pelo espírito de reação, pela intuição critica, pelo temperamento de luta, e não por um complexo de idéas feitas, reduzidas a sistema.

Dest'arte, eu, por exemplo, sendo sempre muito amigo e muito admirador seu, sempre estive separado de nas doutrinas mais sérias. Em poesia – ele foi pelo romantismo de Hugo, eu, pelo cientificismo, seguido mais tarde por Martins Junior e contra o romantismo que ataquei com força. Em critica literária – ele foi pelo alemanismo só aceitava a influencia histórica da raça germânica e seu espírito critico. Ele era em letras preferentemente pelos assuntos estrangeiros; eu, pelos nacionaes. Ele desdenhava da poesia popular e da etnografia, como base das reproduções quaesquer dos povos; eu ativa-me a ambas, como bases para a compreensão da vida nacional. Em critica histórica, eu era por Buckle; ele não era sectário des grande inglez. Em filosofia, eu fui, depois de procurar um caminho seguro, por Herbert Spencer; Tobias não admirava este notável gênio, ao qual antepunha Haeckel e Noiré, depois de haver passado por Vacherot, Schopenhauer e Hartmann. Em filosofia do direito, ele foi pelo transformismo haeckeliano e pelo monismo noierista em toda a linha: eu, por uma concepção mais aproximada de Spencer e S. Maine. Finalmente, ele não admitia a psicologia e a sociologia com ciências, no que, desde muito cedo, não o pude acompanhar.

Nossa ação teve, pois, pontos de contato e linhas de divergencia que só uma critica obtusa desconhecerá. (MENDONÇA, 1938, pp. 66-68).

Romero expressa suas experiências ao tempo da escola do Recife, que fizeram dele, um dos mais celebrados intérprete do pensamento, da literatura, da filosofia e da história brasileira de todos os tempos, como se esclarece:

É preciso ter vivido no rio de Janeiro espreitando mesmo de longe, o circulo dos estudantes, dos professores, dos jornalistas, dos literatos e dos políticos de toda ordem, par se haver sentido a temperatura espiritual do tempo nos anos de 1862 a 1868, exatamente o período em que se agitava a Escola do Recife no seu sturm und drang e preparava o início de sua fase crítica.

A poesia movia-se mofina, pálida e tísica, a tossir umas cansadas mágoas de monótono realejar [...] (LEITE, 1976, pp. 180-181).

Beviláqua¹⁸² se divide entre as correntes positivista, evolucionista e naturalista com leituras, mas se identifica na orientação e prática com o romantismo e a cultura jurídica. Como isso se aplica é o que veremos a seguir:

Clovis Bevilaqua fez-se, assim, durante anos de formação, que ocupam a primeira fase de sua existência, um espelho fiel, e excepcionalmente completo, da cultura jurídica do seu tempo.

O seu próprio testemunho nos ajuda a acompanhar o curso de suas leituras. O gosto literário se lhe formara, a princípio, no romantismo. Levou do Ceará, e guardou por toda a vida, o culto de José de Alencar, mas deu-lhe cedo companheiros de outras línguas, e não tardou que sobre seu espírito se fizessem sentir as influências do naturalismo – Flaubert, e sobretudo Zola – e do Parnaso poético: Sully Prudhomme, Leconte de Lisle.

Já o pensamento filosófico teve estímulos, que precisamos meditar. Tobias Barreto, que se agigantava no cenário intelectual de Pernambuco, foi o homem de quem Bevilaqua recebeu o coup e froudre. É sabido que Tobias a ele se referiu com cruel desprezo numa carta particular. É fácil, entretanto, compreender a atração de um, a repulsa do outro, nesse breve encontro entre a natureza impetuosa, injusta, de Tobias, o dionisiaco, e o espírito plácido, compreensivo, do apolíneo Bevilaqua.

Na profunda diversidade de seus espíritos e temperamentos, Tobias Barreto e Clovis Bevilaqua foram, entretanto, intelectuais na moda, isto é, pensadores que se abriram, e se entregaram, ao curso da cultura do seu tempo. Cada um à sua maneira, ambos recolheram das novas correntes de idéias o durável e o efêmero, trazendo para o patrimônio da nossa cultura um impulso generoso de renovação, mas, também, muitos conceitos e atitudes que os progressos da ciência e da filosofia iriam rapidamente suplantam. [...] Sua posição de equilíbrio, Bevilaqua iria encontrá-la no evolucionismo. As outras e Haeckel parecem ter sido daquelas que freqüentou com assiduidade. Nelas adquiriu a compreensão do evolucionismo no mundo da natureza, que se completaria com a concepção evolucionista do universo e da ordem social, apresentada por outro de seus autores preferidos: Herbert Spencer. (DANTAS, 1975, pp. 3 e 4).

O grande sucesso do movimento realista-naturalista que ocupa toda a geração de 1870 teria sido uma resposta ao movimento abolicionista, republicano, positivista? Vejamos como a questão é elucidada no âmbito do movimento do Recife:

Mas veio a ser exatamente pelo fermento dos ideais abolicionistas e republicanos, através da filosofia positivista-evolucionista de Comte, Darwin, Haeckel, e o esteticismo de Taine, com tanta influência em nosso mestre do pensamento, o historiador Capistrano de Abreu, o grande jurista Clovis Beviláqua, os escritores Euclides da Cunha, Graça Aranha (líder dos acontecimentos da Semana da Arte Moderna) e Medeiros de Albuquerque, entre outros, que germinou entre nós o movimento realista-naturalista. Consciência científico-cultural tão bem exposta pela Escola do Recife representada por Tobias Barreto e seus seguidores, segundo explicação de Silvio Romero (LITRENTA, 1974, p. 142).

¹⁸² BEVILÁQUA, Clóvis (1859-1944): filósofo, legislador, jurista, historiador e monista cearense.

Estava, pois, o abolicionismo, como consciência crítica do sistema escravista, limitado pelos interesses de classe daqueles que o conduziram. (LIMA, 1981, p. 15).

Montenegro (1978, p. 140) descreve a transição do cientificismo na República e do pensamento advindo da Escola do Recife e da Academia Francesa do Ceará como segue:

A Escola do Recife e a Academia Francesa, do Ceará, decorrem dessa mentalidade cientificista. Ambas têm o embasamento de um conflito que perdurará através do tempo, estimulando a atualização dos velhos valores e a abertura dominante dos ideais de mudança. É interessante verificar que a República chega ao Brasil com transformações importantes desse ideal, que se acondicionam às novas circunstâncias. Assim é que o cientificismo entra de permeio com o liberalismo, através principalmente da tendência evolucionista, servindo aos intentos da democracia liberal, enquanto que o comtismo, pela sua linhagem autoritária, se prende à ditadura.

Os poetas, escritores e intelectuais influenciados pelo movimento literário do Recife e pela literatura americana e europeia deixaram transparecer em seus trabalhos as ideias e as correntes filosóficas da época.

Usando o conhecimento científico como matriz, se reconhece na terceira geração e última fase de literatura romântica o movimento candoreiro do Recife¹⁸³ com reflexos sobre nossa poesia, jurídica, historiografia, linguagem e diálogo.

¹⁸³ PINTO, Elzeário Prudêncio da Lapa (1862-1870): poeta sergipano; CALASÃS, Pedro Luziene Bittencourt (1836-2874): poeta sergipano; ANTÔNIO, Francisco Leite de Bittencourt Sampaio (1834-1895): poeta lírico, literato, jurista e jornalista sergipano; SOARES, Joaquim de Macedo (1838-1905): dicionarista e ministro do Supremo Tribunal Federal fluminense; AGUIAR, Fausto de (1864-1906): professor, advogado, poeta sergipano; DÓRIA, Franklin Américo de Menezes (1836-1906): advogado, orador, poeta, magistrado fluminense; BANDEIRA, João Carneiro de Souza (1865-1917): professor, diplomata, advogado e ensaísta soteropolitano; GALVÃO, Trajano (1830-1864): poeta que inaugura a poesia afro-brasileira; maranhense; SERRA, Joaquim (1838-1888): jornalista e poeta maranhense; LUIZ, Pedro (1839-1884): político, orador e poeta fluminense; SANTOS, Luiz Delfino dos (1834-1910): médico, literato, poeta catarinense e conterrâneo de Cruz e Souza; SILVA, Juvenal Galeno da Costa (1836-1931): poeta cearense; SOUSÂNDRADE (1833-1902): poeta maranhense; SEABRA, Bruno Henrique de Almeida (1837-1876): poeta paraense; MAGALHÃES, Celso Tertuliano da Cunha (1849-1879): escritor, advogado, folclorista, crítico ficcionista maranhense; TÁVORA, João (1843-1888): advogado, crítico, jornalista, teatrólogo cearense; MORAIS FILHO, Melo (1843-1919): poeta, médico, folclorista, cronista soteropolitano; SIQUEIRA FILHO (1845-1870): poeta; MOREIRA, Pedro (1848-1915): poeta; LIMA, Xavier de (1845-1873): poeta; GUIMARÃES JÚNIOR (1845-1898), poeta; PALHARES, Vitoriano José Martinho, poeta soteropolitano; ROSA, Almeida (1825-1889): poeta, advogado, diplomata; ALVIM FILHO, José Cesário de Faria (1839-1903): poeta; SÁ, Franco de (1836-1856): poeta, jornalista, declamador e político maranhense; MENDONÇA, Augusto Antônio de (1839-1880): poeta; FREIRE, Junqueira Freire (1832-1855): poeta e monge beneditino soteropolitano; MARTINS JÚNIOR (1860-1904): jurista, poeta, jornalista e professor soteropolitano; ABREU, José Honório Capistrano de (1853-1927): historiador cearense; LIMA, Rocha (1855-1878): jornalista, crítico literário cearense; BRITO, Raimundo Farias (1862-1917): filósofo, poeta, literato afrodescendente e cearense; SANTOS, João Brígido dos (1829-1921): professor, cronista, historiador, jornalista e político fluminense; MENEZES, Antônio Bezerra de (1841-1921): poeta e historiógrafo cearense; ARANHA, Graça (1868-1931): advogado magistrado, escritor, ensaísta e diplomata maranhense; LIMA, Oliveira (1867-1928): embaixador, jornalista, crítico, escritor, graduado em Letras, possuidor da 3ª biblioteca sobre o Brasil; soteropolitano.

Gerações de românticos brasileiros que refletiram em seus romances, ensaios, poesias, crônicas, crítica literária o viés de um tempo de mudanças no pensamento nacional: Gonçalves Dias; Teixeira e Souza; Domingos José Gonçalves de Magalhães; Álvares de Azevedo; Casimiro de Abreu; Manuel de Almeida; Antônio Peregrino Manuel Monteiro; Salomé Queiroga; Joaquim Norberto de Souza Silva; Francisco Barreto; Francisco de Varnhagem; Visconde de Porto Seguro entre outros.

Assim floresce no Brasil a partir de 1870 o **racismo científico** advindo da leitura da tríade forjada de elementos de ciência da Europa: o romantismo; o naturalismo; o realismo. A Europa torna-se uma imagem, forma e padrão a ser imitado pelo Brasil como aspiração e uma definição de tendência. Não há como negar esse fato depreende (MENDES, 2004, pp. 23, 24):

O Brasil, sempre lento em sua evolução, mantém, em suas bases, o magnetismo da vagarosidade: o negro tardiamente adquire sua liberdade (1888), o Império insiste em funcionar como esteio de uma máquina emperrada, a maioria retrógrada continua a atacar aqueles que fundam e inauguram, no mesmo modelo francês, a academia Brasileira de Letras (1896-1897). Para os reformistas, o campo é a Europa, modelo para se seguir [...].

Na segunda metade do século XIX, não só a Europa apresentou significativas mudanças no aspecto social, como também o Brasil passou por grandes transformações. Se o ambiente europeu começou a se firmar a civilização burguesa, industrial e mecânica, no meio brasileiro o desenvolvimento chegou às cidades, trazendo a marca da desigualdade econômica e, com isso, o aparecimento da pequena massa proletária e a conseqüente habitação coletiva.

Para refletir o aspecto europeu e, ao mesmo tempo, para denunciar essa situação, porque na Europa a afirmação da burguesia implicava surgimento de classe explorada, Émile Zola (1840-1902) apareceu com a sua literatura naturalista, a mesma que mostrou o homem como fruto da pressão natural, isto é, produto do meio, da raça e do momento.

Contudo polêmico que era chegando a embater-se com José de Alencar, Machado de Assis¹⁸⁴ e Bonfim,¹⁸⁵ Romero contrapunha-se ao romantismo, apesar de estar inserido no seu tempo, texto, expressão e espaço. Buscava um projeto nacionalista brasileiro. Diz-se que se opunha também ao indianismo. Mas ele se rende mesmo ao romantismo e ao determinismo como se pode atestar:

¹⁸⁴ ASSIS, Joaquim Maria Machado de (1839-1908): dramaturgo, romancista e poeta carioca.

¹⁸⁵ BONFIM, Manoel (1868-1932): pedagogo, médico e historiador sergipano.

Em parte, é essa posição – ao tempo considerada realista e científica – que justifica seu ataque ao romantismo e ao indianismo, pois nega a existência de desenvolvimento autônomos, e pretende integrar o Brasil, na civilização americana-européia do futuro. Ao mesmo tempo, no entanto, procura as raízes populares da literatura, procura ver a característica nacional dos autores brasileiros, e através dessa característica pretende avaliar o seu valor. De forma que, embora combata o romantismo, sua teoria não encontra um outro critério de avaliação, a não ser aquilo mesmo que combate. A diferença está no fato de Sívlio Romero voltar-se para o que se chamaria uma cultura mestiça, com predomínio do branco, enquanto os românticos elegiam o índio como o modelo nacional.

À primeira vista, Sívlio Romero, embora negando o romantismo acaba por afirmá-lo, ao tentar uma definição das características brasileiras e ao procurar sua expressão. Mas, bem observadas as coisas, a contradição é menos dele que dos autores que seguia. Como foi sugerido na primeira parte deste ensaio, os românticos – sobretudo os alemães propunham o caráter nacional como a expressão singular e valiosa de um povo. Pelo menos explicitamente, não pretendiam a valorização exclusiva de um povo, nem pretendiam que apenas uma nação detivesse a verdade; para eles, valeria a diversidade e a multiplicidade. Com os cientistas – que foram os mestres de Sívlio Romero – a situação era diversa: continuavam a usar um método aparentemente histórico, continuavam a buscar a origem remota dos desenvolvimentos contemporâneos, mas para eles só os brancos – ou arianos – teriam valor.

As teses sobre a inferioridade de negros e índios, sobre a submissão racial e a superioridade da raça branca como a dominante, são esposadas por Nina Rodrigues, Oliveira Viana, Capistrano de Abreu etc., e adotadas das seleções étnicas de Lapouge, teórico do arianismo, autor de “Raça, Classe e Eugenismo”. Euclides da Cunha¹⁸⁶ se inspira em Ratzel, Broca, Morton e na teoria do polonês Gumplowicz¹⁸⁷ enquanto que Pombo¹⁸⁸ em outros nomes. O tipo louro era o preferido, basta estudarmos as imigrações para o Brasil. Via-se no bandeirante o tipo racial do louro para o Brasil, segundo Viana, que cria na superioridade nórdica. Para Viana, os dólico-louros tomaram a dianteira na obra do descobrimento e se constituíram nos centros dirigentes e propulsivos de outras classes. (VIANA, 1924, p. 110).

Gobineau esteve no Brasil como diplomata e é o precursor da teoria da raça superior e ariana entre nós. Agassiz e Couty¹⁸⁹ franceses com passagem pelo Brasil criticaram a mestiçagem e enfatizaram uma raça superior.

¹⁸⁶ CUNHA, Euclides da (1866-1909): sociólogo, jornalista e escritor fluminense.

¹⁸⁷ GUMFLOWICZ, Ludwig (1838-1909): jurista e cientista político nascido em Cracóvia, na Polônia.

¹⁸⁸ POMBO, José Francisco da Rocha (1857-1933): professor e jornalista; historiador paranaense.

¹⁸⁹ COUTY, Louis (1854-1884): médico e fisiologista francês.

As ideias europeias de superioridade racial afetam o governo brasileiro e influenciam suas decisões com relação à entrada de imigrantes no País. Decreto nº 528 de 28 de junho de 1890 que trata sobre o tema no seu art. 1º, libera a entrada nos portos dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho e sem antecedentes criminais. Quanto aos indígenas da Ásia ou da África entrariam mediante autorização do Congresso Nacional. O decreto foi assinado por dois afrodescendentes: Deodoro da Fonseca¹⁹⁰ (presidente da República) e o Ministro de Agricultura Francisco Glicério.¹⁹¹

Lacerda¹⁹² representa o Brasil no I Congresso Universal de Raças realizado em julho de 1911 em Londres, em que apresenta o tema: “Os Métis ou Mestiços do Brasil”. Expõe no evento a tela de Modesto Broccos:¹⁹³ “A Redenção de Cã” de 1895, em que aparece uma mãe negra com a filha um pouco mais clara casada com branco e com o filho branco no colo. A mulher negra está levantando as mãos para o céu para agradecer pelo neto branco segundo o autor. Símbolo do branqueamento do Brasil enfocado pelo artista. Lacerda fazia acreditar que os dias do negro estavam contados no Brasil, pois que a miscigenação branquearia a nação nalguns anos.

Arthur Orlando escreve o ensaio “Brasil, a Terra e o Homem” (Recife, 1913) em que discorre sobre as teorias de Gobineau e Lapouge, sem, contudo, questioná-las. Diniz¹⁹⁴ escreve “História Racial do Brasil” narrando os aspectos culturais do português no desenvolvimento físico e mental do brasileiro e perfila estudos antropológicos e sociológicos entre Portugal e Brasil com destaque, para a questão da formação étnica e racial entre os dois. Em 1918 era fundada em São Paulo a Sociedade Paulista de Eugenia, seguidora das orientações de Galton que por sua vez, assim resume a doutrina: “O estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente.”

Apanhado sobre os objetivos da Eugenia descritos segundo Azevedo:¹⁹⁵

¹⁹⁰ FONSECA, [Marechal] Manoel Deodoro (1827-1892): filho do tenente-coronel Manoel Mendes da Fonseca (1785-1859) e da ex-escrava quitandeira Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcanti (1802-1873), a “Nhá Rosa”.

¹⁹¹ LEITE, Francisco Glicério Cerqueira (1846-1916): jornalista, advogado, político e grão-mestre do Grande Oriente; filho de Antônio Benedito Cerqueira Leite e da ex-escrava Maria Zelinda da Conceição.

¹⁹² LACERDA, João Batista de (1846-1915): médico e cientista brasileiro.

¹⁹³ GÓMEZ Modesto Broccos y (1853-1936): pintor, gravador e desenhista espanhol do Museu de Belas Artes, do Rio de Janeiro.

¹⁹⁴ DINIZ, Almachio (1880-1937): jornalista, advogado, jurista e filósofo soteropolitano.

¹⁹⁵ AZEVEDO, Fernando (1894-1974): sociólogo, professor, educador e ensaísta.

- a) Medidas sócio-econômicas, sanitárias e educacionais.
- b) Intervenção profilática para a melhora do meio físico.
- c) Aperfeiçoamento do tipo étnico pela educação higiênica, educativa e social.
- d) Revigoração do povo por meio educacional, defesa sanitária e de cultura atlética.

Segundo seu ponto de vista os cuidados eugênicos poderiam melhorar ou prejudicar mentalmente, as qualidades raciais das gerações futuras. (AZEVEDO, p. 1960, p. 290).

Azevedo (1963, p. 80), membro da Sociedade Paulista de Eugenia, inteirava-se do branqueamento da população pela mistura do negro e do índio com sangue branco, como assim se expressa:

Admitir-se que continuem negros e índios a desaparecer, tanto nas diluições sucessivas de sangue branco como pelo processo constante de seleção biológica e social e desde que não seja estancada a imigração, sobretudo de origem mediterrânea, o homem branco não só terá, no Brasil, o seu maior campo de experiência e de cultura nos trópicos, mas poderá recolher à velha Europa – cidade da raça branca -, antes que passe a outras mãos, o facho da civilização ocidental a que os brasileiros emprestarão uma luz nova e intensa – a da atmosfera de sua própria civilização.

De autoria dos deputados Braga¹⁹⁶ e Bezerra,¹⁹⁷ o projeto de lei nº 209 de 28 de julho de 1921 no seu art. 1º, proíbe a entrada no país de imigrantes da “raça de cor preta”. (Diário do Congresso Nacional. Julho 1921, p. 2.303). O projeto racista, não entanto, não prospera nas Comissões do Congresso.

Na Câmara dos Deputados ocorre outra tentativa de barrar a entrada de colonos negros no Brasil. Projeto de lei nº 321 de 22 de outubro de 1923 de autoria do deputado Reis,¹⁹⁸ propunha isso sob a justificativa da preservação do ponto de vista estético e de nossa concepção helênica de beleza, que não se harmonizaria com os tipos provindos de semelhante fusão racial. Para os amarelos a cota foi definida em 5%.

Ainda em 1923 era fundada no Rio de Janeiro por iniciativa de Riedel,¹⁹⁹ a Liga Brasileira de Higiene Mental, com o propósito de melhorar o atendimento psiquiátrico. Integrada ao movimento eugênico era a favor da segregação dos

¹⁹⁶ BRAGA, Cincinato César da Silva (1864-1953): natural de Piracicaba (SP); jurista, escritor e político.

¹⁹⁷ BEZERRA, Antônio Vicente de Andrade (1889-1946): político pernambucano.

¹⁹⁸ REIS, Fidélis (1880-1962): engenheiro agrônomo e político de Uberaba, MG.

¹⁹⁹ RIEDEL, Gustavo Kohler (1887-1934): psiquiatra.

portadores de “germes defeituosos”, da esterilização e da eutanásia. Adota integralmente a doutrina ariana e a superioridade racial.

Pereira,²⁰⁰ apologista da superioridade ariana escreve “O Brasil e a Raça” (1928) como resultado da Conferência realizada na Faculdade de Direito de São Paulo em 19 de junho de 1928; depois publica “Pelo Brasil Maior” em 1934.

Em julho de 1929 Roquette-Pinto²⁰¹ preside o I Congresso Brasileiro de Eugénismo realizado no Rio de Janeiro. O problema eugênico da imigração foi um dos temas abordados no encontro. Surpreende aos presentes primeiro com a distinção entre os movimentos eugenista e higienista florescentes no Brasil, e depois com sua oposição às políticas racistas. Suas palavras a respeito:

A higiene procura melhorar o meio e o indivíduo; a eugenia procura melhorar a estirpe, a raça, a descendência. São preocupações bem diferentes.

Outrora, acreditava-se que, melhorado o indivíduo, estava, por isso, melhorada a espécie. Foram os tempos heróicos da Higiene, há uns trinta anos. Naquela época o problema era entregar o homem doente à medicina e o são à higiene, para protegê-lo. Esta prevenia a doença, aquela procurava curar os doentes. Afinal, verificou-se que a higiene, sozinha não consegue impedir que surjam certos tipos enfermos. Porque há doenças da raça, há doenças ou deficiências do germen. E a higiene não vai lá. (ROQUETTE-PINTO, 1982, p.44).

Da abertura do Congresso consta como palestrante o Dr. Jorge de Moraes que discorre sobre o tema “Da educação física como fator eugênico: sua orientação no Brasil” que propugna a conscientização da temática pela classe médica e pela sociedade. (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 81).

Oliveira Viana sonhava com um povo brasileiro formado por uma “elite de eugênicos”. (VIANA, 1931, p. 2).

A Constituição Federal de Vargas de 1934, art. 138, alínea “b”, estimula na União, nos Estados e Municípios a educação eugênica. Na Alínea “g” estimula o cuidado da higiene mental e da luta contra os venenos sociais. (POLETTI, 1999, V. III, p.166). O jurista Pedro Calmon no seu comentário acerca desta Constituição destaca:

O Brasil é muito grande: precisa de braços para sua lavoura de forte corrente imigratória que lhe auxilie o surto de riqueza... O nacionalismo da Constituição de 1934, porém, se extremara quanto ao imigrante. Prevaleceu na Constituinte daquele ano a opinião de

²⁰⁰ PEREIRA, Antônio Batista: escritor.

²⁰¹ ROQUETTE-PINTO, Edgar (1884-1954): professor, etnólogo, antropólogo e médico legista.

que devíamos cuidar da raça e dos seus problemas: população homogênea, mais bela, mais sadia. (CALMON, 1951, p. 330.).

Vargas influenciado pela pregação da supremacia racial europeia no art. 2º do Decreto-lei nº 7.967 de 1945, dita as regras para receber a imigração nos seguintes termos:

Atender-se-á, na admissão de imigrantes, à necessidade de preservar e desenvolver na concepção étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência europeia.

A Constituição de 1946 sancionada pelo Marechal Eurico Gaspar Dutra destaca no art. 157, inciso VIII, a *higiene* e segurança do trabalho. (BALEEIRO; LIMA SOBRINHO, 1999, V, p. 106).

No Estado do Rio Grande do Sul 7 municípios aludem em suas respectivas leis orgânicas “estimular a educação eugênica e incentivar a prática esportiva” que geram patrocinadas pelo Ministério Público do Estado, Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADIN) junto ao Órgão Especial do Tribunal de Justiça de Porto Alegre (RS). Barra do Quaraí: Inciso XIII do artigo 9º da Lei nº 886/2007, que altera a lei orgânica do município. ADIN Nº 70020894978 de 12 de novembro de 2007. Acórdão de 12 de novembro de 2007. Uruguaiana: Inciso XIII do artigo 9º, da lei orgânica do município (Resolução nº 9, de 3 de abril de 1990). ADIN Nº 7002089460. Acórdão de 12 de novembro de 2007. Passo Fundo: Inciso VIII do artigo 11 da lei orgânica do município (1990). ADIN Nº 70020896882. Acórdão de 7 de abril de 2008. Riozinho: Inciso VIII do artigo 9º da lei orgânica do município (1990). ADIN Nº 70020897096. Acórdão de 26 de novembro de 2007. Multierno: Alínea “h” do artigo 10 da lei orgânica do município. ADIN Nº 70020896924. Acórdão de 28 de abril de 2008. Os dispositivos da educação eugênica foram revogados pela justiça.

Os municípios de Enertina e Ciríaco optaram pela extinção das expressões racistas em suas leis orgânicas²⁰² antecipando-se a revogação judicial.

²⁰² Disponível em <http://www.direito2.com.br/tjrs/2009abr7/promoção-a-educacao-e...> Acesso em: 30 mai. 2009.

2.5 Abordagens sobre o racismo científico no Brasil

O racismo científico no Brasil como se salienta, teve acolhimento pelo movimento romântico literário, envolvendo nomes de expressão do cenário das letras e do conhecimento e uma influente penetração na formação acadêmica e de ideias, como na formação da opinião pública e do inconsciente popular.

Imagino as dificuldades redobradas que não tiveram os ex-escravos que por certo sem saber, estavam debaixo do chicote do racismo científico, impedidos de prosperar e serem incluídos socialmente. Surgiram clubes, associações e entidades afros, para atender as necessidades deles; mas o grande problema em suma não aparece. Está camuflado. É do interesse de poucos para o controle sobre muitos. Lima Barreto²⁰³ relegaria suas origens mestiças e escreveria sobre os preconceitos do dia-a-dia; mas nenhuma linha sobre o racismo científico. Tentaria a Academia Brasileira de Letras, mas não conseguiria tornar-se acadêmico devido sua cor. Machado de Assis não toca no campo racial. Cruz e Souza; tinha noção do determinismo e denuncia os preconceitos de seus dias; mas não se refere ao racismo científico, que prospera. Cruz tece elogio à mulher branca. Morre pobre e tuberculoso. Seu corpo é trasladado de Sítio (MG) para o Rio de Janeiro num vagão para transporte de cavalo. José do Patrocínio custeia as despesas.

Querino²⁰⁴ destaca-se como o primeiro negro a escrever sobre a cultura negra na Bahia. Os jornais da imprensa negra desde o Menelick desempenham papel fundamental na prestação de serviços à comunidade, na comunicação da gente negra, na auto-estima e valores, na divulgação da cultura negra em si. Com textos de várias linhas de raciocínio e editoriais denunciam o preconceito de cor. Marca-se a presença negra nas entrelinhas do contexto social apesar da desigualdade e da exclusão reinantes.

Para problematizar o racismo científico e seus efeitos daninhos à imagem do indivíduo, à sua estética, personalidade, identidade e tanto o quanto possível erradicá-lo do pensamento e da ação nacional ergue-se o

²⁰³ BARRETO, Afonso Henriques de Lima (1881-1922): escritor e jornalista.

²⁰⁴ QUERINO, Manuel Raimundo (1851-1923): escritor; traduz em seus ensaios a cultura negra da Bahia.

contrarracismo com vozes altissonantes e bandeiras como de Bomílcar,²⁰⁵ de sentimento antilusitano, para fazer a defesa intelectual da mestiçagem brasileira. Bomílcar escreve “O Preconceito de Raça no Brasil” em 1911 em que revida as agressões à mestiçagem e à ideia de degenerescência em circulação no Brasil. Argumenta que “o melhor, o mais são dos brasileiros será precisamente aquele que possuísse em grau de equivalência e em perfeita mixtão, o sangue tríplice do português, do negro e do índio” (sic). (MARTINS, 1978, p. 54). Bomílcar elabora um trabalho na efervescência da revolta na marinha chamada de A Revolta da Chibata,²⁰⁶ rebelião dos marinheiros que em 1910 na Baía da Guanabara (RJ) buscam banir os castigos físicos da corporação. Consagra-se como líder do conflito João Cândido Felisberto,²⁰⁷ o Almirante Negro, o mestre-sala dos Mares. Esclarece Bomílcar sobre as causas da revolta: “Assim, pois, o que está provado, e é patente, não é a falta de idoneidade do nosso marinheiro mas a dos seus superiores que cultuam o preconceito (MARTINS, 1978, p. 54). Conclui: “A designação – raça – superior – não passa pois de um absurdo.”

Outro antilusitano que se levanta é Torres,²⁰⁸ contrário a criação da sociedade de estudos alemães no Rio de Janeiro por iniciativa de Oiticica.²⁰⁹ Sua palestra a respeito realizada em 21 de abril de 1924 é transformada em livreto de 100 páginas sob o título “Razões da Independência” que lembra os feitos de Tiradentes. A plaqueta teve boa aceitação e várias edições. (BUENO, 2003, pp. 93-94). Excerto do folheto:

Tenho honra e prazer em comunicar aos meus inúmeros admiradores mourejantes no jornalismo tamancófilo da minha pátria infeliz – que esta é a terceira edição do presente livro.
Quisera dizer deste livro redentor. Não no digo, por saber ser impossível redimir o irredimível. O caso do Brasil em relação à mentalidade portuguesa não se pode diluir em vagas teorias sociológicas. O Brasil é um simples mas enorme caso de eugenia e

²⁰⁵ CUNHA, Álvaro Bomílcar da (1874-1957): servidor público do tesouro nacional, sociólogo, poeta, jornalista e advogado.

²⁰⁶ Termo cunhado pelo jornalista Edmar Morel (1912-1989) e título de seu livro, editado pela primeira vez em 1959.

²⁰⁷ FELISBERTO, João Cândido (1880-1969): nascido em Encruzilhada do Sul (RS), filho dos ex-escravos João Felisberto Cândido e Inácia Felisberto. Anistiado *post mortem*, pela Lei nº 11.756 de 23 de julho de 2008 originada do PLS 45 de 29 de março de 2001, da senadora Marina Silva que foi transformado no PL 7.198 em 5 de setembro de 2002 na Câmara dos Deputados. No entanto, o parágrafo único da lei foi vetado por Lula, por segundo informar ao Presidente do Senado Federal na Mensagem nº 553 de 23 de julho de 2008, que o projeto contraria ao interesse público.

²⁰⁸ TORRES, Antônio (1885-1934): jornalista, escritor mineiro; professor de português, latim e geografia.

²⁰⁹ OITICICA, José Rodrigues Leite e (1882-1957): filólogo, poeta e professor carioca.

de saúde pública. Melhor dizendo: o Brasil, enquanto for português (como desgraçadamente é), nunca será uma nação. (TORRES, 1925, p. ix apud BUENO, 2003, pp. 93-101).

Vitório de Castro responde a Torres com o livro “Brasileiros e Portugueses” editado em 1925. (BUENO, 2003, p. 96).

Alberto Torres²¹⁰ reforça as contraposições ao racismo científico e à ideologia de legitimação da relação de poder e de domínio, para o controle de classes. Refuta os arianistas e a doutrina da superioridade racial. Defende a ideia de que os melhores tipos étnicos são os mais próximos ao habitat. Escreve que “assim, o índio era o melhor para o Brasil, e o negro o segundo melhor, desde que proviesse de áreas na África mais parecidas com o Brasil que as dos imigrantes europeus”. (SKIDMORE, 1976, p. 137). Reúne artigos publicados no “Jornal do Comércio do Rio de Janeiro” em 1912 e que são enfiados posteriormente como livreto. Lança o “Problema Nacional Brasileiro” e é taxativo: “Não há raças superiores em absoluto.” (RISÉRIO, 2007, p. 355).

Bonfim²¹¹ um dos precursores do estudo de relações étnicas e raciais no Brasil é ferrenhamente antirracista e antilusitano. Exalta o elemento nacional. Os dirigentes de classe também não lhes escapam as considerações. Ocupa-se da nacionalidade brasileira temática retratada em seus livros “América” (1905), “Através do Brasil” (1910), “O Brasil na História” (1930), enquanto que refuta o “darwinismo social” e a “seleção natural”. Diz sobre o pai da teoria da evolução: “Pobre Darwin – nunca supôs que sua obra genial pudesse servir de justificação dos crimes e das vilanias dos negreiros e algozes dos índios.” (BONFIM, 2005, p. 19). Satiriza a Europa fonte ideológica e de literatura do racismo científico e assim se expressa:

A Europa não tira os olhos do continente legendário condenando as sociedades que vivem sobre ele, os porta-vozes das opiniões correntes no Velho Mundo não conseguem ocultar os seus sentimentos, quanto ao futuro que aspiram para as nações Sul-americanas [...]. Ora, a conduta das grandes nações civilizadas para com os povos fracos, estabelecidos em territórios férteis tem sido uma só, única e invariável: agredi-los, tiranizá-los, ou destruí-los quando não é possível reduzi-los a colonos dóceis. (ALVES FILHO, 2008, pp. 17-18).

Gobineau para Bonfim foi um dos maiores teóricos arianistas. Diz dele que:

²¹⁰ TORRES, Alberto de Seixas Martins (1865-1917): advogado, político, jornalista fluminense.

²¹¹ BONFIM, Manoel (1868-1932): médico e psicólogo; sociólogo e historiador sergipano.

...o francês Gobineau, mesquinha mentalidade de diplomata, que se promoveu a conde, considerou-se promovido também em sangue, e proclamou, sobre as raças desiguais, a absoluta superioridade dos germanos... pois que um aristocrata francês é de sangue germano [...]” (BONFIM, 1905, p. 340 apud LEITE, 1976, p. 252).

Consideração de Bonfim sobre a teoria de superioridade e inferioridade das raças: “Essa teoria é apenas justificativa europeia para o domínio e escravização do resto da humanidade.” (BONFIM, 1905, p. 278 apud LEITE, 1976, p. 254). Define o racismo científico da seguinte maneira: “Um sofisma abjeto do egoísmo, hipocritamente mascarado de ciência barata, e covardemente aplicado à exploração dos fracos pelos fortes.” (RISÉRIO, p. 2007, p. 355-356). Aponta a escravidão como um negócio extremamente lucrativo com essas palavras:

O colono encontrou na escravidão o processo sonhado: algumas centenas de escravos e um chicote para cada turma – eis tudo que era preciso [...]. Comprado ou vendido, o negro ou o índio era um capital: o chicote, o meio de crescer-lhe o juro, o recurso para que não se extraviasse. (ALVES FILHO, 2008, p. 21)

Outro grande golpe para o racismo científico desta vez tem em mira o médico-legista Nina Rodrigues, o primeiro a formular estudos sobre a cultura negra no Brasil, com cientificismo e ficção e a ensaiar a primeira classificação racial de maranhenses. Elabora em seguida uma classificação de caráter nacional, usando os termos “economia étnica”, “etnologia” e “antropologia patológica” (Brasil-Médico, 1890). Escreve ensaios sob o tema em foco de 1890 a 1905 como “O Problema da Raça Negra na América Portuguesa”, “Os africanos no Brasil”, “As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil”. Seu orientando de doutorado, Oscar Freire,²¹² defende sua tese sob o tema “Etiologia das Formas concretas da religiosidade no Norte do Brasil” e procura elucidar seu mestre Rodrigues, de que eram os fatores sociais e não as manifestações que se deviam imputar à raça (RAMOS, [s/d], p. 54). Nina Rodrigues é sucedido por Ramos²¹³ na linha de pensamento.

Araripe Júnior e Bonfim rejeitam a tese de branqueamento para o Brasil proposta por Romero e Cunha, que busca valores na miscigenação como processo de assimilação dos inferiores, conforme podemos verificar:

²¹² CARVALHO, Oscar Freire de (1882-1923): médico e professor de medicina legal.

²¹³ PEREIRA, Artur Ramos de Araújo (1903-1949): médico psiquiatra, etnólogo e psicólogo social alagoano.

Até 1910 apenas intelectuais isolados, como o crítico literário Araripe Júnior e o historiador Manuel Bonfim, autor de *A América Latina* (1905), atacaram tais concepções. Araripe atribuía o racismo da ciência européia ao expansionismo das nações dominantes, que tomavam a condenação das raças não-brancas e da miscigenação como idéia ‘fundada para autorizar a expansão e justificar a expropriação dos povos sem esquadras’. Bonfim também criticava o pretensível caráter científico do racismo, que chamava de ‘sofisma abjeto do egoísmo humano’ e ‘etnologia privatista das grandes nações salteadoras’, cujo principal objetivo era justificar a dominação de países e grupos sociais: A ciência alegada pelos filósofos do massacre é a ciência adaptada à exploração. (VENTURA, 2000, p. 354).

Taunay²¹⁴ em contestação a questão da raça pura diz que “a arianização progressiva dos paulistas porquanto a antropologia ensina que o sangue ariano é uma utopia”. (RODRIGUES, 1964, p. 88).

Freyre com “Casa-Grande & Senzala” dá visibilidade à mestiçagem brasileira. Nos EUA, onde estuda, teve uma grande experiência com o antropólogo Boas²¹⁵ que o leva a ver de forma diferente as relações étnicas e raciais conforme ele mesmo explicita:

Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influência social, de herança cultural e de meio. Nesse critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio. Também no da diferenciação entre hereditariedade de raça e hereditariedade de família. (FREYRE, 1975, pp. 1vii-1viii).

Nos idos de 1930, eis que surgem os Congressos Afro-Brasileiros para examinar conjuntamente a questão e a cultura negra, debater nossos temas, teses, pendências, controvérsias e pontos de vista, numa desenvoltura nacional, como para desarticular a onda eugênica e higienista estabelecida no país mais o racismo.

Organizações negras e eventos afins não faltaram nesse período, que chamaram a atenção da imprensa nacional e da opinião pública. Em 1929 em Piracicaba, interior de São Paulo, realiza-se o I Congresso de Mocidade Negra Brasileira, evento de grande repercussão. A Frente Negra Brasileira fundada em 16 de setembro de 1931 tinha em suas fileiras expressões como Correia

²¹⁴ TAAUNAY, Alfredo de Escagnolle de (1843-1899): escritor, professor e historiador fluminense.

²¹⁵ BOAS, Franz (1858-1942): antropólogo alemão radicado nos EUA; difere os efeitos raciais, das influências culturais valorizando ambas.

Leite,²¹⁶ Lucrécio,²¹⁷ Santos,²¹⁸ Costa,²¹⁹ entre outros. A entidade abriu sucursais em várias cidades e estados brasileiros e teve a atuação interrompida em 1937 no Estado Novo, quando ia se transformar num partido político. Diz-se que a Frente possuía 200 mil sócios em todo o Brasil.

Em 2 de dezembro de 1931, Arlindo dos Santos, presidente-geral da Frente Negra Brasileira lança o **Manifesto à gente negra brasileira**.

Em 1932 Correia Leite funda o Clube Negro de Cultura Social em São Paulo, e em 1933, surge a Frente Negra Brasileira Socialista, uma dissidência da Frente Negra Brasileira. No Recife (PE), Freyre organiza o I Congresso Afro-Brasileiro (1934) com a participação de Trindade,²²⁰ com o apoio da Frente Negra Pelotense, representada por Miguel Barros e de Gérson Lima da Frente Negra Pernambucana. O evento de muito prestígio foi realizado no Teatro Santa Isabel. Os trabalhos apresentados foram reunidos num volume contendo 22 artigos, prefaciado por Roquette-Pinto denominado “Novos Estudos Afro-Brasileiros” (1935).

Surge no Rio de Janeiro (RJ), o Movimento Brasileiro contra o Preconceito Racial que lança em outubro de 1935, o **Manifesto dos Intelectuais Brasileiros contra o Preconceito Racial**, assinado entre outros, por Freyre, Hermes Lima,²²¹ Arthur Ramos, Roquette-Pinto, Leônidas de Rezende,²²² Maurício de Medeiros,²²³ Joaquim Pimenta,²²⁴ Vitor Viana,²²⁵ Castro Rebelo,²²⁶ Azevedo Amaral²²⁷ (RAMOS, 1943, p. 34).

Em Salvador (BA), realiza-se nas dependências do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, de 11 a 20 de janeiro de 1937, o II Congresso Afro-Brasileiro, organizado pelo governo do Estado da Bahia e liderado Édison

²¹⁶ LEITE, José Benedito Correia (1900-1989): jornalista e fundador de vários órgãos de imprensa negra como de organizações do segmento. Militante da velha-guarda negra.

²¹⁷ LUCRÉCIO, Francisco: (1909-2001): cirurgião-dentista, soldado constitucionalista da Revolução de 32, um dos fundadores da Frente Negra Brasileira; natural de Campinas (SP). Militante da velha-guarda negra.

²¹⁸ SANTOS, Arlindo Veiga dos (1902-1978): poeta, escritor, político, professor de português, de latim, de sociologia e filosofia, natural de Itu (SP). Militante da velha-guarda negra.

²¹⁹ COSTA, Justiniano: militante da velha-guarda negra paulista foi presidente da Frente Negra Brasileira.

²²⁰ TRINDADE, Solano Francisco (1908-1974): poeta, teatrólogo, pintor, ator soteropolitano.

²²¹ LIMA, Hermes (1902-1978): professor, político, jornalista e jurista.

²²² REZENDE, Leônidas de (1899-1950): escritor, militante político, professor de Direito.

²²³ MEDEIROS, Maurício de (1885-1966): médico, político, professor escritor carioca.

²²⁴ PIMENTA, Joaquim (1886-1963): jurista e escritor cearense.

²²⁵ VIANA, Vitor (1881-1937): professor, crítico literário, jornalista, e ensaísta carioca.

²²⁶ REBELO JR., João Batista de Castro (1858-1912): jesuíta, jornalista, poeta, sociólogo, ensaísta soteropolitano.

²²⁷ AMARAL, Azevedo (1889-1950): matemático, professor e escritor carioca, membro da Academia Brasileira de Ciências.

Carneiro,²²⁸ Reginaldo Guimarães e Aydano do Couto.²²⁹ Os trabalhos foram reunidos num volume organizado por Freyre, com prefácio de Arthur Ramos no livro: “O Negro no Brasil” em 1940.

Palestraram no concorrido evento Ademar Victor,²³⁰ Renato Mendonça,²³¹ Pierson,²³² Robalinho Cavalcanti, Dario de Bittencourt,²³³ Clóvis Amorim,²³⁴ Lápido Solanke,²³⁵ Alfredo Brandão,²³⁶ Diégues,²³⁷ Agüero,²³⁸ Amado,²³⁹ Amanda Nascimento, Prof. Martiniano Bonfim,²⁴⁰ Reginaldo Guimarães.²⁴¹

Realiza-se em Campinas (SP) nas dependências do Instituto de Ciências e Letras de Campinas em maio de 1938, o I Congresso Afro-Campineiro, organizado por Abdias do Nascimento, Geraldo Campos de Oliveira, Aguinaldo de Oliveira Camargo, Agur Sampaio.

Nesta ocasião, várias instituições, sociedades e congressos mundiais, das mais variadas ciências, segmentos e pensamentos, se mobilizaram contra as teorias nazistas de raças, bem como contra as doutrinas eugênicas.

A Associação Psicológica Americana em dezembro de 1938 anuncia a Declaração dos Psicólogos, contra as posições nazistas nos termos que se seguem:

Atitudes raciais e nacionais são psicologicamente complexas, e não podem ser compreendidas a não ser em termos de suas bases econômicas, políticas e históricas. Os psicólogos não encontram base para a explicação de tais atitudes em termos de diferenças mentais inatas entre grupos raciais e nacionais. (RAMOS, 1943, p. 33).

A Associação Antropológica Americana manifesta-se com Resolução na Revista *Science*, de janeiro de 1939, em que entre outras abordagens resolve-se que a

²²⁸ CARNEIRO, Édison de Souza (1912-1972): historiador, escritor e etnógrafo soteropolitano.

²²⁹ FERRAZ, Aydano do Couto (1914-1989): poeta, escritor e jornalista baiano, membro da Academia dos Rebeldes de Salvador.

²³⁰ VIDAL, Ademar Victor de Menezes (1900-1986): advogado, procurador da República e escritor paraibano.

²³¹ MENDONÇA, Renato: diplomata e estudioso da Língua Portuguesa.

²³² PIERSON, Donald (1900-1995): sociólogo norte-americano estuda as relações raciais na Bahia em 1935.

²³³ BITTENCOURT, Dario de (1901-1974): escritor e poeta.

²³⁴ AMORIM, Clóvis (1911-1970): jornalista, escritor e romancista baiano.

²³⁵ SOLANKE, Ladipo Felix (1886-1958): advogado e ativista político nigeriano.

²³⁶ BRANDÃO, Alfredo Loureiro (1874-1944), médico-militar; historiador português.

²³⁷ DIÉGUES JÚNIOR, Manuel (1912-1965): antropólogo e sociólogo; pai do cineasta Cacá Diégues.

²³⁸ AGÜERO, Salvador García (1907-1965): escritor cubano.

²³⁹ AMADO, Jorge (1912-2001): escritor, romancista; crítico literário e poeta.

²⁴⁰ BONFIM, Martiniano Eliseu (1859-1943): sacerdote de culto afro-brasileiro.

²⁴¹ GUIMARÃES, Reginaldo (1915-): médico, folclorista e crítico literário; historiador e romancista baiano.

Associação [...] repudia tal racismo e adere à seguinte enumeração de fatos:

- 1) Raça implica a herança de variações físicas similares em largos grupos da humanidade, mas suas categorias psicológicas e culturais, se existem, não foram comprovadas pela ciência.
- 2) Os termos, 'Ariano' e 'Semita' não têm a menor significação racial. Denotam simplesmente famílias lingüísticas.
- 3) A Antropologia não provê nenhuma base científica para a discriminação contra qualquer povo, à base de inferioridade racial, filiação religiosa ou herança lingüística. (RAMOS, 1943, pp. 31-32).

A Associação Americana de Professores Universitários publica sua Resolução a respeito do assunto em 1938, em que se diz contrário "a ação dos regimes totalitários que impedem o cumprimento dos deveres universitários, perseguindo, os professores à base de sua raça, religião ou idéias políticas" [...] (RAMOS, 1943, p. 33).

No VII Congresso Internacional da categoria realizado em Edimburgo, na Escócia, os biólogos lançam **Manifesto** em setembro de 1939 no *Journal of Heredity* do qual reproduzimos um trecho:

O segundo maior obstáculo ao progresso genético reside nas condições econômicas e políticas que despertam antagonismos entre diferentes povos, nações e 'raças'. O afastamento dos preconceitos de raça e da doutrina não científica que bons ou maus genes são o monopólio de determinando povos ou pessoas com semblantes de uma da categoria, não será possível, contudo, antes que as condições de guerra e exploração econômica tenham sido eliminadas. Isto requer uma espécie de federação do mundo inteiro, baseada nos interesses comuns de todos os povos. (RAMOS, 1943, p. 32).

A Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia; aprova seu **Manifesto contra o racismo** em 3 de setembro de 1942, em repúdio às ideias e postulações nazistas e julgamento de raças.

É fundado o Teatro Experimental do Negro (TEN), por Abdias do Nascimento, José Herbel, Aguinaldo de Oliveira Camargo, Teodorico dos Santos entre outros, em 13 de outubro de 1944 no Rio de Janeiro (RJ), na sede da UNE, inspirando o desenvolvimento de trabalhos semelhantes por todo o Brasil, como excelente oportunidade, para a descoberta de novos talentos no segmento.

Convenção Nacional do Negro organizada pelo Teatro Experimental do Negro, de Abdias do Nascimento realizada em São Paulo de 10 a 12 de novembro de 1945 tem com vista apresentar à Assembléia Nacional Constituinte de 1946, a reivindicação de tratar a discriminação racial como

crime. O Senador Hamilton Nogueira²⁴² (UDN) encarrega-se da proposta de inclusão de um dispositivo (Emenda) na Carta Magna, no Capítulo das Garantias Individuais referente à discriminação racial no Brasil. Discursa a respeito em 26 de agosto de 1946; porém, a medida não foi contemplada por seus pares. A Constituição, no entanto, assegura a não-tolerância de propaganda de guerra, processos violentos para subverter a ordem política e social, ou de preconceitos de raça ou de classe.

Lançamento em São Paulo (SP), do **Manifesto em Defesa da Democracia** da Associação do Negro Brasileiro (ANB) em 1945. Acontecia também neste ano, a fundação do Comitê Democrático Afro-Brasileiro no Rio de Janeiro (RJ) por Abdias do Nascimento, Sebastião Rodrigues Alves e Aguinaldo de Oliveira Camargo, que luta, pela anistia de presos políticos. No Rio de Janeiro ainda acontece a Convenção Nacional do Negro realizada de 26 de agosto a 4 de setembro de 1946, nos moldes da realizada em São Paulo (SP), também, patrocinada pelo Teatro Experimental do Negro. Em 1948 funda-se em São Paulo, a Cruzada Social e Cultural do Negro Brasileiro.

Um grupo do elenco do Teatro Experimental do Negro no Carnaval de 1949 foi impedido de participar do tradicional Baile dos Artistas promovido pelo Hotel Glória no Rio de Janeiro, em uma realização da revista Rio, da Associação dos Artistas Brasileiros e da direção da casa. O caso ganha conotação nacional e chega ao conhecimento do Presidente Eurico Dutra por meio de uma carta enviada pelo médico Edgard T. Sant'Ana, de São Paulo. O presidente recomenda a seu secretário particular Carlos Roberto de Aguiar Moreira a protocolização de uma carta ao Ministério da Justiça, que recebe o nº 10. 615 para providências. O funcionário (Comissário) que barrou a entrada dos negros foi transferido para outro lugar pelo Delegado de Costumes e Diversões, Eduardo Pereira da Costa, que recomenda ao substituto, o cumprimento do § 5º do art. 141 da Constituição Federal de 1946. (**QUILOMBO**, nº 6, Ano II, fev. 1950, p. 4).

Realização da Conferência Nacional do Negro, organizada por Abdias do Nascimento, Édison Carneiro e Guerreiro Ramos, antecipando com as deliberações ao I Congresso do Negro Brasileiro. O local foi o salão de

²⁴² NOGUEIRA, Hamilton Lacerda (1897-1981): médico, professor catedrático, político nascido em Campos (RJ), filiado à União Democrática Nacional (UDN).

reuniões do conselho da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro, entre 9 e 13 de maio de 1949. O evento reuniu representantes de organizações negras de várias regiões do país e contou com um enviado da ONU. Ficou aprovado, o temário do I Congresso do Negro Brasileiro programado para 1950.

Na Europa, remontando a Segunda Guerra Mundial surge o Movimento Nacional contra o Racismo (MNCR) uma bandeira contra as convicções filosóficas, sociais e políticas do fascismo e uma tentativa de proteger os judeus de perseguições. (COMBESQUE, 2001, p. 83). Em 1949 o nome é mudado para Movimento contra o Racismo e pela Amizade entre os Povos (MRAP) com importante política e ação de muçulmanos e judeus argelinos, imigrantes, contra todas as formas de perseguições raciais, nisso incluindo *apartheid* na África do Sul.

Realização do I Congresso do Negro Brasileiro no Rio de Janeiro entre 26 de agosto e 4 de setembro de 1950.

Três casos de racismo são observados no período: o da Dra. Ellen Irene Diggs (1906-1998) antropóloga, barrada no Hotel Serrador, no Rio de Janeiro; o da cantora lírica Mariam Anderson (1897-1993) e o da coreógrafa, educadora e compositora Katherine Dunham (1909-2006) barradas no Hotel Esplanada em São Paulo, por serem negras.

Em 3 de julho de 1951 é aprovada a Lei nº 1.390 (Lei Afonso Arinos), que inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceitos de raça ou de cor. Revogada pela lei 7.437 de 20 de dezembro de 1985.

Realização do I Congresso Nacional do Negro de Porto Alegre (RS), de 14 a 19 de setembro de 1958, organizado pela Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora (primeiro clube recreativo afro-brasileiro) sob o comando de Valter Santos, filiado ao PTB. A abertura foi realizada na Câmara de Vereadores local. Delegações de vários estados e políticos entre eles Leonel Brizola prestigiaram o Encontro, que contou com o apoio da Prefeitura Municipal.

Desta forma, a velha guarda negra resiste às investidas racistas e deixa para a posteridade, um precioso legado de sonho e realidade.

Nos anos 1960 o Brasil se enquadra no florescente movimento Black Power dos EUA, que dá nova forma, razão e renova a luta negra mundial. Eclode na década de 1970 o movimento negro organizado que vem consolidar a luta negra brasileira de todos os tempos.

Assim, o negro vem rebatendo todas as correntes discriminatórias que têm se apresentando, para reduzi-lo ou para humilhá-lo.

No próximo capítulo, um vocabulário estará ajudando no conhecimento e interpretação histórico-cultural, de estereótipos e preconceitos, relacionados aos negros, com base em literatura de apoio e pesquisa de campo.

CAPÍTULO III

3.1. CALA A BOCA, NEGRO: VOCABULÁRIO DE PRECONCEITOS, ESTEREÓTIPOS E EXPRESSÕES

O linguajar do brasileiro é carregado de estereótipo e de preconceito fazendo crer que a todo tempo esteja pronto para soltar uma piada, uma gozação, uma caçoada de alguém. É “japa”, para o japonês, “portuga”, para o português, “turco”, para o sírio-libanês, que não é da Turquia; “china”, para o chinês. Nos dias do Império brasileiro, os chineses eram designados Chin. Nas escolas temos o Bullying, que como o preconceito, o estereótipo, causa constrangimento.²⁴³

Quatro olhos, farol de milha, fundão de garrafa, para-brisa etc., são alguns dos apelidos dos usuários de óculos nas escolas e nas comunidades. Bacalhau, esqueleto humano, vareta, ossada ambulante, pau-de-vira-tripa, bambu, segura etc., para os magros. Coroa; coroca, tristeza, falecido, terceira idade etc., para os idosos. Baleia, balão, rolha de poço, rolha de piscina, elefante etc., para os obesos.

Nas relações étnicas e raciais é que mais se enfatiza os clichês, os estereótipos étnicos, o linguajar como prática de identidades e subjetivações, os etnocentrismos.

Termos e expressões do cotidiano histórico-cultural brasileiro através dos tempos:

Aça: mestiço arruivado, sarará; abaju: descendente da raça negra e branca; abaré: designa os jesuítas para os tupis-guaranis; abuna: designa os jesuítas para os tupis-guarani, com relação aos hábitos escuros dos missionários; afro-ameríndio: descendente de africano e indígena, também relativo à África e indígenas; afro-asiática: descendente de africano e asiático, também relativo à África e a Ásia; afro-baiano: baiano com ascendência africana; afro-brasileiro: descendente de africano e brasileiro também relativo à

²⁴³ Constrangimento: exposição embaraçosa, vexatória, vergonhosa e desconfortável diante de outras pessoas. Ser ridicularizado publicamente é constrangimento. Apelidos e alcunhas podem gerar constrangimento, que além dos problemas psicológicos que provocam em muitos casos, podem gerar danos morais na Justiça, devido à inferiorização pública da imagem da vítima.

África e o Brasil; afrodescendente: cunhado nos anos 1990 para designar descendência de pai ou mãe negra com outros grupos, com outras raças (ou vice-versa). Ascendência pelo sangue negro e pardo. Bastante abrangente, surge em meio às práticas da Pastoral do Negro da Baixada Fluminense (RJ) que discute com entidades, a adoção de um qualificativo para a miscigenação com o negro no Brasil. Várias experiências foram propostas como “negro” “descendente”, “moreno”, “mestiço” lembrando a formação étnica da América Latina. Emplaca “afrodescendente”. Frei Davi,²⁴⁴ foi um dos pioneiros na consagração e divulgação do termo a partir de 1994. Não há consenso comum sobre o termo no movimento negro. Há grupos que discutem e trabalham com políticas públicas, para que a declaração da raça seja obrigatória em documentos. O termo “negro” aponta-se deve ser denominador comum da raça segundo os defensores da autodeclaração.

Ário-brasileiro: designa o mestiço para Oliveira Viana;²⁴⁵ banda-forra: descendente de pai branco e mãe negra escrava (os mulatos e as mulatas da época). Exemplos: Deodoro da Fonseca; Rodrigues Alves;²⁴⁶ Nilo Peçanha;²⁴⁷ Manoel Vitorino²⁴⁸ (vice de Prudente de Moraes); Fernando de Mello Viana²⁴⁹ (vice-presidente de Washington Luís); Hermes da Fonseca²⁵⁰ (sobrinho de Deodoro da Fonseca); Francisco Glicério; José do Patrocínio;²⁵¹ Teodoro Sampaio;²⁵² Luiz Gama;²⁵³ João Wanderley;²⁵⁴ também Francisco

²⁴⁴ SANTOS, David Raimundo dos (1952-): mineiro de Nanuque; franciscano, da Ordem dos Frades Menores (OFM) da Província da Imaculada Conceição do Brasil ordenado em 1983. Fundador de Educafro (Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes). Filho de Manuel Rosalino dos Santos e Maria Pereira Gomes.

²⁴⁵ VIANA, Francisco José de Oliveira (1883-1951): sociólogo, jurista, historiador e professor fluminense.

²⁴⁶ ALVES, Francisco de Paula Rodrigues (1848-1919): natural de Guaratinguetá (SP), Vale do Paraíba, filho do agricultor e negociante português Domingos Rodrigues Alves e da ex-escrava Isabel Perpétua de Marins Alves, conhecida com “Nhá Perpétua”. Presidência do Brasil, de 1902 a 1906.

²⁴⁷ PEÇANHA, Nilo Procópio (1867-1914): natural de Campos (RJ), filho de Sebastião de Souza e de Joaquina Amália de Sá Freire. Advogado e presidente do Brasil, de 1909 a 1910.

²⁴⁸ PEREIRA, Manoel Vitorino (1853-1902): médico, escritor e político baiano de Salvador, filho de Vitorino José Pereira e de Carolina Maria Franco Pereira.

²⁴⁹ VIANA, Fernando de Melo (1878-1954): promotor público, magistrado, secretário de governo e político mineiro de Sabará; filho de Manuel Pereira de Mello Vianna e Blandina Augusta de Araújo Viana.

²⁵⁰ FONSECA, Hermes Rodrigues da (1855-1923): militar, filho de Hermes Ernesto da Fonseca (irmão de Deodoro da Fonseca) e de Rita Rodrigues Barbosa da Fonseca.

²⁵¹ PATROCÍNIO, José Carlos do (1853-1905): farmacêutico, jornalista, editor, tradutor, orador, abolicionista; e quem denomina de “Redentora” a Princesa Regente Isabel por causa da Lei Áurea. Filho do padre João Carlos Monteiro e da quitandeira negra, Justina Maria do Espírito Santo.

²⁵² SAMPAIO, Teodoro Fernandes (1855-1937): engenheiro, tupinólogo, dicionarista baiano de Santo Amaro, filho do padre Manuel Fernandes Sampaio e da escrava Domingas da Paixão do Carmo.

²⁵³ GAMA, Luiz Gonzaga Pinto da (1830-1882): jornalista, escritor, advogado, abolicionista baiano, filho de Luisa Mahin, africana de origem nagô, e um português.

²⁵⁴ WANDERLEY, João Maurício (1815-1889): Barão de Cotegipe, filho de pai de mesmo nome e Francisca Antônia do Livramento. Advogado, magistrado, político, Ministro da Fazenda, dos Estrangeiros, da Marinha; presidente do Banco do Brasil.

Montezuma;²⁵⁵ Gonçalves Dias;²⁵⁶ Basílio da Gama;²⁵⁷ Antônio Crespo;²⁵⁸ Marcílio Dias;²⁵⁹ Aleijadinho;²⁶⁰ B. Lopes²⁶¹ etc. Boava: designação do português em SP, SC, PR relacionado aos naturais de Portugal nos dias coloniais; brancarana: mulata que passa por branca; brancarão: mulato claro que passa por branco; caboclo: descendente de pai branco e mãe indígena (ou vice-versa); caboré: cafuzo; caiado: branco, senhor de engenho designado pelos negros e mulatos; cariúá: homem branco designado pelos caboclos; clareado: branco e senhor de engenho designado pelos negros e mulatos.

Gaião: pessoas de outras raças designado pelos ciganos; índio: indígena brasileiro designado pelos europeus; malês: escravos de origem muçulmana (nagô; tapa e haussás); marabá: descendente de pai índio e mãe branca (ou vice-versa); mazombo: descendente de pai português e mãe índia, ou seja, de um português nascido no Brasil.

Os negros são os mais bombardeados com estereótipos, clichês e preconceitos. Bucha de canhão: Caxias²⁶² usava soldados negros descalços para puxar as tropas. Eram capoeiristas. Se houvesse ataque de surpresa seriam os primeiros a ser mortos. Esses eram a bucha de canhão. Ferindo os traços raciais de cor negra: piche, resto de asfalto, resto de incêndio, nuggett (graxa de sapatos), anu (pássaro preto), tinta de pneu, capa de exu, kichute, feijoadá etc. Hoje esses apelidos são passíveis de crimes raciais.

Curiosidades: Negrão. Termo não-originário do Brasil, importado de Portugal no século XVIII e difundido pela corroboração da imigração italiana e espanhola. Negrão é azeitona ou uva em Portugal e forma de tratamento em

²⁵⁵ MONTEZUMA, Francisco Gê Acaiaba e (1794-1870): Visconde de Jequitinhonha, filho do português Manuel Gomes Brandão Montezuma e da negra Narcisa Tereza Gomes Brandão Montezuma. Homenageia com "Gê" os africanos e "Acaiaba" aos indígenas. Senador do Império, conselheiro de Estado, presidente do Banco do Brasil.

²⁵⁶ DIAS, Antônio Gonçalves (1823-1864): poeta, dicionarista, tupinólogo, filho do português João Manuel Gonçalves Dias, comerciante e Vicência Ferreira, cafuza. Pertencia às matrizes branca, negra, indígena, formadores do Brasil.

²⁵⁷ GAMA, José Basília da ((1740-1795): poeta e prosador; filho de Manuel da Costa Vila-Boas e Quitéria Inácia da Gama.

²⁵⁸ CRESPO, Antônio Cândido Gonçalves (1846-1883): advogado, político e escritor, filho de Antônio José Gonçalves Crespo e da negra Francisca Rosa da Conceição.

²⁵⁹ DIAS, Marcílio (1804-1865): marinheiro e participante da Batalha do Riachuelo na Guerra do Paraguai, filho da negra Pulcena Maria Dias e do português Manuel Fagundes.

²⁶⁰ LISBOA, Antônio Francisco (1738-1814): escultor e entalhador mineiro de Vila Rica, filho do mestre Manuel Francisco Lisboa e da escrava Isabel.

²⁶¹ LOPES, Bernardino da Costa (1859-1916): poeta, filho de Antônio da Costa Lopes e Mariana da Costa Lopes. Considerado um dos primeiros simbolistas brasileiros.

²⁶² Caxias [LIMA E SILVA, Luís Alves de] (1803-1880): militar brasileiro com muitas passagens de agressão aos negros e destruição de quilombos. Enforca em 6 set. 1839 Manoel Congo, líder quilombola de Vassouras (RJ), Vale do Paraíba fluminense.

Gênova e Córdoba. Passa a ser sinônimo de “negrão” no Brasil. Os italianos e tridentinos em Piracicaba pronunciam “negrón”. Ofensivo e pejorativo. Negrinho. Termo não-originário do Brasil, importado de Portugal no século XVIII, significa chouriço. Negrinho consagrado no Brasil sem teor pejorativo, “Negrinho do Pastoreio”, uma lenda gaúcha; Negrinho da Beijar-Flor de Nilópolis Luís Antônio Feliciano Marcondes, cantor e compositor da escola de samba local. Há “meu negrinho”, “minha preta”, “preta” termos carinhosos no seio familiar (branco e negro).

Patrício: relativo ou pertencente à mesma etnia para os negros ou a identificação ou pertença de ser da mesma época, ou seja, entre a velhguarda negra. Restrito ao grupo. Tratamento entre negros de mais idade principalmente.

Homem de cor: designa paliativamente como identidade e representação social a população negra no Brasil e vigora até a década de 1960. Equivalente a afrodescendente. Cunha o termo, Francisco de Paula Brito, com o lançamento de um Jornal de mesmo nome em 1833, no Rio de Janeiro. Os termos “pretos”, “pardos” e “brancos” já eram apreciados. Henrique Dias havia recebido em 1639 a patente de “Primeiro Governador e Cabo dos Negros e Mulatos do Brasil”. O termo “Negro” já era reconhecido. Vieram a lume ainda no Rio de Janeiro, os jornais “Brasileiro Pardo” (1833), “O Crioulinho”, “O Cabrito (1833)”, “O Lafuente”. Todos na linha de combate ao preconceito de cor.

Órgãos da imprensa negra se espalharam pelo Brasil destinado ao homem de cor. Vários clubes sociais vieram no mesmo perfil. Na diversidade editorial compreendida pelos periódicos surgiram artigos inclinados a firmar o termo negro como identificação do grupo étnico. Mas somente em 1935, Vicente Ferreira faz do termo negro, o substituto político e identitário, para a expressão homem de cor. (FERNANDES, 1965, II, p. 15).

Cala a Boca, Negro como veremos, reúne estereótipos e clichês contra os traços raciais de cor negra composto de verbetes, locuções de uso corrente, acepções e expressões.

Abonações com informações claras e objetivas que ajudam a identificar o repertório histórico nacional específico e geral, construído a partir de uma relação de domínio social, hegemônico, hierárquico e de seleção. É a herança

colonial e cultural eurocêntrica, reproduzida na linguagem do cotidiano e na historiografia oficial, como mecanismo de opressão, discriminação e de exclusão.

Abrangência: cruza as fronteiras transversais da história, da geografia, da filosofia, da sociologia, da etnologia, etimologia, da antropologia, da teologia, da psicologia, do direito, das artes, para investigar sobretudo, as relações da diversidade cultural/étnica com cada ramo do saber.

Conheceremos o sentido das palavras como os crimes resultantes de preconceito de raça, cor, etnia, origem, nacionalidade.

Prefiguração: crime contra a honra ou racismo, segundo cada caso e interpretação.

Identificação de uso do termo estereótipo.

Jocosos: provoca risos.

Irônico: expressa sentido diferente do real significado de uma palavra.

Pejorativo: sentido depreciativo.

Depreciativo: depõe contra a imagem ou dignidade de alguém.

Sentido figurado: por metáfora, indireta, sentido subjacente, nas entrelinhas.

Subjetivo: relacionado a quem pensa; ao íntimo do sujeito.

Sentido subjacente: sentido figurado.

Familiar: uso caseiro, carinhoso.

Grupais: vocabulário especial.

Regional: uso limitado.

Injurioso: desrespeita e ofende a dignidade ou ao decoro de alguém; macula.

Etimológico: língua de origem e étimo.

Alusivo: do latim *Alludo* (gracejar, brincar, folgar). Fazer alusão.

Conotativo: referir-se; mencionar com subjetividade. Sentido figurado.

Aportuguesamentos e estrangeirismo: palavras que ganharam novos sentidos e significados no Brasil.

Variante: versões.

Caricatura: recurso de assimilação de ideias no final dos verbetes. Mostra nas entrelinhas, como o negro é desenhado no imaginário popular e exteriorizado como objeto, algo sem sentido e significado, resultando em

piadas, brincadeiras, agressões raciais, xingamentos e ofensas em geral. Mecanismos de reprodução.

A gente mais feliz do Brasil. Uso: informal. Caricatura: referência ao “baiano”; denomina o poeta Castro Alves, segundo Silvio Romero. (MENDONÇA, 1938, p. 53).

A ligeira mulata em trajes de homem/Dança o quente londum e o vil batuque. Uso: pejorativo. Caricatura: esboça a sensualidade da mulher negra. Variante: negra gostosa. **Cartas Chilenas**, Cartas 6ª (245). (GONZAGA, 2008, pp. 88, 89).

Amarelo. Uso: pejorativo. Caricatura: assemelhação do mulato por não apresentar traços raciais definidos.

Antônio. Uso: informal, linguístico. Antônio, nome próprio. Caricatura: aférese afro-brasileira.

À-toa. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: negro sem valor e marginalizado pela sociedade. Vindo a abolição muitos ex-escravos passaram a andar à toa pelas cidades, sem eira nem beira, sem documento e sem proveito ocupacional, num franco processo de exclusão social. Passaram a ser considerados à-toa; preguiçosos; vagabundos; vadios. Muitos viraram mendigos, pedintes e formaram favelas, mocós, cortiços, subúrbios, periferias. Variantes: desocupados, malandros, marginais. Verbalizado: “não valer o que come”; “não valer uma merda”; “não presta para nada”. Outra: “negra é mulher à-toa.”

No romance de Leão Machado “Espigão da samambaia” um fazendeiro compara o plantio de café nos dias da escravidão com o nos dias dos imigrantes italianos, da seguinte forma:

Coisa mal feita foi manda buscar italiano. O italiano começa colono, daí a pouco é dono e depois quer manda em brasileiro. E manda mesmo... Quando havia negro, não era assim; Nero trabalhava e não queria governar a gente e quando reminava, era só a gente chamar: “Estevão, venha cá, negro-à-toa. Venha apanhar!”. E o negro vinha. (MACHADO, 1939, pp. 38-39 apud RABASSA, 1965, p. 351).

Em “Por Dentro do Redemunho” o autor cita o lamento de uma pessoa com relação ao negro. “Quem sabe o dia de amanhã? Num vou ser eu, nessa

quadra da vida, que vou me sujar por causa de um negro à-toa desse que num vale uma cabaça d'água.” (ROMÃO, 1995, p. 243). Doutra forma registra o lamento de um escravo diante de seu Senhor: “E sou só um negro à-toa, sem serventia pra nada, num valo um tostão furado. Num paga a pena a nervosia do Sinhozinho – soluçou o Azaria: chorou uma lágrima sentida.” (ROMÃO, 1995, p. 242.).

Em “Totônio Pacheco”, de João Alphonsus, colhemos: “Você esqueceu de dar comida aos cachorros, negro à-toa!...” (ALPHONSUS, 1976, p. 55).

Azulão. Uso: pejorativo. Caricatura: assemelhação dos traços de cor negra retinta a tonalidade. Variantes: escurão; tição; azulado. Verbalizado: “tão preto que brilha”; “tão preto que é cinzento.”

Baço. Uso: pejorativo. Caricatura: indivíduo com traços amorenados nos dias coloniais.

Banguela. Uso informal. Do quimbundo. Caricatura: pessoa sem os dentes da frente (incisivos). Provém do costume dos Benguelas, povo africano do oeste de Angola, em ter o dente incisivo arrancado no embarque em Benguela ou limado quando criança.

Basta ser negro. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: locução adjetiva conota um sujeito autossuficiente para responder por certos fatores negativos, exclusivos, hegemônicos e inatos atribuídos discriminatoriamente a seu grupo racial sem exceção. Sujeito a suspeição, opressão policial e distinção, segundo a cor da pele, origem, descendência. Verbalizado: “só pode ser negro”; “a cor não nega”; “a raça não nega”; “não nega a raça”; “o que se pode esperar dessa raça?”

Basta ser negro foi taxativo no ordenamento jurídico do tempo da escravidão naquilo em que ele deveria corresponder com sua condição de escravo, sujeito a alguém, ao poder, à propriedade, sem direito nenhum, e principalmente concitado a fazer sempre em obediência. Esta regra convive com ele de forma vocativa, como uma marca, em razão de seu passado e como atributo sempre negativo, do que fizer, tendo por isso a imagem estereotipada em razão de sua origem. Associá-lo ou condicioná-lo a fatos e acontecimentos, como se sujeito a ele em decorrência dessa injusta condição histórica, constitui-se crime de racismo, previsto em lei. Verbalizado: “basta ser negro”; “tinha que ser negro”; “a cor não nega a raça”; “esta raça não presta.”

Bastião. Uso: informal, linguístico. Sebastião, nome próprio. Caricatura: aférese afro-brasileira.

Beija-flor de bananeira. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços de cor negra com o corvo ou urubu. Verbalizado: “se gostasse de preto, andava com um urubu debaixo do braço.” (NOGUEIRA e CAVALCANTI, 1998, p. 206).

Beija-flor de carniça. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra com o corvo ou urubu.

Bicudo. Uso: informal. Caricatura: escravo africano com entrada clandestina no Brasil após a extinção do tráfico, pela lei de 7 de novembro de 1830.

Bitu. Uso: informal, pejorativo. Caricatura: tipo popular de bicho papão e apelido de um negro que morava no morro do Castelo no Rio de Janeiro, por volta de 1811. Vestia calção branco, capotão verde e chapéu de três bicos. Vivia embriagado e ao ser visto pelas ruas, ouvia-se o povo cantarolar “Bitu na Chuva”. (LEONARDOS, 1986, p. 85).

Bode. Uso: informal, institucional, pejorativo. Caricatura: descendente de negro com moreno. Sinônimo de mulato. Uma das denominações estabelecidas pelo governo português, e usada em linguagem comum, para a classificação geral, da população brasileira, pelo seu grau de civilização. (DEBRET, 1972, p. 141). Verbalizado: “olha que fulano coça a orelha com o pé.” Segundo Oliveira Viana, os mulatos claros eram mais sujeitos a esse tratamento dispensado pela classe senhorial. (FERNANDES, 2008, p. 125).

Boi da cara preta. Uso: informal, ofensivo, pejorativo. Caricatura: antiga cantiga de roda para ninar crianças, apresenta os traços raciais de cor negra de uma forma ameaçadora e amedrontadora; distorce a imagem do negro e a pinta de feia e desagradável transformando-o numa besta-fera. Forma, que será guardada por aquele imaginário em formação e que se constituirá para aquela vida, um risco permanente e sempre presente em suas experiências adultas. John Locke dizia que “a criança conhece muito bem que sua ama não é o gato com qual brinca, nem o negro do que tem medo”. (POLIAKOV, 1971, p. 121). A fala é sobre uma criança inglesa.

Bola 7. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra com a gradação escura desta bola da sinuca.

Bola preta. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra com a gradação escura da bola 7 da sinuca.

Bolo queimado. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação ao estado ou condição dos traços raciais de cor negra, com a matéria escurecida, pela ação do fogo: chamuscado; tostado; torrado. Variantes: tição; torrão-preto; toco-preto; pau-queimado; pau-preto. Verbalizado: “preto como carvão.”

Borracha de rodo. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra com a coloração escura da peça.

Branco da Bahia. Uso: pejorativo. Caricatura: denominação no Brasil de quem tem certa quantidade de sangue negro, mesmo que pequena. (DEGLER, 1976, pp. 109-110).

Bunda. Uso: informal. Do quimbundo *mbunda*, mulher de quadril largo, como as quimbundas, de etnia banta, a oeste de Angola, África Ocidental. Região glútea. Caricatura: designada como pejorativa no Brasil com sentido de “chula”. Substitutos: nádegas, região glútea, rabo, traseiro. Segundo o Dicionário Houaiss, o vocábulo foi incorporado na língua portuguesa em 1836. O termo aparece no Dicionário Crítico Etimológico da Língua Portuguesa de Francisco Solano Constâncio em 1871, e no mesmo ano, no Grande Dicionário de Português ou Tesouro da Língua Portuguesa de Chardron e Moraes, que a define como “nádegas”. No Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa de Macedo Soares está com a acepção de “assento”. Segundo Houaiss “anca” também termo para bunda surgiu em 1141. Traseiro.

Caboclo. Uso: pejorativo. Caricatura: nome que na Província do Rio de Janeiro recebe o índio batizado [tido civilizado]. (DEBRET, 1972, p. 55).

Cabo-verde. Uso: informal. Caricatura: descendente de negro e índio, segundo o Dicionário Caldas Aulete (1826-1878).

Cabra. Uso: Informal, ofensivo, pejorativo. Caricatura: qualificativo com que os mestiços eram anunciados nos jornais na época da escravidão, distinguidos das “cabras animais”. Eram cabras homens e cabras mulheres. (FREYRE, 2008, p. 66). Bernardo Guimarães em “Lendas e Romances” descreve o batismo do personagem Mateus por Zambi Cassange no quilombo do último:

Pai Simão abriu-lhe com a ponta da faca uma leve incisão no peito esquerdo, tirou algumas gotas de sangue, que recolheu em um pequeno saquitol de couro envolto com outros objetos de feitiçaria africana, e depois de bem cozido, o dito saquitol ou caborje foi pendurado por um cordão ao pescoço do cabra. O juramento consistia em horríveis palavras cabalísticas em língua africana, e do qual a tradição não nos deixou a fórmula. (GUIMARÃES, 2006, p. 14).

Cabrinhas. Uso: informal, ofensivo, pejorativo. Caricatura: qualificativo que se dava aos moleques nos anúncios de jornais na época da escravidão. (FREYRE, 1008, p. 66).

Cabritinho. Uso: pejorativo, ofensivo. Caricatura: mulato ou moreno no Rio Grande do Sul, segundo Caldas Aulete.²⁶³

Cabrocha. Uso: Informal, pejorativo. Caricatura: mulata escura; mulato jovem, segundo Caldas Aulete. Descendente de mulato com negra (ou vice-versa), segundo Antenor Nascente.²⁶⁴

Você era a mais bonita das cabrochas dessa ala/ Você era a favorita onde eu era mestre-sala/Hoje a gente nem se fala mais o samba continua/ Suas noites são da gala, nosso samba ainda na rua... (CHICO BUARQUE, "Quem te viu, quem te vê).

Temos ainda, a "Cabrocha do Rocha" de Noel Rosa; "Essa cabrocha" de Portello Juno e J. Portella (1939); "Cabrocha Maria" de Néilson Gonçalves.

Cabungo. Uso: informal, pejorativo. Do quimbundo kibungu. Caricatura: vasilhame de madeira para recolhimento das necessidades fisiológicas na casa-grande. Diariamente era esvaziada em água corrente e uma vez limpo era posto em reuso.

Cabungo. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação de traços raciais de cor negra, com a insignificância do vaso sanitário pelo prazer de inferiorizar uma imagem, ofender a honra e a dignidade de alguém. Variantes: sujeito de pouco ou nenhum asseio; fedido; malcheiroso; porco; preto sujo; encardido. Verbalizado: "lave-se primeiro para vir falar comigo, seu negro"; "seu negro, lave bem a boca para falar comigo".

Cabungueira. Uso: informal, injurioso, pejorativo. Caricatura: escrava encarregada do cabungo e sujeita na época, a todo tipo de discriminação racial

²⁶³ AULETE, Francisco Júlio de Caldas (1826-1878): lexicógrafo, político, professor, dicionarista português de Lisboa.

²⁶⁴ NASCENTES, Antenor de Veras (1886-1972): etimólogo, filólogo, lexicólogo e dicionarista negro carioca, filho de Dácio de Veras Nascentes, servente da Alfândega do Rio de Janeiro e D. Paulina Nascentes.

e social, não excluindo no seu próprio segmento. Verbalizado: “negra suja”; “porca”; “imunda”; “sebosa”; “sebenta”; “fedida”; “catinguenta”.

Atentemos para o conselho dado à escrava Isaura que extraímos do romance de mesmo nome de Bernardo Guimarães:

Não, não, Isaura; Deus me livre de te ofender; pelo contrário, dói-me deveras dentro do coração ver aqui misturada com essa corja de negras beicudas e catingentas uma rapariga como tu, que só merece pisar em tapetes e deitar em colchões de damasco. (GUIMARÃES, 1994, p. 49)

Consideração de Aluísio Azevedo (1857-1913) sobre a personagem Bertoleza colhida em “O cortiço”:

Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo: essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo: pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá embaixo, abandonada como uma cavalgadura de que já não precisamos para continuar a viagem. (AZEVEDO, 1974, p. 104).

Cabungueiro. Uso: informal, ofensivo, injurioso. Caricatura: escravo encarregado de esvaziar diariamente o cabungo usado na casa-grande, para as necessidades fisiológicas. A madeira do cabungo apodrecia com frequência com a fermentação do material fecal e colocava em risco constante o estouro do vasilhame pelo caminho sobre a cabeça e o corpo do cabungueiro, que se lambuzava todo de dejetos. Tornava-se fétido até banhar-se. Havia grande preconceito sobre o cargo e seus ocupantes; até mesmo entre os escravos. O cabungueiro era apartado do convívio de muitos.

Cachaça. Uso pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: uma ilação entre o negro e a bebida. Os engenhos floresceram no período colonial quando os escravos eram os responsáveis por todo o processo de produção da cana-de-açúcar e de aguardente: do plantio ao corte; da casa das caldeiras a casa de purgar o açúcar; do melado e da cachaça. Nas senzalas ou em alguma parte escondida sempre havia cachaça, longe dos olhares do senhor e do capataz. Os golinhos na hora da fabricação tinham que ser bem às escondidas, porque se o senhor ou o capataz pegasse, o castigo era certo. Ninguém se arriscava.

Nos dias de folga e nos de festejos, porém, não havia censura. Os escravos do eito ou do campo eram os que mais bebiam. Os que tinham verdadeiros problemas alcoólicos eram os negros de ganho, os de recados e os dos serviços domésticos, que mantinham maior contato com as bodegas, balcões de vendas e tendas. Saint-Hilaire relata a enormidade de vendas espalhadas pelas estradas (GOULART, 1971, p. 72).

Segundo Câmara Cascudo, “para os africanos sudaneses e bantos do Atlântico e do Índico, o europeu revelou o perturbador alambique, incluindo na parafernália civilizadora, produzindo unicamente cervejas, garapas, na base de frutas e raízes, através da fermentação de 72 horas máximas”. Conclui que lá “pelos séculos XIX e XX é que o alambique dominou a predileção na África negra, tornando-a fabricável pelos nativos e surgiram aguardentes de todos os tipos, desorganizando reinados e comprando servidões.” “Os pretos, como os indígenas antes dos portugueses, desconheciam totalmente qualquer bebida destilada” (GOULART, 1971, p. 72).

O padre Antonil dizia “que eu nunca aconselharia ao senhor de engenho, para não ter uma contínua desinquietação na senzala dos negros, e para que os escravos não sejam com a aguardente mais burrados do que só faz a cachaça...” (GOULART, 1971, p. 72).

Kidder & Fletcher em “O Brasil e os Brasileiros” relatam que “em todas essas vendas, veem-se as únicas pessoas que no rio bebem muito, salvo os ingleses e americanos, e que são os escravos”. (I, São Paulo, 1941, p. 138). “Frequentemente os congos e moçambiques tornam-se eloqüentes sob a ação da cachaça, e, nessas ocasiões, a polícia é o árbitro eficiente” [op. cit.]. O próprio sistema condicionou o negro a ser significativamente grande consumidor do produto. Um dos mais famosos compositores da música popular brasileira tinha o apelido de Carlos Cachaça.²⁶⁵ Versos de quadra do período escravocrata: “Todo branco, quando morre // Jesus Cristo é quem levou // Mas o negro quando morre // Foi cachaça que matou” (CASCUDO, p. 71).

Relato do governador de Minas Gerais Dom Rodrigo José de Meneses em 1780 sobre a cachaça:

²⁶⁵ Carlos Cachaça [CASTRO, Carlos Moreira de] (1902-1999): compositor e um dos fundadores da Estação Primeira de Mangueira.

A cachassa... he bebida da primeira necessidade para os Escravos, que andão metidos n'agua todo o dia, e que com este Socorro rezistem a tão grande trabalho, vivem mais sãos, e mais largo tempo: sendo experiência certa, que o senhor que a não dá aos seus experimenta neles maior mortandade que aquele que por este modo os anima, e fortifica. (RUSSEL-WOOD, 2005, p. 177).

João Adolfo Hansen descreve em “Sátira e o Engenho: Gregório de Matos e a Bahia do Século XVII” que se propunha na Bahia em 1646 a proibição da produção de aguardente e vinho de mel (cachaça) sob a alegação de que a bebida, popularíssima é “muito ao bem comum e que não seria mais que de grande escândalo”. Chamada de jeribita ou “aguardente” alertava-se, quando bebida por escravos, é causa dos excessos que perturbam a cidade. Os fabricantes interpolaram recurso contra a Câmara justificando sua fabricação. (HANSEN, 2005, pp. 180-181).

Couty inferioriza e ironiza o negro por causa da bebida:

Como as crianças, eles têm os sentidos inferiores e sobretudo o paladar e a audição relativamente desenvolvidos. O negro gosta do tabaco [...]; ele Dora as coisas açucaradas, a rapadura; mas o que ele gosta acima de tudo é da cachaça [...]. Para conseguir cachaça, ele rouba, ele rouba [...] e sacrificando tudo a esta paixão, inclusive a própria liberdade, ele trabalhará até no domingo [...] (AZEVEDO, 1987, p. 80).

Variantes: negro cachaceiro, pau d'água, pingaiada.

Cada macaco em seu galho. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: criado pelo Coronel Luís Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, na Guerra do Paraguai, como palavra de ordem aos soldados negros, engajados nos batalhões brasileiros. Para posicioná-los estrategicamente no campo de batalha e surpreender o inimigo, brada Caxias: “Cada macaco em seu galho” (PRATA, 1996, p. 37); isto é, cada um em seu canto, na sua posição, nos galhos das árvores, literalmente. Na América Latina, os negros são chamados de “macaquitos”.

Cagar na entrada ou na saída. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: locução adjetiva com presunção subjetiva e de advertência lançada com vista a desqualificar, desacreditar e inferiorizar o negro junto a outras pessoas, camadas, funções profissionais ou ao sistema dominante, quando está na ocupação de postos elevados; está à frente de negócios; goza de privilégios e está em distinção social, para simplesmente para provocá-lo. Não

tão-somente, para pôr em xeque sua capacidade, competência e habilidades, mas para contrariar como forma de protesto e não-aceitação subliminar dessa ascensão social, com vista à sua origem e passado de servidão.

Verbalizado: “este cargo é de branco”; “o lugar deste negro não é aqui”; “tanta gente e tinha que ser justamente um negro”; “precisa desinfetar o lugar em que este negro está”; “não deviam aceitar negros aqui”; “seu lugar é na bananeira”; “seu lugar é no circo”; “não devia ter essa gente aqui”; “é duro ter que conviver com isso”; “preto não nasceu para mandar, nasceu para obedecer”; “este negro devia se tocar e conhecer seu lugar”; “lugar de crioulo é de crioulo; de branco é de branco”; “precisamos tirar este negro daqui ou nos livrar dele”; “negro fede”; “seu lugar é na senzala, seu negro”; “este lugar não é para negro”; “preto encarregado já é desaforo, imagine chefe”; “o que pode dar isso”; “negro não é de nada”; “negro não é para negociar, é para ser negociado” (indireta para o comerciante negro). “Tem negro no meio (negócio) vai dar sujeira.” “Negro é embrulhão.” “Negro não pode ser levado a sério.” “Isso (negro) não dá em nada.”

“Até quando teremos que agüentar isso?” “O que este negro faz aqui?” “Este negro é que vai fazer isso?” “Por que tem que ser este negro para fazer isso?” “Como foi que este negro conseguiu promoção?” “Quem deixou este negro entrar aqui?” “Com ordem de quem este negro entrou aqui?” “Quem este negro pensa ser?”

Aos olhares racistas, ele não sustentará a posição por muito tempo, pois que de certo, cometerá deslizos ou falhas, e desabonará sua conduta e desapontará como era de se esperar a sociedade ou o sistema dominante. O sistema ariano, subliminarmente, não admite a ascensão profissional do negro ou do excluído; isto, pela concorrência e ocupação do lugar dos seus. Caricatura: cagar na entrada ou na saída, diz respeito aos escravos mais travessos que caíam de jeito nas mãos de seus senhores ou das autoridades e eram punidos com rigor e exemplarmente.

Os castigos infringidos impiedosamente eram tão insuportáveis que os pobres condenados borravam-se todo antes, durante ou depois das horrendas sessões. As penas cominavam principalmente em açoites com a chibata, bacalhau, vergalho, correia, azorrague, chicote e relho. Para tirar confissões de escravos usava-se o anjinho, instrumento que preso ao polegar esmagava-lhe

por pressão. Às vezes, somente o rumor do que iria enfrentar era o suficiente para causar-lhe pavor e desandar o intestino.

Leônidas da Silva,²⁶⁶ segundo Mário Filho²⁶⁷ ficou marcado pelo time do América, de Campos Sales, por não se conformar em tê-lo perdido para o Bonsucesso Futebol Clube. Descreve-se a seguir os conceitos sobre cor com os quais o time do América procurou atingi-lo.

Moleque, preto sem-vergonha, negro sujo. Negro quando não suja na entrada suja na saída. (RODRIGUES FILHO, 2004, p. 188).

Complementa o escritor sobre a repercussão dos estereótipos no clube.

E os pretos do América? Os pretos do América não se ofendiam, sabiam que não era com eles. A prova de que não era com eles: o América não os mandava embora, estava satisfeito com eles. (RODRIGUES FILHO, 2004, p. 188).

Em “A mão da limpeza”, o compositor e cantor Gilberto Gil responde este insulto ao negro. Participação especial de Chico Buarque e Hollanda (LP Raça Humana, WEA, Produção de Liminha [Arnolpho Lima Filho], 1984).

O branco inventou que o negro
Quando não suja na entrada
Vai sujar na saída, ê
Imagina só
Vai sujar na saída, ê
Imagina só
Que mentira danada, ê

Na verdade a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o negro penava, ê

Mesmo depois de abolida a escravidão
Negra é a mão
De quem faz a limpeza
Lavando a roupa encardida, esfregando o chão
Negra é a mão
É a mão da pureza

²⁶⁶ SILVA, Leônidas da (1913-2004): jogador de futebol e inventor do gol de bicicleta. Apelidado de Diamante Negro e Homem-Borracha pela habilidade e elasticidade com a bola nos pés, vestiu a camisa do Bonsucesso e do Flamengo, do Rio de Janeiro, do São Paulo e de outras agremiações.

²⁶⁷ RODRIGUES FILHO, Mário (1908-1966): escritor, jornalista e cronista esportivo recifense.

Negra é a vida consumida ao pé do fogão
 Negra é a mão
 Nos preparando a mesa
 Limpando as manchas do mundo com água e sabão
 Negra é a mão
 De imaculada nobreza

Na verdade a mão escrava
 Passava a vida limpando
 O que o branco sujava, é
 Imagina só
 O que o branco sujava, é
 Imagina só
 Eta branco sujão

Caipora. Uso: pejorativo. Caricatura: denominação que os negros atribuíam aos brancos segundo Antônio Pereira Rebouças,²⁶⁸ que a seu respeito diz FIGUEIREDO (1977, p. 97):

Em 25/7/1824, em Laranjeiras, ele, em uma festa, levantou três brindes: à extinção de tudo quanto é do reino, a que chamavam [maroto]; à extinção de tudo quanto é branco, a quem chamavam [caiporas]; e à igualdade de sangue e de direitos.

Cala a boca, negro. Uso: pejorativo, ofensivo injurioso. Caricatura: negro não deve falar. Palavra de ordem repressiva à reação do negro a uma situação. Como se estivesse amordaçado, não tivesse voz ou não pudesse se representar ou falar. No período da escravidão, por ordenamento jurídico, o negro não tinha voz a nada. Não tinha direito algum. Era sempre representado. (DEBRET, 1988, p. 232). Variante: cala a boca, negro estúpido.

Canjica. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação da alvura dos dentes dos negros à canjica. Citando Raeders (1997, p. 16): “Todo esse povinho miúdo, escuro, ri à solta colocando à mostra os dentes reluzentemente brancos, entre o vermelho-escuro dos lábios que se destacam sobre a pele negra.” Verbalizado: “mostrar a canjica”; “negro quando sorri mostra as canjicas”; “as canjicas do negro”.

Canto escuro. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra a escuridão, às trevas, à noite.

²⁶⁸ REBOUÇAS, Antônio Pereira (1798-1880): advogado, orador, jornalista, político, cartorário baiano de Cachoeira, filho do alfaiate português Gaspar Pereira Araújo e da negra alforriada, Rita Basília dos Santos. Pais dos engenheiros civis André, José e Antônio Pereira Rebouças.

Sinônimo de tristeza, melancolia. Verbalizado: “só reluzem os dentes e o glóbulo ocular” (assemelhação do negro com a noite, para os racistas).

Carvão. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra ao carvão vegetal. Verbalizado: “preto como carvão”; “tição”; “toco-queimado”; “pau-queimado”.

Chaminé nos avesso: Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra a sujeira; a fuligem. Verbalizado: “sujo como fundo de chaminé”; “preto como chaminé por dentro”.

Chapa. Uso: pejorativo, ofensivo. Caricatura: carregador de fardos. A profissão de trabalhadores de cargas e descargas de mercadorias de caminhões está prevista na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) nº 7832-15. Arsène Isabelle, naturalista francês, esteve no Brasil de 1830 a 1835 e observou cenas de trabalhadores de cargas e descargas de mercadorias:

Os fardos, por pesados que sejam, são transportados pelos negros para a o pátio da alfândega para serem vistoriados; dali outros negros (porque a raça africana desempenha no Brasil a profissão de cavalos e mulas) os transportam para o seu respectivo destino. (CARDOSO, 1962, p. 79).

Verbalizado: “burro de carga”; “camelo”; “besta humana”; “escravo”.

O escritor inglês que visitou o Brasil entre 1845 e 1846 Ewbank (1973, p. 73) escreve um relato de viagem publicado em 1855 com apêndice e ilustrações descrevendo cenas do trabalho escravo: “Toda a parte comercial do Rio de Janeiro é singularmente bem adaptada para ferrovias e, se o povo decidir continuar a utilizar os negros como bestas de carga, seria de seu interesse possuí-la”. Semelhança do negro ao animal de carga segundo Ewbank (1973, p. 93): “Aqui não temos carros puxados por quadrúpedes para o transporte de mercadorias. Os escravos são os animais de tração assim como de carga.”

Tollenare negociante de algodão francês que reside no Recife (PE) de 1816 a 1818, também registra impressões sobre os carregadores negros: “Movimento contínuo de negros que vão e vêm, carregando fardos e se animando mutuamente por meio de um canto simples e monótono.” (TOLLENARE, 1956, p. 22; apud TINHORÃO, 1998, p. 158). “O negro é burro de carga // O branco é inteligente // O branco só não trabalha... // Porque preto não é gente.” (Revista Vozes, 1988, p. 21)

Chocolate. Uso: pejorativo, ofensivo. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra com a gradação amorenada ou ao tom amarronzado da bebida. Sinônimo de mulato. Uma das cores autoatribuídas pelos brasileiros segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PAND) do IBGE em 1976. Em 1869 Gobineau denominava sua amiga dona Josefina da Fonseca Costa, aia e dama de companhia da Imperatriz Tereza Cristina de “mais chocolate do que nunca” (RAEDERS, 1997, p. 58). O comediante, ator e compositor, com atuação no rádio e na TV brasileira nos anos 1960/1970 Dorival Silva,²⁶⁹ tinha o apelido de “Chocolate”; sempre de olhar arregalado.

Churrasco à meia-noite. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra a matéria queimada. Verbalizado: “frango de macumba”; “toco-preto”; “tição”.

Círculo preto. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra com o núcleo do tiro ao alvo.

Coisa à-toa. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: negro sem valor, sem serventia, que não presta para nada.

Coisa de negro. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: fatores relacionados à cor negra ou que dizem respeito a seu jeito de ser, por razão ou causa de sua natureza, origem, histórico-cultural, cujas ações são desvalorizadas e inferiorizadas pela cultura dominante, que negativa sua imagem e representatividade social. Por outro lado, “coisa de negro” também estabelece atendimento à identidade, aos bens e propriedades histórico-culturais, políticas e religiosas em razão da natureza das ações e do direito do ser de cor negra, como podemos ver:

A mesma atitude, aliás, foi compartilhada por muito jovem negro, no dizer do capitão do Terno de Moçambique Estrela do Oriente, senhor Cândido Geraldo Ananias, que via a festa como “coisa de antigo”, “coisa de negro”; atitude que tende porém a mudar “com a liberdade que está dando este prefeito. (MEYER, 1993, p. 222).

Coisa preta. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra com o que está ou foi queimado; tristeza, melancolia, sujeira, encardido, carvão, cor de piche, conforme definem os dicionários. No sentido malicioso, tem relação com a

²⁶⁹ Chocolate [SILVA, Dorival] (1923-1989).

genitália negra. Verbalizado: “a coisa está preta” (sem controle, de difícil solução, sem remédio, sem alternativa, sem saída).

Coisa. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: o escravo do eito (do campo) era assim visto pelo senhor e pelo feitor como inútil, como não tendo nenhum valor. O escravo não sendo “pessoa” no ordenamento jurídico da época, não era sujeito de direito. No sistema jurídico romano, o “escravo” é ser, mas não é “homem”. O escravo deixa de ser sujeito de direito e equipara-se à “coisa”. (CARROZZO; CARROZZO, 1985, p. 65). Era considerado “semovente” objeto de compra e venda. Verbalização: ver a coisa preta, as coisas, coisa preta, essa coisa, coisa à-toa. Vejamos o que diz o código francês:

Em 1685, o código negro editado por Colbert afirma, em seu artigo 44, que os escravos eram bens móveis: não eram homens, mas coisas que pertenciam a quem os comprava. O proprietário imprimia sua marca com ferro em brasa na pele de seus escravos, como fazia com seu gado. Podia fazer com esse escravo o que quisesse e exercer sobre ele o direito de vida e de morte. (COMBESQUE, 2001, p. 63).

Cor de bosta. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de pele morena com a gradação do dejetivo.

Cor-de-café: Uso: pejorativo. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de pele morena com a gradação da bebida ou do grão.

Crioulo doido. Uso: informal, pejorativo. Caricatura: retrata uma crítica feita por Sérgio Cabral, sob o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta, sobre a obrigatoriedade do samba de enredo das escolas de samba do Rio de Janeiro, ser exclusivamente sobre fatos históricos. Os primeiros do gênero foram gravados por Wilson Simonal e os Demônios da Garoa.

Crioulo. Uso: informal, pejorativo. Caricatura: negro nascido no Brasil. Uma das denominações estabelecidas, pelo governo português, e usada em linguagem comum, para a classificação geral, da população brasileira, pelo seu grau de civilização. (DEBRET, 1972, p. 141) “Crioulo era o negro nascido no Brasil.” (FLORES, 1994, p. 67).

Curiboca. Uso: informal, pejorativo. Caricatura: descendente de negro com índia (ou vice-versa). Uma das denominações estabelecidas, pelo governo português, e usada em linguagem comum, para a classificação geral, da população brasileira, pelo seu grau de civilização. (DEBRET, 1972, p. 141).

Da coragem do demônio. Uso: pejorativo. Caricatura: apelido de Domingos Jorge Velho contratado para destruir o quilombo dos Palmares. (GUASQUE, 1992, p. 30).

Depois das seis. Uso: pejorativo, ofensivo. Caricatura: assemelhação do mulato ou da mulata a uma indecisão. Não saber do qual lado está (branco ou negro); indefinido.

Dia negro. Uso: informal, pejorativo, ofensivo. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra a fatores ou fatos negativos, nefastos, tenebrosos, triste, ruins, sombrios. Verbalizado: “câmbio negro”; “mercado negro”; “buraco negro”; “lado negro”; “lista negra”; “peste negra”; “ovelha negra”; “lado negro”; “vala negra”; “magia negra”; “página negra”; “setembro negro” (organização terrorista palestínica, que em setembro de 1970 nos Jogos de Munique, Alemanha, sequestra da Vila Olímpica, para matar em seguida, 11 atletas israelenses). Sinônimo de tristeza, melancolia, lúgubre, como o termo é descrito pelos dicionários.

Construção de abonações negativas sobre a cor negra; como objetivo, adjetivo e classificatório, empregado na literatura brasileira e vastamente reproduzido na linguagem e diálogos, através do tempo, por gerações e gerações. Exemplos: “Não adiantava nada que o céu estivesse azul porque a alma de Nicolino estava negra.” (MACHADO, 1997, p.34). “Saem à rua suja de negras e cascas de amendoim.” (MACHADO, 1997, p. 29). “[...] o quadro negro da sua desgraça futura.” (SOUZA, 1998, p. 219). “A noite escura // É negra como um túmulo.” (AZEVEDO, 1971, p. 200). “De negro, feio agoiro, que esvoaçam.” (DIAS, 1968, p. 315). “Eram negras e desesperadas, as suas idéias; muita vez julgou que delirava.” (BARRETO, 1998, p. 172). “Realmente, a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratidão mais negra do que o do Leonardo para com aquela que tão bem benignamente o acolhera.” (ALMEIDA, 2001, p. 199). Do senador Pedro Simon (PMDB-RS) sobre o Senador Renan Calheiros (PMDB-AL): “Renan é a faixa mais negra da história deste Congresso.” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 5/8/2009, A4).

Dorminhoco como negro de engenho. Uso: informal, pejorativo, ofensivo. Caricatura: em certas ocasiões principalmente na colheita do café, do algodão e safra de cana-de-açúcar, os escravos do eito ou local, como também eram conhecidos trabalhavam até mais tarde. Iam muito além do expediente

normal suspendendo as atividades por volta da meia-noite. Usavam tochas para clarear o local. O turno direto era chamado “serão” (manhã, tarde, noite). No final da estafante jornada, muitos escravos, não reuniam mais forças sequer para retornar à senzala, para o merecido e necessário descanso. Dormiam na roça em que estavam. A exaustão vencia os limites do corpo. Daí de serem chamados de “dorminhocos”. Segundo Rugendas (1940, p. 179), “eles adormecem onde quer que se encontrem”. Variantes: negro desleixado; preguiçoso; corpo-mole. Verbalizado: “vagabundo”; “malandro”; “braço-curto”; “vadio”.

Dourado. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de pele morena com a gradação do ouro. Sinônimo mulato.

Eles são brancos que se entendam. Uso: pejorativo. Caricatura: branco entende coisa de brancos verbalizam os negros. Variantes: “eles (brancos) não são de nossa cozinha”; “não são de nosso eito”; “não são de nosso roçado”; “não são de nossa senzala”; “não são de nossa conversa”; “eles são brancos que se entendam”. Verbalizado: “lugar de crioulo é de crioulo, lugar de branco é de branco”.

Encerado. Uso: pejorativo, ofensivo. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de pele morena com a gradação da cera. Sinônimo de mulato.

Encomenda. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: nome que os escravocratas davam ao escravo em razão ou por causa de sua prestação de serviço. Variantes: fardos, sacos. Verbalizado: “lá vem a encomenda!” “mas que encomenda!” “essa encomenda sai-se melhor do que o pedido”.

Enguiço. Uso: pejorativo, ofensivo. Caricatura: sátira aos traços raciais de cor negra como sujeito que atrai ou provoca encrenca, confusão, problemas, por sua origem, natureza, ou razão de ser.

Escuro. Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais à escuridão, às trevas, à falta de luz. Derivativo com sentido figurado: escurinho. Escurinho é o apelido de Luiz Carlos Machado, ex-centroavante do Internacional de Porto Alegre (RS) na década de 1970 e de um cantor, compositor, percussionista pernambucano nascido na Serra Talhada e grande sucesso no Nordeste. Verbalizado: “escureceu tudo!” (diz-se com a chegada de um negro num ambiente); “apaga tudo”; “dá breu!”; “esse ou

aquele escurinho”. Gobineau sobre o povo negro da Bahia em 1869: “Todo esse povinho miúdo, escuro...” (RAEDERS, 1997, p. 16).

Esfolados. Uso: pejorativo, irônico. Caricatura: para o poeta Luiz Gama eram os mulatos que renegavam suas origens na pretensão de passar por brancos. (Primeiras Trovas Burlescas, Rio de Janeiro, Pinheiro, 1861). (AZEVEDO, 2004, p. 17).

Essa coisa. Uso: pejorativo, ofensivo. Caricatura: referência aos traços raciais de cor negra como sujeito sem valor. (V. coisa).

Essa gente de cor é gente amaldiçoada; onde elas chegam trazem mais azar, entra muita candonga e muito barulho. Uso pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: narrativa de “Uma história de quilombolas!” de Lendas e Romances, de Bernardo Guimarães, em que os personagens mulatos Maria Conga, Mateus e Anselmo são discriminados no quilombo de Joaquim Cassange, o zambi, por ele mesmo, devido à tez clara que tinham nos traços raciais de cor negra. (GUIMARAES, 2006, p. 37.).

Estigma. (Do latim stigma). Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: negro marcado como animal com as iniciais do nome do dono nos ombros, braços ou rosto. O código Filipino, Livro V, Tit. XLI cominado com o alvará de 3 de março de 1741 da Corte portuguesa preceitua entre outros castigos, o de marcar com ferro em brasa, o escravo fugitivo e recapturado pela polícia ou capitães-do-mato, com a letra “F” (fujão) ou com a abreviatura do nome do senhor. Castigo suprimido por alvará do Príncipe Regente D. João, de 24 de novembro de 1813. Havia caso de embarque de escravos já marcados nos portos africanos como gado. Coleiras com a identificação do proprietário substituíram o ferro em brasa, para confirmar a propriedade. Comumente se houve falar em estigma que persegue o negro. Nada tem a ver com as marcas corporais e sim, com a discriminação e o preconceito cerrados e velados a seu respeito, por sua origem, história ou em razão da cor.

Estropício. (*Stropicio* do italiano). Prejuízo, malefício. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: por este conceito, a simples presença dos traços raciais de cor negra ou uma proximidade deles, são fatores que podem embaraçar a imagem de outra pessoa. Deve-se, portanto, ficar distante deles.

Estrupício. (*Stropiccio* do italiano). Dano, desordem, malefício, barulho. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: este conceito assemelha os

traços raciais de cor negra ao caráter de arruaceiro. Sinônimo de confusão, desordem, rolo. Diz-se de ações que se realizam sem a intervenção de sua vontade ou que lhe foge ao controle por sua presença, proximidade ou em razão de ser; e que por extensão, faz com que algo exista ou aconteça à outra pessoa. Verbalizado: “não dá em nada e só atrapalha” (negro como mau agouro); “você quer sucesso, evite essa gente”; “Chii! essa gente (negro) está no meio, vai dar encrenca”; “lidar com essa gente é rolo certo”; “cadeia é lugar de preto.”

Extrato de noqueira. Uso: pejorativo, ofensivo. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra com a cor do produto.

Fardo. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: o escravo era um fardo. Quando dava problemas, os escravocratas lastimavam o fardo que tinham que carregar. Verbalizado: “que fardo pesado!”; “que carga!”; “que encomenda!”. Silvio Romero era convicto “de que o negro era não apenas a besta de carga mas um objeto de ciência.” (ROMERO, 1968, p. 91).

Fazer nas coxas. Uso: informal, pejorativo. Caricatura: As construções civis no Brasil nos séculos XVI e XVII usavam telhas fabricadas de argila e em lotes cujos modelos tinham como molde as coxas de escravas grávidas e idosas e semelhantemente de escravos. Folhas de bananeiras forravam as coxas dos modelos, que ficavam em contato com as peças até secarem. A longa exposição barro-pele causava ferimentos. “Entre o enorme arsenal de torturas mantido pela violência do colonizador português, além da crueldade do ferro quente, destacou-se uma inusitada violência, ainda pouco estudada, ocorrida no Estado de Santa Catarina. Segundo Bojunga (1978, p. 178) foi o processo de se transformar as coxas dos escravos em peças (moldes) para a fabricação de telhas de barro visando à cobertura de uma grande e sólida fortaleza: a de Santa Cruz de Anhatomirim, construída na pequena ilha do mesmo nome em defesa dos ataques dos espanhóis e que em tupi-guarani, significa pequena toca do diabo.” Variantes: fazer nas coxas; improvisação, fazer de qualquer jeito ou forma.

Fazer serviço de branco. Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: conotação de que nada que o negro faça dê certo, saia direito ou perfeito; agrade. Precisa reproduzir ou imitar a forma do branco para satisfazer ou condizer com as expectativas. E assim mesmo repetir muitas vezes para

uma delas sair bem. Depreciação total das qualidades, valores e aptidão da pessoa com os traços raciais de cor negra desenvolver habilidades, competências profissionais, ocupacionais e talentos. Verbalizado: “faça serviço de branco!”; “não servir para nada”; “pintar o negro de branco para o serviço sair perfeito ou direito”.

Filhote de urubu. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra ao urubu, ao corvo, pela cor preta da ave de origem européia. Agressão racial que resulta na condenação de uma professora da rede pública estadual em Piracicaba (SP) em 1996, acusada, de pronunciar-se desta forma, a uma aluna negra na sala de aula. Episódio de muita repercussão na imprensa e nos meios educacionais. Objeto de repúdio do movimento negro local.

Fuligem. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra com as partículas ou substâncias escuras resultantes da queima de combustíveis e depositadas em chaminés e superfícies expostas.

Fulo de raiva. Uso: informal, pejorativo. Referente ao povo fulo, África Ocidental, Central e do Norte do país, na região sudanesa. Cor de pele amarelada. Caricatura: designa o empalidecer ou mudança de cor no indivíduo enraivecido, furioso, encolerizado. Verbalizado: “ficar fulo de raiva”; “virar negro fulo”; “ficar vermelho de raiva”.

Galinha do céu. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra ao corvo ou urubu.

Gente estúpida. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra com a competência e a habilidade desvalorizadas. Gente inútil. Vejamos o conceito do coronel holandês Theodoro de Waerdenburch sobre Domingo Fernandes Calabar,²⁷⁰ que ajuda as tropas holandesas no ataque à vila de Igarauçu (PE): “Em todos estes perigos estávamos dependentes da fidelidade ou infidelidade de um negro que nos servia de guia e não devíamos pôr muita confiança nessa gente estúpida.” (MOURA, 1981, p. 165). Verbalizado: “não dê trela a essa gente”;

²⁷⁰ CALABAR, Domingo Fernandes (1600-1635): mameluco de pai português com a índia Ângela Álvares; alagoano de Porto Calvo.

“não se pode contar ou confiar nessa gente”; “tem que confiar desconfiando dessa gente”; “preto é raça traiçoeira.”

Grafite. [V. miolo de lápis].

Guardanapo de mecânico. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra à sujeira, a encardido, à imundice.

Indefinido: Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra ao que está incerto ou indeterminado. Sinônimo de Mulato.

Índio civilizado. Uso pejorativo. Caricatura: nome dado na Província do Rio de Janeiro ao índio batizado. (DEBRET, 1972, p. 55).

Jabuticaba. Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra a gradação de cor da fruta. Verbalizado: “de branco só aparece o glóbulo ocular”.

Lá no cafundó do Judas. Uso: informal. Do quimbundo kafundu. O que está distante; está longe. Comunidade de Cafundó em Salto de Pirapora, município paulista.

Macaco. Uso pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra aos traços simiescos. A relação de semelhança entre o macaco e o homem, antes da analogia darwinista, teve origem na afirmação de Edward Tyson, criador da anatomia comparada (POLIAKOV, 1971, p. 133). Negros e macacos para ele eram análogos: inaptos e inferiores (AZEVEDO, 2004, p. 119). Voltaire é o primeiro a aplicar ao negro o qualificativo de “animal”. E sugere a cópula entre macacos e negras. (POLIAKOV, 1971, p. 153). Charles White “vê no macaco e no negro homens desesperadamente atrasados”. (POLIAKOV, 1971, p. 135). John Christie Fabricius também reconhece “a animalidade dos negros” e estabelece a seguinte relação:

Na África, constatava, encontram-se negros e macacos antropóides; na América do Sul, sob o mesmo clima, ambos inexistem; não decorre daí que os homens negros são fruto de um cruzamento entre macacos e homens brancos? (POLIAKOV, 1971, p. 157).

Gobineau não faz por menos e declara sobre o Brasil, que “todo mundo é feio aqui, mas incrivelmente feio: como macacos.” (SKIDMORE, 1976, p. 47). O reverendo Josiah Priest, autor do livro “A Bíblia Defende a Escravidão” publicado em 1851, difunde o ensinamento de que os negros não tinham relação com a raça humana “sendo de toda evidência que a sua constituição é perfeitamente simiesca”. (CHIAVENATO, 1999, p. 74). Ibne Kaldum declara que “os negros de humano tinham pouco, sendo mais semelhantes às bestas Irracionais” (COSTA E SILVA, 2002, p. 57). Oliveira Martins, um dos grandes nomes da historiografia portuguesa em 1887 declara que: “[...] abundam os documentos que nos mostram no negro um tipo antropologicamente inferior, não raro próximo do antropóide, e bem pouco digno do nome de homem”. (CHIAVENATO, 1999, p. 79). Variantes: mico, orangotango, chipanzé, gorila. Verbalizado: “veja se enxerga seu macaco”; “seu macaco”; “seu gorila”; “vou te dar bananas ou vá comer banana”; “olha a fuça dele, com que se parece?” (Relação com os símios).

Jogadores afrodescendentes que atuam na Europa denunciaram as provocações e discriminação de que são alvos, por gestos e termos pejorativos. Em dezembro de 1993, o vice-artilheiro do campeonato alemão do Bayer Leverkusen Paulo Sérgio, queixou-se de torcedores que imitavam “gorila” quando passavam por ele. O volante Bernardo do Bayern de Munique em 1991 queixou-se de que torcedores imitavam “macacos” nas arquibancadas a cada jogada sua. Roberto Carlos teve o carro riscado com a palavra “makako” em 1997. O zagueiro Júlio César, do então Borussia Dortmund, em setembro de 1994, foi barrado, na entrada de uma danceteria da cidade. Os argentinos chamaram os jogadores da Seleção Brasileira (Copa América, 1999) de “macaquitos”. Seleção formada exclusivamente por afrodescendentes.

Reginaldo Ferreira, jundiaense, estreando no time profissional de Treviso, clube do Norte da Itália, foi surpreendido em 27 de janeiro de 2002 por um ato coletivo de racismo. Quando entrou em campo aos 15 minutos do segundo tempo, discretamente muitos torcedores deixaram as arquibancadas do estádio do Lumezzane.

Grafite, na época, são-paulino; numa partida contra o Quilmes, argentino, em 14 de abril de 2005, foi alvo de racismo pelo jogador Leandro

Desábato que o chamou de “macaco”. No dia 27 do mesmo mês num amistoso da seleção brasileira no Pacaembu, em São Paulo, contra a Guatemala, um torcedor atirou banana no campo grafada “Grafite macaco”.

Com o jogador Amaral, ex-Palmeiras e Santos F. C., nascido em Capivari (SP) e em 2007 atuando no Pogon, na Polônia, não foi diferente. Relata ter sido vítima de racismo, sendo chamado de “macaco” e ter sido atingido por 30 bananas lançadas por torcedores.

O governo britânico em março de 1998 por meio da agremiação Independente de Futebol anuncia combate ao racismo com vista de atrair para os estádios, mais torcedores negros que representam 1% da torcida nos campeonatos de primeira divisão. (FOLHA DE S. PAULO, 31/3/1998 Esporte 3-11).

O Parlamento Europeu aprova em março de 2006 uma Declaração sobre o combate ao racismo no futebol termo assinado pelos signatários. O artigo 13º do Tratado da Comunidade Europeia assegura a proteção contra a discriminação em razão de origem étnica e da nacionalidade.

A UEFA e a Rede Pan-Europeia contra o Racismo no Futebol (FARE) se unem em 2008 para combater o racismo e a intolerância nas práticas esportivas.

Mané-gostoso. Uso: pejorativo, ofensivo. Caricatura: nos dias da escravidão, os filhos de escravos que nasciam na mesma ocasião dos filhos do senhor iam viver e crescer juntos na casa-grande. Os filhos de escravos, no entanto, eram transformados em brinquedos (figura dos nossos antigos velotróis, tico-ticos, cavalinhos etc.) entretenimento, iniciação sexual daqueles havendo casos de violência, principalmente com meninas negras. Começava cedo a submissão para os filhos de escravos. O Mané-gostoso hoje é representado por boneco feito de madeira e integrante do folclore e das tradições brasileiras. Verbalizado: “Mané”; “Seu Mané” (fazer papel de otário; ser atrapalhado).

Mané. Uso: informal, linguístico. Manoel, nome próprio. Aférese afro-brasileira.

Meia-cara Uso: informal, pejorativo. Caricatura: escravo importado por contrabando ao custo apenas do transporte pelos escravagistas. Vinha, portanto, de meia-cara. (RONCATI, 1995, p. 626).

Mercadoria. Uso: pejorativo, ofensivo. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra a produtos para exposição, transação comercial de compra e venda como no Valongo, o maior depósito e mercado brasileiro de escravos, estabelecido na cidade do Rio de Janeiro, em que a ‘mercadoria’ ficava à espera de compradores. O magano (negociantes de escravos) enfeitava os escravos para agradar os compradores. Verbalizado: “encomenda”; “figura”; “fardo”; “pinta”; “encrenca”; “enrosco”.

Mestiço de primeira mão. Uso pejorativo, injurioso. Caricatura: descendente de branco e negra com ênfase sobre o primeiro: pai português. Referência do crítico literário Sílvio Romero ao poeta e músico Domingos Caldas Barbosa²⁷¹ (ROMERO, 1943, III, p. 145).

Miolo de lápis: Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra ao grafite ou grafita, carbono [*carbo*, do latim, carvão] cristalino preto, do lápis para escrever [*graphien*, do grego]. Chamado antigamente de “ouro negro” por Gesner,²⁷² o primeiro a compor um lápis [*lapidis*, pedra do latim] no século XVI. O jogador Libânio,²⁷³ ex-jogador do São Paulo (2004-2006), do Le Mans da França (2006-2007) e do Wolfsburg (2007) da Alemanha; é mais conhecido no mundo esportivo pelo apelido de “Grafite”.

Grafite. [V. miolo de lápis].

Moleque. Uso: informal. Caricatura: qualificativo que se dava a criança ou menino retintamente negro. (FREYRE, 2008, p. 66).

Mostrar as canjicas. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: ironia sobre os dentes alvos em contraste com os traços raciais de cor negra. Verbalizando: “na escuridão, só dá para ver ou aparecem os dentes”. [V. canjicas].

Mulato. Uso: pejorativo. Caricatura: descendente de branco e negra [ou vice-versa]. Uma das denominações estabelecidas, pelo governo português, e usada em linguagem comum, para a classificação geral, da população brasileira, pelo seu grau de civilização. (DEBRET, 1972, p. 141). Origem

²⁷¹ BARBOSA, Domingo Caldas (1738-1800): poeta mulato carioca; filho de Antônio Caldas Barbosa e da negra escrava angolana Antônia de Jesus.

²⁷² GESNER, Konrad von (1516-1565): naturalista suíço.

²⁷³ LIBÂNIO, Edinaldo Batista: natural de Jundiá (SP), nascido aos 2 de abril de 1979, filho de Odair Batista Libânio e de Ilma de Castro Libânio.

híbrida, que se assemelha ao vegetal ou animal como resultado de cruzamento entre variedades ou raças diferentes. Etimologia: mula. Freyre prega o hibridismo cultural – o cafuzo, o mulato, o moreno, o caboclo. Os mentores do branqueamento do Brasil defendem que a miscigenação clareie a pele do país e contam com isso, para que os traços raciais de cor negra desapareçam de nosso cenário. No Brasil dos dias de Machado de Assis, os mulatos que gozavam de prestígio como ele eram considerados de “qualidade”.

Nação. Uso: informal. Caricatura: negro que vinha da África para o trabalho escravo no Brasil. (FLORES, 1995, p. 67).

Nação acima do Estado. Uso: informal, pejorativo. Caricatura: pregação de Antônio Pereira Rebouças acerca de que os mulatos fossem iguais aos brancos e tivessem os mesmos direitos e oportunidades, numa visão nacionalista, numa população composta em sua maioria por eles ou pelos mestiços. (FIGUEIREDO, 1977, p. 97).

Não ser o negro de alguém. Uso: pejorativo e injurioso. Caricatura: não trabalhar para essa pessoa. Figura de linguagem.

Não suje a água. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: não fazer coisa errada. Adverte as pessoas com traços raciais de cor negra para não decepcionar. Variantes: fazer feio; fazer sujeira; deixar a desejar. Verbalizado: “não pregar a cara”; “não comprometer a raça”; “não fazer coisas de negro.”

Negra boa de cama. Uso: ofensivo, pejorativo. Caricatura: imagem da mulher negra sensual criada na sociedade colonial pelos portugueses e incorporado à cultura contemporânea. Clóvis Moura escreve sobre o papel da mulher negra na colônia e no império:

No Brasil escravocrata, a mulher negra servia apenas como instrumento de trabalho e objeto de uso sexual. Os seus filhos, nascidos de relações com o senhor branco, continuavam escravos. E a falta de mulher branca na Colônia obrigou o colonizador luso a usar inicialmente a índia e posteriormente a negra como objeto de uso sexual. (MOURA, 1977, p. 56).

Negrice. Uso: informal. Caricatura: expressão cunhada poeticamente por Lima Barreto em 1922, sem carga de preconceito ou estereótipo; antes, como ato ou ação de pessoas com traços raciais de cor negra, com relação ao sujeito e sua natureza; a razão e o seu jeito de ser. Em 1975 na cidade de

Santos, Cardoso,²⁷⁴ organiza a coletânea de Poesia Negra denominada “Negrice 1”. Assim, como o verbo “judiar” está relacionado ao jeito de ser dos judeus e teve alterado seu significado para maus-tratos e malvadeza, o neologismo “negrice” foi desvirtuado dos fins literários e histórico-culturais, para uma imagem negativa; passando a significar uma cobrança social ao segmento negro. Sinônimo de confusão; sujeira; bagunça; bravata; coisa malfeita. Verbalizado: “não faça negrice!” “não pregue a cara”; “não desmereça sua raça”; “não envergonhe sua cor ou sua gente”; “não estrague tudo” (ou seja, não desperdice a chance ou oportunidade de mostrar que você também sabe fazer; é capaz).

O Prof. Moacyr Flores, comentando sobre José de Alencar (1829-1877), autor da comédia “Demônio Familiar” de 1857 alude o fato de se representar o negro na dramaturgia. Diz que, “fazer papel de negro ou contar história de negro já significava fazer negrice, isto é burrice. O branco introjetava no negro essa idéia, gerando um manifesto preconceito.” (FLORES, 1995, p. 44).

No prefácio ao livro “Bartolomé de las casas e a simulação dos vencidos: ensaio sobre a conquista”, de Hector Hermán Bruit, de 1995, José Roberto Amaral Lapa assim se expressa sobre a negrice:

Essa invenção da América, para nós latino-americanos, marca-nos por um pecado original que nos passaram e do qual nos convenceram e nos convencemos: o de nos complexarmos pela maldade, feiura, negrice que explicam e marcam as nossas origens.

Negro civilizado. Uso: pejorativo. Caricatura: negro batizado; negro instruído; negro que coopta com o mundo do branco em detrimento de seu próprio segmento. Conforme Figueiredo (1977, p. 103-104):

A chamada política de assimilação, começando com o batismo compulsório do negro – relegado e inferiorizado todo aquele que não se deixava batizar – não criou, porque de base escravista, condições para sua integração social. Daí Nina Rodrigues ter falado no aspecto ilusório da catequese africana. Não se diga, com o ilustre maranhense que a raça negra era incapaz de elevar-se às abstrações do cristianismo. O que havia, realmente, dificultando a cristianização do negro através do modelo católico oficial, era o próprio sistema econômico fundado, com o apoio da Igreja, no trabalho escravo.

²⁷⁴ CARDOSO, Milton Bernardes (1953-1999): jornalista, poeta, editor, escritor, ativista negro.

Negro fedorento. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: trata-se de “cheiro de raça” (FREYRE), transpiração forte característica das pessoas de traços raciais de cor negra e de seus descendentes. A ação do corpo pelas glândulas sudoríparas da pele vira figura de identidade, de origem, de descendência e não escapa aos preconceitos, estereótipos e da sátira de Gregório de Matos, que associa a negra Carina ao cheiro de suor comum da raça negra, odor estranho para o branco. Gregório denomina o cheiro de “catingas”. Diz ele: “Vós e outras catingas mais.” (RONCARI, 1995, p. 135). Impressões do viajante austríaco Ernest Ebel em 29 de fevereiro de 1824 ao desembarcar no porto do Rio de Janeiro descrevem que “estranha é a sensação do desembarque. Ao invés de brancos só vi negros, seminus, a fazerem um barulho infernal e a exalarem um cheiro altamente ofensivo ao olfato”. (EBEL, 1972, p. 12). Freyre descreve que o cheiro atrai o comércio de sabão de luxo, transformado num negócio lucrativo. Escreve que “importava-se da Europa muito sabão de luxo. No século XIX os negros mais ricos deram para importar sabão da costa. Um consumo enorme de sabão leva no meado do século XIX o estabelecimento de um grande número de fábricas do produto no Império”. (RONCARI, 1995, p. 135). Este odor recebe outros nomes: budum (sic), inhaça, cheiro de bode. Verbalizado: “catinguento”; “fedorento”; “cecê forte”; “feder que nem negro”; “negro porco”; “catinga de negro”; “negro fedido”.

Do conto “Armazém Progresso de São Paulo”, de Machado de Assis: “O negro fedido bebeu de um gole só. Começou a cuspir.” (ASSIS, 1997, p. 53).

Mário Filho em “O Negro no futebol brasileiro” relata passagens do jogador do Club Atlético Penãrol de Montevideu Isabelino Grandín²⁷⁵ vítima de racismo por causa das habilidades com a bola que irritava até mesmo companheiros do time, como se descreve:

Os uruguaios telefonaram do campo do Fluminense para o campo do Botafogo, precisavam de três jogadores para formar dois times, os três mais à mão eram Rivadávia Corrêa Meyer, Celso de Souza e Décio Vicares, do Botafogo de 10, gordo, enorme, que não jogava futebol há muito tempo. Rivadávia Corrêa Meyer mal teve o gostinho

²⁷⁵ GRANDÍN, Isabelino (1897-1944): considerado o primeiro jogador negro do Uruguai ao lado de Juan Delgado, nasceu no bairro de população de ascendência africana Palermo, em Montevideu, Uruguai. Craque da bola e de dribles desconcertantes marcou três gols na Primeira Copa América realizada na Argentina de 2 a 16 de julho de 1916, sagrando-se artilheiro. Grande velocista revelado nos Jogos Olímpicos de 1924 batendo os recordes de 200 e 400 m. Meia-esquerda atuou na Seleção Uruguia de 1919.

de tocar na bola levou uma cotovelada, Grandim ficou com a bola. A vingança dele foi chamar Grandim de 'negro fedorento'. (RODRIGUES FILHO, 1984, p. 109).

O Chile no primeiro campeonato sul-americano em 1916 derrotado pelo Uruguai por 4 X 0 tentou anular a partida devido o adversário ter escalado os negros Grandín e Juan Delgado, sendo o primeiro autor de dois dos gols da goleada. (SILVA; VOTRE, 2006, p. 42).

O contista Coutinho descreve em "Um negro vai à forra" as aventuras de um personagem difícil chamado Bira enamorado de Wilma, e detratado por ela com palavras racistas, como veremos:

Um jogado fora, biscateiro do cais. Se arranjava com Wilma. Branca, ela.
Dizia que se amarrava no seu tição: demais. Mas vinha acontecendo o que não estava no traçado da idéia do negro Bira. Gamado de verdade estava ele. A gamação só fazendo aumentar cada dia. Um cachorro sarmento, se sentia agora. Um negro fedorento, imprestável. (COUTINHO, 1984, p. 126).

Negro não se mete em conversa de branco. (BRANDÃO, 1979, Vol. LXXII, p. 196). Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: coisas de brancos, não são para negros. Verbalizado por branco: "negro não mete o bico em coisas de branco"; "negro passa ao largo de coisas de branco"; "o mundo é dos brancos". Verbalizado por negro: "eles são brancos que se entendam"; "as coisas do branco não serve para negro"; "eles não são de nossa cozinha."

Negro que vale mais do que branco. Uso: pejorativo, ofensivo. Caricatura: assemelhação ou equivalência de valores, habilidades, competências, escala e ascensão social pela gradação de cor da pele. Verbalizado: "preto de valor"; "negro que vale a pena ou compensa"; "negro civilizado"; "negro esperto"; "negro de respeito"; "negro de confiança"; "negro distinto"; "negro educado"; "preto de sorte"; "preto gente fina"; "preto de casa"; "preto criado com a gente"; "negro que não dá problema"; "negro que não mexe em nada".

Assevera Perdigão Malheiros em 1871, sobre a harmonia racial brasileira como acreditava ser:

Desde que para o Brasil vieram negros da Costa d'África, nunca houve esse desprezo pela raça africana, que, aliás, se notava em outros países, principalmente nos Estado Unidos. A escravidão se tornara menos perniciosa, principalmente depois de 1850. Senhores,

eu conheço muitos indivíduos de pele escura que valem mais do que muitos de pele clara. Esta é a verdade. Não vemos nas escolas, nas academias, nas igrejas, ao nosso lado, homens distintos, bons estudantes, de pele de cor? Não vemos no parlamento, no governo, no governo, no Conselho de Estado, em missões diplomáticas, no exército, nas repartições públicas, gente de pele mais ou menos escura, de raça mestiça mesmo com a africana? (SKIDMORE, 1976, p. 39).

Grandín, jogador afro-uruguaio, no dizer de Mário Filho (RODRIGUES, 1984, p. 109), no livro “O Negro no futebol brasileiro” era um preto que jogava mais futebol que muitos brancos.

Negro sujo. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: sem asseio, fedido ou fedorento, porcalhão, desclassificado, anti-higiênico, malcheiroso. Preconceito herdado do cabungueiro (v.). Verbalizado: “sujo que nem negro”; “fede como um negro”.

Luna²⁷⁶ em “O Negro na luta contra a escravidão” temos que o esforço para superar, para vencer obstáculos ou dificuldades nessa trajetória, é uma construção contínua, incessante e incansável, por conta da obra mal concluída que foi a abolição. E uma desconstrução vagarosa, trabalhosa, inquietante e quase se fim, dos reflexos sociais negativos da escravidão que recaem sobre o negro até hoje. Acompanhemos o dizer de Luna:

Esse modo falso de encarar o negro, que só o suceder do tempo poderia modificar, foi o maior obstáculo que ele teve de vencer para assimilar-se à sociedade que sempre o repeliu. A verdade é que ninguém ao tempo da escravidão, como muitos ainda agora, confiava na capacitação do negro como homem livre e senhor do seu arbítrio. Até para os trabalhos domésticos, ainda hoje, costumamos ler anúncios de jornal dando preferência a empregados de cor clara. Há também o aspecto higiênico. Poucos acreditam na limpeza do negro, talvez reminiscências da promiscuidade das senzalas. Quando se quer ofender alguém atira-se-lhe o epíteto de negro e quando se insulta um preto não se deixa de acrescentar: ‘negro sujo!’. (LUNA, 1968, pp. 225-226).

Jorge Amado²⁷⁷ no romance “Jubiabá” narra sobre a vida do personagem, Antônio Balduino e sua paixão por Lindinalva que conheceu na infância. Neste trecho, diz a narrativa sobre Baldo:

Assim ia correndo a sua vida entre brincadeiras com Lindinalva, a quem cada vez mais admirava, e brigas com Amélia que diariamente

²⁷⁶ LUNA, Luiz (1915-1978): jornalista, advogado, historiador, escritor pernambucano radicado no Rio de Janeiro.

²⁷⁷ AMADO, Jorge (1912-2001): escritor baiano.

fazia queixa a Dona Maria das “molecagens deste negro sujo” e lhe dava, às escondidas, surras ferozes. (AMADO, 1944, p. 51)

Gentil²⁷⁸ futebolista negro no Rio de Janeiro (RJ) descreve a discriminação pela qual se passa em razão da cor, em seu tempo principalmente, nos esportes. Detalha que:

O processo grosseiro e sempre repetido, é esse denunciado por Gentil: quando não têm argumentos contra um negro, o mais fácil é chamá-lo de desonesto, de ladrão, de negro sujo. (NASCIMENTO, 1968, p. 34).

Leônidas da Silva²⁷⁹ não escapou das agressões raciais de seu tempo e de impropérios da imprensa segundo Ferreira e Reis Filho (2007, I, p. 501): “Em 1931, Leônidas da Silva, um craque de bola aos 18 anos, jogador da Seleção Brasileira, era visto como aquele moleque, aquele preto sem-vergonha, aquele negro sujo”.

O sociólogo Oracy Nogueira anotou alguns estereótipos sobre negro expressos por torcedores, numa partida de futebol, que passa a narrar: “Negro à-toa, o maior erro da princesa Isabel foi ter libertado vocês, negros sujos. Negro não devia existir.” (NOGUEIRA; CAVALCANTI, 1998, p. 207).

Nós nem cremos que escravos outrora tenha havido em tão nobre País. Uso: informal, pejorativo. Caricatura: estrofe do Hino da Proclamação da República do Brasil com letra de autoria de Medeiros e Albuquerque²⁸⁰ e música de Américo Miguez.²⁸¹ O hino foi vencedor de um concurso realizado no Teatro Lírico do Rio de Janeiro.²⁸² A discrepância da alegação não tem medida. A Lei Áurea estava completando 2 anos e milhares de ex-escravos havia em circulação pelo Brasil como testemunhas reais dos fatos. Negar a escravidão negra no Brasil é como negar o holocausto.

Passar por branco. Uso: pejorativo. Caricatura: mulato claro que passa por branco. Romero, com os olhares voltados para o branqueamento social do Brasil dispara sobre a mãe de Tobias Barreto:

²⁷⁸ CARDOSO, Gentil Alves (1906-1970): oficial reformado da Marinha, técnico de futebol com passagens pelo Fluminense, Botafogo e Seleção Brasileira de 1959.

²⁷⁹ SILVA, Leônidas da (1913-2004): o Diamante Negro e Homem-Borracha do futebol brasileiro, inventor da bicicleta. Atuou no Rio de Janeiro pelo São Cristovão, Bonsucesso F. C., Vasco da Gama.

²⁸⁰ ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e (1867-1934): orador e professor; poeta e romancista.

²⁸¹ MIGUEZ, Leopoldo Américo (1850-1902): maestro e compositor brasileiro.

²⁸² Oficializado pelo Decreto nº 171 de 20 de janeiro de 1890 e publicado no Diário Oficial do dia seguinte.

Sua mãe D. Emerenciana de Menezes – era meiga, de gênio suave e doce, temperamento melancólico e cheio de resignação. Pedro era mestiço acentuado; D. Emerenciana passaria por fidalgamente branca em qualquer parte do Brasil. (ROMERO, 1943, p. 145).

Ainda segundo Romero

...é conhecida... a proverbial tendência do pardo, do mulato em geral, a fazer-se passar por branco, quando sua cor pode iludir. Quase não temos mais famílias extremamente arianas: os brancos presumidos (sic) abundam. Dentro de três ou quatro séculos, a fusão étnica estará talvez completa, e o brasileiro mestiço bem caracterizado. (SKIDMORE, 1976, p. 53).

Rosenfeld (1993, p. 43) problematiza uma questão fundamental para se entender como se aflige o mulato, em querer se passar por branco e se ver numa classificação social diferente, com relação a seu grupo etnicorracial. Diz ele que:

Sentimentos de inferioridade, vergonha pela origem e uma sensibilidade extrema em relação à cor caracterizam sua personalidade. No geral, ele evita a companhia de negros e mulatos e esforça-se por ligar-se aos brancos. O desejo de valer como branco, a ânsia de passar por branco podem atingir formas de obsessão.

Por outro lado, o cronista esportivo Mário Filho cita o caso do jogador Carlos Alberto, do Fluminense Futebol Clube, que não quis passar por branco e tampouco foi notado como mulato em outro clube, conforme a narração:

O caso de Carlos Alberto, do Fluminense. Tinha vindo do América, com os Mendonças, Marcos e Luís. Enquanto esteve no América, jogando no segundo time, quase ninguém reparou que ele era mulato. Também Carlos Alberto, no América, não quis passar por branco. (RODRIGUES FILHO, 2004, p. 60).

Pintar o negro de branco. Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: os escravos que trabalhavam com a farinha de trigo no final do dia estavam todos esbranquiçados pelo contato com cereal. Viravam motivos de chacotas por estarem brancos. O estereótipo “pintar o negro de branco” para que trabalhe bem, faça a coisa certa entre outras cobranças e ameaças racistas; vem desses dias. Verbalizado: “vou fazer você virar branco”; “se o serviço não ficar bom vou pintar você de branco.”

Piso de fábrica. Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra com um pavimento encardido, sujo. Sinônimo de sujeira; fedido; nojento.

Pôr o preto no branco. Firmar documento por escrito; oficializar.

Preto não é gente. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: menosprezo à raça negra. Verbalizado: “quando o preto é gente?”; “quando está no banheiro, o branco bate na porta e ele responde tem gente.”; “o negro é burro de carga // O branco é inteligente // O branco só não trabalha // Porque preto não é gente.” (SILVA, 1988, p. 21).

Preto não é gente? Uso: informal. Caricatura: canto na língua dos bantos (o ambundu ki a tu á?) de lamentação dos escravos sobre as atrocidades cometidas pelo feitor contra eles. (GUASQUE, 1992, pp. 46-47).

Preto. Uso: informal, pejorativo para designar raça/etnia. Caricatura: qualificativo com que os negros passaram a ser classificado a partir do século XVII. Preto é cor (tonalidade) e estava ligado à negrura (arte), surgida entre os séculos XII e XV sem conotação negativa. O artista espanhol Salvador Dali (1904-1989), surrealista, temperava mais de 70 tonalidades de preto (cor). Os artistas vanguardistas russos Rodchenko,²⁸³ construtivista, e Malevitch,²⁸⁴ supremacista polemizaram sobre “a brancura do branco” e “a negrura do negro” em fins de 1910. (AGUIAR, 2005, p. 299). A cor preta, no entanto, foi desvalorizada, distorcida e inferiorizada pela iconografia europeia, com o surgimento do colonialismo, que a define como suja, encardida, negra, sem luz; associando-a a exposições, posições e provocações injustas, a fatos negativos, a coisa ruim, triste, funesta, sombria, tenebrosa que fundidas no imaginário popular e corroboradas por força histórica de expressão etnicorracial, estabelece correspondência com a cor negra, transferindo-lhe os sentidos e significados.

Em contraste, a brancura foi firmada como condição de perfeição e pureza, qualidades atribuídas ao indivíduo branco, a partir do segundo quartel do século XVII. O preto, associado à etnia negra ganhou o sentido subjetivo de escuridão e pecado, vindo daí “a cor do pecado”. Segundo Cashmore (1996, p. 97), Pieterse,²⁸⁵ aponta o Islã como responsável pela adoção dos negros como “símbolos de demônios”. Desenvolve em seu livro de 1992 nos EUA, um

²⁸³ RODCHENKO, Alexandr (1891-1956).

²⁸⁴ MALEVITCH, Kazimir (1878-1935).

²⁸⁵ PIETERSE, Jan Nederveen: conferencista em Universidades e ligado ao Instituto de Estudos Sociais de Haia, autor do livro *White on Black: images of África and Black in Western Popular Culture* (Preto no Branco: Imagens da África Ocidental e de Negros na Cultura Popular), 1992.

importante e interessante inventário sobre a disseminação dos preconceitos e dos estereótipos sobre o negro no mundo ocidental, por meio de um minucioso estudo de ilustrações (litografias de anúncios, quadrinhos, cartazes, folhetos, bonecos, tiras, gravuras, caricatura e imagens racistas comerciais), percorrendo dos tempos medievais, coloniais aos contemporâneos. Bennett, por sua vez, esclarece que “[...] os primeiros colonizadores brancos não tinham um conceito de si mesmos como homens brancos [...]. A palavra branco, como todo o seu ônus de culpa e arrogância, só passou a ser de uso comum no final deste século.” (CASHMORE, 1996, p. 97).

Segundo ainda Bennett:

...antes da invenção do homem negro ou branco, ou das palavras e conceitos para descrevê-los, a população colonial consistia de uma grande massa de servos brancos e negros que ocupavam rudemente a mesma categoria econômica das plantações e políticos. (CASHMORE, 1996, p. 99).

Quase branco. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: traços raciais de mulato claro que passa por branco. “Dessas uniões entre as diversas raças resultou que fossem escravos indivíduos de todas as cores, desde o negro até o quase branco, como foi reconhecido formalmente no alvará de 16 de janeiro de 1773 [...]” segundo Perdigão Malheiros. (FLORESTAN e BASTIDE 2008, p. 94). Os autores apontam ainda que Saint-Hilaire se surpreende ao ver escravos quase-brancos servindo aos senhores paulista: “Assim; ainda existem homens livres de nossa raça que têm bem pouca alma para deixar seus filhos na escravidão.” (FLORESTAN e BASTIDE 2008, p. 94).

Em junho de 1969 era lançado o romance de Jorge Amado “Tenda dos Milagres” nas comemorações do centenário de nascimento de Pedro Archanjo,²⁸⁶ principal personagem da trama ocorrida na Bahia, que o homenageia por sua luta e resistência, transformando-o em “quase branco puro, sábio, vestido com a túnica de soldado Pedro Archanjo, glória do Brasil”. (MANZATTO, 1994, p. 151).

²⁸⁶ ARCHANJO, Pedro (1869-1943): mestiço, bedel da Faculdade de Medicina da Bahia, por quase 3 décadas; capoeirista e autodidata; autor de “A Vida Popular na Bahia”, de 1907; “Influências Africanas nos Costumes da Bahia”, de 1918; “Apontamentos Sobre a Mestiçagem nas Famílias Baianas”, de 1928; “A Culinária Baiana: Origens e Preceitos”, de 1930. Crítico do racismo da época (científico, eugenista) e do Prof. Nilo D’Ávila Argolo de Araújo de ascendência africana, catedrático da Faculdade e seguidor das teorias de Gobineau sobre a superioridade da raça ariana, foi demitido de suas funções na faculdade, por contrariar a supremacia e fúria branca, com suas publicações e autoafirmação de que a Bahia era mestiça.

Numa carta de Joaquim Nabuco a José Veríssimo após a morte de Machado de Assis, temos revelado os bastidores do branqueamento social do Brasil. Queixa-se Nabuco:

Seu artigo no jornal está belíssimo, mas esta frase causou-me arrepio: 'Mulato', foi de fato grego da melhor época'. Eu não teria chamado o Machado de mulato e penso que nada lhe doeria mais do que esta síntese. Rogo-lhe que tire isso quando reduzir os artigos a páginas permanentes. A palavra não é literária e é pejorativa, basta ver-lhe a etimologia. O Machado para mim era um branco e creio que por tal se tomava; quando houvesse sangue estranho, isso em nada afetava a sua perfeita caracterização caucásica. (REVISTA DO LIVRO, Vol. V, Ano II, março de 1957, p. 164).

Veríssimo denuncia o que chama de "perigo negro" que rondava a sociedade da época.

Antes que pudesse surgir (o "perigo negro") seria logo resolvido pelo amor. A miscigenação roubou o elemento negro de sua importância numérica, diluindo-o na população branca. Aqui o mulato, a começar da segunda geração, quer ser branco, e o homem branco [com raras exceções...] acolhe-o, estima-o e aceita-o no seu meio. Como nos asseguram os etnógrafos, e como pode ser confirmado à primeira vista, a mistura de raça é facilitada pela prevalência do elemento superior. Por isso mesmo, mais cedo ou mais tarde, ela vai eliminar a raça negra daqui. É óbvio que isso já começa a ocorrer. (CHIAVENATO, 1999, p. 79).

Raça social. Uso: acadêmico. Caricatura: denominação dada por Charles Wagley quanto à localização de uma pessoa no Brasil na hierarquia social com base na cor ou na classe (DEGLER, 1971, p. 115).

Se eu fosse branco, jogaria imediatamente uma caixa de piche no rosto. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Encontrado no folclore brasileiro. Caricatura: repúdio de negro aos traços raciais de cor branca.

Se eu gostasse de negro, seria como se carregasse um saco de carvão nas costas e um urubu debaixo do braço. Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Encontrado no folclore brasileiro. Caricatura: repúdio de branco aos traços raciais de cor negra.

Se eu gostasse de preto, andava com um urubu debaixo do braço. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Encontrado no folclore brasileiro. Caricatura: repúdio de branco aos traços raciais de cor negra.

Seu Mané. Uso: pejorativo, ofensivo. Caricatura: sujeito atrapalhado. O termo vem de Mané-Gostoso (V.)

Sinuca. Uso: pejorativo. Caricatura: assemelhação dos traços raciais de cor negra a bola preta do jogo.

Sujar a água. Uso: pejorativo, injurioso. Caricatura: fazer coisa errada; desagradar; decepcionar a classe dominante: o branco. Variantes: pregar a cara, comprometer a raça. Verbalizado: “não suje a água!”

Ter os pés na cozinha. Uso: informal. Caricatura: sinônimo de ter ancestrais de traços raciais de cor negra. O ex-presidente da República Fernando Henrique²⁸⁷ insiste no termo durante o seu mandato. Segundo a genealogia da família, sua trisavó materna era escrava e a bisavó mulata. [Época 24 de maio, 1999, p. 15]. Desconhece-se seu nome, mas seu espaço na formação da família está reservado e reconhecido.

Tio. Uso: pejorativo. Caricatura: neologismo que designa para as mulheres negras, o negro atrevido ou com mania de gracejos. Verbalizado: “tio cheio de graça.” Sinônimo de querer aparecer; chamar a atenção.

Tio-preto. Uso: pejorativo. Caricatura: neologismo que designa o negro que faz graça ou procura chamar a atenção. Comum nos idos 1960/70 por ocasião dos grandes bailes promovidos sob a égide da cultura negra. Os negros de cabelo alisado principalmente eram alvos desse tratamento. Sinônimo de quer aparecer.

Tiulão. Uso: ofensivo, pejorativo. Caricatura: neologismo que designa para as mulheres negras, o negro atrevido, abusado. Pode também referir-se pejorativamente à estatura física avantajada da pessoa.

Toco-preto. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: assemelhação dos traços raciais a madeira queimada. Variante: tição. Verbalizado: pau-preto; “pau-queimado.” Em Piracicaba (SP), há um bairro denominado pau-queimado, que no período pós-abolição congregou grande parcela da população negra pelos sítios locais e pela cultura do tambu, ou umbigada.

Trabalhar como um negro. Uso: informal, pejorativo. Caricatura: reconhecimento do branco ao trabalho estafante e produtivo do negro no período colonial. Na Rússia, Joachim Crima, imigrante africano de Guiné-Bissau e estabelecido com comércio de melancias no sul do país em

²⁸⁷ CARDOSO, Fernando Henrique: sociólogo; ex-presidente da república, de 1995 a 2003.

Srednyaya Akhtubá, candidata-se a Câmara local sob o lema: “Vou trabalhar como um negro pela Rússia”. Considerado o obama russo. Sinônimo: trabalhar demais.

Trabalhar: Uso: informal. Caricatura: designa a ida da escrava para a cama com o seu senhor. Nos dias da escravidão corria o dito popular: “Branca pra casar, mulata pra foder, negra para trabalhar” (FREYRE, 1995, p. 46) para classificar as relações.

Trabalho de negro. Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: Subemprego, trabalho braçal, funções que não exigem habilidades de raciocínio e aptidões mentais; é o quadro de ocupações que a classe dominante, dona do mercado de trabalho, oferece aos que têm traços raciais de cor negra, como se isso fosse categórico, ser o lugar em que devem estar ou ficar, segundo a linha de pensamento do passado; de que o negro sabe qual é seu lugar ou tem o seu lugar social separado.

Ver a coisa preta. Uso: pejorativo. Caricatura: ver a situação esquentar, piorar, ficar sem controle.

Volume. Uso: pejorativo, ofensivo, injurioso. Caricatura: o escravo tinha o valor de volume e assim era tratado nas relações comerciais, sem nenhum respeito ao ser humano. Verbalizado: “que volume pesado! “Que fardo!”

Zé. Uso: informal, linguístico. José. Aférese afro-brasileira.

CONCLUSÃO

Nesse ensaio procuramos demonstrar como se desenrolaram ao longo do tempo, na história do homem e das civilizações, as relações humanas e as relações etnicorraciais. Vimos, no início que houve época em que os traços raciais de uma pessoa não eram notados porque não faziam diferença no relacionamento. Não tinha importância nenhuma porque todas se consideravam no mesmo nível.

Mas com o passar do tempo, os traços se sobressaem e recebem juízo de valor, distinção e discriminação. Os problemas de convívio começam a incomodar as pessoas dando surgimento as primeiras barreiras de convívio; as primeiras divisões sociais e raciais, em torno do relacionamento humano, dando origem ao segregacionismo e ao separatismo. As pessoas se estranham; se distanciam uma das outras impondo limites; erguendo seus muros e cercas, bloqueando acessos. Percebemos que o Outro sempre teve um sério problema de aceitação, pelos homens em todas as sociedades.

Pensadores da época com os quais as pessoas tomavam conselho reforçaram a divisão, e ensinavam que entre eles havia aqueles que nasceram para servir o outro e que havia os que nasceram para mandar.

Mais tarde, veio o racismo científico, em que o homem passa a ser medido, avaliado pela ciência, para ser afastado ou juntado a outras pessoas ou em grupos fechados. Rastreamos os diálogos de época e reparamos que as pessoas sempre se dirigiram a outra com a prepotência de ser a melhor. Criaram linguagem própria para descrever os contextos histórico-sociais determinados, que iam vivendo e vivenciando, portadora de termos e expressões com significações das relações estabelecidas. A linguagem começa a revelar aspectos da ideologia social dominante com tendência a depreciar, estereotipar e discriminar.

A Igreja era conformista com os que detinham a relação de poder e de domínio. Elegem-se as raças para classificar o ser humano. As relações étnicas e raciais começam a ficar mais tumultuadas. As raças e as etnias são diferentes. Os casamentos inter-raciais passaram a ser proibidos. A “raça” branca foi eleita superior de todas. Os mentores dessa qualificação queriam

passar esse recado para o mundo, para que cada um ficasse no seu lugar. O Brasil, não ficou alheio a situação. O racismo científico fez parte de nossos dias e história. Por isso, demos um giro com o trabalho para conhecer essa realidade a fundo. Vimos que nada é diferente, que as relações das pessoas continuam conturbadas.

Pureza de sangue, hierarquização racial, relação de poder, servidão, racismo científico, preconceitos e estereótipos, são os saldos das relações humanas. Por isso, precisamos aprender como funcionam esses mecanismos e essas engrenagens, para desmontagem essa máquina infernal.

O objetivo da educação das relações etnicorraciais é de compreender a formação cultural dos grupos etnicorraciais, para valorizar cada um deles e se estar apto, para descrevê-los de forma que se aja com as culturas, com interação, moderação e respeito mútuo. Também, de oferecer subsídios que possibilitem a percepção do universo que envolve o assunto e o desenvolvimento de noções e conceitos sobre a sociedade multiétnica e pluricultural, como o desenvolvimento de habilidades para leitura, interpretação e produção de textos e imagem, construção de ideias, comparação e aplicação de informações.

Como ainda de compreender, que o respeito aos outros e às suas coisas são imprescindíveis, para o fortalecimento das relações entre povos e etnias diferentes, porque depende da participação de cada um, uma ação em conjunto, que vise o crescimento de todos independente das características individuais e sociais.

Ideias e ideologias estrangeiras sempre rondaram o Brasil. O racismo científico, o eugenismo, o positivismo não foram os únicos casos. Em 1937 o movimento nazista negava haver no Brasil um povo brasileiro. “Nunca existiram brasileiros, salvo indígenas” dizia ele. Descreve então a formação da época no Brasil: “luso-brasileiros, sírios-brasileiros, franco-brasileiros e afro-brasileiros.” (OLIVEIRA, 2003, p. 237).

E por fim, o objetivo é o de reconhecer a diversidade cultural como direito dos povos e dos indivíduos e como patrimônio etnocultural brasileiro e universal, para valoração do elemento da construção conjunta da memória nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA DE COMUNICAÇÃO INTERNACIONAL DOS EUA. Rio de Janeiro. **Declaração da Independência/Constituição dos Estados Unidos da América**, [s/d].

AGUIAR, Gonzalo Moisés. **Poesia concreta brasileira**: as vanguardas na encruzilhada modernista. Trad. de A. Crespo, R. Mata e G. Andrade. São Paulo: Edusp, 2005.

ALTAVILA, Jayme de. Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. In:____. **Origem dos Direitos dos Povos**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1963.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado** São Paulo: Editora Martins Fontes, [s/d].

ALVES FILHO, Aluizio. **Manoel Bonfim combate ao racismo, educação popular e democracia radical**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

AMADO, Gilberto. **Sabor do Brasil**. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1953.

AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944.

ANDRADE, F. Alves de. Três Humanistas no Instituto do Ceará. In:____. **Revista do Instituto do Ceará**, (82): 25-40, 1968.

ANDREONI, João Antônio. **Cultura e Opulência do Brasil**. Introdução e Vocabulário por A. P. Canabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

AQUINO, São Tomás. **Suma Teológica**. Primeira Parte, Questões 50 – 119. Tradução de Alexandre Corrêa. Organização e Direção de Rovílio Costa e Luís Alberto de Boni. 2ª ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Livraria Sulina Editora/Grafosul/UFRS; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Canoas: Livraria Sulina Editora, 1980.

ARARAPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. **Obra Crítica de Ararape Júnior**. Organizada por Afrânio Coutinho. V. 1. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

_____. **Teoria, Crítica e História Literária**. Seleção e apresentação de Alfredo Bosi. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

ARISTÓTELES. **A Política**. Tradução de Nestor Silveira Chaves. Introdução de Ivan Lins. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. Trad. de Sérgio Bath. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

AVILA, José Bastos. **Antropologia física**. Prefácio de A. Fróes da Fonseca. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1958. (Coleção do Instituto de estudos Políticos e Sociais, nº 4)

AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares de. Poemas Malditos. In: _____. **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 6.ª ed. São Paulo: Ática, 1974.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho b. Para além das relações raciais: por uma história do racismo. In: _____. **Anti-racismo e seus paradoxos**: reflexões sobre cota racial, raça e racismo. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. **Abolicionismo Estados Unidos e Brasil**: Uma História Comparada (século XIX). São Paulo: Annablume, 2003.

_____. **Onda negra medo branco**: o negro no imaginário das elites século XIX. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987. (Coleção Oficina da História, Col. 6).

_____. **Onda negra medo branco**: o negro no imaginário das elites do século XIX. São Paulo: Annablume, 2004.

AZEVEDO, Fernando de. **Da educação física**: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

_____. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4. ed. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 1963.

AZEVEDO, João Lúcio de (Coord). **Cartas do padre Antônio Vieira**. (Carta ao Marquês de Niza, de 12/8/1648. In: VIEIRA Antônio, tomo I. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.

AZEVEDO, Sânzio de. **A Academia Francesa do Ceará (1873-1875)**. Fortaleza: Casa de José de Alencar da UFC/Imprensa Universitária, 1971.

AZEVEDO, Thales de. **Cultura e Situação Racial no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 45. (Retratos do Brasil, Vol. 42)

BALEEIRO, Aliomar; LIMA SOBRINHO, Barbosa. **Constituições Brasileiras: 1946.** Vol V. Brasília: Senado Federal; Centro de Estudos Estratégicos – CEE/MCT; Escola de Administração Fazendária – ESAF/MF, 1999.

BARRETO, Castro. **Povoamento e População: política populacional brasileira.** 2ª ed., revista e aumentada. Vol. I. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959. (Coleção Documentos Brasileiros, nº 68)

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma:** edição crítica. Antônio Houaiss e Carmen Lúcia Negreiros (coord.). São Paulo: Ática, 1988. (Série Bom Livro)

BARRETO, Tobias. **Obras Completas de Tobias de Aguiar e Estudos Alemães.** Rio de Janeiro: Editora Record; Sergipe: Secretaria de Estado de Cultura e Meio ambiente, Governo de Sergipe, 1991.

_____. **Vários Escritos.** Aracaju: Estado de Sergipe, 1926. (Obras completas, 2)

BASTIDE, Roger. **Estudos Afro-Brasileiros.** São Paulo: Perspectiva, 1983. (Ciências Sociais)

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo.** São Paulo: Global, 2008.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo.** Porto Alegre: Edipucrs, 1997. (Coleção Ensaios)

BAZZANELLA, W. **Valores e estereótipos em livros de leitura.** Educação e Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 2 (4):120-33, mar. 1957.

BELO, José Maria. **Ensaio Político e Literário.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1918.

BENCI SJ, Jorge (1650-1708). **Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos.** São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977. (Brasil, Ontem e Hoje, Vol. 3)

BEOZZO, José Oscar. **Brasil 500 anos de migrações.** São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

BEVILÁQUA, Clóvis a. **História da Faculdade de Direito do Recife.** Brasília: INL, 1977.

BÍBLIA ANOTADA. **The Ryrie Study Bible**. Introdução, esboço, referências laterais e notas, por Charles Caldwell Ryrie. Versão Almeida, Revista e Atualizada. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1991.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. de Monges de Maredsous (Bélgica), pelo Centro Bíblico Católico. 22ª ed., revista por Frei João José Pedreira de Castro (1896-1962), O. F. M. São Paulo: Editora Ave Maria/Edição Claretiana, 1976.

BIBLIOTECA SALVAT Grandes Temas. **Raças humanas e racismo**. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1981.

BICUDO, Virgínia Leone. Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. **Sociologia**. São Paulo, 9 (3):195-219, 1947.

BOECHAT, Maria Cecília. A Questão da Especificidade Literária na Primeira História da Literatura Brasileira. **ALETRIA**, jan.jun, 2006. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/poslit> > Acesso em: 2 fev. 2009.

BOMFIM, Manoel. **A América Latina: males de Origem**. Edição do centenário. Prefácios Darcy Ribeiro, Franklin de Oliveira e Azevedo Amaral. Rio de Janeiro: Topbooks Editora e Distribuidora de Livros, 2005.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 41ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

_____. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. Sob o Signo de Cam. In: _____. **Dialética da Colonização**. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

BRANCO, Samuel Murgel. **Evolução das Espécies: pensamento científico, religioso e filosófico**. 3ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 1995. (Coleção Polêmica)

BRANDÃO, Maria de Azevedo. Conversa de Branco: questões e não-questões da literatura sobre relações raciais. **Revista Vozes**, Ano 73 – Vol. LXXIII, Abril 1979, Nº 3.

BRASIL. **Decreto nº 528**, de 28 de junho de 1890. Decretos do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. Sexto Fascículo de 1 a 30 de Junho de 1890. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896.

_____. **Decreto nº 99.710** de 21 de novembro de 1990. Promulga a Convenção sobre os Direitos das Crianças. Brasília: Casa Civil, 1990.

BRASIL. **Ação Ordinária nº 1999.71.00.031325-7**: de 16 de novembro de 2001. Justiça Federal 10ª Vara da Circunscrição Judiciária.. Porto Alegre. Acessado em 10 jan. 2009.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial/Ministério da Educação, 2004.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.

BROOKSHAW, David. **Raça & Cor na Literatura Brasileira**. Tradução de Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Série Nova Perspectiva 7)

BUARQUE, Cristovam. **Dez Dias de Maio de 1888**. Brasília: Gabinete do Senador, 2008.

BUCKLE, Henry Thomas. **História da civilização na Inglaterra**. Trad. de Adolpho J. A. Melchert. 1ª ed. São Paulo: Typografia de casa eclectica, v. I, 1900.

BUENO, Eduardo. **Brasil**: Terra à vista! A Aventura ilustrada do Descobrimento. Porto Alegre: L&PM, 2003.

BUENO, Luís. Tamancófilos e Tamancófobos. **Revista Letras**. Curitiba, nº 59, p. 93-101, jan./jun. 2003, Editora UFPR.

CALMON, Pedro. **Curso de Direito Constitucional Brasileiro – Constituição de 1946**. São Paulo: Editora Freitas Bastos, 1951.

_____. **Espírito da Sociedade Colonial**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5ª, Brasiliana; v. 40)

CALÓGERAS, João Pandiá. **Formação Histórica do Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1957. (Brasiliana, Vol. 42)

CAMARGO, Tenente-Coronel Prof. Enjoras José de Castro. **Estudos de Problemas Brasileiros**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editora. 1979, pp. 20-21. (Biblioteca do Exército Publicação 491; Coleção General Benício, vol. 170)

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 1988. **Ouvi o Clamor deste povo**. Brasília: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 1988.

CÂNDIDO, Antonio. **Crítica e Literatura**. São Paulo: Publifolha, 2000. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro)

_____. Crítica e Sociologia. In:_____. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/MEC, 1978. (Série Brasileira, vol. 168)

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e Escravismo**: o negro na Sociedade Escravocrata do Rio de Janeiro do Sul. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962. (Corpo e Alma do Brasil)

CARDOSO, Wilson; CUNHA, Celso. **Português através de Textos**. Ciclo Colegial, 1ª Série. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares, 1970.

CARROZO, João; CARROZZO, Nelson. **Elementos de Direito Romano**. 3ª ed. revista e aumenta. Piracicaba: Editora Shekinah, 1985.

CASHMORE, Elis. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. São Paulo: Selo Negro, 2000.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. 15ª ed. Campinas: Papirus, 1988.

CASTRO, Antônio Barros de. **7 Ensaios sobre a Economia Brasileira**. Vol. II. São Paulo: Companhia Editora Forense, 1971.

CASTRO, Iná E. et alli (Org). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CHIAVENATTO, Júlio José. **O Negro no Brasil**: Da senzala à abolição. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

CLOS, Hui. **Entre Quatro Paredes**. São Paulo: Abril Cultural, 1977.

COMAS, Juan (1900-1979). et alii. Os mitos raciais. Trad. de João Joel da Silva, Dora Ruhman e Geraldo Gerson de Souza. In:_____. **Raça e Ciência I**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1960.

COMBESQUE, Marie Agnes. **O silêncio e o ódio**: racismo, da ofensa ao assassinato. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Editora Scipione, 2001.

CONCILIO PLENARIO DE LA AMERICA LATINA. 9.7.1899, Roma. **Actas y Decretos Del Concilio Plenario de La América Latina**. Roma: Tipografía Vaticana, 1906. Traducción oficial, bilíngue, latim/espanhol.

CONCILIUM PLENARIUM BRASILEINSE. Rio de Janeiro, 1939. Petrópolis: Vozes, 1939.

CARONE, Iracy; BENTO, MARIA Aparecida Silva (org.). **Psicologia social do Ra**

CORONA, Lúcia C. Guimarães; NAGEL, Lízia Helena. **Preconceitos e estereótipos em professores e alunos**. Petrópolis: Vozes, 1978.

COSTA e SILVA, Alberto da. **A Manilha e o Libambo**: a África e a escravidão, de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 2ª ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humana, 1982. (Brasil, Ontem e Hoje, vol. 5)

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia**: história e grandes temas. 15ª edição reformulada e ampliada. São Paulo: Editora Saraiva, 2000.

COUTINHO, Azeredo J. J. Cunha (1742-1821). **Análise Sobre a Justiça do Comércio de Resgate dos Escravos da Costa da África (1794-1804)**. Apresentação de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

COUTINHO, Edilberto. Um negro vai à forra. In:____. **Os jogos**. São Paulo: Ática; Brasília: INL/Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

COUITY, Louis (1854-1884). **A Escravidão no Brasil**. Trad. de Maria Helena Rouanet. Introdução e notas de Katia M. de Queirós Mattoso. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

CRETELLA JÚNIOR, José. **Comentários à Constituição de 1988**. Vol. III. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1990.

CRUZ, Manoel de Almeida. **Alternativas para combater o racismo**: segundo a pedagogia interétnica. Salvador: Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, 1989.

DANTAS, San Thiago. Introdução. In:____. BEVILAQUA, Clovis. **Obra Filosófica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Editorial Grijalbo, 1975.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. Tradução e notas de Sérgio Milliet. Apresentação de Mário Guimarães Ferri. Tomo I, Volumes I e II. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Editora, 1972 (Coleção Reconquista do Brasil, Vol. 56)

DEGLER, Carl. N. **Nem preto nem branco: escravidão e relações raciais no Brasil e nos EUA**. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1971.

DIAS, Antônio Gonçalves. **Poesias Completas**. Prefácios de Josué Montello e M. Nogueira da Silva. Rio de Janeiro: Ediouro, 1968.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Etnias e Culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1979. (Biblioteca do Exército Publicação 497; Coleção General Benício, vol. 176)

DINIZ, Almachio. **História Racial do Brasil: os aspectos culturais do português no desenvolvimento físico e mental do brasileiro**. São Paulo: Cultura Moderna, 1934.

DUNCAN, Quince. et alii. *Notas para uma Teoria Geral do Racismo*. In:_____. **Identidade Negra e Religião: Consulta sobre Cultura Negra e Teologia na América**. Rio de Janeiro: CEDI, 1986.

EBEL, Ernest. **O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824**. São Paulo: Editora Nacional, 1972.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1989, vol. 17.

ENCYCLIPAEDIA OF THE SOCIAL SCIENCE, Mc Millian, New York, 1948, v. XIII, pp. 36-41.

EWBANK, Thomas. **Vida no Brasil ou Diário de uma visita à Terra do Cacaueiro e da Palmeira**. São Paulo: Ed. da USP; Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1976.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Ideologia do livro didático**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1984.

FAUSTO, Boris. **Getúlio Vargas: o poder e o sorriso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (Perfis Brasileiros)

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Trad. de Leonor Martinho Simões e Gisela Monis. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classe: no limiar de uma nova era.** São Paulo: Dominus Editora/Editora da Universidade de São Paulo, 1965. (Ciências Sociais, Dominus 3)

_____. **A Integração do Negro na Sociedade de Classe.** São Paulo: Editora Ática, 1978. (Ensaio 34, Vol. I)

_____. **O negro no mundo dos brancos.** 2ª ed. São Paulo: Global, 2007.

FERREIRA NETO, Manoel Gonçalves. **Curso de direito constitucional.** 24ª ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

FERREIRA, Jorge Luiz. **Coleção As esquerdas no Brasil: A formação das tradições (1889-1945).** Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Vanda Maria de Souza. Projeto Zumbi dos Palmares. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo, n. 63, p. 72-73, nov. 1987.

FERRO, Marc. **O livro negro do colonialismo.** Textos de Thomas Beaufils. et al. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **O negro e a violência do branco: o negro em Sergipe.** Rio de Janeiro: José Álvaro, 1977.

FILHOS, ALUIZIO ALVES. **Manoel Bonfim combate ao racismo, educação popular e democracia radical.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

FLORES Moacyr. **Negros e Índios: literatura e história.** Porto Alegre: Edipucrs, 1994.

_____. **O Negro na Dramaturgia Brasileira (1838-1888).** Porto Alegre: Edipucrs, 1955. (Coleção História 5)

FOLHA DE SÃO PAULO, Ano 89, nº 29.249, sábado, 2/5/2009, A10.

FONT, Joan Nogué; RUFÍ, Joan Vicent. **Geopolítica, identidade e globalização.** Trad. de Alessandra Paola Caramoni. São Paulo: Annablume, 2006.

FREGAPANI, Gélío. **Amazônia, a Grande Cobiça Internacional.** Brasília: Thesaurus Editora, 2000.

FREIRE-MAIA, Newton. **Brasil: laboratório racial.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

FREITAG, B.; COSTA, W. F.; MOTTA, V. R. **O Livro Didático em Questão**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. (Coleção Educação Contemporânea)

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975.

_____. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 30 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

GINSBERG, Aniela Meyer. **Um inquérito sobre as atitudes de estudantes baianos em relação a diversos grupos nacionais e raciais**. Boletim de Psicologia, L (4): 10-15, jun. 1950.

_____. **Estudo comparativo dos interesses de adolescentes de diferentes meios sociais**. Revista da Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 6 (11): 67-72, 1954.

GIROUX, Henry A. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional**: novas políticas em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GOMES, Filipe Lôbo; BARROS, Franklin Adriano C. de; LEAHY, Mário Oliveira (orgs.). Maceió: Governo do Estado de Alagoas, 2004.

GRIECO, Agrippino. **Poetas e Prosadores do Brasil**: de Gregório de Mattos a Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.

GUASQUE, Anna. **Retalhos africanos na linguagem portuguesa do Brasil**. 3ª edição. Rio de Janeiro: WJ – Editora e Fotocomposição, 1992.

GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. São Paulo: Editora Moderna, 1994. (Coleção Travessias)

_____. Uma história de quilombolas. In:_____. **Lendas e Romances**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Romero, Araripe, Veríssimo e a recepção crítica do romance machadiano In:_____. **Estudos Avançados**. Vol.18, nº 51, São Paulo, Mai/Aug. 2004.

HANSEN, João Adolfo. **Sátira e o Engenho**: Gregório de Matos e a Bahia do Século XVIII. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

HARRIS, Marvin. **El desarrollo de la teoría antropológica**: historia de las teorías de La cultura. 5ª ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1985.

HEGEL, G. W. F. **Princípios da Filosofia do Direito**. 4ª ed. Lisboa: Guimarães, 1990.

HOLLANDA, Guy de. A pesquisa de estereótipos e valores nos compêndios de história destinados ao curso secundário brasileiro. **Educação e Ciências Sociais** (Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais – CBPE), Rio de Janeiro, v. 2 (4), mar., 1957. (Série Educação e Ciências Sociais)

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 361. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro)

_____. **Uma Família Brasileira**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

HOORNAERT, Eduardo. A Leitura da Bíblia em relação à escravidão negra no Brasil-colônia (um inventário). In: _____. **Estudos Bíblicos 17**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988, 11-29.

HUNTINGTON, Ellsworth (1876-1947). **Civilización y Clima**. Trad. espanhola. 2ª ed. Madrid: Revista Occidente, 1942.

IANNI, Octavio. Dialética das relações raciais. **Estudos Avançados**. 2004, Vol. 18, nº. 50. ISSN 0103-4014

IGLÉSIAS, Francisco. **Historiadores do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

KLEIN, Antônio Carlos. Farias Brito: Uma vida extremamente rica. In: _____. BRITO, Farias. **A Verdade como Regra das Ações**: Ensaio de filosofia moral como introdução ao estudo do Direito. Brasília: Senado Federal, 2005. (Edições do Senado Federal – Vol. 51)

KLINEBERG, Otto. **As diferenças raciais**. Trad. de Gioconda Mussolini. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966. (Biblioteca Universitária, Série 2ª, Ciências Sociais, Vol., 14)

LA BLACHE, Vidal de. **Princípios de Geografia Humana**. Tradução, notas e prefácio por Fernandes Martins. 2ª ed. revista. Lisboa; Edições Cosmos, 1954. (A Marcha da Humanidade Geografia Histórica, Série C, Vol. I)

LAPA, José Roberto Amaral. Prefácio. In: _____. BRUIT, Hector Hermán. **Bartolomé de las casas e a simulação dos vencidos**: ensaios sobre a conquista. São Paulo: Iluminuras, 1995.

LEÃO, A. Carneiro. **Fundamentos de Sociologia**. 4ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1961.

LEIRIS, Michel (1901-1990). et alii. Raça e Civilização. Trad. de João Joel da Silva, Dora Ruhman e Geraldo Gerson de Souza. In:_____. **Raça e Ciência I**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1960.

LEITE, Dante Moreira. **O Caráter Nacional Brasileiro**. 3ª edição revista, refundida e ampliada. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais)

_____. Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros. **Psicologia**. São Paulo, (3): 207-31, 1950, FFLCH/USP.

LESSER, Jeff. Legislação Imigratória e Dissimulação Racista no Brasil (1920-1934). **ARCHÊ**, ano III, nº 8, 1994.

LEVINE, P. Michael; PATAKI, Tamas. **Racismo em Mente**. Trad. de Fábio Assunção Lombardi Resende. São Paulo: Madras Editora, 2005.

LIMA, Lana Lage da Gama. **Rebeldia negra e abolicionismo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

LIMA, Manuel Oliveira. **História da Civilização**. 9ª ed. revista. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954.

LIMA, Oliveira. **Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira**. São Paulo: Publifolha, 2000.

LITRENTO, Oliveiros. **Apresentação da Literatura Brasileira**. Tomo I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora (Publicação 439 e Coleção General Benício, volume 116); Forense Universitária, 1974.

LOBO, Roberto Jorge Haddock. **Geografia Econômica**. 7ªed. São Paulo: Atlas, 1981.

LOPES, J. A. Dias. **A rainha que virou pizza. Crônicas em torno da história da comida no mundo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

LUNA, Luiz. **O Negro na luta contra a escravidão**. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1968.

MACHADO, Antônio de Alcântara. **Brás, Bexiga e Barra Funda e outros contos**. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

MACHADO, Leão. **Espigão da samambaia**. Curitiba: Editora Guaira, 1939.

MACHADO, Lia Osório. Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930). In: _____. CASTRO, I. E. et alii (orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MALHEIROS, Perdígão. **A Escravidão no Brasil**: ensaio histórico, jurídico, social. (2 vol.). Petrópolis: Vozes/MEC, 1976.

MANZATTO, Antonio. **Teologia e Literatura**: Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos Romances de Jorge Amado. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. Vol. VI (1915-1933). São Paulo: Editora Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

MARTIUS, Carl F. P. Von (1794-1868). Como se deve descrever a História do Brasil. Vol. VI. Rio de Janeiro: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 1865.

MASSAUD, Moisés. **História da Literatura Brasileira**: das Origens ao Romantismo. Vol. 1. Edição revista e aumentada. São Paulo, Cultrix, 2001.

MATTOS, Guiomar Ferreira de. O preconceito nos livros infantis. **Revista Forma**, n 4, dez. 1954.

_____. O preconceito nos livros infantis. **Thoth**, Brasília, n. 3, p. 249-253, set./dez. 1997.

_____. O preconceito nos livros infantis. In: _____. **Teatro experimental do negro**: testemunhos. Rio de Janeiro: GRD, 1966.

MCONKIE, Bruce. **Doutrina Mórmon**. 10ª ed. Salt Lake City: Boocraft, 1966.

MELO, Floro de Araújo. **Estudos sobre o Negro Brasileiro**. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1988.

MENDES, Josué. **Poesia Científica**: Pensar Sentindo Sentir Pensando. Brasília: EME Editora, 2004.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. **O celeste provir**: a inserção do protestantismo no Brasil. 3ª edição. São Paulo: Edusp, 2008.

MENDONÇA, Carlos Sússekind de. **Silvio Romero sua formação intelectual 1851-1880**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Série 5ª Brasileira, Vol. 114/Biblioteca Pedagógica Brasileira)

MENEZES, Sezinando Luiz. Escravidão e educação nos escritos de Antônio Vieira e Jorge Benci. **Diálogos**, DPI/PPH/UEM, v. 10, n. 3, p. 215-228, 2006.

MESGRAVIS, Laima. **A Colonização da África e da Ásia**: a expansão do imperialismo europeu no século XIX. São Paulo: Atual, 1994.

MEYER, Marlyse. **Caminhos do Imaginário no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 1993.

MIRA, João Manoel Lima. **A Evangelização do Negro no Período Colonial Brasileiro**. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

MOISÉS, Massud. **O Conto Português**. Seleção, Introdução e Notas. 5ª ed. São Paulo Editora Cultrix/Edusp, 1975.

MONTEIRO, Noedi. **Mais que Vencedores**: Rebouças e Convidados. Piracicaba: Shekinah Editoras e Gráfica, 1997.

MONTENEGRO, João Alfredo. Rocha Lima – A Obra e a Época. **Separata da Revista Brasileira de Filosofia**. Vol. 28, Abr/Mai/Jun, Fascículo 110, 1978.

MONTESQUIEU. **Do espírito das leis**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Coleção Os Pensadores)

MONTESQUIEU, [Charles Louis de Secondat, Baron de]. **Do espírito das leis**. Apresentação de Renato Janine Ribeiro; Trad. de Cristina Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Editora Hucitec, 1981. (Geografia: Teoria e Realidade. Série Linha de Frente)

MOTA, Carlos Guilherme (org.) **Brasil em Perspectiva**. 13ª. São Paulo: Difel Difusão Editorial, 1982. (Corpo e Alma do Brasil)

_____. (org.). **Viagem Incompleta. A experiência brasileira (1500-2000): a grande transação**. 2ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2000.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**. 3ª ed. São Paulo: Lech Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude – Usos e Sentidos**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **Superando o racismo na escola** (org.). Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 2000.

MURARI, Luciana. **Brasil, ficção geografia**: ciência e nacionalidade no país d'Os Sertões. São Paulo: Annablume, 2007.

NABUCO, Joaquim. **O Abolicionismo**. São Paulo: Publifolha. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro)

NASCIMENTO, Abdias do. **O Negro Revoltado** (org.). Rio de Janeiro: Edições GRD, 1968.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Pan-Africanismo na América do Sul**: Emergência de uma Rebelião Negra. Petrópolis: Vozes, 1981.

NEGRÃO, Esmeralda V. **Literatura infanto-juvenil**: a criança negra. Cadernos CEVEC. São Paulo: Centro de Estudos Educacionais Vera Cruz (4): 63-5, 1988.

_____. Preconceitos e discriminações raciais em livros didáticos e infanto-juvenis. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Cortez (65): 52-65, maio 1988.

_____; PINTO, R. P. **Olho no preconceito**: um guia para professores sobre racismo em livros para crianças. São Paulo: FCC/DPE, 1990. (Textos FCC, 5)

NERES, Júlio Maria; CARDOSO, Maurício; MARKUNA, Mônica. **Negro e Negritude**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. (Coleção História Temática Retrospectiva)

NESTURJ, M. F. **Las razas Humanas**. Moscu: Editorial Progreso, 1976.

NOGUEIRA FILHO, Octaviano da Costa. **Introdução à Ciência Política**. Vol. I. 2ª ed. Brasília: Edições Unilegis de Ciência Política.

NOGUEIRA, Oracy; CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Preconceito de Marca**: as relações raciais em Itapetininga. São Paulo: Edusp, 1998.

NOSELLA, Faria de Lourdes Chagas Deiró. **As belas mentiras**: as ideologias subjacentes aos textos didáticos de leitura das quatro primeiras séries do primeiro grau. São Paulo, 1978. (Dissertação de Mestrado). PUC-SP.

NOVA ESCOLA, Ano XIV - Nº 119 - Fevereiro de 1999. Edição Especial.

O ESTADO DE SÃO PAULO, ano 129, nº 42054. Cidades/Metrópoles. Domingo, 7 de dezembro de 2008, C8.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. A Identidade do Brasil Meridional. In: _____. NOVAES, Adauto (org.). **A crise do Estado-Nação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ORLANDO, Artur. **O pan-americanismo**. Rio de Janeiro, 1906. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C.

PAIM, Antônio. Oliveira Viana e o Pensamento Autoritário no Brasil. In: _____. VIANA, Oliveira. **Instituições Políticas Brasileiras**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1999. (Coleção Biblioteca Básica Brasileira)

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos**. São Paulo: Unesp, 2005.

PATTEE, Richard F. **Introducción a la Civilización Hispano-Americana**. Boston, 1945.

PEIXOTO, Fernanda Arêa; PONTES, Heloísa; SCHWARCZ, Lilian. **Antropologia, história, experiência**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

PENA, Eduardo Spiller. **Um romanista entre a escravidão e a liberdade**. Afro-Ásia, 18 (1996), 33-75.

PEREIRA, Antônio Batista. **Pelo Brasil Maior**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5ª, Brasileira, Vol. 30)

PERES, Damião Antonio (org.). **História de Portugal**. Barcelos. Vol. I. Porto: Portucalense Editora, 1928.

PIETERSE, Jan Nederveen. **White on Black: Images of Africa and Blacks in Western Popular Culture**. New Haven: Yale University Press, 1992.

PINTO, Regina Pahim. A representação do negro em livros didáticos de leitura. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 63, p. 88-92, nov. 1987.

POLETTI, Ronaldo. **Constituições Brasileiras: 1934**. Vol. III. Brasília: Senado Federal; Centro de Estudos Estratégicos – CEE/MCT; Escola de Administração Fazendária – ESAF/MF, 1999.

POLIAKOV, Léon. **O mito ariano**. Trad. de Luiz João Gaio. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

PORTO, Walter Costa. **Constituições Brasileiras: 1937**. Vol. IV. Brasília: Senado Federal; Centro de Estudos Estratégicos – CEE/MCT; Escola de administração Fazendária - ESAF/MF.

POUND, Roscoe. **Liberdade e Garantias Constitucionais**. Trad. de E. Jacy Monteiro. São Paulo: Ibrasa, 1976.

PRATA, Mário. **Mas será o Benedito?**: Dicionário de provérbios, expressões e ditos populares. São Paulo: Editora Globo, 1996.

PRUDENTE. Eunice Aparecida de Jesus. **Preconceito Racial e Igualdade Jurídica no Brasil**. Campinas: Julex Livros, 1989.

QUILOMBO. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. Rio de Janeiro, n^{os} 1 a 10: dezembro de 1948 a julho de 1950. São Paulo: Editora 34; Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo – FUSP.

R. S. JORNAL HORA DO POVO. Ano XX. Edição nº 2739, de 4 e 5 de fevereiro de 2009.

RABASSA, Gregory. **O negro na ficção brasileira**. Trad. de Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965. (Biblioteca de Estudos Literários – 4)

RAEDERS, Georges. **O Conde de Gobineau no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

RAMOS, Arthur. **Guerra e Relações de Raça**. Rio de Janeiro: Departamento Editorial da União Nacional dos Estudantes, 1943.

_____. **Introdução à Antropologia Brasileira**: as culturas europeias. Vol. II. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1962.

RAMOS, Duílio. **História da Civilização Brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1965.

RAMOS, Guerreiro. O Problema do Negro na Sociologia Brasileira. In._____. SCHWARTZMAN, Simon (org.). **O pensamento nacionalista e os Cadernos de Nosso Tempo**. Brasília: Universidade de Brasília. (Biblioteca do Pensamento Político Republicano, vol. 6, 1981)

RAMOS, Ítalo (Coord.). **A luta contra o racismo na rede escolar**. São Paulo: FDE, 1995. (Idéias, 27)

REGO, Maria Filomena. **O Aprendizado da Ordem. A ideologia nos Textos escolares**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

REVER. Revista de Estudos da Religião, nº 1/ 2003, pp.1-26. ISSN 1677-1222.

REVISTA DO LIVRO, Vol. V, ano II, março de 1957.

RIBEIRO, Rafael Winter. *Seca e Determinismo: A Gênese do Discurso do Semi-Árido Nordestino*. **Anuário do Instituto de Geociências** – UFRJ. Volume 22/1999.

RISÉRIO, Antonio. **A utopia brasileira e os movimentos negros**. São Paulo: Editora 34, 2007.

ROCHA, Ribeiro. **Discurso da Reforma do Estado Servil na Câmara dos Deputados e no Senado, 1871**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1871, Vol. I.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Maud/Faperj, 2004.

RODRIGUES, José Honório. **Brasil e África: outro horizonte**. Vol I. 2ª ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964. (Retratos do Brasil, Vol. 9)

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 4ª ed. Revisão e prefácio de Homero Pires. São Paulo: Companhia Editora Nacional/MEC, 1976. (Brasiliana, Vol. 9)

_____. O Negro como Objeto de Ciência. In _____. **Afro-Ásia**, nº 6-7, 1968.

_____. Prefácio in: BARRETO, Tobias. **Obras Completas**. Vol. II. Aracaju: Edição do Estado do Sergipe, 1926.

_____. **Realidades e Ilusões do Brasil: parlamentarismo e presidencialismo**. Petrópolis: Vozes; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1979.

ROMÃO, Victor Hugo. **Por dentro do redemunho**. São Paulo Scortecci Editora, 1995.

ROMERO Silvio. **História da Literatura Brasileira**. Tomos Primeiro, Segundo, Terceiro e Quarto. 3ª ed. aumentada, organizada e prefaciada por Nelson Romero. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943. (Coleção Documentos Brasileiros, Vol. 24)

RONCATI, Luiz. **Literatura Brasileira: dos primórdios cronistas aos últimos românticos**. São Paulo: Edusp, 1995.

ROQUETTE-PINTO, Edgar. **Ensaio de antropologia brasileira**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

ROSEMBERG, Fúlvia. Et al. **Análise dos modelos culturais na literatura infanto-juvenil brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1980, n.1-9.

ROSEMBERG, Fúlvia.; BAZILI, Chirley; SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 29, nº 1, p. 125-146, jan./jun. 2003.

_____. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Editora Perspectiva/Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Unicamp, 1993. (Debates; v. 258)

ROSSATO, Cesar; GESSER, Verônica. A experiência da branquitude diante de conflitos raciais: *estudos de realidades brasileiras e estadunidenses*. In:_____. CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Edições Selo Negro, 2001.

RUFINO, Alzira. Et alli. **Racismos Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano, 2003.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. **Escravos e libertos no Brasil colonial**. Trad. de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. de Adroado Mesquita da Costa. Porto Alegre: ERUS, 1987.

SALMORAL, Manuel Lucena. **Los Códigos Negros de la América Española**. 2ª ed. Espanha: Ediciones Unesco-Universidad de Alcalá, 2000.

SANTOS, Gislene Aparecida. **A invenção de ser negro**: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2002.

SANTOS, Joel Rufino dos. Livro didático: um mal necessário? **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 63, p. 99-100, nov. 1987.

_____. **O que é Racismo?** 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação. Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros. **Salve 13 de maio?**: escola, espaço de luta contra a discriminação. São Paulo: SE, 1988.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Tradução, notas e introdução de Vergílio Ferreira. Lisboa: Presença, 1970.

SCALZARETTO, Reinaldo. **Manual do Professor**. São Paulo: Sistema Anglo de Ensino, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

_____. **O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. 8ª impressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.

SEVERINO ANTÔNIO M.B; AMARAL, Emília. **Redação: escrever é desvendar o mundo**. 18ª ed. Campinas: Papyrus Editora, 2005. (Educar Aprendendo)

SICHES, Luis Recaséns. **Tratado de Sociologia**. Trad. do Prof. João Baptista Coelho Aguiar. Vols. I e II. 3ª Impressão. Porto Alegre: Editora Globo, 1970.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1976.

SILVA, Ana Célia. **O estereótipo e o preconceito em relação ao negro no livro de comunicação e expressão de 1º grau, nível I**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, 1988.

SILVA, Ana Emília Andrade Albuquerque da. **Discriminação no Trabalho**. São Paulo: Editora LTR, 2005.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; VOTRE, Sebastião Josué. **Racismo no futebol**. Rio de Janeiro: Editora HP Comunicação, 2006.

SILVA, Gilberto da Silva. **Encontro de Mundos: o imaginário colonial brasileiro refletido nos sermões do Padre Antônio Vieira**. Canoas: Editora da Ulbra; Porto Alegre: Editora Concórdia, 2006.

SILVA, Joaquim. **História do Brasil: para a 4ª série ginasial**. 35ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

SILVA, Jorge da. **Direitos Civis e Relações Raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Luam, 1994.

SILVA, José Martiniano. **Racismo à Brasileira: raízes históricas**. Goiânia: Editora O Popular, 1985.

_____. **Racismo à Brasileira: das raízes à marginalização do negro**. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, Ano 82, Volume LXXXII – Jan./Jul. 1988 nº 1.

SILVA, Vagner Gonçalves. **O antropólogo e sua magia**. São Paulo: Edusp, 2000.

SILVA, Gilberto da. **Encontro de Mundos: o imaginário colonial brasileiro refletido nos sermões do Padre Antônio Vieira**. Canoas: Editora da ULBRA, 2006.

SIQUEIRA, José Jorge. **Entre Orfeu e Xangô: a emergência de uma nova consciência sobre a questão do negro no Brasil 1944/1968**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SKIDMORE, Thomas Elliot. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Trad. de Raul de Sá Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. (Coleção Estudos Brasileiros, Vol. 9)

SMITH, Joseph. **História da Igreja**. Vol. 5. Salt Lake City: Deseret Books, 1980.

SOUZA, Herculano Marcos Inglês de. **O missionário**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

SUESS, Paulo. **Etíope Resgatado, Empenhado, Sustentado, Corrigido, Instituído e Libertado: discurso teológico-jurídico sobre a libertação dos escravos no Brasil (1758)**. Introdução e notas de Paulo Suess. Petrópolis: Vozes; São Paulo: CEHILA, 1992.

TAGUIEFF, Pierre-André. **O Racismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. (Coleção Biblioteca Básica de Ciência e Cultura)

TAVARES, Hênio Último da Cunha. **Teoria Literária**. 4ª ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares, 1969.

TELES, Antônio Xavier. **Introdução ao Estudo da Filosofia**. 10ª ed., revista e aumentada. São Paulo: Ática, 1974.

TERRA, D. João Evangelista Martins. **Revista de Cultura Bíblica**. Ano 32, Nova Fase, Vol. XIII, n^{os} 49/50, São Paulo, 1989, pp. 30-31.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os Outros a reflexão francesa sobre a diversidade humana**. Trad. de Sergio Goes de Paula. Vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

TORRES, Antônio. **As razões da Inconfidência**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Castilho, 1925, p. ix.

TORT, Patrick. **Darwin e a Ciência da Evolução**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

TRIUMPHO, Vera Regina Santos. O negro no livro didático e a prática de agentes pastorais negros. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 63, p. 93-95, nov. 1987.

TUFANO, Douglas. **Estudos de Língua e Literatura**. Vol. 2. 4ª edição, reformulada. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

VALLIM, Alfredo Oliveira. **Medicina Legal**. Colaboração Carlos Eduardo Pereira. 1ª parte. [S/l]: [s/n], [s/d].

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VANRELL, Jorge Paulete; CAMPOS, Maria de Lourdes Borborema. **Identificação craniométrica**. <<http://www.pericias-forenses.com.br/icroniodo.htm>> Acesso em 2 ago. 2009.

VEJA, Lope de. **Peribáñez y El Comendador de Ocaña**. México DF: PLM, Ediciones, 1995.

VENDRAME, Calisto. **A Escravidão na Bíblia**. São Paulo: Ática, 1981. (Ensaio 72)

VIANA, F. J. Oliveira. **Evolução do Povo Brasileiro**. São Paulo: Editora Monteiro Lobato & Companhia, 1924.

_____. **Populações Meridionais do Brasil, história, organização, psicologia**. Vol. I. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

_____. **Raça e assimilação**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1932.

_____. Eugenismo das Elites. **Boletim de Eugenia**. Ano 3, nº 29, Mai. 1931.

_____. **Evolução do Povo Brasileiro**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1956.

VIDE, Dom Sebastião Monteiro da. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**. Vol. 79. Brasília: Edições do Senado, 2007.

VIEIRA, Antônio Pe. (1608-1697). **Sermões pregados no Brasil – II: A vida social e moral na colônia**. Vol. III. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1940.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

WEST, Cornel. **Questão de Raça**. Trad. de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

YOSHINO, Carlos Konichiro. Revista Reflexão. **PUCCAMP**, nº 27.

ANEXOS

ANEXO 1 O CORPO HUMANO COMO OBJETO DE PUNIÇÃO

Os cientistas passam a identificar os indivíduos através de suas particularidades físicas ou das dimensões do corpo humano, para descrever o caráter, a personalidade e a periculosidade dos criminosos ou ainda, para classificar pessoas pela raça: inteligência e perfil criminal. As novas técnicas são chamadas de frenologia, antropometria, craniologia. Camper teoriza a relação entre o ângulo facial e a inteligência sob a alegação de uma classificação das raças humanas, pelo critério estético, ou “beleza comparativa” como chama. Virey²⁸⁸ hierarquiza as raças humanas a partir do critério do ângulo facial. Hrdlicka²⁸⁹ define em 1919 a antropometria como “sistema de mensuração do corpo humano”.

A estatura, os olhos, o nariz, os lábios, a pele, o crânio, o cabelo, o sangue entram na composição somática e morfológica do processo histórico e humano estudados pela antropologia física na configuração das divisões das raças.

Antropometria: estudo sobre a mensuração do corpo humano. Estatura: medidas tronco-cefálicas, da cabeça as plantas dos pés.

Frenologia: estudo desenvolvido por Gall²⁹⁰ e Spurzheim²⁹¹ em 1800 com o propósito de através da medição do crânio, estabelecer relação com as faculdades mentais, a personalidade, o caráter e as características humanas, em especial dos criminosos. O método foi chamado de CRANIOSCOPIA. Em 1815 Foster²⁹² substitui o nome cranioscopia por FRENOLOGIA.

Frenologistas famosos: Broca,²⁹³ Morton²⁹⁴ e Topinard²⁹⁵.

Craniologia: estudo da forma, da estrutura e da configuração do crânio, para estabelecer relação, com as faculdades morais e intelectuais do homem.

²⁸⁸ VIREY, Julian Joseph (1775-1846): naturalista, médico, farmacêutico e antropólogo francês.

²⁸⁹ HRDLICKA, Ales (1869-1943): antropólogo checo.

²⁹⁰ GALL, Franz Joseph (1758-1828): médico alemão.

²⁹¹ SPURZHEIM, Johann Kaspar (1776-1832): médico alemão.

²⁹² COMBE, George (1788-1858): escritor escocês especialista em textos sobre frenologia.

²⁹³ BROCA, Paul Pierre (1824-1880): antropólogo e um dos ícones da antropologia física francesa.

²⁹⁴ MORTON, Samuel George (1799-1851): médico e frenologista.

²⁹⁵ TOPINARD, Paul (1830-1911): antropólogo francês.

As expressões “dolicocefalo” e “braquicefalo” foram cunhadas por Retzius²⁹⁶ em 1842 e o “índice cefálico” por Broca, em 1861. (AVILA, 1958, p. 139).

Crânio vem do grego *kranion* e de *logos* estudos. Estudos do Crânio. Do latim *cranium*, crânio, *scopos*, visão. Visão sobre o cérebro.

Índice cefálico horizontal

Tipos de crânio:

- a) Doliocrânio: caucásicos nórdicos [escandinavos, ingleses], negróides africanos, berberes, australianos;
- b) Mesocrânio: mongólicos;
- c) Braquicrânio: caucásicos [europeus centrais]. (VANRELL; CAMPOS, 2009).

Índice encefálico horizontal

- a) Dolicocefalia [cabeça alongada].
- b) Mesocefalia [cabeça redonda].
- c) Braquicefalia [cabeça arredondada].

Índice sagital (vertical lateral ou perfil)

- a) Tipos de crânio:
- b) Hipsicrânio: mongólicos, negróides;
- c) Mesocrânio: caucásicos;
- d) Platicrânio: crânios fósseis. (VANRELL; CAMPOS, 2009).

Três índices vertico-longitudinal

- a) Camecefalos [cabeça baixa]
- b) Ortocéfalos [média].
- c) Hipsicéfalos [cabeça alta].

Diâmetro Antero-posterior máximo. (BIBLIOTECA SALVAT, 1981, p. 51).

Índice transversal [vertical posterior].

²⁹⁶ RETZIUS, André Adolf (1796-1860): antropólogo sueco.

Tipos de crânio:

- a) Estenocrânio: caucásicos [europeus do centro];
- b) Metrocrânio: mongólicos;
- c) Tapinocrânio: negróides, caucásicos [europeus do norte e do sul].
(VANRELL; CAMPOS, 2009).

Altura craniana/diâmetro transversal:

- a) Tapinocéfalo [cabeça chata].
- b) Metrocéfalo [média].
- c) Acrocéfalo [cabeça alta]. (BIBLIOTECA SALVAT, 1981, p. 51).

Índice facial superior (índice prosopométrico).

- a) Dolicofacial: caucásicos [europeus nórdicos, escandinavos, polinésios, árabes];
- b) Mesofacial: negróides africanos;
- c) Braquifacial: australóides, mongólicos [lapões], crânios fósseis.
(VANRELL; CAMPOS, 2009).

Índice nasal. Nariz vem do latim *nasus*.

Tipo de face:

- a) Leptorrino: caucásico;
- b) Messorrino: mongólicos
- c) Platirrimo: negróides africanos, australianos, crânios fósseis.
(VANRELL; CAMPOS, 2009).

Ângulo facial de cloquet.

- a) Prognato: negróides africanos.
- b) Mesoganto: mongólicos meridionais.
- c) Ortognato: caucásico (brancos). (VANRELL; CAMPOS, 2009)

Ângulo facio.

Índice facial morfológico:

Eurigmatismo [cara larga].

Mesognatismo [cara média]. Mongolóide.

Leptognatismo [cara alongada].

Perfil da Raça Ariana para os Nazistas

Raça Nórdica [dolicocefala loura].

Raça alpina [braquicefala morena]

Raça Báltica Oriental [braquicefala loura, nariz pequeno e pômulos].

d) Raça mediterrânea [dolicocefala morena]. (VANRELL; CAMPOS, 2009).

Aspectos externos:

Cor dos olhos: Íris. Fischer²⁹⁷ desenvolve durante o regime nazista escala para a gradação da Íris, definida, a determinar origens raciais. Fischer realizava experiências com prisioneiros de campos de concentração. Defende que “as crianças oriundas de casamento entre negros e brancos têm capacidades intelectuais mais reduzidas do que [...] as nascidas de dois genitores brancos.” Ideias esposadas nos livros “Os Bastardos de Rehoboth” e “O Problema da Bastardização no Ser Humano”, de 1913. (Apud FERRO, 2004, p. 901).

Classificação da cor dos olhos:

Do azul-claro ao castanho – caucasóide.

Íris escura – negróide.

Cores escuras com inclinação para claros – mongolóide.

Cor e textura dos cabelos.

Tipos:

Lissótricos, textura: liso; mongolóides.

a) Eutícosos – cabelo-corredio: Australiano, Malaio, Mongólico, Árticos, Americanos.

b) Euplocómos – cabelo ondulado: Drávidas [sul da Índia], Núbios [Sudão], Mediterrâneo [Europa, África do Norte, etc.].

²⁹⁷ FISCHER, Eugênio (1874-1967): médico, antropólogo e eugenista alemão.

Cimótricos, textura: ondulado; caucasóides.

Ulótricos, textura: lanoso, crespo, encarapinhado, pixaim; negróides.

a) Lopocomos – cabelo-em-tufos: Papuas, Hontentotes-Boximanes.

b) Eriocomos – cabelo-lanoso-comprido: Negros Africanos.

(KLINEBERG, 1966, pp. 20-21).

c) A cor da pele ganha escala cromática desenvolvida por Luschan,²⁹⁸ para classificar sua graduação. Bunak²⁹⁹ desenvolve escalas, para determinar com rigor, as variações de cor dos olhos, do cabelo e da pele.

(NESTURJ, 1976, p, 16).

d) Cor da Pele.

e) Melanina – Negróide. Pigmentação e proteção contra a radiação ultravioleta.

f) Caroteno – Amarelo; mongolóide.

g) Wells³⁰⁰ foi um dos precursores do estudo sobre a causa das diferenças de cor e forma entre o branco e o negro. Chama-lhe a atenção em 1813 uma mulher branca com manchas de pele negra.

²⁹⁸ LUCHAN, Felix von (1854-1924): antropólogo e etnólogo austríaco.

²⁹⁹ BUNAK, Victor Valerjevich (1891-1979): antropólogo russo e professor na Universidade de Moscou.

³⁰⁰ WELLS, William Charles (1757-1817): médico escocês.

ANEXO 2

O ANTIRRACISMO E AS LEIS NO BRASIL

Princípios internacionais de combate à discriminação e promoção dos direitos econômicos, humanos, sociais, culturais, políticos, e de cidadania.

As práticas de atos resultantes de preconceitos foram configuradas pelo jurista Afonso Arinos na Lei nº 1.390 de 3/7/1951 (Lei Afonso Arinos) como “contravenções penais”. A “Constituição Cidadã” promulgada em 5/10/1989 caracteriza tais atos como “racismo”. As leis antirracismo reconhecem esses atos, como “crimes resultantes de preconceito” ou “ato discriminatório”. Crimes com penas de reclusão aplicáveis. Com duração variável segundo cada caso, de 1 (um) a 5 (cinco) anos pela lei 7.716, de 5/1/1989, e de três meses a 1 (um ano) pela lei 7.437, de 20/12/1985. Para a CF/88, no seu art. 5º, inciso XLII, a “prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei”. O Brasil, o repudia juntamente com o terrorismo segundo CF/88, art. 4º, VIII.

Assim sendo, por razão notadamente de raça, de cor, de orientação sexual, de idioma, de etnia, de opinião pública, ou outra, de origem nacional ou social, de posição econômica, situação familiar, de deficiência física ou mental; de trabalho rural ou urbano, de ter cumprido pena, de estado de gravidez, de estado civil, de nascimento, de ideologia, de convicção filosófica ou religiosa, de filiação ou preferência político-partidária, ou de qualquer outra condição:

– Ninguém poderá ser privado dos direitos e liberdades anunciadas na Declaração dos Direitos Universal dos Humanos, art. 2º (Resolução da Assembléia Geral da ONU 217 A, III, de 10/12/1948) e no Pacto Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, art. 2º, (Resolução da ONU 2200 A, XXI, de 16/12/1966 e 44/128, de 15/12/1989).

– Ninguém poderá ser privado do bem promovido pelo Estado – CF/88, art. 3º, inciso IV. Incorporado nas constituições estaduais e leis orgânicas de municípios brasileiros;

– Ninguém poderá ter indeferido por critérios subjetivos sua inscrição ou aprovação em concursos, em empresas privadas - Lei nº 9.799, de 26/5/1999,

art. 373-A, inciso V, e Consolidação das Leis do Trabalho – CLT (Decreto-Lei nº 5.452, de 1º/5/1943).

– Ninguém poderá ser impedido de ser contratado, ou deixar de contratar alguém, ser promovido, ou ser dispensado do trabalho – Lei nº 9.799, de 26/5/1999, art. 373-A, inciso II, e Consolidação das Leis do Trabalho – CLT (Decreto-Lei nº 5.452, de 1º/5/1943).

– Ninguém poderá ter variável para fins de remuneração, ser privado de formação profissional e de oportunidades de ascensão profissional - Lei nº 9.799, de 26/5/1999, art. 373-A, inciso III, e Consolidação das Leis do Trabalho – CLT (Decreto-Lei nº 5.452, de 1º/5/1943).

– Ninguém poderá publicar ou fazer anúncio de emprego fazendo referência a sexo, idade, cor, situação familiar, ressalvando quando a natureza da atividade a ser exercida, pública e notoriamente, assim o exigir - Lei nº 9.799, de 26/5/1999, art. 373-A, I, e Consolidação das Leis do Trabalho – CLT (Decreto-Lei nº 5.452, de 1º/5/1943).

– Ninguém poderá ser recusado em emprego, promoção ou motivar a dispensa do trabalho em razão de sexo, idade, cor, situação familiar ou estado de gravidez, salvo quando a natureza da atividade seja notória e publicamente incompatível - Lei nº 9.799, de 26/5/1999, art. 373-A, II, e Consolidação das Leis do Trabalho – CLT (Decreto-Lei nº 5.452, de 1º/5/1943).

– Ninguém poderá considerar o sexo, a idade, a cor ou situação familiar como variável determinante para fins de remuneração, formação profissional e oportunidades de ascensão profissional - Lei nº 9.799, de 26/5/1999, art. 373-A, III, e Consolidação das Leis do Trabalho – CLT (Decreto-Lei nº 5.452, de 1º/5/1943).

– Será punido por ato de contravenção penal quem praticar crimes de preconceitos – Lei nº 7.437, de 20/12/1985, art. 1º, dá nova redação à Lei

Afonso Arinos nº 1.390, de 3/7/1951; e por crime de racismo conforme define a Lei nº 7.716 de 5/1/1989, art. 1º.

– Será considerado agente de contravenção o diretor, gerente ou empregado do estabelecimento que incidir na prática referida no artigo 1º, da lei nº 7.437, de 20/12/1985, art. 2º.

– Será punido por recusar hospedagem em hotel, pensão, estalagem, pousada ou estabelecimento de mesma finalidade, por racismo. Lei 7.716, de 5/1/1989, art. 7º.

– Será punido por recusa à venda de mercadoria em lojas de qualquer gênero ou o atendimento de clientes, em restaurantes, bares, confeitarias, padarias, supermercados, ou locais semelhantes, abertos ao público ou negar-se a servir, atender ou receber cliente ou comprador, por racismo. Lei 7.716, de 5/1/1989, art. 8º;

– Será punido por recusar a entrada de alguém em estabelecimento público, área de lazer, casa de massagem, academias de dança, musculação, de ginástica, casa de diversões ou de esporte, ou clubes sociais, recreativos e desportivos, abertos ao público, por racismo. Lei 7.716, de 5/1/1989, art. 9º.

– Será punido por recusar a entrada de alguém em qualquer tipo de estabelecimento comercial (shopping Center, conveniências, lojas, cinemas), ou de prestação de serviço (bancos, lotéricas, concessionárias de serviço público), por racismo. Lei 7.716, de 5/1/1989, art. 5º.

– Será punido por negar emprego ou trabalho a alguém em autarquia, sociedade de economia mista, empresa concessionária de serviço público ou empresa privada ou impedir ou obstar o acesso de alguém, devidamente habilitado; a qualquer cargo da administração Direita ou Indireta, bem como das concessionárias de serviços públicos. Lei 7.716, de 5/1/1989, art. 3º.

– Será punido por crime de preconceito impedir o acesso às entradas sociais em edifícios públicos ou particulares, industriais, comerciais, residenciais multifamiliares e aos elevadores ou escadas de acesso aos mesmos, por racismo. Lei 7.716, de 5/1/1989, art. 11.

– Será punido por crime de preconceito impedir o acesso ou uso de transportes públicos, como aviões, navios, barcos, ônibus, trens, metrô ou qualquer outro meio de transporte concedido, por racismo. Lei 7.716, de 5/1/1989, art. 12.

- Será punido por crime de preconceito impedir o acesso de alguém ao serviço em qualquer ramo das Forças Armadas, por racismo. Lei 7.716, de 5/1/1989, art. 13.

– Será punido por crime de preconceito impedir ou obstar, por qualquer meio ou forma, o casamento ou convivência familiar ou social, por racismo. Lei 7.716, 5/1/1989, art. 14.

– Será punido quem praticar e induzir ou incitar, pelos meios de comunicação social ou por publicação, de qualquer natureza ato discriminatório ou crime de preconceito. Lei 8.081, de 21/9/1990, art. 20, que passa a vigorar na lei 7.716, de 5/1/1989.

– Não haverá qualquer distinção no sistema prisional brasileiro, para condenado e internado. Lei de Execução Penal. Lei federal nº 7.210, de 11/7/1984, art. 3º.

– Nenhum anúncio deverá favorecer ou estimular qualquer espécie de ofensa ou discriminação. Código Brasileiro de Auto-Regulamentação Publicitária, Art. 20.

– É inaceitável a discriminação de qualquer pessoa ou grupo. Código Brasileiro de Auto-Regulamentação do Marketing Direto, 1.7, aprovado em 12/3/1997.

- O profissional de medicina deve exercer a profissão sem ser discriminado. Código dos Médicos, art. 20.

- As relações do farmacêutico com os pacientes, além da ordem profissional e de natureza moral e social deve ser livre de qualquer discriminação – Código de Ética Farmacêutica, art. 13.

- Constitui abuso, no exercício da liberdade da radiodifusão, o emprego desse meio de comunicação para a prática de crime ou contravenção, como promover campanha discriminatória – Código Brasileiro de Telecomunicações. Lei nº 4.117, de 27/8/1962, art. 53, alínea “e”.

- Não será tolerada propaganda que promova preconceitos. Assim como de guerra, de processos violentos para subverter o regime, a ordem política e social – Código Eleitoral, Lei nº 4.737, inciso I, de 15/7/1965.

- Fica proibida a adoção de qualquer prática discriminatória e limitativa para efeito de acesso ou relação de emprego, ou sua manutenção [...]. Lei nº 9.029, de 13/4/1995, art. 1º.

- Constitui crime de tortura, constranger alguém com emprego de violência ou grave ameaça, causando-lhe sofrimento físico ou mental motivado por discriminação. Lei nº 9.455, de 7/4/1997, art. 1º, inciso I, alínea “a”;

- Constitui crime injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro, com pena de reclusão de um a três e multa para o cometido por discriminação. Decreto-Lei nº 2.848, de 7/12/1940, § 3º. Este parágrafo foi acrescentado pela Lei nº 9.459, de 13/5/1997.

- Constitui crime contra a pessoa matar membros de um grupo nacional étnico, racial ou religioso a fim de sua extinção – Código Penal Militar. Decreto-Lei nº 1.001, art. 208, incisos II, III, IV, V, de 21/10/1969. Genocídio.

– É tornada pública condicionada a ação penal em razão de injúria consistente na utilização de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência. Lei federal nº 12.033 de 29 de setembro de 2009. O parágrafo único ressalta que:

Procede-se mediante requisição do Ministro da Justiça, no caso do inciso I do caput do art. 141 deste Código, e mediante representação do ofendido, no caso do inciso II do mesmo artigo, bem como no caso do § 3º do art. 140 deste Código.